



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – DOUTORADO EM AMBIENTE E
DESENVOLVIMENTO (PPGAD)

ECOSOFIA: UMA SABEDORIA DO VIVER

Rodrigo Müller Marques

Lajeado/RS, outubro de 2023

Rodrigo Müller Marques

ECOSOFIA: UMA SABEDORIA DO VIVER

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de Doutor em Ambiente e Desenvolvimento, na área de concentração Espaço, Ambiente e Sociedade.

Orientadora: Dra. Jane M. Mazzarino

Lajeado/RS, outubro 2023.

Rodrigo Müller Marques

ECOSOFIA: UMA SABEDORIA DO VIVER

A Banca examinadora abaixo aprova a tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, da Universidade do Vale do Taquari – Univates, como parte da exigência para obtenção do grau de Doutor em Ambiente e Desenvolvimento:

Prof^a. Dr^a. Jane Márcia Mazzarino (orientadora) – UNIVATES - RS

Prof^a. Dr^a. Aida Figueiredo

Prof. Dr. José Guilherme Wady Santos

Prof^a. Dr^a. Paula Corrêa Henning

RESUMO

A contemporaneidade traz problemáticas complexas e diversas, ganhando destaque nas últimas décadas aquelas voltadas às questões socioambientais. Pode-se dizer que se vivencia uma crise ambiental atrelada às mudanças climáticas, advinda principalmente do antropocentrismo e da racionalidade moderna e econômica de cunho capitalista. O contexto de crise cobra algumas ações e neste sentido, emerge, nas últimas décadas, a área de pesquisa e de atuação das Ciências Ambientais. É nela que se insere o Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento (PPGAD), da Universidade do Vale do Taquari - Univates, o qual engloba temáticas socioambientais com abordagem interdisciplinar. A área das Ciências Ambientais e o PPGAD trazem em seus escopos, possibilidades científicas múltiplas que tangenciam as relações entre sociedade e natureza. Nos seus horizontes, visualizam-se diversas propostas e, no caso desta pesquisa, ganha relevância e força a ecosofia, um conceito que se refere à sabedoria ecológica da casa, sensível para com as relações entre sociedade e natureza que estejam atentas à conquista de equilíbrios e harmonias entre os diferentes seres e ecossistemas. Desta forma, problematiza-se: em um cenário de crise ambiental, como enfrentar as problemáticas existenciais a partir das contribuições que a perspectiva ecosófica pode oferecer para a construção de novos territórios existenciais? A partir de tal questionamento, tem-se por objetivo principal de pesquisa mapear reflexões teórico-metodológicas para gerar movimentos inventivos no campo das Ciências Ambientais a partir da perspectiva ecosófica. A fim de alcançar tal objetivo, utiliza-se a metodologia qualitativa, tendo-se como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica e a análise integrativa. Os resultados obtidos a partir da análise integrativa demonstram que a ecosofia possui diferentes abordagens. Além disso, esta análise levou à evidência que três autores balizam o conceito: Arne Naess, Félix Guattari e Michel Maffesoli. Estes autores possibilitam uma compreensão profunda do conceito. O mapeamento realizado construiu um terreno fértil para interlocução com outros conceitos e práticas, do que emergiu uma ecosofia artesanal como contribuição para as Ciências Ambientais. O trajeto foi composto por um olhar para o panorama atual, que traz temas emergentes dos quais as Ciências Ambientais não podem se colocar à margem. Observamos onde estamos e os indicativos e para onde vamos, propondo, por fim, linhas transversais para uma epistemologia ecosófica nas Ciências Ambientais. Imagine que nossa caminhada inicia por Gaia, perpassa tempo, espaço, lugar, território, técnica e tecnologia, adentrando a eletrificação dessas relações entre humano e meio a partir do ciberespaço e do ciborgue, chegando até o Antropoceno. Eis alguns caracteres do lugar onde estamos, porém, a proposta desta tese é repensar futuros, sendo assim, ao se abordar sobre para onde se deseja ir, abordam-se possíveis decrescimentos, decolonialidades, visões ecossistêmicas e o bem viver, para propor, quatro linhas transversais para uma epistemologia ecosófica nas Ciências Ambientais: a) Inventividade; b) Organicidade; c) Afetividade; d) Ativismo. Estas linhas refletem sobre como o campo das Ciências Ambientais pode atualizar seus modos de fazer incorporando diferentes saberes, experiências e práxis para atualizar-se em relação aos problemas e aos paradigmas científicos do nosso tempo-espaço planetário. A pesquisa demonstra que a ecosofia é polissêmica, complexa e capaz de gerar movimentos inovadores na área das Ciências Ambientais. A ecosofia,

com sua proposta, potencializa reflexões e atuações que tangenciam mudanças transpessoais, intra/intergrupais, ambientais e científicas em diferentes escalas. Dessa forma, além de ser uma possibilidade para reinvenção individual e coletiva nas relações com a natureza, também possibilita o alcance dos diferentes Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODSs), propostos pela Organização das Nações Unidas. Os ODSs, analisados em uma perspectiva ecosófica, estariam sintetizados em um: cuidado incondicional com a vida em todas as suas formas. Por fim, esta tese deixa o convite para que todos possam ecoso-fiar-se.

Palavras-chave: Ecosofia, Ciências Ambientais, análise integrativa, movimentos inventivos, artesanal.

ABSTRACT

Contemporary times bring complex and diverse problems, with those focused on socio-environmental issues gaining prominence in recent decades. It can be said that we are experiencing an environmental crisis linked to climate change, arising mainly from anthropocentrism and modern and economic rationality of a capitalist nature. The context of crisis demands some actions and in this sense, the area of research and activity of Environmental Sciences has emerged in recent decades. This is where the Postgraduate Program in Environment and Development (PPGAD), at the Universidade do Vale do Taquari - Univates, is inserted, which encompasses socio-environmental themes with an interdisciplinary approach. The area of Environmental Sciences and PPGAD bring into their scope multiple scientific possibilities that touch on the relationships between society and nature. On its horizons, several proposals can be seen and, in the case of this research, ecosophy gains relevance and strength, a concept that refers to the ecological wisdom of the house, sensitive to the relationships between society and nature that are attentive to achieving balance and harmonies between different beings and ecosystems. In this way, the question arises: in a scenario of environmental crisis, how to face existential problems based on the contributions that the ecosophical perspective can offer for the construction of new existential territories? Based on such questioning, the main research objective is to map theoretical-methodological reflections to generate inventive movements in the field of Environmental Sciences from an ecosophical perspective. In order to achieve this objective, qualitative methodology is used, with bibliographic research and integrative analysis as methodological procedures. The results obtained from the integrative analysis demonstrate that ecosophy has different approaches. Furthermore, this analysis led to evidence that three authors support the concept: Arne Naess, Félix Guattari and Michel Maffesoli. These authors provide a deep understanding of the concept. The mapping carried out built fertile ground for dialogue with other concepts and practices, from which an artisanal ecosophy emerged as a contribution to Environmental Sciences. The journey was made up of a look at the current panorama, which brings emerging themes from which Environmental Sciences cannot be left aside. We observe where we are and the indications and where we are going, finally proposing transversal lines for an ecosophical epistemology in Environmental Sciences. Imagine that our journey begins with Gaia, traversing time, space, place, territory, technique and technology, entering the electrification of these relationships between human and environment from cyberspace and the cyborg, reaching the Anthropocene. Here are some characteristics of the place where we are, however, the proposal of this thesis is to rethink futures, therefore, when addressing where we want to go, possible degrowth, decolonialities, ecosystemic visions and good living are addressed, to propose four transversal lines for an ecosophic epistemology in Environmental Sciences: a) Inventiveness; b) Organicity; c) Affection; d) Activism. These lines reflect on how the field of Environmental Sciences can update its ways of doing things by incorporating different knowledge, experiences and praxis to update itself in relation to the problems and scientific paradigms of our planetary time-space. The research demonstrates that ecosophy is polysemic, complex and capable of generating innovative movements in the area of Environmental Sciences. Ecosophy, with its proposal, enhances reflections and actions that touch on transpersonal, intra/intergroup, environmental and scientific changes on different scales. In this way, in addition to being a possibility for individual and collective reinvention in relationships

with nature, it also makes it possible to achieve the different Sustainable Development Goals (SDGs), proposed by the United Nations. The SDGs, analyzed from an ecosophical perspective, would be summarized in one: unconditional care for life in all its forms. Finally, this thesis invites everyone to join in.

Keywords: Ecosophy, Environmental Sciences, integrative analysis, inventive movements, artisanal.

AGRADECIMENTOS

À Capes, pela concessão de bolsa para o desenvolvimento da pesquisa.

Aos companheiros de pesquisa do grupo Ecosofias, Paisagens Inventivas (CNPq/da Univates).

Aos colegas com quem convivi durante o doutorado, pelos encontros agradáveis em aula e pelos múltiplos diálogos.

Aos professores que conheci e “reconheci” no decorrer das disciplinas e pelas excitantes discussões interdisciplinares pelas quais me fizeram transitar.

Aos autores dos mais diversos livros, artigos e outros textos consultados e lidos durante a realização da pesquisa.

Ao meu pai e à minha avó por apoiarem meus sonhos e por me ajudarem a me tornar doutor. Ainda, agradeço à minha mãe que sempre me apoiou em vida e me ajudou a me tornar o que sou.

À Iasmin, minha namorada, por todo o apoio e a motivação despendidos durante minha caminhada acadêmica de vida.

Por fim, agradeço à Jane, minha orientadora do doutorado, a qual auxiliou no meu desenvolvimento acadêmico, mas principalmente, me impulsionou a ir além, romper com medos e desenvolver algumas das minhas melhores qualidades, tanto acadêmicas quanto no ser humano que sou. A hipótese de que seria uma ótima ideia seguir a minha caminhada acadêmica, desde o Trabalho de Conclusão de Curso até a Tese de Doutorado sob sua orientação, agora se comprova. Agradeço por possibilitar a mim ser quem eu sou nesta tese, pois isso não tem preço, mas possui um valor enorme.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: PRIMEIRAS NOTAS	11
1.1 Objetivos	17
1.2 Justificativa.....	17
1.3 Organização da tese	18
2. METODOLOGIA	20
3. TERRITÓRIOS ECOSÓFICOS E SEUS TRAJETOS	25
3.1 Ecosofia e seus trajetos em números	25
3.2 <i>Ecosophy</i> em seus caminhos “contáveis”	29
3.3 Profundidades ecosóficas: entre seres e fazeres latinos	32
3.3.1 Primeiro Mergulho	34
3.3.2 Segundo Mergulho	38
3.3.3 Terceiro Mergulho.....	42
3.3.4 Quarto mergulho.....	47
3.3.5 Emergências pós-mergulhativas.....	54
4. VIAGEM AOS CENTROS DA ECOSOFIA: AVENTURAS EPISTEMOLÓGICAS	56
4.1 Estação 1: Naess, a ecologia profunda, a ecosofia e a autorrealização	57
4.1.1 Ecologia Profunda	60
4.1.2 Ecosofia em Naess.....	64
4.1.3 A ecosofia T.....	74

4.1.4 A complexidade de Naess: inter-relações entre Ecologia Profunda e ecosofia.....	77
4.2 Estação 2: Guattari e os registros ecológicos	80
4.2.1 O registro da subjetividade	89
4.2.2 Socius.....	93
4.2.3 Meio Ambiente.....	98
4.2.4 Traços gerais e finos da ecosofia de Guattari.....	100
4.3 Estação 3: Maffesoli e a sensibilidade ecosófica múltipla e latente	103
4.3.1 Sensibilidade ecológica	106
4.3.2 A ecosofia arcaica e sensível	110
4.3.3 Algumas das múltiplas faces ecosóficas em Maffesoli	113
4.4 Navegações interecosóficas	117
5. UMA ECOSOFIA ARTESANAL PARA AS CIÊNCIAS AMBIENTAIS	119
5.1 Afinal, onde estamos?	120
5.2 E agora, para onde vamos?	146
5.3 Documento de área: as Ciências Ambientais em suas transversalidades	161
5.4 Alguns passos adiante: linhas transversais para uma epistemologia ecosófica nas Ciências Ambientais	163
5.4.1 A Inventividade	164
5.4.2 Organicidade	171
5.4.3 Afetividade	178
5.4.4 Ativismo	183
5.4.5 As linhas que formam o tecido ambiental	187
6. CONSIDERAÇÕES ECOSÓFICAS AMADORAS E NÃO FINAIS	190
7. REFERÊNCIAS.....	195

1. INTRODUÇÃO: PRIMEIRAS NOTAS¹

A natureza é o início e o fim de toda a vida

Michel Maffesoli

A história humana é perpassada por diferentes relações tecidas com o meio ambiente, trazendo em si desafios específicos em diferentes contextos, tempos e espaços. As mudanças ambientais pelas quais o planeta passou afetaram profundamente a trajetória da humanidade, marcada também por mutações biológicas e invenções tecnológicas (HARARI, 2015). Este caminho percorrido nos trouxe até a contemporaneidade, que segue a mesma toada e desafia, constantemente, a nos reinventarmos.

O cenário contemporâneo é plurivocal, capaz de fazer emergir diversos atores, palcos e debates, introduzindo-os cotidianamente nos círculos acadêmicos, nos noticiários, nos mercados e em outras instituições que compõem a vida de diferentes grupos sociais e de seus participantes. Dentre a pluralidade de temas emergentes, destaca-se a problemática socioambiental (crise ambiental)², a qual introduz problemas sem soluções prévias e sem receitas prontas, cobrando, mais uma vez, reinvenções (LEFF, 2006; GRÜN, 1996).

As relações tecidas entre ambiente e humanidade, principalmente a partir da Revolução Industrial (século XVIII), demonstram-se desequilibradas e não harmoniosas. As construções de sociedades industriais, da economia de mercado e do consumismo, criaram um contexto desafiador e complexo, mediado em larga escala pela crise ambiental e suas derivações. Tal crise é antropológica e civilizatória,

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. *This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) -Finance Code 001.*

² Entende-se que a crise socioambiental pode ser nomeada como crise ambiental, pois não há indivíduo ou sociedade fora do ambiente.

pois coloca em risco não só a biodiversidade do planeta, mas a vida humana e, junto com ela, o sentido da vida, do viver (LEFF, 2010).

Ao traçar uma breve genealogia da crise ambiental, pode-se observar que a criação dos Estados-Nação, as reformas religiosas, a consolidação da burguesia, a Revolução Industrial, o germinar e a solidificação do capitalismo colocaram o humano como grande interventor do mundo, separando-o do meio ambiente. Assim, a humanidade teria o direito de utilizar a natureza como fonte de objetos e recursos. Estas características fortemente modernas, mas que afetam diretamente a contemporaneidade, colocam no centro dos debates a “objetificação da natureza”, os tecnicismos exacerbados e a fragmentação dos saberes científicos (PORTO-GONÇALVES, 2012; GRÜN, 1996).

Nas últimas décadas ganharam força eventos que tratam das questões ambientais. Tais eventos envolveram e ainda envolvem diferentes organizações institucionalizadas e atores não institucionais, levando à sociedade a discussão de temas ligados às questões ambientais, ressaltando o caráter “ambiental-planetário” da crise pela qual se passa. O consumismo, o lixo, a reciclagem, a poluição do ar, da água e dos diferentes ecossistemas tornaram-se temas presentes no cotidiano do debate global (LEFF, 2010; CASCINO, 2003; SOFFIATI, 2002).

Segundo Diamond (2006), mudanças ambientais são recorrentes no planeta e ocorreram ao longo da história humana, porém, a própria humanidade, a partir de suas atividades e seus modos de ver, entender e se relacionar com a natureza, pode acelerar ou mesmo ocasionar graves crises. No contexto contemporâneo, observa-se que as concepções instrumentalizadoras e utilitaristas da natureza, influenciadas pelo Iluminismo (séculos XVII e XVIII) e suas diretrizes antropocêntricas, levaram à utilização da natureza como mercadoria, distanciando a humanidade de uma visão complexa e “organísmica” do mundo (GRÜN, 1996; LEFF, 2006).

Os “ecos” do passado levam até a crítica que faz Passeti (2007), ao afirmar que o planeta possui donos e estes trabalham e constituem o mercado. Aquilo que escapa às suas lógicas, não é potencializado e, se possível, “as ameaças” ao modo de ser e viver atravessados pela racionalidade econômica (acúmulo de capitais), são eliminadas, potencializando ainda mais as problemáticas socioambientais. Tais lógicas, que objetificam e dominam, criam uma ética antropocêntrica, cartesiana e dual, incapaz de compreender a complexidade do mundo e dos problemas ambientais (PASSETI, 2007; GRÜN, 1996).

Algumas das principais causas da crise ambiental estão expostas e advém, segundo Leff (2010), das dissonâncias causadas pelo modo de vida moderno, baseado em uma racionalidade recortante e fragmentadora do mundo, vinculada fortemente aos aspectos que permeiam a lógica econômica, capaz de “coisificar” e colocar a natureza como recurso a ser dominado (racionalidade moderna). Dessa forma, a “supertecnificação” e a “supereconomização” do mundo, traduzem entes e coisas em valores monetários e, por isso, podemos afirmar que a crise ambiental é uma crise de conhecimento (LEFF, 2010).

O timbre introdutório da problemática socioambiental é grave, porém, é necessário evitar uma cacofonia. A crise de conhecimento se refere não à informação, visto que vivemos, segundo Castells (2006), em uma sociedade da informação e em rede, mas sim a construções disciplinares, limitantes e fragmentadas da realidade e dos saberes sobre o mundo, voltadas, em muitos casos, para utilitarismos e economicismos inférteis.

Segundo Morin (2003), a hiperespecialização, criada pelo conhecimento científico de viés disciplinar, confina e despedaça o saber. Tal prática reduz o complexo, separa o que está ligado, elimina desordens e decompõe o que é composto, fazendo usos majoritariamente técnicos do conhecimento. Dessa forma, não é comum “alimentar” “[...] um pensamento capaz de considerar a situação humana no âmago da vida, na terra, no mundo, e de enfrentar os grandes desafios de nossa época. [...]” (MORIN, 2003, p. 17).

Jared Diamond (2006) afirma que a resposta que uma sociedade dá a um problema ambiental depende, sobretudo, das instituições políticas, econômicas, sociais e dos valores culturais que a permeiam. Aqui, o conhecimento científico, permeado pela lógica racional econômica, coloca-se como ponto de ligação essencial, levando à crise ambiental e usando da ciência para privilegiar o mercado. A ciência e os cientistas, concentram, não raramente, grandes esforços nos níveis econômicos e políticos, tornando o fazer científico uma “[...] maciça instituição no centro da sociedade, subvencionada, alimentada, controlada pelos poderes econômicos e estatais [...]” (MORIN, 2014, p. 19).

Como escutar as diferentes vozes e instrumentos, afastando-se dos solos (antropocêntricos) e aproximando-se de sinfonias compostas? Os primeiros passos podem ser dados através do pensamento complexo. Tal pensamento é desafiador e desafiante, pois luta contra a mutilação e busca reconexões através da

multidimensionalidade que cada saber possui, engendrando, assim, diversos pontos de vista e possibilidades de múltiplas óticas, envolvendo seres e ambientes no conhecer (MORIN, 2014).

Pode-se dizer que complexo é o que está junto e entrelaça “[...] para formar a unidade da complexidade; porém, a unidade do *complexus* não destrói a variedade e a diversidade das complexidades que o teceram” (MORIN, 2014, p. 188). Pode-se falar, então, em multitotalidades flexíveis, que se retroalimentam a partir da pluralidade interna e externa, compositoras dos diferentes seres e sistemas (MORIN, 2014).

A complexidade avança para além da racionalidade econômica e moderna e, nesse sentido, potencializa a construção de novos saberes, principalmente os ambientais. Segundo Leff (2006), o saber ambiental se configura como um campo epistemológico que desenvolve e integra análises da realidade complexa, a partir da articulação de processos de diferentes ordens de materialidade e de racionalidade (física, biológica, social, cultural). Dessa forma, concebe-se que outros modos de vida são possíveis e, para isso, pode-se partir da epistemologia ambiental enquanto articulação histórica, simbólica e biológica, na construção de novos saberes.

Na busca por tecer complexamente saberes ambientais, é necessário adentrar no campo do diálogo de saberes. Segundo Pozzer e Cechetti (2016), tal campo “faz dançar” diversas epistemes na elaboração de diferentes tipos de conhecimento. As possibilidades daí advindas, tratam do “[...] desenvolvimento de episte(me)todologias interculturais que enfrentem e superem a colonialidade do ser, saber, poder e viver, criando espaços de acolhida e intercâmbios [...]” (POZZER; CECHETTI, 2016, p. 21).

O ato de dialogar com diferentes saberes coloca em pauta a relação entre ‘diferentes-iguais’, de forma horizontal, como uma “[...] música compartilhada, a escuta comum... é o enriquecer-se com @ outr@ [...]” (FIGUEIREDO, 2015, p. 38). A música, que embala a dança e o próprio trajeto do dançar é composto por atritos, lacunas, “passos em falso” e “pisadas no pé”, mas pressupõe um mover-se conjunto, em pares ou em grupos, de forma horizontal e transversal (PASINI, 2016), potencializando assim a construção de saberes múltiplos.

O diálogo de saberes pressupõe multi, inter e transdisciplinaridades que se autoecoproduzem (LEFF, 2000; MORIN, 2014). Dessa forma, a fim de avançar no tratamento, tanto teórico quanto prático da crise ambiental, pode-se observar que o ato de dialogar multifaceta as possibilidades, os olhares e as ações, potencializando cada vez mais a construção de saberes complexos, o que se aproxima do saber

ambiental e de sua epistême.

Ao tratar algum tema através de múltiplos olhares disciplinares (multidisciplinaridade), ou construir um conhecimento comum a partir de diferentes disciplinas (interdisciplinaridade), se avança no pensar, no ser e no agir, a fim de enfrentar os problemas socioambientais emergentes. Além da multi e da interdisciplinaridade, outra possibilidade é buscar a transdisciplinaridade, pensando-a enquanto possibilidade de ir além, ultrapassando os saberes disciplinares e tecendo olhares complexos, próximos do holismo e tateadores de ontologias (LEFF, 2000; MORIN, 2014). Dessa forma, interligar e construir visões conjuntas aproxima a produção de saberes da vida e do ato de viver.

Segundo Capra (2006) a vida acontece em teia e “[...] sempre que olhamos para a vida, olhamos para redes” (p. 78). O mundo e a vida que o compõe estão integrados de diversas formas, encaixados em processos naturais indissociáveis. Uma mudança de paradigma requer uma expansão de percepções, dos modos de pensar e dos valores que construímos, visto que a vida está em seu próprio cerne e tal cerne é, por si só, complexo, intenso, multifacetado, em suma, é profundamente ambiental (CAPRA, 2006).

O quadro geral pintado até aqui faz notar que a melodia que envolve ciência e conhecimento na modernidade busca dualizar, recortar e fragmentar, enquanto nas últimas décadas se observa uma tentativa de diversificação, de integração de diferentes olhares e saberes, aumentando as potências interlocutoras e o compartilhamento de espaços para diferentes composições. Tais características influenciaram no surgimento do campo das Ciências Ambientais, como uma possibilidade forte para avançar nos debates e na busca de soluções para a crise ambiental e planetária. Expandir horizontes nas Ciências Ambientais coloca-se então como um desafio urgente e necessário.

No caso desta pesquisa, a qual se insere no Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari - Univates e na Área das Ciências Ambientais, é importante vislumbrar, conforme Documento de Área, a necessidade de se realizar a “[...] colaboração dos diversos conhecimentos, originando algo novo, construindo um novo saber, que possibilite a busca de soluções para os problemas oriundos da relação sociedade e natureza” (CAPES, 2019, p. 11). Segundo a CAPES (2019), as Ciências Ambientais estão interligadas com atividades sociais, econômicas, tecnológicas, entre outras. Tal área ultrapassa competências

acadêmicas específicas e não se rege por geografia política, espacial, econômica ou se “enclausura” em determinado grupo, abrindo assim o leque de possibilidades para o ser e fazer científico.

A crise ambiental, a emergência do paradigma da complexidade, o saber ambiental e a construção de áreas e programas de pesquisa na seara ambiental, abrem uma ampla avenida para reflexões e ações plurais, polifônicas e polissêmicas. Uma pergunta (dentre tantas) “paira no ar”: Como contribuir com tais reflexões e ações? A proposta que essa pesquisa traz é investir na ecosofia, que emerge a partir da década de 1970 no cenário acadêmico e se amplia com o passar do tempo. Enquanto filosofia ecológica, sabedoria comum sobre a casa (Terra) e reflexão teórico-metodológica do eu, do nós (*socius*) e do meio ambiente, a ecosofia potencializa a religação do ser humano à natureza e aos seus fluxos (NAESS, 2010; GUATTARI, 1990; MAFFESOLI, 2021), possibilitando construções de saberes ambientais complexos, capazes de avançar na superação, tanto filosófica e teórica, quanto prática, da crise ambiental³.

Dessa forma, o tema dessa pesquisa é a ecosofia e suas possibilidades inventivas no ser e no estar no mundo a partir da área das Ciências Ambientais. Para adentrar no tema, parte-se da seguinte problematização: em um cenário de crise ambiental, como enfrentar as problemáticas existenciais a partir das contribuições que a perspectiva ecosófica pode oferecer para a construção de novos territórios existenciais, entendidos enquanto um jeito novo de fazer para as Ciências Ambientais? Estas perguntas exigem reflexões profundas sobre indivíduo, sociedade e natureza em suas múltiplas inter-relações. Torna-se necessário, então, ouvir o que já foi dito e também traçar objetivos, justificativas e metodologias capazes de responder aos questionamentos propostos, além de gerar novas questões, fazendo a ciência se mover, assim como a vida se move.

No intuito de gerar movimentos inventivos para a prática do viver, partindo da área das Ciências Ambientais, a seguir estão postos os objetivos, a justificativa e a organização desta tese de doutorado.

³ Usa-se como base para tal afirmação os autores Arne Naess (2010; 2018), Félix Guattari (1990; 2015) e Michel Maffesoli (2010; 2021).

1.1 Objetivos

Objetivo Geral

Mapear reflexões teórico-metodológicas para gerar movimentos inventivos no campo das Ciências Ambientais, a partir da perspectiva ecosófica.

Objetivos Específicos

- a) Mapear perspectivas teórico-metodológicas ecosóficas no meio científico;
- b) Aprofundar reflexões teórico-metodológicas sobre as diferentes propostas ecosóficas que contribuam para o campo interdisciplinar das Ciências Ambientais.

1.2 Justificativa⁴

O cenário de crise socioambiental exposto até aqui justifica uma pesquisa nesta seara. Os modelos hegemônicos já criados e os sistemas adotados e praticados, muito frequentemente demonstram-se ineficazes e ineficientes no tratamento das problemáticas socioambientais, portanto, novos horizontes políticos, comunitários, econômicos, ambientais e individuais fazem-se necessários.

Na construção de novos horizontes, a Organização das Nações Unidas (ONU), por meio de dezessete Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODSs), busca alcançar soluções para a crise ambiental. Esta pesquisa, embora não tenha como eixo central os ODSs, dialoga e busca contribuir, de forma transversal, com todos eles, visto que a ecosofia pode trabalhar com a vida terrestre, nas águas, nos ares e adentrar na educação, na política, na cultura da paz, dentre outras possibilidades.⁵

Acredito que o fazer científico pode contribuir para a mudança da realidade e minha trajetória me coloca neste caminho. Durante a graduação em História, atuei como bolsista no projeto Comunicação, Educação Ambiental e Intervenções (CEAMI), aprimorando conceitualmente e materialmente o meu ser pesquisador e acendendo uma brasa que, embora varie de intensidade, não se apaga. Após a graduação, iniciei

⁴ Na justificativa, optou-se por adotar um discurso em primeira pessoa do singular, entendendo que o fazer científico exige relevância acadêmica, mas também paixão pelo que se pesquisa.

⁵ Os ODSs e mais detalhes sobre eles estão disponíveis no seguinte link: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>.

o Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, da Universidade do Vale do Taquari – Univates, o que oxigenou ardências interiores e culminou em uma dissertação sobre Educação Ambiental e a formação com professores⁶.

Além de pesquisador, também sou professor. Já atuei durante quatro anos como docente da Educação Básica, no município de Canudos do Vale/RS e já tem aproximadamente o mesmo tempo que sou professor no Colégio Teutônia, no município de Teutônia/RS. No último ano, passei a atuar também no Colégio Madre Bárbara, em Lajeado/RS. Aqui, observo que as chamadas do ser professor e ser pesquisador se unem e assim como nas festas de São João, formam uma fogueira de desafios, alegrias e diversão, pois se ciência e docência fazem a diferença no mundo, eu estou atuando na minha máxima potência, quem sabe alcançando a *aristé* grega, não é mesmo?

Observo que paixões interconectadas são possibilidades importantes para o ser. Depois de pesquisar redes sociais, Ensino de História, Educomunicação e Educação Ambiental, um outro assunto me chamou a atenção, o qual se coloca como reflexão filosófica, mas que adentra no campo da ação, nomeado como ecosofia. Creio que, como ser humano, é imprescindível questionar-se sobre o meio no qual me insiro, afinal, ele me compõe e eu, numa relação retroalimentativa, o componho também. Dessa forma, perpassado por uma crise e por paixões que pulsam, incendiam e iluminam o caminho do caminhante, coloco-me como alguém disposto a professar, através da pesquisa científica, modos de pensar e ser que nos façam refletir e agir com consciência, sensibilidade, em conjunto e com amor no, com e para o mundo.

1.3 Organização da tese

Este projeto de tese divide-se em seis capítulos. No primeiro capítulo se introduziu e se expôs o tema, os objetivos e a justificativa, fornecendo um “pano de fundo” ao que será abordado com profundidade na sequência. O segundo capítulo aborda a metodologia para atingir os objetivos propostos. No terceiro capítulo, estão

⁶ A pesquisa citada pode ser acessada no seguinte link: <https://www.univates.br/bdu/handle/10737/2616>.

mapeadas, através de análise integrativa, produções científicas que envolvem a ecosofia e possibilitam conhecer e sistematizar a produção acadêmica sobre este conceito/assunto. O quarto capítulo trata das ideias fundadoras de “autores-chave” da ecosofia e o quinto faz emergir relações múltiplas entre diferentes conceitos e a ecosofia, culminando em linhas transversais para uma epistemologia ecosófica nas Ciências Ambientais através de uma prática artesanal. Por fim, tem-se as considerações não finais, pois entende-se que esta tese ressoará no autor por muito tempo e que, enquanto ecosófica em sua essência, faz parte da trajetória do viver, ou seja, seguirá sendo produzida, tanto pelo autor quanto pelo campo científico.

2. METODOLOGIA

A metodologia aplicada nesta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, pois visa interpretar e refletir sobre sentidos, opiniões e caminhos já tecidos e outros por tecer no que tange às relações entre ecosofia e Ciências Ambientais. Na coleta de dados para realizar tal tessitura, faz-se uso da pesquisa bibliográfica, através da leitura de livros e artigos encontrados e coletados por meio da análise integrativa. O que se busca é avançar epistemologicamente de modo a contribuir com a área das Ciências Ambientais, através da proposição de uma ecosofia própria e de um tratado para uma ecosofia amadora. Para isso é preciso partir e valorizar o existente. Por fim, pode-se dizer que a pesquisa tem inspirações filosóficas.

A opção pela pesquisa qualitativa se deu pelo fato dela fornecer pluralidade de possibilidades aplicáveis, de modo a se realizarem exames cruzados com os dados obtidos, triangulando informações sem perder flexibilidade (GIL, 2010; GONZAGA, 2006). Tal flexibilidade aplica-se na escolha do material bibliográfico, o qual parte de artigos e livros de autores já conceituados na área da ecosofia e das temáticas ambientais, aliados à análise integrativa, mapeando assim a produção acadêmica e os diferentes sentidos aplicados à ecosofia. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica torna-se ampla e plural, espírito que perpassa todos os capítulos da tese. Desta forma também realizamos a dialogia entre autores mais e menos consagrados que colaboram para aprofundar o conceito.

A análise integrativa é um procedimento metodológico que resume conhecimentos teóricos e empíricos passados, a fim de fornecer entendimentos mais profundos e elaborados sobre determinado tema. Tal análise coloca-se como uma iniciativa de revisão da literatura já produzida, sendo pertinente para a definição de

conceitos, revisão de teorias, evidências e problemas metodológicos existentes em algum tópico (WHITTEMORE; KNAFL, 2005). Tal procedimento se encaixa na pesquisa proposta ao oferecer elementos e passos essenciais para mapear a produção sobre a ecosofia.

Na efetivação da análise integrativa, é importante clarificar o tema e o problema de pesquisa, definindo o que é útil e pertinente e o que não interessa no momento da pesquisa. Ao coletar os dados, é importante delimitar bem as palavras-chave, verificar o volume de publicações e sua relação com o tema, criando um desenho condizente com os objetivos de pesquisa. Ou seja, antes de analisar e tecer entendimentos sobre o que se encontrou, é preciso delimitar com clareza e coesão os passos seguidos para a busca de informações, levando em conta as bases de dados, os termos descritores utilizados e demais informações relevantes (WHITTEMORE; KNAFL, 2005).

Ao se realizar uma análise integrativa, é importante que as informações primárias obtidas sejam relevantes e plurais, abrindo assim o leque de possibilidades analíticas. Para analisar os dados, sugere-se a categorização dos mesmos, visando uma interpretação complexa dos estudos explorados. Sistematizar as categorias, buscando distinção de padrões, variações, temas e relações é uma tarefa essencial nesta prática (WHITTEMORE; KNAFL, 2005; HOPIA; LATVALA; LIIMATAINEN, 2016).

Os passos executados na análise integrativa nesta pesquisa, conforme sugerem Whittemore e Knafl (2005), consistem na classificação dos estudos encontrados, na exibição de dados agrupados por padrões, na comparação deles e na sua sistematização categórica. Tais passos foram realizados com criatividade e criticidade, buscando discernir padrões, relações, temas e conclusões, a fim de sintetizar o termo ecosofia de modo complexo, profundo e integrado.

A coleta de dados para a análise integrativa se deu através do Portal de Periódicos da Capes, o qual foi utilizado por contar com mais de 45 mil publicações periódicas nacionais e internacionais, mais de 37.000 títulos de revistas acadêmicas (periódicos) e 126 bases de dados. Os descritores utilizados foram “ecosofia” e “*ecosophy*”, buscando assim coletar dados em Inglês e Português sobre o conceito central desta tese. Não se restringiu nem o tempo (ano) e nem o lugar de publicação, colocando apenas o descritor entre aspas, a fim de limitar os resultados aos estudos que possuíam exatamente os termos buscados.

Da pesquisa no portal retornaram 393 materiais para o descritor *ecosophy* e

outros 90 materiais para o descritor ecosofia. A seguir estão postas as imagens (*prints* de tela) dos resultados obtidos:

Imagem 1: Dados obtidos a partir do descritor “*ecosophy*” (Inglês).

The screenshot shows the CAPES Periódicos search interface. The search term is "Ecosophy". The results are displayed for the "Portal de Periódicos" and show 393 results. The first result is an article titled "Ecosophy and tourism: Rethinking a mountain resort" by Varley, Peter; Medway, Dominic, published in *Tourism management* (1982), 2011, Vol.32(4), pp.902-911. The article abstract discusses how an ecosophically inspired tourism strategy could enhance a Scottish mountain recreational site threatened by climate change. The interface includes navigation options like "Expandir meus resultados" and "Mostrar somente Periódicos revisados por pares (351)".

Fonte: Do autor.

Imagem 2: Dados obtidos a partir do descritor “*ecosofia*” (Português).

The screenshot shows the CAPES Periódicos search interface for the Portuguese term "ecosofia". The results are displayed for the "Portal de Periódicos" and show 90 results. The first result is a review article titled "Resenha de 'La locura ecocida. Ecosofia psicoanalítica' de Tamayo, Luis" by Germán Iván Martínez, published in *Convergencia* (Toluca de Lerdo, Mexico), 01 January 2011, Vol.18(56), pp.249-254. The second result is "The philosophy of caring for earth as ecosophy" by Mingol, I.C., published in *Daimon*, January-April 2016, Issue 67, pp.133-148. The interface includes navigation options like "Expandir meus resultados" and "Mostrar somente Periódicos revisados por pares (81)".

Fonte: Do autor.

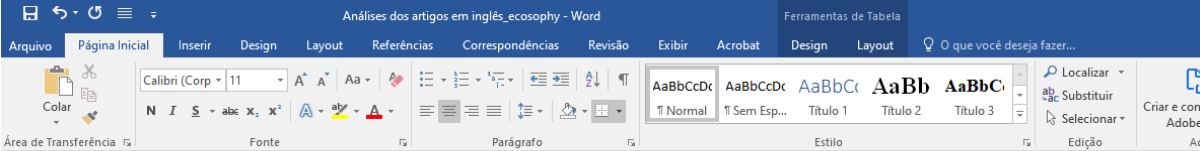
Após os resultados obtidos na pesquisa, realizou-se a tentativa de acesso a todos os artigos. Muitos dos materiais encontrados estavam em portais pagos ou que não liberaram o acesso, sendo assim, fez-se uso do site Sci-Hub (<https://sci-hub.se/>), porém, mesmo assim, alguns artigos continuaram inacessíveis.

Por meio dessa tática, foi possível acessar e analisar 78 estudos advindos do

descritor “ecosofia” e outros 217 emergentes do descritor “*ecosophy*”. As análises desses materiais consistiram em acessar o estudo publicado, aplicar o atalho “Cntrl + F” e pesquisar pela palavra ecosofia e/ou *ecosophy*. Após esta ação, todos os resumos e todas as aplicações do conceito no texto foram lidas, atendo-se aos parágrafos próximos da citação. Quando o número de citações ao termo apareceu em larga escala ou a ecosofia estava posta como eixo central do artigo, o material foi lido integralmente, o que aconteceu com 06 materiais obtidos do descritor “ecosofia” e outros 20 advindos do descritor “*ecosophy*”.

A fim de obter um “espectro” geral de cada pesquisa realizada, alguns dados foram coletados em todos os materiais: título, o ano, a língua, o viés metodológico (prático e intervencionista ou teórico e reflexivo), o número de citações, os sentidos empregados e os autores citados. A imagem a seguir demonstra como isso ocorreu.

Imagem 3: dados coletados em todos os estudos encontrados.



Título	Ano	Língua	Prático/Intervenção/pesquisa-ação (P) ou Teórico - reflexivo (T)	Número de vezes que a palavra aparece	Sentidos empregados	Autores citados no artigo ecosofia com autores
Ecosophy and tourism: Rethinking the mountain	2011	Inglês	T	13	Visões ecosóficas no ambiente de turismo podem auxiliar na ligação do turista com a natureza e seu espaço conectado e pertencente à natureza. Liga à ecosofia com a ecologia profunda de Naess.	Arne Naess (2018). Ecology of wisdom: writings by Arne Naess / edited by Arne Alan Dregson and Bill Devall. Counterpoint: Berkeley, CA. 2010.

Fonte: Do autor.

Para a categorização dos achados nos artigos utilizou-se da proposta de Moraes (2007), o qual entende este processo como uma forma de “[...] produzir uma ordem a partir de um conjunto de materiais” (p.91). As categorias criadas partiram das análises e sínteses de sentidos e significados emergentes dos dados coletados, sendo organizados primeiro em microcategorias e depois em macrocategorias, complexificando a análise e integrando diferentes informações obtidas.

Os dados obtidos referentes aos anos de publicação, à língua, ao viés metodológico e ao número de citações foram contabilizados e trazidos em gráficos. Tal atividade não muda a natureza qualitativa da pesquisa, pois tais dados operaram como suportes para a qualificação do termo ecosofia, seus autores e seus sentidos. No próximo capítulo adentra-se com maior profundidade as informações coletadas e

sistematizadas a partir da análise integrativa.

A pesquisa epistemológica e com inspirações filosóficas encontra-se após a análise integrativa. Tal etapa consistiu em tecer relações entre conceitos e autores de diferentes locais e hemisférios do globo com a ecosofia, construindo assim interrelações consideradas pertinentes e interessantes, que valorizam saberes advindos de povos diversos. Por fim, por meio da construção de linhas transversais para uma epistemologia ecosófica nas Ciências Ambientais, as quais compõem a etapa epistemológica e filosófica, se explora o caráter mais inventivo da pesquisa.

3. TERRITÓRIOS ECOSÓFICOS E SEUS TRAJETOS

O capítulo “territórios ecosóficos e seus trajetos”, parte da análise integrativa e da necessidade de se mapear o que já se produziu, academicamente, sobre a ecosofia. Este capítulo traz, inicialmente, os dados quantificados em gráficos, os quais merecem atenção e fornecem indícios importantes, para depois adentrar no campo dos sentidos e significados produzidos e associados à ecosofia em suas diferentes nuances.

Todas as análises realizadas encontram-se separadas pelos descritores, ou seja, primeiro se analisa o que emergiu do descritor “ecosofia” e depois se analisa o que o descritor “*ecosophy*” evidenciou. Tal opção analítica visa organizar o que se deseja mostrar, buscando diferenças/diversidades, similaridades e ressonâncias.

3.1 Ecosofia e seus trajetos em números

Os 78 artigos analisados a partir do descritor ecosofia demonstraram sazonalidade de publicações, conforme o gráfico a seguir evidencia:

Gráfico 1: Número de publicações por ano vinculadas à palavra ecosofia

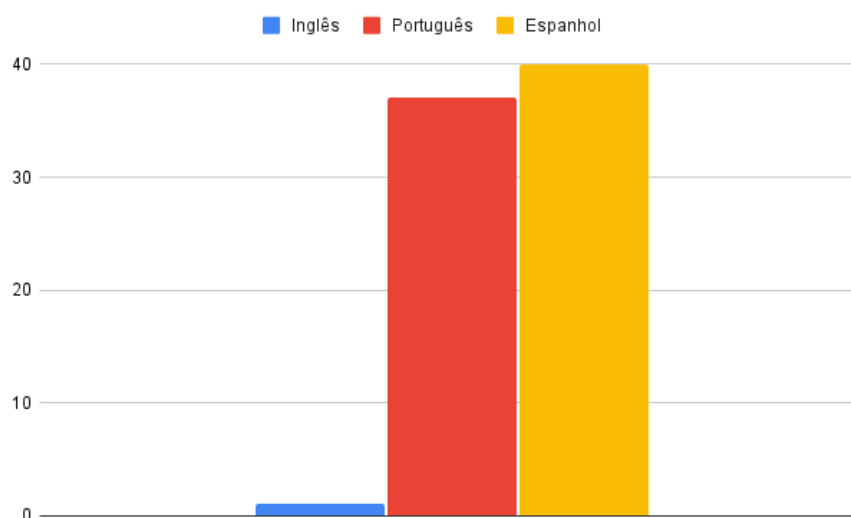


Fonte: Do autor.

Observa-se que até 1992 não ocorreram publicações vinculadas ao termo ecosofia e que o maior volume de estudos se encontra a partir de 2011. Estas características elencam um interesse crescente pelo conceito e pelo que ele pode oferecer ao campo científico, o que reafirma a preocupação crescente com as problemáticas socioambientais nas últimas décadas, conforme sugere Leff (2010).

O descritor ecosofia, devido a sua grafia em Espanhol ser praticamente a mesma que em Português, trouxe um “equilíbrio” nas línguas das publicações analisadas, com exceção da língua inglesa, que apareceu apenas uma vez, conforme o gráfico a seguir expõe:

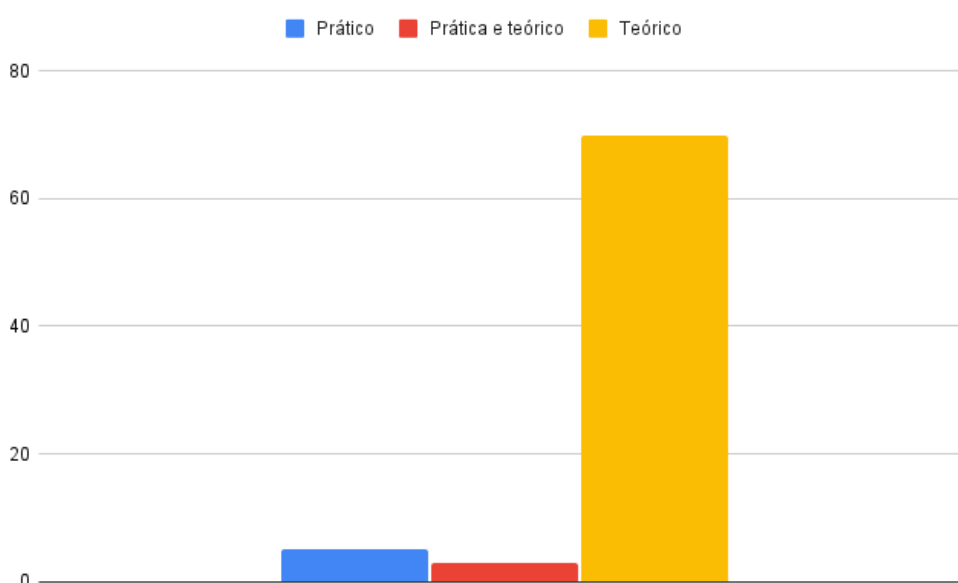
Gráfico 2: Línguas das publicações sobre ecosofia.



Fonte: Do autor.

A coleta dos vieses metodológicos, buscou compreender a “natureza do trabalho científico” (SEVERINO, 2007). Os dados referentes a esta categoria demonstraram que há uma predominância de pesquisas publicadas que possuem um caráter teórico, conforme o gráfico a seguir exhibe:

Gráfico 3: Viés metodológico das publicações sobre ecosofia



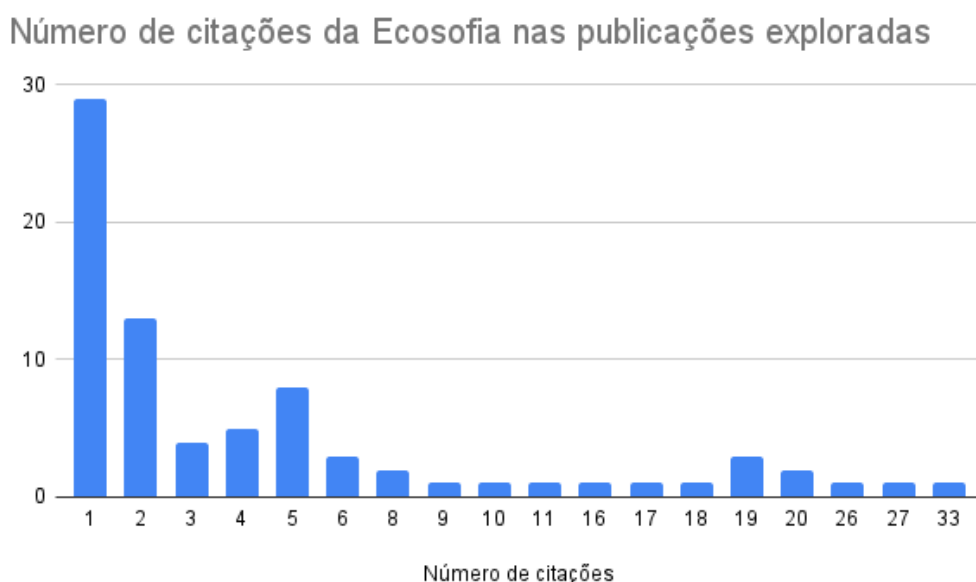
Fonte: Do autor.

Os dados sistematizados demonstram a existência de uma discrepância

relevante entre o viés teórico e prático, sendo o último ainda pouco explorado. Segundo Naess (2010), um dos desafios que a ecosofia encontra é sua efetivação prática. Isso não significa que ela não ocorra, mas praticá-la cientificamente através de intervenções, ainda se coloca como uma possibilidade em aberto, pouco explorada, confluindo assim com os dados obtidos através da análise integrativa.

O número de citações da palavra ecosofia nas publicações analisadas possui uma grande amplitude, partindo de uma citação até trinta e três citações. O próximo gráfico demonstra com detalhes os dados obtidos:

Gráfico 4: Número de citações da palavra ecosofia nas publicações analisadas.



Fonte: Do autor.

A partir do gráfico anterior é possível observar que a maior parte das citações nas pesquisas exploradas variou entre uma e cinco vezes. Em muitos casos, estas apareceram apenas nas referências ou reforçaram algum ponto de vista exposto pelos autores dos estudos. Os artigos com maior número de citações foram aqueles que trabalharam com profundidade a ecosofia e, conseqüentemente, foram lidos na íntegra.

Esta análise inicial evidencia que existem pesquisadores interessados pela temática e que a “pavimentação dos caminhos ecosóficos” está ocorrendo, embora possa ser ampliada. O volume relativamente baixo de publicações sobre o tema, reforça a pertinência desta tese e a necessidade de aprofundamento das questões

ecosóficas, buscando novos caminhantes e caminhos, os quais esta pesquisa busca trilhar e redesenhar através de reflexões epistemológicas.

A seguir se exploram os resultados quantificáveis emergentes do descritor “*ecosophy*”.

3.2 *Ecosophy* em seus caminhos “contáveis”

As 217 publicações analisadas já demonstram a amplitude da influência da língua inglesa no meio acadêmico e nas produções vinculadas à ecosofia, se comparadas ao que emergiu em língua portuguesa e espanhola. Assim como os dados encontrados nestas línguas, o número de publicações é mais relevante nos últimos anos, conforme o gráfico a seguir demonstra:

Gráfico 5: Número de publicações por ano vinculadas à palavra “*ecosophy*”



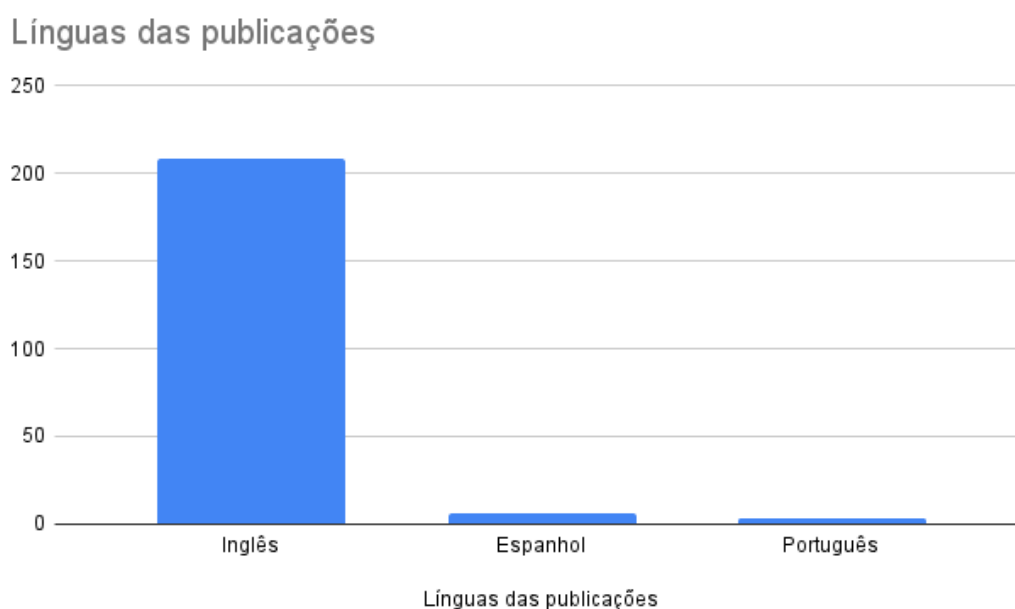
Fonte: Do autor.

A amplitude das publicações encontradas, que vão desde 1990 até 2021, demonstra que o termo permeia o meio científico nas últimas duas décadas com maior relevância. A sazonalidade se fez presente nas publicações, porém a partir de 2007 observa-se um número maior de publicações, demonstrando a crescente importância

do termo no meio acadêmico, confluindo com os dados encontrados no subcapítulo anterior. Ainda, demonstra que o interesse pelo conceito surge antes com maior vigor quando comparado às publicações nas línguas portuguesa e espanhola, o que acontece mais a partir de 2011. Este ano parece o ano de confluência, que demonstra a elevação do interesse pela ecosofia.

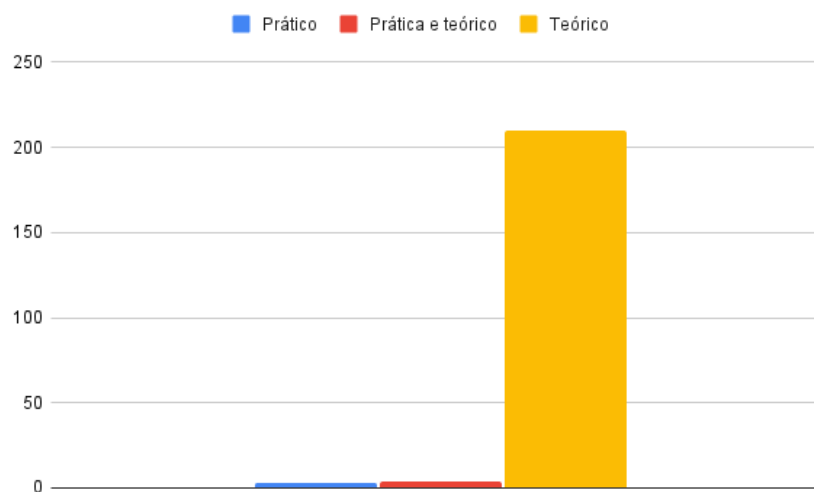
A língua das publicações demonstrou uma predominância da língua inglesa se comparada com as línguas espanhola e portuguesa, como o gráfico abaixo demonstra:

Gráfico 6: Línguas das publicações sobre “*ecosophy*”.



Fonte: Do autor.

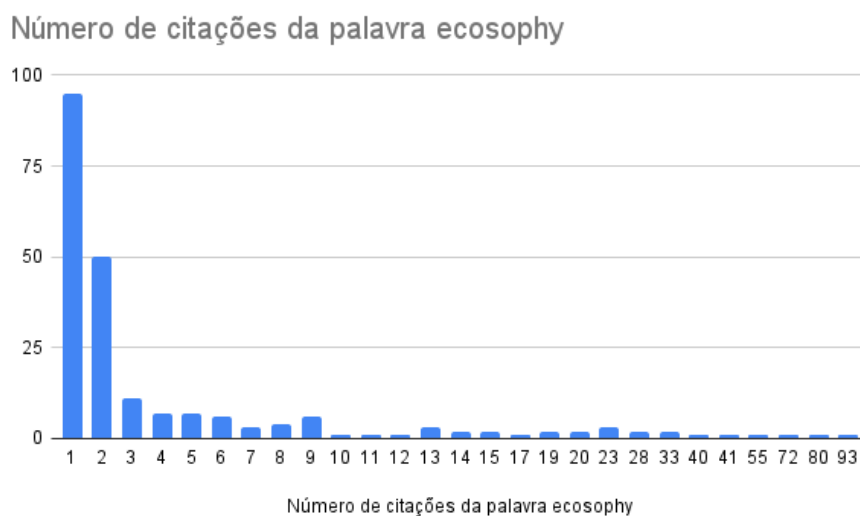
Os vieses metodológicos encontrados nas publicações referentes ao descritor “*ecosophy*”, reforçaram os dados obtidos com o descritor “ecosofia”, visto que a maior parte dos trabalhos se colocou com uma natureza teórica, sendo apenas 3 trabalhos com viés prático e outros quatro que trouxeram um viés teórico/prático. O gráfico a seguir auxilia na visualização de tais dados:

Gráfico 7: Viés metodológico das publicações sobre “*ecosophy*”.

Fonte: Do autor.

As lacunas que tangem o trabalho prático e intervencionista com a ecosofia emergem novamente, demonstrando assim que os caminhos teóricos estão sendo abordados mais largamente, porém, os práticos ainda são estreitos. Tal estreiteza abre possibilidades a serem exploradas, alargamentos a serem realizados, possíveis atalhos a serem construídos e, até mesmo, acostamentos seguros para possíveis viajantes ecosóficos.

Os dados obtidos sobre o número de citações aproximam-se do que se observou no descritor “ecosofia”, conforme o gráfico a seguir mostra:

Gráfico 8: Número de citações da palavra *ecosophy* nas publicações analisadas.

Fonte: Do autor.

A maior parte das publicações teve entre uma ou duas citações. É pertinente observar que a amplitude do número de citações foi extensa, o que demonstra que, em muitos casos, a ecosofia foi eixo central da publicação realizada, não ficando restrita às referências ou às breves citações.

O número de citações foi importante para a seleção de artigos e demonstra, novamente, que existem muitos estudos que citam a ecosofia, mas o número dos que abordam ela em profundidade ainda é restrito. Os caminhos abertos são importantes, porém, é preciso seguir caminhando e buscando novos trajetos, interligando saberes e constituindo, independentemente da língua, do viés metodológico ou do número de citações, inovações no campo das Ciências Ambientais através do uso das potências que a ecosofia trouxe e traz em si. Dessa forma, a seguir, realizam-se análises sobre o conteúdo qualitativo dos artigos explorados em profundidade, categorizando e sistematizando os rastros já deixados por outros pesquisadores, a fim de criar trajetos e caminhos próprios para esta pesquisa.

3.3 Profundidades ecosóficadas: entre seres e fazeres latinos

Conforme exposto já na introdução, a ecosofia é uma sabedoria comum que busca gerar relações harmoniosas entre indivíduo, sociedade e natureza. Ela possui um espírito livre, capaz de transitar por diferentes áreas e fazer “parcerias” com diversos campos do conhecimento, fortificando ligações multi, inter e transdisciplinares na busca de seus objetivos (NAESS, 2018; GUATTARI, 2015; MAFFESOLI, 2021). O comprometimento com a profundidade não se perde pelo fato disso acontecer, pelo contrário, tais ligações possibilitam mergulhos e descobertas potentes, tanto nas Ciências Ambientais quanto em outras áreas.

A opção por não buscar definir a ecosofia desde já, é para fazer com que, aos poucos, os indícios deixados por autores levem quem lê a mergulhar, com tranquilidade no que o conceito pode guardar. Por isso, quatro mergulhos são feitos aqui para que, indiferentemente da língua na qual o estudo ecosófico fora publicado, o entendimento sobre o conceito se dê em profundidade.

Os dois primeiros mergulhos consistem em análises feitas dos artigos encontrados a partir do descritor “ecosofia”. O primeiro mergulho ocorre nos artigos não lidos na íntegra e nos dados emergentes deles, enquanto o segundo mergulho trata dos estudos lidos na íntegra. O terceiro mergulho, seguindo a lógica dos

mergulhos anteriores, ocorre nos artigos não lidos na íntegra e advindos do descritor “*ecosophy*”, enquanto o último diz respeito aos artigos lidos na íntegra do descritor citado.

A fim de realizar uma análise coesa e coerente dos artigos lidos ou não na íntegra e dar conta das nuances ecosóficas, a criação das categorias partiu do que emergiu nas publicações exploradas, sem se prender a uma linha única de pensamento, sendo elas as mesmas para os diferentes mergulhos executados. Desta forma, as categorias criadas e exploradas foram as seguintes: a) genes ecosóficos; b) plug-ins ecosóficos; c) manufaturas ecosóficas; d) fugas ecosóficas. Tais categorias partem da leitura dos artigos e também de teóricos que exploram a ecosofia, como Arne Naess (2010; 2018), Félix Guattari (1990; 2015) e Michel Maffesoli (2010; 2021)⁷.

A primeira categoria, a dos “genes ecosóficos”, traz características emergentes citadas nos estudos que descendem ou são hereditárias da ecosofia. Dessa forma, tais genes sintetizam os significados postos neste conceito, assim como um gene sintetiza alguma proteína do DNA, orientando o desenvolvimento do organismo vivo (ANDRADE; CALDEIRA, 2009). Este “encaixe” genético demonstra que a ecosofia se desenvolve, a exemplo da vida, de forma dinâmica, múltipla e diversa.

Os genes ecosóficos podem mudar, até porque estão envolvidos em processos dinâmicos, repletos de fluxos. Mapear a genética, longe de buscar compreender a totalidade, é observar o que prepondera, o que se torna visível, latente e pulsante no que há de mais genuíno na ecosofia, o que a constitui em sua essência, lembrando-se que a essência muda de acordo com as mutações genéticas que afetam o DNA (ANDRADE; CALDEIRA, 2009).

A segunda categoria emergente traz “plug-ins ecosóficos”, os quais carregam em si campos de saberes que se interligam e adicionam novas potências reflexivas à ecosofia. Como os plug-ins online, que adicionam funcionalidades a um sistema pré-existente, aprimorando-o (GOOGLE, 2021), o plug-in ecosófico opera como um conector de valores, funcionalidades, conteúdos e bases de ser e agir ecosoficamente, formando redes que interligam diferentes conceitos e práticas.

Se a vida funciona em rede, conforme sugere Capra (2006), a ecosofia, como

⁷ Estes autores serão abordados com maior profundidade no próximo capítulo. Vale ressaltar que nas análises advindas das publicações exploradas, os pontos de confluência entre os autores serão ressaltados, pois estes se apresentarão com frequência, até mesmo como forma de complementação do pensamento de um com as ideias de outro, sempre que assim for possível.

uma sabedoria que busca compreender e harmonizar os processos do viver, é conexão entre diferentes agentes e visões de mundo na prática do habitar. Os plug-ins, no caso desta pesquisa, além de conectores, são compositores, adulterantes de práxis ecosófica, afetando a rede, ao mesmo tempo que são parte da rede que também os afeta.

A categoria “manufaturas ecosófica” une genes e plug-ins em ações práticas, aproximando-se assim de pesquisas de caráter intervencionista (GIL, 2010) que utilizam da ecosofia ou realizam “praxidades ecosófica”. Além disso, tal categoria parte da crítica aos modelos e/ou receituários criados pela lógica capitalista, o qual busca linhas de produção, padronização e consumo exacerbado (GUATTARI, 1990; MAFFESOLI, 2021; NAESS, 2018).

O modelo capitalista e industrial racionaliza a natureza, tornando-a recurso a ser expropriado e utilizado para fins monetários, conforme afirma Porto-Gonçalves (2012). Tal crítica também é tecida por Guattari (1990), Maffesoli (2021) e Naess (2010). Sendo assim, a categoria “manufaturas ecosófica” busca atentar para as possíveis maneiras práticas, próprias, inventivas e novas de se fazer a ecosofia, como uma espécie de artesanato múltiplo.

A categoria “fugas ecosófica” aborda aquilo que escapa, foge e não está localizada no território da ecosofia. Como afirma Deleuze e Guattari (1995), a fuga é aquilo que se desterritorializou, mas no caso desta categoria, não ocorreu uma reterritorialização, apenas deixou de possuir uma ligação clara com a ecosofia.

3.3.1 Primeiro Mergulho

O primeiro mergulho adentra os artigos não lidos na íntegra e encontrados a partir do descritor “ecosofia”. O quadro 1 demonstra os dados emergentes em cada uma das categorias anteriormente explicitadas:

Quadro 1: Genes, plug-ins, manufaturas e fugas ecosófica.

CATEGORIA	CARACTERÍSTICAS DA ECOSOFIA
Genes ecosófica	Os genes ecosófica informam que a ecosofia possui e/ou age a partir das suas seguintes características: - Multi, inter e/ou transdisciplinaridade; - Heterogeneidade construtiva; - Construção do bem comum; - Tom revolucionário no modo de lidar com o outro (humano ou não humano);

	<ul style="list-style-type: none"> - Sensibilização para com o meio ambiente; - Agenciamento da superação da crise ambiental; - Potência antropológica, solidária e afetuosa para habitar o planeta; - Cosmovisão holística e complexa das interconexões entre humanos e o ambiente; - Operação através de três registros ecológicos: subjetividade, <i>socius</i> e meio ambiente; - Possibilidade de construção de novos territórios existenciais; - Visão biocêntrica, autônoma e intensa das eco-relações entre humano e meio ambiente; - Postura ecocêntrica para a cidadania ambiental; - Complexificação das relações entre o ser e o seu entorno; - Criação de novas formas de ser e agir no mundo através da reinvenção das práticas humanas e a partir de diferentes máquinas, fluxos, territórios e universos referenciais.
Plug-ins ecosófico	<p>Os plug-ins ecosófico trazem aproximações e diálogos com:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ecofeminismo, através da denúncia ao machismo e ao antropocentrismo; - Saberes tradicionais e populares (valorização de diferentes vivências e experiências); - Diferentes matrizes religiosas, abrindo o campo espiritual à sua diversidade; - Filosofia do cuidado (cuidar de si e do outro); - História e Memória, como possibilidade de se construir reações complexas ao que nos cerca e/ou já cercou; - Ecologia Profunda, como plataforma capaz de guiar ações conjuntas na superação da crise ambiental; - Área empresarial e administrativa, através da descentralização de processos e do cuidado com o meio ambiente; - Filosofia ambiental, a partir de reflexões profundas sobre o ambiente; - Ética e Política, fornecendo vieses ecocêntricos para ação; - Educação, através de reflexões e ações que levam em conta os ambientes educacionais, principalmente na formação antropológica de professores; - Comunicação, ressignificando os meios e os conteúdos explorados.
Manufaturas ecosófico	<p>As manufaturas encontradas foram agrupadas em três campos de ação: Educação Ambiental, Arte e Tecnologia.</p> <ol style="list-style-type: none"> a) Educação Ambiental: a ecosofia proporciona múltiplas possibilidades mediadoras, tanto em espaços institucionais quanto não institucionais, através de formações continuadas de professores, uso de jogos ambientais, práticas para alfabetização ambiental e confecção de biografias e autobiografias. Dessa forma, práticas microinterventoras em Educação Ambiental baseadas na ecosofia para inovação, ressignificam o meio e as relações com ele através da educação; b) Arte: a ecosofia em sua ação artística traz à tona o teatro como potencialização da subjetivação ético-política, a criação de obras artísticas para efetivação de experiências sensoriais integradas à natureza, a subjetividade, a política e as relações sociais de forma poética e contestadora no fazer artístico; c) Tecnologia: os potenciais ecosófico nas tecnologias encontram-se no uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) para produção de audiovisuais como construção de novas sensibilidades ecosófico, nas construções de diferentes metodologias intervencionistas a partir das tecnologias e na geração de transformações urbanas através dos diferentes usos das TICs.
Fugas ecosófico	<p>Nesta categoria, não se observou correlação clara entre o tema e a ecosofia, ou então, o conceito apareceu citado apenas nas referências de alguma obra utilizada na publicação, porém, sem surgir explicitamente</p>

no texto.

Fonte: Do autor.

Os genes mapeados da ecosofia abrem-se ao acaso e à invenção, própria da vida, pois transitam pela heterogeneidade e por diversas áreas e saberes, tecendo no seu próprio transitar, caminhos que concebem humanos e não humanos em interação e afetando relações subjetivas, sociais e ambientais na busca de saídas para a crise ambiental. Tal categoria concede espaços para a sensibilidade e para a poética do afeto, que além de interligar genes, pode criar laços profundos e potentes entre saberes, demonstrando múltiplas faces do ser e do fazer ecosófico.

A genética se manifesta de diferentes formas na construção do ser e do saber e, nesse sentido, indiferentemente da tonalidade e da intensidade, é importante. Os genes dançam e constroem poesia (antropoesia), podendo revolucionar a constituição de qualquer agente e mesmo do meio, pois transitam pela heterogeneidade a fim de produzir novidades. A ecosofia, segundo os estudos explorados, é sensível aos estímulos internos e externos, agindo no fluxo de territórios que podem ser reconstruídos com universos referenciais biocêntricos.

Os genes ecosóficos que emergiram dos artigos trazem ideias já consagradas por diversos autores. A polissemia ecosófica ecoa forte e o mapeamento realizado demonstra que cada cartógrafo possui um cartografar, por isso, mapas diversos podem emergir. A sensibilidade, a interligação do humano com a natureza, a heterogeneidade epistemológica e metodológica, demonstram que a ecosofia, em suas diferentes óticas, é potência a ser exercitada, assim como sugerem Naess (2018), Guattari (1998; 2015) e Maffesoli (2021).

Segundo Maffesoli (2021), a ecosofia é a “toada” do nosso tempo, enquanto possibilidade de germinar novas relações do ser no mundo, deixando estar de acordo com a natureza e seus fluxos. Guattari (2015) afirma que a ecosofia é transversal, construída através de diversos registros ecológicos, sendo eles subjetivos, sociais e ambientais. Para Naess (2018), a ecosofia é algo pessoal e reflete uma visão holística do ser, enquanto composta por princípios e valores, a fim de agir na construção de um ambiente o mais equilibrado e harmonioso possível. Dessa forma, as obras de autores já consagrados se misturam com estudos específicos e demonstram que a genética ecosófica é profunda, intensa e capaz de sofrer mutações sem deixar de ser ecosofia.

Os plug-ins mostram que as possibilidades interlocutivas da ecosofia são múltiplas e variadas, transpondo a barreira fragmentada da ciência moderna, fornecendo e recebendo elementos pertinentes das diferentes áreas do conhecimento. A crítica para ideais separatistas (machismo e antropocentrismo), a defesa do ecumenismo, a valorização do ecocentrismo e a abertura para áreas tradicionais de estudo e pesquisa (Filosofia, Administração, Educação, Comunicação, etc.) demonstra que a reinvenção do mundo a partir da ecosofia cobra sensibilidade, diálogo de saberes, reflexões internas e externas nos diferentes campos do conhecimento. Além disso, residem, no saber ecosófico, possibilidades diversas para a superação de dicotomias recortantes da modernidade (MAFFESOLI, 2021; GUATTARI, 2015; NAESS, 2018).

As ligações, sejam mais profundas ou mais rasas, conferem à ecosofia um caráter de abertura para o diferente, o que virá a ser e ainda não é, um *networking* de potências observadas e exploradas, mas que ainda podem fornecer novas possibilidades de atuação. Sendo assim, conforme sugere Maffesoli (2021), o subterrâneo inovador, aquilo que ainda não é, mas será, vem à tona a partir dos plug-ins ecosóficos.

Segundo Maturana (1998), a cooperação é central no desenvolvimento da vida e os plug-ins demonstram que a ecosofia está aberta a tal maneira de agir, pois fornece e capta elementos que diversificam-na em seu atuar. Tal ideia dialoga com o potencial diverso de pensar a ecosofia através da criação de novos territórios existenciais, conforme sugere Guattari (1990; 2015), pois a reinvenção dos espaços habitados passa por uma resignificação de tecnologias, de subjetividades e de ambientes. Eis algumas potências dos plug-ins ecosóficos, capazes de dinamizar ainda mais a genética mutante da ecosofia.

As manufaturas ecosóficas evidenciam que a Educação Ambiental pode se fortalecer através de práticas não convencionais, explorando assim os sentidos do ser com o meio, tanto em sua subjetividade, quanto através de jogos, criando assim ligações que, por vezes, encontram-se adormecidas ou não exploradas. Tais possibilidades dialogam com pesquisas já realizadas e demonstram que uma sabedoria da casa comum, recheada de diferentes registros e que busca nos sentidos inspiração para ser e fazer a diferença, pode romper lógicas postas e inovar nas relações entre humanidade/sociedade e natureza (GUATTARI, 1990; MAFFESOLI, 2021).

A Arte e suas possibilidades disruptivas e complexas de leitura e produção, coloca-se como uma possibilidade de criticidade e sensibilidade ao gerar processos sensoriais que religam, integram e fazem interconexões complexas e múltiplas do ser com o meio. Independentemente da linguagem artística utilizada, a poética e a contestação estão presentes na ecosofia e se colocam como forma de repensar o lugar, religar comunidades, ressignificar práticas e recarregar as energias ecosóficas que animam as possibilidades de ser no mundo (GUATTARI, 2015; MAFFESOLI, 2021; NAESS, 2010).

As TICs encontram-se, segundo Guattari (2015), muitas vezes envoltas em matrizes consumistas e mercadológicas. Outros usos são necessários e as possibilidades de produzir conteúdos, transformar relações entre humanos e destes com o ambiente, assim como dinamizar o compartilhamento de informações e possivelmente de conhecimento, são práticas que podem passar das redes de computadores e internet para a rede de indivíduos e comunidades, usando a ecosofia como fio condutor. Segundo Maffesoli (2021), as tecnologias trazem efervescência a um mundo em gestação, porvir, cabendo então ao ecósofo visualizar e gerar fluxos para que tal gestação dê bons frutos, valorize a pluralidade pulsante do ciberespaço e ressignifique as relações com as TICs.

Para Sibilia (2012), mais do que meras ferramentas, as TICs são produtoras de subjetividade. Elas se configuram em rede, pressupõem heterogeneidade e diversidade nas formas de compreendê-las e utilizá-las. Assim, usos conscientes, sensíveis e artesanais, visando a ressingularização do indivíduo, o fortalecimento da comunidade e um trabalho conjunto para frear as lógicas mercadológicas impregnadas em seus usos, são possibilidades fortes e pertinentes da ecosofia (GUATTARI, 2015; MAFFESOLI, 2021).

O primeiro mergulho demonstra uma ampla gama de possibilidades para o ser e o fazer ecosofia. Pontos importantes são observados, porém, é preciso seguir mergulhando e buscar novos pontos de observação, com maior profundidade e acuidade no olhar, o que é realizado no próximo mergulho.

3.3.2 Segundo Mergulho

O segundo mergulho, explora os dados obtidos da leitura na íntegra dos artigos encontrados a partir do descritor “ecosofia”, os quais ficaram agrupados em três

categorias. As fugas ecosóficas não estão presentes, pois os artigos lidos na sua totalidade trataram a ecosofia como eixo central, não havendo assim “fugas” nestes casos. O quadro 2 traz os principais pontos observados:

Quadro 2: Genes, plug-ins e manufaturas ecosóficas.

Categoria	Características
Genes ecosóficos	<p>Os genes ecosóficos caracterizam a ecosofia das seguintes formas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Articulação ético-política das três ecologias de Guattari (1990) (eu, subjetividade e meio ambiente) (AYRES; ALBERNAZ, 2018; RODRIGUEZ, 2019); - Ressingularização do meio através do cuidado de si (AYRES; ALBERNAZ, 2018); - Forma ambientalmente equilibrada e harmoniosa de habitar o planeta (AYRES; ALBERNAZ, 2018); - “Recivilização” material e espiritual do ser (RODRÍGUEZ; RODRÍGUEZ, 2020); - Filosofia de vida integral do ser humano em harmonia com o seu entorno (CAVIDAD; GIRALDO; SALDARRIAGA, 2018); - Transdisciplinaridade para ação no mundo (RODRIGUEZ, 2019); - Modo de transformar o mundo através do encontro de diferentes saberes e da construção de novos (multi, inter e transdisciplinaridade) (RODRÍGUEZ, 2019; MARÍN, 2018); - Antropoética para sensibilização consigo e com o entorno (MARÍN, 2018); - Construção de novos territórios existenciais (MARÍN, 2018).
Plug-ins ecosóficos	<p>Os plug-ins ecosóficos trouxeram ligações com os seguintes elementos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cuidado de si, enquanto forma de se liberar das amarras institucionais disciplinadoras (AYRES; ALBERNAZ, 2018); - Arte e poesia, como modo de sensibilizar para o meio e para o cuidar de si (AYRES; ALBERNAZ, 2018); - Saberes populares e tradicionais na complexificação dos olhares sobre o mundo (RODRIGUEZ, 2019); - Memórias na construção de ecologias mentais (RODRIGUEZ, 2019); - Ecofeminismo, como maneira de se denunciar o antropocentrismo e outros preconceitos existentes (MARÍN, 2018); - Exploração e tratamento da dor e da violência, a fim de construir novos territórios existenciais em contextos frágeis e vulneráveis socialmente (MARÍN, 2018); - Filosofia do cuidado de nós e dos outros que habitam conosco o mundo (COMINS MINGOL, 2016).
Manufaturas ecosóficas	<p>As manufaturas observadas foram as seguintes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Formações de professores através da arte e de saberes comunitários, sendo assim transdisciplinares (AYRES; ALBERNAZ, 2018; RODRÍGUEZ; RODRÍGUEZ, 2020); - Execução da educação ambiental sentimental e moral com agentes engajados com a natureza (COMINS MINGOL, 2016; MARÍN, 2008).

Fonte: Do autor.

Os genes encontrados demonstram que a ecosofia potencializa singularidades, a fim de recriar novos territórios através de novas formas de pensar e agir com o entorno, partindo de diferentes áreas e saberes entrelaçados em relações complexas. Articular diferentes ecologias, ressingularizar a própria existência através do cuidado de si, assim como envolver materialidades e espiritualidades no fazer ecosófico, abre

brechas para uma (eco)filosofia integral, transdisciplinar e harmônica para com o mundo. Diferentes áreas confluem e então, criam-se possibilidades para o exercício da antropoética na sensibilização com o meio e consigo, ou seja, os genes ecosóficos possibilitam a criação de novos jeitos de ser e de habitar o mundo.

A genética ecosófica mapeada parte da reflexão e da ação em congruência, para uma proposta de vida integral, atenta ao material e ao espiritual. Tais características demonstram que, seja através do cuidado de si ou de atuações no campo ético, político e antropoético, o ser ecosófico lança possibilidades de alcance de novos horizontes práticos e epistemológicos capazes de dar respostas, mesmo que parciais, à crise ambiental pela qual passamos (AYRES; ALBERNAZ, 2018; RODRIGUEZ, 2019; RODRÍGUEZ; RODRÍGUEZ, 2020; CAVIDAD; GIRALDO; SALDARRIAGA, 2018; MARÍN, 2018).

Segundo Guattari (1990), subjetividade, sociedade e meio ambiente são registros ecológicos intercomunicantes importantes, que transversalizam o conhecimento na construção de ressignificações da vida, do viver. Razão e sensibilidade se reconstróem a partir da convivência harmoniosa e equilibrada com o meio e com quem nele habita, fazendo da ecosofia uma transversalidade pessoal, coletiva, política, ética, econômica e ambiental. Neste sentido, ela busca transpor limites disciplinares científicos e se propõe a pensar o ser em sua completude, enquanto agente transformador do mundo e capaz de reconstruir relações vivas e pulsantes com ele (RODRÍGUEZ, 2019; MARÍN, 2018; NAESS, 2018; GUATTARI, 2015; MAFFESOLI, 2021).

Os plug-ins encontrados acoplam fortemente a necessidade de se criarem novos modos de compreender e de habitar o mundo, trazendo para “a dança” a memória e a arte enquanto possibilidades de cuidar de si, do outro e do ambiente em seu sentido amplo. “Poesiar o mundo”, colocar em diálogo diferentes saberes e, mesmo em situações de vulnerabilidade, conseguir reconfigurar relações, potencializa a ecosofia em suas múltiplas facetas e a coloca aberta ao que pulsa em si, no outro e no meio, cuidando do humano e do não humano. Assim, ela vai além do útil e do prático, atravessando a própria existência (MARÍN, 2018; AYRES; ALBERNAZ, 2018; RODRIGUEZ, 2019)

O afastamento da rigidez institucional, juntamente com a possibilidade de rompimento com visões dogmatizadas do conhecimento (antropocentrismo) e o trabalho com agentes em situação de vulnerabilidade, demonstra que as

interconexões ecosófica são diversas e potentes. Assim, o mundo já posto pode ser reconstruído, ressignificado e reimaginado. Animar os sentidos e buscar o diálogo de saberes do passado, do presente e do futuro é trabalhar mentalmente a ecosofia, mas entendendo que seu impacto atravessa o físico também. Cuidar, zelar, entender os fluxos e as necessidades coloca o humano como algo/alguém constituinte do meio, sendo um entendimento necessário para o ser e fazer da ecosofia (MARÍN, 2018; AYRES; ALBERNAZ, 2018; RODRIGUEZ, 2019; COMINS MINGOL, 2016).

Os plug-ins emergentes dos artigos lidos na íntegra dialogam intimamente com as ecosofias de Naess, Guattari e Maffesoli em suas diferentes faces. Dessa forma, evidencia-se que a ecosofia, mesmo sendo tratada distintamente por diferentes autores, é em si mesma, um plug-in e um “plugador”, capaz de interconectar o que foi desconectado e gerar novas possibilidades de conexão a cada descoberta.

As manufaturas ecosófica trouxeram à tona possibilidades férteis já postas em prática e outras apenas propostas. No caso da formação de professores, observa-se que atuar em searas que ultrapassam os saberes disciplinares é uma possibilidade interessante, principalmente ao se fazer uso das artes e dos saberes comunitários para ressignificação da trajetória formativa docente. Além disso, torna-se pertinente observar que nas ações práticas, o moral e o sentimental (ou sensível) podem ser trabalhados com diversos agentes na execução de uma educação ambiental plural e significativa, capaz de rearticular saberes e sentidos ambientais dos agentes com o seu entorno e com o mundo (AYRES; ALBERNAZ, 2018; RODRÍGUEZ; RODRÍGUEZ, 2020; COMINS MINGOL, 2016; MARÍN, 2008).

Conforme sugere Barcelos (2008), não há um método único para se fazer Educação Ambiental. Sabe-se que a formação de professores e a abertura metodológica de práticas educativas ambientais, são desafios latentes, conforme afirma Tristão (2004). Fica evidente que, através do cenário exposto, os diferentes agentes e palcos podem ser influenciados positivamente pela ecosofia, pluralizando e heterogeneizando reflexões e práticas, atuando, por assim dizer, na superação da crise ambiental a partir da educação e de outros agentes que podem participar em searas não institucionais (AYRES; ALBERNAZ, 2018; RODRÍGUEZ; RODRÍGUEZ, 2020; COMINS MINGOL, 2016; MARÍN, 2008).

O leque de possibilidades, mesmo através de apenas seis artigos científicos, demonstra a grande riqueza reflexiva e prática que a ecosofia possui. O segundo mergulho, em seus pontos específicos, demonstra que as possibilidades transversais

ecosóficas tornam fortes reLigações entre o que foi separado e novas possibilidades conectivas. Realizado o segundo mergulho, é hora de se “trocar o equipamento” (migrar para o inglês) e partir em outras direções, agora apontadas pelo descritor “*ecosophy*”.

3.3.3 Terceiro Mergulho

O padrão analítico das publicações em inglês obtidas a partir do descritor “*ecosphy*” seguiu as realizadas anteriormente. Primeiramente se mergulha no que se encontrou a partir dos artigos não lidos na íntegra, para, no mergulho seguinte, adentrar nos artigos lidos integralmente. Além disso, as categorias seguem as mesmas utilizadas no descritor “*ecosofia*”, conforme o quadro 3 demonstra:

Quadro 3: Genes, plug-ins, manufaturas e fugas da *ecosophy*.

Categoria	Características
Genes ecosóficos	<p>Os genes ecosóficos informam que a <i>ecosofia</i> possui e/ou age a partir das seguintes características:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ótica biocêntrica e ecocêntrica; - Relação entre as três ecologias de Guattari (eu, nós/<i>socius</i> e meio ambiente); - Filosofia da complexidade e da heterogeneidade; - Noção radical de transformação da realidade; - Sabedoria da natureza, da casa comum, do planeta Terra. - Transpessoalidade e transversalidade; - Ligação entre diferentes perspectivas ecológicas; - Equilíbrio nas relações entre humano e natureza; - Autorrealização, tanto humana quanto dos não humanos; - Multi/inter/transdisciplinaridade; - Abordagem multimodal da consciência, da espiritualidade e da ética; - Abertura flexível na construção da subjetividade; - Visão cosmológica e holística baseada na perspectiva eco-relacional; - Ação individual para com o meio ambiente, através da intuição e da criação de princípios e normas; - Multiculturalidade; - Valorização de forma intrínseca de toda e qualquer vida; - Articulação ética-estética; - Forma de amor; - Filosofia para o futuro, em direção a ele; - Ligação do indivíduo ao grupo; - Construção de novos territórios existenciais; - Autoconscientização; - Polifonia de saberes; - Criadora da Noosfera (biosfera, socioesfera e tecnologia); - Forma de recolonizar o passado; - Questionamento referente às diferentes poluições (sociais, ambientais e subjetivas de nosso tempo); - Possível superação das ideias capitalísticas; - Forma sensível e revolucionária de se apropriar das mídias;

	<ul style="list-style-type: none"> - Valorização dos afetos; - Prática de ressignificação da política; - Modo de atuar que leva em consideração a comunidade e o comunitário.
Plug-ins ecosóficicos	<p>Os plug-ins ecosóficicos trazem aproximações e diálogos com:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ecologia profunda, através de plataformas com princípios, normas e ações práticas no âmbito individual e comunitário; - Educação, através da pedagogia da autonomia e do fornecimento de uma visão mais integrativa para movimentos inventivos, - Anticapitalismo, mas não adoção do comunismo ou do socialismo, e sim proposição da criação de novos sistemas; - Ecumenismo ou inter-religiosidade (budismo, espiritualidade indígena, Islã, etc.); - Ecopsicologia e ecocriticismo; - Ubuntu, relacionando-o com a autorrealização; - Ecofeminismo, enquanto crítica do antropocentrismo e do machismo, além de possibilidade de autorrealização; - Justiça ambiental como forma de equilibrar relações entre humanos e destes com os não humanos; - Budismo, como forma de não se praticar a violência; - Ontologias indígenas compostas por traços de ecosofia; - Nutrição, através da mudança de hábitos para não caçar, plantar ou comer além do necessário; - Agricultura, como possibilidade de criação de cultivos diferentes dos industriais; - Arte, como possibilidade de criticar e sensibilizar para com o meio ambiente; - Sabedoria Wôpanâak: ecosofia coloca o ser humano no e como cosmos; - Bem viver, como forma de pensar a qualidade de vida; - História e Memória, como possibilidade de ressignificação das relações entre o humano e o meio ambiente; - Ecolinguística, como maneira de se entender as relações ecológicas da linguagem; - Turismo enquanto possibilidade de ganho comercial e sensível para com o meio pelo qual se movimento o turista; - Administração e economia, através da busca de produtos que poluem menos e consomem menos energia em sua produção e usos; - Educação Patrimonial, enquanto possibilidade de valorização do meio no qual se vive e da história ali presente; - Arquitetura, como forma de se ressignificar o urbano; - Pós-colonialismo, como possibilidade de valorizar os saberes tradicionais e populares para criar novos modos de pensar.
Manufaturas ecosóficicas	<p>As manufaturas encontradas foram agrupadas em três campos de ação: Educação Ambiental, Tecnologia e Transversalidades.</p> <ol style="list-style-type: none"> a) Educação Ambiental: uso de audiovisuais e outras tecnologias nas diferentes práticas educativas, formação de professores com base na ecosofia, no bem viver e em seus princípios, práticas com jogos, caminhadas e escutas em espaços naturais. b) Tecnologia: uso de TICs em diferentes espaços (institucionais ou não) e apreciação de audiovisuais como modo de fazer ecosofia. c) Transversalidades: prática cotidiana a partir de criação de sua própria ecosofia, execução de esportes em áreas naturais, prática de yoga, aplicação em projetos constitucionais no Equador e na Bolívia (<i>pachamama</i>), possibilidade terapêutica, categoria de análise em pesquisas científicas intervencionistas, criação de <i>designs</i> sustentáveis que pensam o social, o individual, o meio e o cultural em sua

	execução e uso de biografias como forma de reconstruir passado/memórias e exercitar a ecosofia, melhorando as relações do eu com o passado, com o presente e com o futuro.
Fugas ecosóficas	Nesta categoria foram observadas apenas citações de autores e de trabalhos relacionados nas referências, assim como alguma citação no texto, porém apenas a título de exemplo, sem aprofundamento conceitual.

Fonte: Do autor.

Os genes encontrados nos estudos analisados demonstram uma pluralidade epistemológica latente, a qual atravessa diferentes tempos, espaços, indivíduos e grupos, tendo como ponto de ligação a valorização plural da vida e de seus afetos. Além disso, é possível observar noções que demonstram a capacidade de ser e de se lidar com o complexo e com o heterogêneo trazidos pela ecosofia, visto que ela perpassa e é perpassada por diferentes ecologias e saberes em sua constituição, tateando, assim, cosmologias individuais e comunitárias na criação de uma sabedoria da casa, da habitação e da comunidade.

A atenção dada ao individual se interliga ao comunitário, pois a ecosofia enquanto uma sabedoria que parte da mudança radical da realidade, congrega heterogeneidades e singularidades, transpondo limites disciplinares em busca de articulações éticas e estéticas ecocêntricas. A subjetividade e a mudança dela são citadas corriqueiramente, colocando forte peso na ação individual e demonstrando que a mudança pode vir de dentro, da intuição, da criação de normas e princípios próprios, o que desemboca em uma ecosofia singular, conforme sugere Naess (2010).

Um gene potente da ecosofia é a autorrealização, porém, essa precisa ser vista para além da realização econômica, sendo pensada como uma forma de amor, de reconhecimento do outro como legítimo na relação. Sendo assim, ela só ocorre quando o outro também está realizado, seja ele humano ou não humano (NAESS, 2018; MATURANA, 1998), o que por sua vez cobra uma ótica ecocêntrica, importante no ser ecosófico.

Os componentes genéticos aqui observados retomam os registros ecológicos e a necessidade de se romper barreiras disciplinares, trabalhando através do multi/inter/transdisciplinar, proposta elencada por Guattari (1990; 2015). Além disso, enquanto filosofia que se projeta ao futuro, conforme sugere Maffesoli (2010), a ecosofia é transpessoal e polifônica, afinal, questiona-se sobre perspectivas e cria novas possibilidades de ações a serem realizadas com os outros seres e tecnologias que ainda estão em processo de constituição, confluindo com os resultados obtidos

dos artigos explorados.

Pode-se dizer que os genes ecosóficos partem de um agir individual e comunitário, que valoriza o existente e busca revolucionar formas de ser e agir no hoje e no futuro, criando confluências capazes de ressignificar a própria vida em sua teia de relações. Dessa forma, ela envolve sistemas políticos, sociais, econômicos ambientais e individuais em seu enredo, tornando-se plural em autores e cenas, vivenciando assim de forma única e conjunta o espetáculo da vida. Todas estas ideias se aproximam dos autores mais citados nos artigos, que foram Arne Naess, Félix Guattari e Michel Maffesoli, os quais serão aprofundados no próximo capítulo.

Os plug-ins ecosóficos evidenciam a ligação íntima da ecosofia com a ação, seja através da Ecologia Profunda⁸ ou por meio de ações na área nutricional ou agrícola. As relações contra formas de dominação impostas (antropocentrismo, machismo e capitalismo) são criticadas e, ao invés de buscar soluções simples e rápidas, emerge a proposta de se pensar algo novo, original, gerando confluências com Guattari (2015), Maffesoli (2021) e Naess (2010).

As questões religiosas influenciam intimamente a ecosofia e sua construção. Naess (2010) e Maffesoli (2021), por exemplo, trazem religiosidades e as incorporam ao fazer ecosófico, porém, com um tom ecumênico, entendendo que se faz necessária uma abertura para outros olhares, tanto de religiões monoteístas quanto de religiões politeístas. Diferentemente de um afastamento das emoções ou das crenças, os plug-ins observados não buscam afastá-las do debate, mas sim colocá-las e potencializá-las, a fim de construir formas ecosóficas de habitar o planeta, sugerindo assim um caminho ecumênico agenciador e potencializador da diversidade sensível.

A abertura filosófica proposta pela ecosofia é evidenciada através da possível conversa com ontologias indígenas, com sabedorias de povos tradicionais e com o próprio bem viver, levando em consideração a prática da qualidade de vida e de um ambiente equilibrado e harmonioso como um dos fins a serem alcançados. Desta forma, transita-se por possibilidades pós-coloniais, as quais mais do que copiar modelos, possibilitam a criação de novos olhares e ações, oxigenando possíveis invenções e ressignificações de áreas como turismo, administração, arquitetura e

⁸ A Ecologia Profunda, segundo Arne Naess (2010; 2018), consiste em movimentos coletivos que seguem princípios e agem através de uma lógica bio/ecocêntrica, a partir de suas ecosofias pessoais. Pode-se dizer que tal ecologia é política e social, atuando praticamente na superação das problemáticas socioambientais emergentes.

economia (ACOSTA, 2016; GUATTARI, 2015).

Os plug-ins abrem espaços para a Arte e para encontros transversais de saberes, seres e linguagens ou ecolinguagens, em projeções que podem se efetivar ecosoficamente no presente e no futuro. As possibilidades de acoplamento e de interligação íntima e plural, colocam a ecosofia como uma possibilidade contínua de criação em meio ao caos, de reordenação do pensamento, da ação e da reflexão, sensível e consciente, dos meios e dos fins tecidos entre humanos e seu entorno, sua casa, com e para Gaia (GUATTARI, 2015; NAESS, 2018; MAFFESOLI, 2010).

As manufaturas demonstraram que o processo artesanal de costura das categorias é essencial, visto que, muitas vezes, alguma mudança de material, temperatura ou tom exige do artesão uma mudança de rumo e de olhar, conforme sugere Ingold (2011). Por isso, a exceção da subcategoria “transversalidades” visa dar vazão aquilo que transcendeu uma área específica e tateou plug-ins e genes em formas diversas.

Algumas semelhanças com o que emergiu no descritor “ecosofia” podem ser observadas, principalmente no que tange à Educação Ambiental, através do uso de vídeos, de jogos, de vivências com e na natureza. Além disso, também se abordou a formação de professores baseada na ecosofia e no bem viver, como formas de ressignificar a profissão e a atuação docente. Desta forma, pode-se notar que a ecosofia é um conceito e uma prática capaz de potencializar ações educativas preocupadas com o meio ambiente e com as relações que o humano tece com ele, sendo necessário, para além de apreciar e valorizar a natureza, interagir, brincar e ressignificar práticas docentes e estudantis⁹.

As TICs tiveram um tom mais apreciativo e capaz de gerar ecosofia. Assistir e sentir diferentes registros ecológicos e lógicas de vida destoantes da capitalista, é uma potência que as TICs podem oferecer para processos de democratização em uma era denominada por Guattari como de pós-mídia (GUATTARI, 2015).

As transversalidades das manufaturas evidenciam uma capacidade de acoplamento da ecosofia em diversas áreas, tangenciando ações individuais, coletivas e mesmo estatais. A criação de uma ecosofia própria para cada ser, dialoga com a proposta de Naess (2010) e abre espaço para incorporação de diferentes

⁹ Tal conclusão é possível através do olhar atento sobre as práticas científicas executadas pelo grupo de pesquisa CEAMI – Univates.

universos de referência, seja através da prática de yoga, de terapias ou mesmo da história e da memória, intensificando assim a diversidade da vida.

Apreciar áreas naturais, tanto individualmente quanto coletivamente, pode gerar ressignificações importantes das relações entre humanos e meio ambiente. Tal proposta dialoga com o bem viver e com a criação de práticas que podem até mesmo reconstruir leis, colocando direitos da natureza em pauta no espaço formal e constitucional, passos essenciais para a superação da crise que enfrentamos, segundo Acosta (2016).

Por fim, a possibilidade criativa da ecosofia pode se efetivar e ser ampliada através da interconexão entre diferentes registros ecológicos, como a aplicação em pesquisas científicas, da prática de terapia “ecosófica”, do uso de memórias e da criação de *designs* sustentáveis capazes de atender para o eu, para o nós (*socius*) e para o ambiente, tal qual propõe Guattari (1990). Sendo assim, pode-se dizer que as manufaturas põem em prática a ecosofia de formas próprias, para além de modelos ou de formatos pré-determinados. Criar e fazer pulsar a ecosofia é algo que o artesanato da vida, o próprio ser, pode realizar enquanto constrói seu habitar pelo planeta.

O terceiro mergulho ressalta e amplia o escopo de possibilidades ecosóficas a serem refletidas e praticadas. Após este mergulho, resta um último, que busca nos detalhes a riqueza ecosófica e na íntegra de alguns estudos, a possibilidade de conhecer um pouco mais mares pouco explorados.

3.3.4 Quarto mergulho

O último mergulho originário da análise integrativa, longe de finalizar todas as possibilidades ecosóficas, busca completar o exposto até aqui a partir das análises dos artigos encontrados através do descritor “*ecosophy*” e lidos na íntegra. O quadro 4 demonstra os principais dados obtidos através da “prática mergulhativa”:

Quadro 4: Genes, plug-ins e manufaturas da *ecosophy*.

Genes ecosóficos	<p>Os genes ecosóficos informam que a ecosofia possui e/ou age a partir das suas seguintes características:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ligação com as três ecologias propostas por Guattari (subjetividade, <i>socius</i> e meio ambiente) (AIKEN, 2017; HAMPSON, 2010; BUCKINGHAM, 2017); - Fortalecimento do trabalho em grupo/comunidade (HAMPSON, 2010; BUCKINGHAM, 2017; ANTHONY, 2013); - Produção de novidades (BUCKINGHAM, 2017);
------------------	--

	<ul style="list-style-type: none"> - Sabedoria sobre o meio ambiente (DRENGSON; DEVALL; SCHROLL, 2011; BUCKINGHAM, 2017); - Micropolítica (BUCKINGHAM, 2017); - Prática sensorial e sensível (AIKEN, 2017; BUCKINGHAM, 2017); - Possibilidade co-criativa (TINNELL, 2012); - Ideologia que dá valor intrínseco à vida (DRENGSON; DEVALL; SCHROLL, 2011; TINNELL, 2012); - Criação de novos territórios existenciais (BUCKINGHAM, 2017); - Forma estética de se relacionar e usar as mídias (TINNELL, 2012); - Autopoiesis¹⁰, enquanto possibilidade do ser vivo produzir a si mesmo (TINNELL, 2012); - Autorrealização, através da realização do(s) outro(s) (TINNELL, 2012; VALERA, 2018; TALUKDER, 2016); - Modo de agir individual na mudança do contexto no qual se vive (TINNELL, 2012); - Pluralidade epistemológica (SALAZAR; JALABERT, 2015; GRANGE, 2017); - Construção ética e estética das ações humanas empáticas (TINNELL, 2012; GRANGE, 2017); - Potencialização do pensamento positivo para a ação (GRANGE, 2017); - Ecocentrismo e biocentrismo (GRANGE, 2017; STIBBE, 2014); - Amadurecimento do ser humano através de relações harmoniosas com o ambiente (ANDERSON, 2016); - Visão ontológica e holística que se relaciona com o todo (<i>Gestalt</i>) (VALERA, 2018); - Multi/interdisciplinaridade na construção de diferentes saberes (STIBBE, 2014; CHRISTENSEN-SCHEEL, 2012); - Experienciação, através de princípios, normas, valores e práticas realizadas pelo indivíduo (TINNELL, 2012); - Sensualidade e sensibilidade nas relações com o meio ambiente (CHRISTENSEN-SCHEEL, 2012); - Modo de pensar conectado e organísmico (ANDERSON, 2016); - Cooperação comunitária na criação de sustentabilidade (SALAZAR; JALABERT 2015). - Transpessoalidade através da coevolução do planeta (ANTONIOLI, 2018; SCHROLL; POLANSKY, 2017); - Poética para pensar diferentes ecologias, uma espécie de cosmopoesia (XIANZHAN, 2013; HAMPSON, 2010); - Visão compartilhada para objetivos comuns (SCHROLL; POLANSKY, 2017); - Proposição da criação de ecósofos, os quais desenvolvem o desejo por uma vida harmoniosa, coerente e sustentável do ser com seu meio (CARLIN, 2017; SCHROLL; POLANSKY, 2017); - Valorização da diversidade cultural, política e individual, como uma filosofia da diversidade (STIBBE, 2014); - Elemento constituidor da Ecologia Profunda (VALERA, 2018; HAMPSON, 2010); - Subversões micros como possibilidade de gerar afetos macros (CARLIN, 2017).
Plug-ins ecosóficos	<p>Os plug-ins ecosóficos trazem aproximações e diálogos com:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Diferentes filosofias e religiões (BUCKINGHAM, 2017); - Ecologia Profunda, como forma de exercício ecosófico (XIANGZHAN, 2013; GRANGE, 2017); - Tecnologia, na criação de novos territórios existenciais (TINNELL, 2012); - Metamodelização para criação de modos de ser e agir no mundo (TINNELL, 2012); - Administração através do <i>networking</i> com ecologias e com diferentes grupos (ANDERSON, 2016);

¹⁰ Maturana e Varela (1997) definem autopoiese como uma forma de autoprodução nas relações com seus componentes ou nas relações que unem o conjunto de componentes do ser.

	<ul style="list-style-type: none"> - Arquitetura, exercitada através da ecoconstrução (ANDERSON, 2016); - Ecolinguística, como forma de pensar os ambientes e suas relações com o desenvolvimento linguístico (STIBBE, 2014); - Estética, através da ecoestética e da teoria da apreciação ecológica, a qual consiste em observar o que acontece no ambiente natural e as mudanças pulsantes, a fim de gerar sensibilidades ecosófica (XIANGZHAN, 2013); - Comicbooks, pois através dos mitos pode-se exercitar saberes ecosófica, transpessoais e não humanos (SCHROLL; POLANSKY, 2017); - Turismo e paisagem, através da exploração de lugares e da resignificação deles a partir da ecosofia (SALAZAR; JALABERT, 2015); - Poesia, na forma da escrita e do saber (HAMPSON, 2010); - Semiótica, através do pensar e do executar novos axiomas (interpretação de sinais e princípios) (LEVESQUE, 2016); - Permacultura, como movimento, design e modo de vida criador de valores éticos e morais ecológicos, expandindo o self para o não humano também (AIKEN, 2017).
Manufaturas ecosófica	<p>As manufaturas encontradas ficaram organizadas da seguinte forma:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Yoga como forma de praticar a ecosofia em ambientes de vulnerabilidade social (BUCKINGHAM, 2017); - Fortalecimento do sentimento de grupo através de práticas ecosófica em espaços naturais (BUCKINGHAM, 2017); - Alfabetização ecológica através do uso de mídias em microintervenções (TINNELL, 2012); - Criação de subjetividades atentas às relações equilibradas dos humanos com o meio através do uso das mídias (TINNELL, 2012); - Prática arquitetônica de ecoconstruções e ecovilas (ANDERSON, 2016); - Uso da arte para aproximações com a estética ambiental (XIANGZHAN, 2013); - Prática ecosófica de populações do Alasca, como forma de uma subsistência sustentável (ANTHONY, 2013); - Forma de atuar comunitariamente através de plataformas comuns de ação (como por exemplo a Ecologia Profunda) (LEVESQUE, 2016); - Uso da permacultura como modo ecosófica de viver, compreendendo toda a complexidade ecossistêmica que envolve o lugar que se habita (AIKEN, 2017).

Fonte: Do autor.

Os genes ecosófica trouxeram os diferentes registros ecológicos à tona, os quais podem ser exercitados através de possibilidades co-criativas, que deem valor intrínseco à vida e que concebam a autorrealização do eu e do outro como forma de se construir sabedorias sobre o meio ambiente. Estas sabedorias levam a uma pluralidade epistemológica, estética e ética, que influenciam indivíduos e grupos, possuindo como eixos centrais o ecocentrismo e o biocentrismo. Ou seja, a genética ecosófica, por seu caráter mutante, supera o antropocentrismo e leva o humano a uma visão holística e madura das relações entre sociedade e natureza (AIKEN, 2017; HAMPSON, 2010; BUCKINGHAM, 2017; HAMPSON, 2010; BUCKINGHAM, 2017; ANTHONY, 2013; DRENGSON; DEVALL; SCHROLL, 2011; GRANGE, 2017; STIBBE, 2014; ANDERSON, 2016).

Os diferentes saberes em seus diálogos multi/inter/transdisciplinares movimentam a ecosofia, pressupondo a potência de experiência para o agir

individual e coletivo na mudança positiva do mundo, valorizando princípios, normas e valores. A experiência, enquanto gene ecosófico, leva à valorização da sensualidade e da sensibilidade nas relações com o meio ambiente, entendendo-o como um organismo transpessoal, poético, possuidor de interconexões diversas e profundas. Assim, evidencia-se a valorização da diversidade cultural, política e individual na ecosofia enquanto possibilidade de superação das práticas dominantes e invenção de novos territórios existenciais (STIBBE, 2014; CHRISTENSEN-SCHEEL, 2012; ANDERSON, 2016; SALAZAR; JALABERT 2015; ANTONIOLI, 2018; SCHROLL; POLANSKY, 2017; XIANZHAN, 2013; HAMPSON, 2010; VALERA, 2018; CARLIN, 2017).

A categoria dos genes ecosóficos possui elementos que aproximam-se da ideia de valor intrínseco à vida, dada por Arne Naess (2010; 2018), do caráter multifocal a partir dos três registros ecológicos e das máquinas físicas e simbólicas, da ecosofia de Guattari (1990; 2015). Nesse sentido, os elementos observados criam possibilidades poéticas, co-criativas e sensíveis para ser e estar no mundo a partir de materialidades e imaterialidades (AIKEN, 2017; HAMPSON, 2010; BUCKINGHAM, 2017, TINNELL, 2012).

A ecosofia pressupõe uma forma de engajamento plural, tanto estético quanto ético, refletindo e também agindo através do ecocentrismo, ou seja, a vida é seu eixo central. Na sua constituição, o individual (ecosofia própria) interliga-se ao grupal, através de diferentes mídias e microintervenções, geradoras de novas visões sobre a existência, sendo esta constituída através de experiências que ultrapassam barreiras disciplinares e dialogam com diferentes saberes criadores de ontologias. A sensualidade, a *autopoiesis*, a autorrealização e a poesia em processos cooperativos são incorporados através dos afetos e criam uma “práxis eco”, de sabedoria comum e compartilhada da casa, de onde se habita (TINNELL, 2012; CHRISTENSEN-SCHEEL, 2012; VALERA, 2018; TALUKDER, 2016; GRANGE, 2017; STIBBE, 2014).

Os genes ecosóficos operaram na valorização do que é e do que pode ser ou encontra-se em vias de ser tecido. Valorização do poético, onírico e mesmo do imaginário, intensidades que perpassam o ser ecosófico, são pontos relevantes que, segundo Maffesoli (2010), ao invés de moralizar e/ou domesticar, levam a uma contemplação subversiva da vida, que traz em sua essência o deixar ser. Maffesoli entende que os fluxos ecossistêmicos que atravessam a existência e que colocam o humano como um elemento do meio são essenciais à ecosofia. Trata-se, então, de

senti-la e de ser um ecósofo na diversidade, a qual é condição para a vida na Terra.

Os plug-ins emergentes demonstram que diferentes religiões, tecnologias e áreas do conhecimento podem aproximar-se da ecosofia e, a partir de acoplamentos, gerar metamodelizações inventivas, poéticas e sensíveis para com o meio. As diferentes tecnologias, o movimento social/comunitário, as linguagens, a estética, a semiótica, o turismo e os comicbooks evidenciam o caráter aberto da ecosofia e demonstram que é na diversidade que a vida pulsa e pode ser reinventada, superando-se paradigmas áridos e criando fertilidade nos territórios existenciais construídos e a serem reconstruídos (BUCKINGHAM, 2017; XIANGZHAN, 2013; GRANGE, 2017; TINNELL, 2012; ANDERSON, 2016; SCHROLL; POLANSKY, 2017; SALAZAR; JALABERT, 2015; HAMPSON, 2010; LEVESQUE, 2016).

A categoria plug-ins ecosóficos em sua transversalidade implica a ecosofia como uma sabedoria que parte de relacionamentos complexos, materiais e subjetivos em diferentes áreas, possibilitando assim a criação de múltiplos modelos (BUCKINGHAM, 2017; TINNELL, 2012; ANDERSON, 2016). Em meio a essa diversidade, fica clara a influência da proposta de Naess (2010; 2018) para a ecosofia, pois a mesma, para o autor, parte de uma construção pessoal a partir de diferentes filosofias, religiões e áreas de interesse.

Os elementos que operam como plug-ins, em seu conjunto, demonstram que ressignificar áreas e saberes é potência ecosófica a ser exercitada, principalmente através de processos retroalimentativos. Tal potência pode ser poética, conforme sugere Xiangzhan (2013) e atenta às sutilezas e condizentes com as condições locais, conforme sugerem Guattari (2015) e Naess (2010; 2018). Se trata, por assim dizer, de uma ecosofia que busca soluções locais, envolve diferentes grupos em seus contextos, a fim de construir equilíbrios e harmonias entre humanos e natureza, adentrando e deixando-se ser adentrada por diferentes áreas, domínios e elementos. Sendo assim, mito e realidade se misturam na imaginação de um mundo por vir, de uma cultura permeável (permacultura) ao diverso e capaz de parar com sua saturação e de compreender-se natural, sendo orgânica, que é sua essência no fim das contas (SCHROLL; POLANSKY, 2017; HAMPSON, 2010; AIKEN, 2017; MAFFESOLI, 2010; 2021).

A categoria “manufaturas ecosóficas” fez emergir alguns elementos já presentes nos artigos lidos “dinamicamente”, como o Yoga, o uso de espaços naturais e o trabalho educativo na melhoria das relações entre sociedade e natureza. Algumas

potências novas emergentes foram a construção de ecovilas e a permacultura, que aliadas à Ecologia Profunda aproximam arte, estética ambiental e princípios e valores individuais e grupais na constituição de relações de convívio e não de domínio do humano para com a natureza (BUCKINGHAM, 2017, ANDERSON, 2016, XIANGZHAN, 2013, LEVESQUE, 2016, AIKEN, 2017).

Pensar e atuar complexamente, em meio às tantas possibilidades ecosófica requer sensibilidade e sagacidade, pois fortalecer os diferentes grupos, buscando subsistência e qualidade de vida, ao invés de ganho econômico, é uma demanda urgente, conforme sugere Acosta (2016). Compreender-se como parte do ambiente, manufaturando sua existência em consonância com as necessidades e condições ambientais do seu entorno, são possibilidades levantadas pela categoria e reafirmadas por Naess (2010; 2018). Sendo assim, conforme sugere Guattari (2015), para além de modelos, criar microintervenções capazes de dar vazão a novos horizontes de imaginação e ação em diferentes espaços, com diferentes tecnologias, é uma força da manufatura ecosófica (TINNELL, 2012).

Ecoconstruir vilas ou permaculturar são modelos ecosóficos que manufaturam existências mais harmoniosas entre humano e meio ambiente. Estas manufaturas, são e se interligam com diferentes sensibilidades, arquitetando, para além de construções materiais, edificações imateriais, que tateiam a sustentabilidade e ressignificam fazeres, fortalecendo indivíduos e grupos na elaboração de novos modos de habitar o planeta. Estes modos levam em conta o equilíbrio ecossistemático e o fluxo que compõe a vida (BUCKINGHAM, 2017; XIANGZHAN, 2013; GRANGE, 2017; TINNELL, 2012; ANDERSON, 2016; SCHROLL; POLANSKY, 2017; SALAZAR; JALABERT, 2015; HAMPSON, 2010; LEVESQUE, 2016).

Nos artigos lidos na íntegra advindos do descritor “*ecosophy*”, faz-se necessário criar um adendo, uma espécie de microcategoria radical, que incapaz de “se encaixar” em outras, necessita de um tratamento específico. Esta categoria pode ser chamada de “complementariedades”, pois traz paralelos traçados entre Guattari e Naess.¹¹ Não há uma posição de Michel Maffesoli aqui, pois não se encontrou nenhum artigo que tensionasse esse autor com algum outro que trabalhe o tema da ecosofia,

¹¹Os artigos usados para construção desta “categoria extra” foram as seguintes publicações: Two versions of ecosophy: Arne Næss, Félix Guattari, and their connection with semiotics, escrita por Levesque (2006) e Embodied cognitive ecosophy: the relationship of mind, body, meaning and ecology, publicada por Jones (2017).

assim como evidenciou-se um menor uso dele nos referenciais dos artigos selecionados para esta seção. O quadro 5 traz os principais dados obtidos nesta categoria:

Quadro 5: Complementariedades entre Guattari e Naess.¹²

Elementos citados da ecosofia de Naess	Elementos citados da ecosofia de Guattari	Complementariedades entre as ecosofias de Guattari e Naess
Parte do biocentrismo; É uma forma de atuar na prática do viver; Confere valor intrínseco a toda e qualquer vida; Efetiva-se através da autorrealização; É uma forma de reorganizar a espécie e o trabalho comunitário; Coloca-se como compromisso ético, que parte de princípios e valores que buscam harmonia entre humano e natureza; É um sistema de valores éticos e morais; Possui um tom fortemente voltado às ações individuais.	Possui um “tom” antropocêntrico; É uma forma de atuação no mundo, porém, mais próxima do simbólico e do acadêmico; Baseia-se em três registros ecológicos: subjetividade, <i>socius</i> e meio ambiente; Possui um tom fortemente voltado para ações sociais; É mutável e dinâmica.	É uma forma de agir no mundo; Possui engajamento político; Efetiva-se enquanto prática de autoconscientização ecológica; Dialoga com os desejos e com a sensibilidade; Busca harmonia com a comunidade; É uma forma de pensar, agir e ser que tateia a harmonia entre humano e meio ambiente; Dialoga com sistemas de valores éticos e morais; Ambos partem do humano.

Fonte: Do autor.

Segundo os estudos analisados, Naess propõe uma construção pessoal, focada no respeito e na valorização de toda e qualquer vida existente, partindo de princípios e valores que buscam a sua realização a partir da realização do outro (autorrealização). No caso da ecosofia de Guattari, o simbolismo, a ideia de uma ação humana baseada na subjetividade, no meio ambiente e no social, ganham força, pensando, desta forma, micro e macroações interligadas. Naess é posto como tutor de uma visão ecocêntrica, enquanto Guattari é posto como um autor que parte do antropocentrismo.

As perspectivas de ambos autores diferenciam-se em diversos aspectos, porém, não se tornam dicotômicas, mas sim complementares. Valores, éticas, formas de ser e agir, tanto individual, quanto coletivas, possuem nuances próprias, reafirmando a polissemia e a pluralidade praxica que a ecosofia possui.

As confluências observadas nas análises feitas das ecosofias de Naess e de Guattari demonstram como o conceito é potente e multifacetado, incorporando o eu,

¹² As interpretações aqui realizadas foram retiradas dos próprios artigos analisados, tanto as diferenças quanto as complementariedades.

o nós, o meio, o racional, o sensível e os diversos sistemas que compõem o ser e o estar no mundo na busca de uma harmonia entre humano e natureza. O caráter aberto da ecosofia possibilita complementaridades entre autores diferentes e auxilia na construção de ações plurais, as quais possuem diversos pontos retroalimentativos que, de maneira geral, buscam unir o que a modernidade fragmentou, criando possibilidades de superação da crise ambiental.

Descritores e ressonâncias foram analisados e quatro mergulhos realizados. Alguns pontos continuam obscuros, mas outros tantos foram clarificados, conhecidos e tateados, demonstrando que ainda existem muitas águas a serem exploradas, conhecidas e reconhecidas. Após tantos mergulhos, torna-se importante sintetizar o que se viu e o que se tateou, ou seja, as emergências pós-mergulhativas.

3.3.5 Emergências pós-mergulhativas

A análise integrativa e os mergulhos realizados demonstram que a ecosofia é polissêmica, possui uma genética ampla, é capaz de interligar diferentes áreas e saberes, além de poder influenciar práticas nos mais diferentes ambientes. A heterogeneidade pulsa nos saberes ecosóficos e as possibilidades epistemológicas e práxicas são diversas e capazes de gerar possibilidades potentes no tratamento da crise ambiental.

O mapa tecido aqui, seja por caminhos ou por mergulhos, intencionalmente transita por diferentes lugares e materialidades (terra e água), pois a ecosofia é capaz de criar trajetos, transformar e transgredir práticas pouco férteis para a vida. As fronteiras ecosóficas demonstram-se móveis e flutuantes, como ilhas que se movimentam, formam arquipélagos diversos a cada movimentar, fazendo “mexer” indivíduos, grupos e naturezas na busca de ligações mais harmoniosas para a vida e para o viver com o meio. E logo saem para reagrupar-se de outro modo.

Os mergulhos iluminaram alguns pontos, porém, deixaram outros ainda no “escuro”, sem citação cartográfica nítida. Tais supressões, não intencionais, deixam em aberto novos mergulhos que, ao serem realizados, poderão iluminar outros pontos e farão outros movimentos, criando assim novos mapas, pelas mãos de diferentes cartógrafos. Todas estas características são ecosóficas em sua essência, seja genética, “plugativa” ou manufatureira, pois engendram o movimento cartográfico de entender o ambiente no qual se habita e se coabita, adequando-se a fluxos, sentidos

e sentimentos que buscam harmonizar as relações entre sociedade e natureza.

O mapeamento da produção acadêmica tangenciada pela ecosofia expõe um universo amplo, repleto de intensidades e criação, aberto às diferentes experiências, individuais e coletivas. Tal mapeamento também indicou autores importantes para a constituição desta tese, pois além do número de citações das obras de Arne Naess, Félix Guattari e Michel Maffesoli, demonstrou que integrativamente, estes são os autores que influenciaram, quanti e qualitativamente, a produção acadêmica envolta no conceito da ecosofia. O próximo capítulo, então, buscará viajar pelos diferentes autores e propostas, apreciando assim a paisagem em suas diferentes facetas.

4. VIAGEM AOS CENTROS DA ECOSOFIA: AVENTURAS EPISTEMOLÓGICAS

A sabedoria sobre o meio ambiente e suas configurações ecossistêmicas, descendem de tempos imemoriais e fazem parte da história. O afastamento ocasionado pelo antropocentrismo é gerador de vazio, tanto material quanto espiritual, caracterizando a existência como uma mera formalidade. As tessituras complexas do humano na teia da vida exigem uma visão de mundo integrada, sutil, consciente e sensível, pois só assim pode-se, ao menos, adiar “o fim do mundo” (KRENAK, 2019; 2021; CAPRA, 2006).

No contexto de uma possível catástrofe, a ecosofia emerge como uma potência a ser exercitada e sua multivocalidade encontra-se presente neste capítulo, que para além de “adiar fins de mundo”, busca em autores reconhecidos e que abordam com profundidade o conceito, inspirações para reanimar, reencantar e reimaginar mundos diferentes. A abordagem dos pensamentos de Arne Naess, Félix Guattari e Michel Maffesoli se justifica por serem autores com publicações focadas no conceito e acessíveis, terem emergido quantitativamente na análise integrativa e possuírem relações com os sentidos expostos até aqui da ecosofia. Suas publicações partem de espaços geográficos e temporais distintos, embora algumas vezes se cruzem no tempo-espço.

Este capítulo busca realizar um convite para uma viagem pelo universo de autores e suas principais ideias ecosóficas, entendendo que cada um possui centralidades em seus pensamentos e, por isso, a proposta é uma viagem aos centros da ecosofia. Em troca da oferta de tais itinerários, pede-se um espírito livre, crítico,

aventureiro e sensível de quem viaja, aventurando-se por caminhos distintos, entroncamentos complexos, paisagens diversas e territórios múltiplos.

4.1 Estação 1: Naess, a ecologia profunda, a ecosofia e a autorrealização

A viagem inicia por Arne Naess e tem por objetivo mapear seu pensamento no que tange à ecosofia, além de criar, por assim dizer, traçados para navegar pelo que o autor propõe. O esforço de sistematizar e encontrar os eixos de congruência entre os elementos abordados nas obras de Naess se faz presente como uma bússola para quem pretende conhecer autor, obra e ecosofia sem se perder.

Naess foi um autor norueguês, que atuou como professor universitário e veio a falecer em 2009. Ele sempre teve uma relação íntima com as montanhas, especificamente com a montanha de *Hallingskarvet* (chamava-a de “Montanha pai”, ele a respeitava) e dedicou grande parte da vida à filosofia. No meio acadêmico, o autor participou de debates do círculo de Viena, foi influenciado por Spinoza, por Gandhi e pela cultura da paz. Viveu na Noruega ocupada pelo Nazismo, atuou na resistência e acompanhou a criação da Organização das Nações Unidas. Todos estes dados são essenciais para o profundo entendimento da Ecologia Profunda, movimento que ajudou a criar, da ecosofia e da autorrealização proposta na obra de Naess, pois todas elas partem do pessoal e do singular que constitui autor e obra (ROTHENBERG, 2010; BUGALLO, 2018; NAESS, 2010; 2018).

Naess (2010; 2018) constrói sua visão ecosófica a partir da ontologia, entendendo que é importante observar e apreciar a vida que pulsa no planeta, concebendo o quão fabulosa a Terra é. Neste sentido, a variedade e a diversidade da vida devem ser celebradas, afastando o antropocentrismo de cena. Além disso, o autor elabora sua perspectiva entendendo que o egoísmo humano precisa ser revisto, o que, para ele, leva ao amadurecimento. Tal amadurecimento pressupõe o entendimento do humano como parte do ambiente, em eco-relações não violentas, desenvolvendo a capacidade de buscar a realização de si a partir da realização de outros seres, por meio do altruísmo e da empatia com humanos e não humanos, o que leva à diminuição da degradação do planeta e da vida.

Para Naess (2010; 2018), o conjunto de máquinas que tece a era “tecnológico-industrial” foi planejada para não parar e nem recuar, por isso, é preciso entendê-la e

compreender sua ideologia produtiva e consumista. Desta forma, a crise ambiental é observada pelo autor como possibilidade de inspirar novas maneiras sociais de coexistência. Para coexistir de modo harmônico, uma diminuição gradativa do consumo e da população mundial se fazem necessários. Esta proposta não representa uma perda na qualidade de vida, mas uma transição necessária para o equilíbrio ecossistêmico.

A biologia da conservação vem trabalhando com a busca dos equilíbrios ecossistêmicos, visando garantir a sobrevivência e a conservação da vida. O que torna a biologia conservacionista problemática é sua visão objetivista que, muitas vezes, predomina, criando assim a tendência de esvaziamento dos componentes relacionais do ambiente. Pensar através de relações ecossistêmicas é entender que existe dança e “magia” em todos os movimentos da natureza, não apenas dados científicos. A dureza da objetividade pode fazer com que o “baile” não ocorra ou as pessoas terminem indo “embora cedo, acabando assim com a festa” (NAESS, 2018).

Segundo Naess (2010), encontrar novas formas de ser e habitar o mundo, as quais concebam a conservação e a preservação de espécies e também a diversidade da vida, pressupõe, em essência, que a pluralidade cultural e étnica seja potencializada. A diversidade oferece possibilidades de recriar as relações entre humanidade e Gaia. Nesse sentido, o desrespeito às sociedades não industriais demonstra profundo desconhecimento e traz problemas sérios, pois a possibilidade de aprendizado mútuo se esvai. Essa afirmação não significa voltar ao passado ou “velhos modos de viver em sociedade”, mas sim olhar a vida através de outras lógicas, inspirando-se no não industrial, problematizando o que é realmente necessário e essencial à vida (NAESS, 2010; 2018).

Naess (2010), na construção de seu pensamento ontológico, parte de sistematizações inspiradas no modo ecossistêmico da vida. Segundo o autor, sistematizar informações é necessário para pesquisar, sendo pedagogicamente, eticamente e politicamente importante realizar tal tarefa. A sistematização auxilia na criação de guias concretos para a ação. Ao sistematizar, é preciso flexibilidade, pois os sistemas podem conter funções especiais, adaptadas às diferentes realidades. Modificações podem ocorrer sempre que necessário através de reinterpretações, ou seja, não se trata de criar estruturas engessadas, mas sim capazes de oferecer “firmeza” teórica e prática para o agir humano individual e coletivo (NAESS, 2010).

Os sistemas criados por Naess (2010; 2018) partem de normas e hipóteses. É

necessário que a interconexão entre estes elementos seja articulada para que exista a possibilidade de discussões racionais. Para ele, norma é aquilo que guia a ação e deve ser posto em prática, enquanto a hipótese é o pano de fundo, o pressuposto que torna válida ou não a norma. Desta forma, ao se trabalhar com visões ontológicas, é preciso entender que o crescimento do pluralismo ocorrerá e precisará ser reorganizado, pois nenhuma norma ou hipótese está fossilizada na natureza. A criatividade que engendra a experiência de viver é uma potência a ser exercitada como forma de ampliação e reconfiguração dos diferentes sistemas.

A visão de criação sistemática de Naess (2010) não busca focar na relação subjetiva-objetiva com a natureza, visto que o autor concede peso especial à espontaneidade da observação e da experiência livre em meio aos espaços naturais. Sendo assim, é preciso reconhecer-se como meio. A observação e a experiência livre, permitem a identificação da natureza humana, o que consiste em ver a poesia do mundo, lembrando que o poeta é o poema, assim como o poema também é o poeta. Ou seja, conforme os afetos e as afetações vão sendo construídos, o sistema vai sendo reelaborado. A espontaneidade pode ser vista como o “óleo que azeita” ou a peça nova que se acopla às engrenagens dos sistemas, incorporando novas funcionalidades a partir do já existente (NAESS, 2010; 2018).

Na criação de seus próprios sistemas de pensamento e ação, Naess (2010; 2018), busca inspiração em Gandhi e Spinoza. De Gandhi, o uso da não-violência nos conflitos, a busca pela desmilitarização das instituições, assim como o diálogo com seu opositor são propostas latentes. Para que a não-violência se efetive, a educação colaborativa e a comunicação aberta, sincera e respeitosa entre campos opostos precisa ser exercitada. Usar desta “tática” não significa ser inativo, mas sim usar estratégias não agressivas, como, por exemplo, o boicote a empresas, a recusa de cooperação, a desobediência social, etc. Além disso, evitar a invasão ou o ataque pessoal e dificultar tendências de priorização da sua visão de mundo para com a dos outros são passos importantes do pensamento gandhiano explorados por Naess (2010).

Spinoza influencia Naess (2010; 2018) servindo de inspiração para o movimento da Ecologia Profunda. Este movimento parte de uma visão total, que busca uma orientação geral para situações concretas, sem ser uma filosofia acadêmica ou academicista, construída pela multiplicidade (inclusive poética). O que sustenta a Ecologia Profunda, em sua relação com Spinoza, é a ideia de premissas filosóficas

e/ou religiosas que colocam a vida com um valor intrínseco. Tal viés pressupõe que a apreciação com valores profundos de respeito à natureza, entendendo-a como o todo que compõe a vida no planeta (os humanos fazem parte dela), ligam-se ao monoísmo spinoziano.

Para Naess (2010), filosofia e religião “jogam” no campo do ativismo e continuarão jogando. No movimento da Ecologia Profunda ou na ecosofia, a atividade deve ser direcionada para as atitudes que dão significado à vida e a natureza deve ser vista como um todo. O movimento e a ação devem ser determinados pelo desejo de uma natureza livre. Dessa forma, Naess pressupõe que a mente e a natureza são “uma só”, um todo que compõe o ser. No caso da ecosofia, enquanto construção pessoal e íntima, a visão ontológica a partir do ser individual, é dinamizada através do altruísmo, das intuições, e da integração do humano com a natureza, sendo todos um só (*Gestalt*). A fonte spinoziana acaba, por assim dizer, banhando os escritos e a perspectiva de Naess (2010; 2018).

Naess (2010; 2018), referencia três movimentos importantes para a sustentabilidade: o movimento de paz; o movimento da justiça social (inclui o feminismo); e o movimento radical. Estes três movimentos são transversais em Naess e atuam a partir da Ecologia Profunda e da ecosofia.

Pode-se dizer que a viagem iniciada nesta seção mostra traços pulsantes do pensamento de Naess. Como forma de organizar o trajeto daqui em diante e apreciá-lo, primeiramente será explorada, com maior profundidade a Ecologia Profunda e depois, a viagem segue até a ecosofia.¹³

4.1.1 Ecologia Profunda

Para entender a Ecologia Profunda, é importante compreender o que vem a ser ecologia e o que pode ser conceitualizado como ecologia superficial/rasa. Segundo Naess (2018), ecologia significa o estudo científico interdisciplinar das condições vitais dos organismos em interação mútua e com o entorno orgânico e inorgânico. A partir desse entendimento, em 1972, na Conferência de Estocolmo, o autor distinguiu dois tipos de movimentos ecológicos principais: o superficial e o profundo. O movimento

¹³ Devido à grande importância dada à Ecologia Profunda e da sua ligação íntima com a ecosofia, opta-se por começar por ela, compondo assim um trajeto que parte do mais amplo para o mais específico.

ecológico superficial luta contra a poluição e o esgotamento de recursos, “preso a cientificismos técnicos, racionais e fragmentados”, muito próximo da biologia da conservação. Já o movimento ecológico profundo é uma imagem de campo total, no qual as relações estão nos agentes de modo que sem essas relações, os agentes são diferentes. Além disso, o movimento profundo prega um igualitarismo biosférico, não ignorando as demandas já levantadas pelo movimento superficial, mas indo além, buscando profundidade na análise e na ação (ROTHENBERG, 2010).

A primeira proposta levantada por Naess, em 1972, para o movimento ecológico profundo trouxe os seguintes pontos:

“1. Rechazo de la imagen de “el-hombre-en-el ambiente” a favor de la imagen relacional, de campo total; 2. Igualitarismo biosférico – en principio -; 3. Principios de diversidad y simbiosis; 4. Postura anti-clasista; 5. Lucha contra la polución y el agotamiento de los recursos; 6. Complejidad, no complicación; 7. Atutonomía local y des-centralización” (NAESS, 2018, p. 22).¹⁴

Embora fosse uma espécie de ensaio de plataforma para a Ecologia Profunda construída posteriormente, é possível observar que já se faz presente uma abordagem ontológica-relacional, superando-se algumas dicotomias modernas. Sua gênese se funda em uma visão que concebe um igualitarismo biocêntrico, uma ação plural e pulverizada, tanto para a preservação dos recursos quanto para a autonomia local de pensar, agir e ser em sua comunidade (ROTHENBERG, 2010; BUGALLO, 2018; NAESS, 2010; 2018).

Após 1972, Naess vai atualizando sua plataforma ecológica profunda, suprimindo a necessidade de uma visão relacional totalizadora e não discriminando as metafísicas dualistas ou pluralistas. Desaparece também a exigência de sempre existir uma autonomia local e descentralizada, podendo assim captar uma gama maior de estilos sociais. A exigência anticlassista foi deixada de lado por não ser um tema estritamente ecológico e a ideia de que a vida tem valor intrínseco em si mesma ganha papel relevante (BUGALLO, 2018; NAESS, 2010; 2018).

Observa-se que a plataforma da ecológica profunda proposta por Arne Naess possui um caráter modificável, provisório e aberto às futuras propostas e mudanças, com o objetivo de angariar simpatizantes das mais diversas linhas.¹⁵ A proposta mais

¹⁴ Tradução do autor: "1. Rejeição da imagem do “homem-no-ambiente” em favor da imagem relacional, de campo total; 2. Igualitarismo biosférico - em princípio -; 3. Princípios de diversidade e simbiose; 4. Postura anticlasse/anticlassista; 5. Combate à poluição e ao esgotamento dos recursos; 6. Complexidade, não complicação; 7. Autonomia local e descentralização” (NAESS, 2018, p. 22).

¹⁵ Na obra Ecologia, Comunidad y estilo de vida (2018) estão disponíveis duas propostas, uma de

recente feita por Naess (2018) para o movimento ecológico profundo traz os seguintes elementos:

1) O florescimento da vida humana e não humana na Terra tem valor intrínseco, independentemente da utilidade que os humanos dão a ela. Ao invés de se falar em uma biosfera, é mais potente transitar pela ideia de uma ecosfera, fazendo referência à proposta de colocar junto os seres vivos e aqueles que os biólogos classificam como não vivos (rios, paisagens, ecossistemas, etc.). Enfim, a “terra vivente” possui valor intrínseco.

2) A riqueza e a diversidade da vida são valiosas em si mesmas e contribuem para o florescimento da vida humana e não humana na Terra.

3) Os humanos têm o direito de reduzir a riqueza e a diversidade da vida na Terra somente para satisfazer suas necessidades vitais. Ou seja, o ser humano necessita consumir, mas torna-se essencial compreender a diferença entre um meio de satisfação da necessidade e a necessidade mesma, afastando-se assim do consumismo.

4) A interferência atual no mundo não humano precisa diminuir, pois no momento ela é excessiva e está piorando rapidamente. O problema coloca-se então no tamanho da interferência humana no meio, sendo importante aumentar as áreas selvagens e de preservação.

5) O florescimento da vida humana e das culturas é compatível com o decrescimento substancial da população humana. O florescimento da vida humana não humana depende desse decrescimento.

6) Uma mudança verdadeira nas condições de vida para melhor, requer uma mudança política, que afete as estruturas econômicas, tecnológicas e ideológicas básicas. O crescimento econômico é incompatível com as condições de equilíbrio ecossistêmico do planeta. Dessa forma, é pertinente pensar globalmente e agir localmente, ter autodeterminação e gerar processos de fortalecimento da comunidade local, pois estes são pontos-chave para implementações de mudanças profundas.

7) A mudança ideológica passa pela apreciação da qualidade de vida, através de situações de valor intrínseco, mais do que tentar um alto nível de vida, vinculado ao consumo.

Rothenberg (1987) e outra da Shumacher College, da Inglaterra. Observa-se então que, seja de forma individual ou coletiva, as propostas viáveis para a ecologia profunda são diversas.

8) Aqueles que se identificam com os pontos prévios possuem a obrigação de participar diretamente ou indiretamente do movimento ecológico profundo, na intenção de aplicar as mudanças necessárias no mundo. Há um espaço amplo para diferentes opiniões acerca das prioridades. Opiniões divergentes entre o que vem primeiro ou depois, ou então ao que é mais urgente, não devem excluir cooperações vigorosas.

Os princípios da Ecologia Profunda formam uma composição polifônica em uma sinfonia complexa. Vale dizer que, como qualquer composição, releituras podem ocorrer, conforme Naess (2010) sugere. Para ele, a criação de um programa base faz a diferenciação do movimento da Ecologia Profunda dentro dos movimentos alternativos, o que não impede que ele coopere com os outros grupos. A diversidade, já presente em sua genética, é potência a ser exercitada (NAESS, 2010; 2018).

Um ponto central que interliga as diferentes plataformas de Ecologia Profunda é que quem se identifica com os pontos levantados têm a obrigação de implementar as mudanças necessárias, ou seja, assume um compromisso. Os partidários deste movimento tendem a estar do mesmo lado, mas nem sempre as perspectivas são as mesmas e os objetivos e métodos comuns e/ou replicáveis, o que celebra a diversidade enquanto possibilidade de prática comunitária e social (NAESS, 2010).

As diferenciações nas visões de mundo de indivíduos e comunidades geram possibilidades férteis para a germinação de diferentes *gestalts*, o que dinamiza a diversidade nos processos de habitar o mundo, afinal, cada um constrói seu próprio universo de entendimento. Se as visões são diferentes e múltiplas, interligar práticas no movimento ecológico profundo, auxilia na construção de um sistema pulsante e vivo. Sendo assim, misturam-se teorias, pedagogias, éticas e políticas na construção deste movimento, a fim de torná-lo significativo e significativo para quem dele participa nos diferentes espaços (NAESS, 2010; 2018).

A Ecologia Profunda se preocupa com o sofrimento humano e busca a redução das desigualdades, mas não se coloca como antropocêntrica. Ela visa a experiência espontânea, ou como a filosofia delimita, valoriza a “fenomenologia”. Atenta, desta forma, aos propósitos, às metas e às normas fundamentais. Pode-se dizer que se coloca tanto como um guia abstrato de caráter filosófico, quanto um meio para tomar decisões e ações concretas nos conflitos ambientais (NAESS, 2018). Dessa forma, é possível inferir que ela entende que o ser humano é compositor do meio, indissociavelmente maestro, musicista e música das “sinfonias ambientais” .

O movimento ecológico profundo busca superar três elementos e práticas que

estão causando autodestruição: guerras, exploração e supressão de humanos e exploração e degradação de não humanos. Assim, o movimento se insere nas diferentes instituições, buscando diálogos transculturais, ecumênicos, filosóficos e práticos (NAESS, 2010). O que interliga toda essa diversidade? O fato de se buscar a eco-relacionalidade harmoniosa nas comunidades, nos países e em Gaia.

A pluralidade e mobilidade são valorizadas por Naess (2010), como ele mesmo afirmou: “I see the deep ecology movement and its supporters as part of a total view that comprises many levels and many ultimate philosophies and diverse practices in close contact with each other [...]” (NAESS, 2010, p. 114)¹⁶. Dessa forma, a alegria, a criatividade e a experiência sensível são práticas possíveis para dinamizar a construção do movimento. Para que isso ocorra, é potente vivenciar o próprio corpo, as emoções e as sensações que atravessam o ser, pois assim as premissas ecocêntricas se moldam e atuam próximas de sua plenitude (NAESS, 2010).

A plataforma é essencial, porém, Arne dá uma atenção especial também ao agente que participa do movimento. Segundo o autor, é preciso viver de forma simples, praticar o anticonsumismo, apreciar as emoções e as diferenças étnicas e culturais, buscando riqueza nas experiências de convivência na comunidade e na satisfação das necessidades vitais, protegendo as diferentes formas de vida nos mais diferentes ecossistemas (NAESS, 2010).

Os elementos individuais transformam o movimento coletivo e, nesse sentido, a ecosofia ganha tração, ao ser colocada como propulsora de práxis pessoais, intimamente interligadas e retroalimentadas pela Ecologia Profunda. Não se trata aqui de uma relação de domínio ou de supremacia do movimento ecológico profundo, mas sim de searas distintas de atuação que se retroalimentam, sendo a ecosofia o que envolve o universo pessoal, íntimo, microcósmico. O subcapítulo a seguir busca explorar a ecosofia no universo de Naess.

4.1.2 Ecosofia em Naess

A ecosofia de Naess surge a partir de 1969, ainda não sistematizada, mas

¹⁶ Tradução livre do autor: “Eu vejo o movimento da ecologia profunda e seus apoiadores como parte de uma visão total que compreende muitos níveis e muitas filosofias definitivas e diversas práticas em contato umas com as outras”.

“buscando” conceitos importantes em sua vida, como a diversidade, a não violência, a ecumenidade, o igualitarismo, a austeridade e a fortaleza. Nesse contexto, o diálogo não violento e inter-religioso, o biocentrismo, a vida rica em conquistas de valor intrínseco e a luta a favor da integridade do ambiente, da diversidade cultural e dos estilos de vida ambientalmente compatíveis entram em jogo. Tudo isto está em linha com a Ecologia Profunda (NAESS, 2010; 2018).

A palavra ecosofia é formada pelo prefixo *eco*, o qual se encontra em economia e ecologia, mas que traz em si a ideia de *oikos*, ou seja, casa. A terminação *sofía*, que significa compreensão e/ou sabedoria, completa a expressão conceitual e, dessa forma, unem-se a palavra casa e sabedoria. Uma ecosofia, portanto, provém de uma cosmovisão filosófica ou de um sistema inspirado pelas condições que se vive, uma sabedoria a ser tecida para e com a casa que, no caso humano, é o planeta Terra e todos ecossistemas (NAESS, 2010; 2018).

Segundo Naess (2010), a ecosofia é o modo como a pessoa vive, filosoficamente e totalmente em harmonia ecológica. A perspectiva ecosófica dialoga com a *Gestalt*, a qual pode se caracterizar como uma visão total, baseada em nuances de sentimentos, pensamentos e experiências. Dessa forma, “[...] ecosophies are not platforms for a political movement or policies, but are personal philosophies of life in a worldview”¹⁷ (p. 33).

Naess (2018), propõe uma distinção essencial entre ecofilosofia e ecosofia. Para o autor, a ecofilosofia é um campo de estudo, uma forma de refletir sobre os problemas comuns à filosofia e à ecologia. Quando as questões filosóficas e ecológicas se aplicam a nós mesmos e à natureza, chamamos a filosofia de ecosofia, ou seja, ela é uma filosofia que concerne ao ser, não a um campo de estudos.

No desenvolvimento de situações práticas é que são aplicadas as ecosofias. Enquanto filosofia “própria”, ela guia as reflexões e ações humanas para e com o meio habitado. Isso não significa que ela necessariamente é uma criação totalmente original e inédita, pois pode se inspirar em diferentes autores, correntes de pensamento, religiões, tradições filosóficas e outros universos de referência (NAESS, 2010; 2018). Pode-se dizer que a ecosofia é uma tessitura que o ser faz do que o rodeia, dos cosmos no qual habita e, assim como a vida, ela pode mudar.

¹⁷ Tradução do autor: Ecosofias não são plataformas para um movimento político ou para políticas, mas são filosofias pessoais de vida em uma visão de mundo.

A ecosofia é uma cosmovisão, porém, intenta-se dar a ela uma expressão sistemática. A ideia central é que o ser é responsável pelas suas ações frente a motivações e premissas relativas a qualquer questão que possa ser perguntada. Tais motivações e premissas compõem uma filosofia de vida, a qual engajada ao eco, torna-se ecosofia (NAESS, 2018).

Naess ressalta que é preciso ter cuidado com os ecologismos cientificistas e racionalistas. Não se trata de negá-los ou jamais “beber em suas fontes”, mas entender que a ecosofia, enquanto portadora de princípios e motivações para atuar, faz com que a ecologia ganhe tração e potência para se estabelecer de forma reflexiva, sensível e complexa (NAESS, 2010; 2018).

A ontologia é posta em debate por Naess na construção de sua ecosofia, pois a diferença entre “ver o bosque” como um conjunto de relações (como um conservacionista vê), ou então como um “conglomerado de árvores” (como um desenvolvimentista vê), é mais ontológica do que ética. É a forma como se encara a realidade que muda, por isso, torna-se pertinente na filosofia do ambientalismo e na própria ecosofia “mover-se da ética para a ontologia e depois voltar”. Olhar as ontologias pode clarificar políticas diferentes e suas bases éticas nas construções ecosóficas (NAESS, 2018).

Para compreender ontologicamente o meio, é necessário sensibilizar-se para as qualidades, entender que tudo flui e que as relações de interdependência são diretas e persistentes, ao mesmo tempo que mutantes e transitórias. É uma forma de conceber uma “sabedoria da casa” atenta às qualidades primárias (tamanho, forma, movimento), secundárias (cor, temperatura, gosto, etc.) e terciárias (força, praticidade, beleza, etc.). Desta forma, a ecosofia atua através do relacionismo, ou seja, parte da ideia de que algo possui diversas características que são, ao mesmo tempo, interligadas complexamente na teia que compõe a vida e o viver (NAESS, 2018).

O organismo é formado por interações e, dessa forma, ele e seu entorno não são duas coisas. Não existem objetos completamente separados. Nenhuma parte da experiência está realmente isolada. Tal ideia parte das *gestalts* enquanto percepção da unidade com vários elementos. A matéria, a emoção e a razão se misturam no que é experimentado espontaneamente no todo indivisível (“*Gestáltico*”). As relações de construções ecosóficas valorizam os sentimentos, buscando aprofundá-los e clarificá-los, abrindo espaço para diferentes espectros transitarem pelo saber de e sobre Gaia (NAESS, 2018).

Segundo Naess (2018), na ecosofia, diferentemente da filosofia acadêmica, as decisões contam mais do que as generalidades. Ver as relações, as intensidades e os fluxos é essencial para compreender ontologicamente o ambiente. Ao sugerir uma forma de construir uma ecosofia, o autor coloca-a como exercício de sistematização, o que, por sua vez, é uma tentativa de criar uma normativa. Tal sistema pressupõe três características fundamentais:

1) Um sistema normativo (ético, por exemplo), não consiste só em normas, mas também em enunciados não-normativas;

2) As normas derivam, em geral, de outras normas ou hipóteses, sendo assim, as opiniões sobre o que se deve ou não fazer dependem das hipóteses traçadas. Ou seja, as normas dependem das crenças sobre as relações de interdependência da biosfera.

3) Para aceitar as normas é preciso ter em mente as hipóteses que levam até essas normas, aceitando-as primeiramente para depois dar a norma como norma.

Na metodologia de Naess (2010; 2018), sempre quando se tem uma norma é necessário questionar-se: quais são as hipóteses relevantes para a adoção dessa norma? Então, ao pensar estilos de vida pessoais, sociais e ecologicamente mais responsáveis e harmoniosos, não é possível se desvincular da cosmovisão própria de cada ser.

Sobre as normas, existem dois tipos: a genuína, que tem validade independentemente das relações de metas e fins (possui valor intrínseco), e a instrumental, que serve como base apenas para execução de outra norma. Nenhuma norma é aplicável absoluta ou maximamente, pois todas elas estão interligadas entre si e partem das hipóteses sobre a realidade. Ou seja, todo esse sistema pressupõe, quando necessário e desejável, movimento, mutação, evolução (NAESS, 2018).

Na sistematização é preciso elencar os princípios e ligá-los às decisões práticas, principalmente no sentido ecológico. O ecósofo (aquele que faz ecosofia) precisa refletir em completude e também explicitar o que realmente quer, não como uma questão pessoal, mas sim como uma perspectiva social e ecosférica. Dessa forma, é preciso que, na construção ecosófica, se entenda o humano como uma conjuntura em um sistema relacional sem limites determinados no tempo e no espaço, convivente com outros humanos, animais, plantas e ecossistemas. Nesse sentido, nossos enunciados referidos a qualidades e coisas, frações e “todo” não podem ser mais precisos se não realizarmos uma transição ao campo e ao pensamento

relacional (NAESS, 2018).

No jogo entre o individual e o coletivo da ecosofia e da Ecologia Profunda¹⁸, Naess (2018) coloca em relação áreas que possuem no diálogo e nas reinvenções relacionais convergências essenciais. As áreas elencadas pelo autor são as seguintes: a) Tecnologia; b) Economia; c) Política¹⁹. A seguir, realizam-se pequenos “passeios” nestas áreas, buscando assim explorar profundidades ecosóficas possíveis através do diálogo de saberes.

a) Tecnologia

A inovação técnica e tecnológica faz parte da natureza humana, que é criativa. Porém, é preciso reinventar as relações com estas searas, repensando usos sociais e culturais. A tecnocracia não é capaz de responder aos desafios contemporâneos e, por isso, pensar as eco-relações entre humano, meio e tecnologia é essencial para resolver problemas socioambientais vivenciados (NAESS, 2018).

Ao tomar como base a ecosofia, a tecnologia avançada é aquela que faz avançar os objetivos básicos de cada cultura, levando os grupos humanos a “pisarem ligeiramente” sobre a terra, sem muito impacto ou sem deixar muitas pegadas. Pode-se usar as tecnologias de massa disponíveis (Alpha) e as pequenas e descentralizadas (Beta) para mudar o modo como se produz, como se consome, como se relacionam humanos e não humanos, enfim, o modo como se vive. Por exemplo, a tecnologia Alpha sugere o agronegócio, enquanto a Beta, direciona-se à produção local, orgânica e coletiva. Mudar de uma para a outra exige alterações profundas nos modos de produção e consumo (NAESS, 2018).

Segundo Naess (2018), adentrar “o dominante” e realizar pequenas mudanças é potente. Neste sentido, as tecnologias fornecem possibilidades múltiplas, principalmente as “betas”, que dialogam com reinvenções tanto produtivas quanto de consumo. Não se trata de transferir a tecnologia dos países ocidentais e industriais

¹⁸ Optou-se por trazer estes elementos no subcapítulo da ecosofia, a fim de interligar ela à Ecologia Profunda, diferenciando os níveis de atuação e também como forma de mostrar o que estrutura a ecosofia T, que vem a ser a ecosofia singular de Naess, explorada no próximo subcapítulo.

¹⁹ Naess (2010; 2018) opera seu pensamento nesses tópicos interligando ecosofia e Ecologia Profunda, pois individual e coletivo tecem relações complexas com estes temas. Como forma de organizar o pensamento e a escrita desta tese, optou-se por deixá-los no tópico “ecosofia” visto que eles são essenciais na concepção da Ecosofia T, proposta por Naess mais adiante.

para os países do “terceiro mundo”²⁰, pois isso já está causando erosões culturais, alienações intelectuais e problemas ambientais trágicos e dramáticos. É preciso readaptar as tecnologias conhecidas para fazer florescer novos jeitos de viver em comunidade, atuando no micro, a fim de alterar o macro, buscando o que é “beta” e suas influências.

A tecnologia encontra-se intimamente relacionada com instituições sociais (ciência, governo centralizado, escola, etc.) e, por isso, a mudança na tecnologia significa mudança na cultura. O desenvolvimento tecnológico é muitas vezes julgado pelos estados industriais e pensado no consumo de massa, servindo, em grande medida, ao *status quo*. A avaliação ecosófica sobre as técnicas e tecnologias, baseia-se na satisfação das necessidades vitais das comunidades locais, não desprezando a tecnologia ou a indústria “tradicional”, mas buscando maior autonomia, independência e autossuficiência em quem se vale do aparato técnico e tecnológico na busca de bem-estar e qualidade de vida (NAESS, 2010; 2018).

As potências tecnológicas para a ecosofia são várias e possibilitam reinvenções das relações individuais, sociais e ambientais. Inovação tecnológica é importante, mas a economia também precisa mudar, o que pode vir pelas tecnologias *betas* e por novos modos de produzir, consumir e de enxergar as relações econômicas, como se explora no próximo tópico.

b) Economia

Para Naess (2018), o que faz com que a crise ecológica seja extremamente séria é a ideologia produtiva antiecológica profundamente consumista. Segundo o autor, economia deriva de *oikonomos*, aquele que se ocupa da casa, uma tarefa normativa. Dessa forma, é essencial que a ecosofia e o movimento da Ecologia Profunda se ocupem de estudar a economia e, sempre que possível, participem das tomadas de decisão sobre esse eixo.

A visão economicista, que sobrepõe a economia a tudo e todos, enxerga o crescimento econômico e o Produto Interno Bruto (PIB) como os pontos cardeais a serem seguidos como orientadores da vida. Tal visão reducionista precisa ser

²⁰ Esta dominação foi muito utilizada (embora ainda se utilize) até o final do século XX para elencar as regiões do globo consideradas subdesenvolvidas.

revisada, tendo em vista que o PIB favorece demandas e não necessidades, o que vai contra a proposta ecosófica. Esta crença favorece a natureza ilimitada dos desejos e, conseqüentemente, alimenta a expansão dos mercados (NAESS, 2018).

A consideração central de Naess (2018) é que qualquer progresso econômico, no geral, pressupõe um conjunto de normas ou valores e alguns deles são bem básicos. Um exemplo é a caracterização do bem-estar, que para o autor deve ser entendido como a satisfação de necessidades dos membros da comunidade. Buscar qualidade de vida e bem-estar é entender como as pessoas se sentem, do que precisam, para então, ao invés de demandas, trabalhar com necessidades ambientais, subjetivas, sociais e culturais.

A natureza não possui um preço, tampouco cabe em algum sistema monetário. Dados científicos e quantitativos não devem atuar como os únicos subsídios para o tratamento da economia em suas relações epistemológicas e práticas com a natureza. Fica evidente a necessidade de conhecer diferentes práticas econômicas (mesmo as que são criticadas) e alterar padrões de consumo e de produção. Ao aproximar os movimentos ambientalistas e seus membros dos debates econômicos, um importante intercâmbio relacional é tecido e as mudanças podem ocorrer verdadeiramente (NAESS, 2010; 2018).

Fortalecer as trocas comunitárias e a satisfação de necessidades em busca de um bem-estar individual e coletivo, colocam-se como algo a ser seguido pela economia. Inovações tecnológicas e no terreno da economia colocam-se como demandas pungentes, mas incapazes de sozinhas darem conta da problemática ambiental, conforme afirma Naess (2010; 2018). Sendo assim, entra em cena a política, um terreno a ser explorado, reconstruído e ressignificado.

c) Política

Segundo Naess (2018), a ecosofia e o movimento ecológico não podem evitar a política e nem precisam dela distanciar-se. Suas inserções no mundo político, seja institucionalizado ou não, tem muito a ganhar através da análise dos focos de poder e como as estruturas estão organizadas, buscando encontrar meios e espaços de colaboração e cooperação. A menos que as ideias sejam levadas à ação através da política, mudanças drásticas ou maiores não ocorrerão, afinal, toda decisão política possui relevância para a natureza.

A ecopolítica possui um amplo leque de possibilidades, mas Naess (2018) enumera alguns temas que podem ser expandidos, pensando sempre a relação de uma pessoa/nação/instituição ou grupo e qualquer uma destas temáticas, sendo elas: a) Políticas de contaminação do ambiente humano; b) Políticas de contaminação de habitats de outras formas de vida; c) Políticas de recursos para os humanos; d) Políticas de recursos para formas de vida não humanas; e) Políticas da população humana; f) Políticas de população não humana.

Os temas ecopolíticos possuem grande força, principalmente se geram tensões entre perspectivas de longo prazo com as de curto prazo. Tais perspectivas precisam englobar a índole local interligada com as regionais, nacionais e globais, além de questionar o desrespeito aos direitos humanos, combater a desigualdade social e a destruição de ecossistemas. Colocar em discussão essas perspectivas já torna capaz a produção de debates ecológicos profundos (NAESS, 2018).

As diferentes contaminações já são debatidas, mas o desafio de que todos os seres vivos e ecossistemas sejam respeitados ainda carece de resolução. As questões que envolvem recursos escassos e apropriações indevidas também colocam-se em pauta, sendo cada vez mais importante o fortalecimento do local/comunitário sem esquecer o global. Nesse contexto, construir formas de diminuir a população humana, valorizar a diversidade étnica e cultural e conceber espaços para humanos e não humanos nos diferentes ecossistemas é uma demanda urgente (NAESS, 2018).

A política, para Naess (2010; 2018), possui uma importância central. Ela tangencia auto realização, autodeterminação, autossuficiência e educação. Torna-se então evidente que a política é um campo polivalente, aberto e repleto de possibilidades disruptivas, tanto para o indivíduo quanto para a comunidade.

Segundo Naess (2018), a autorrealização pode ser entendida como a realização das necessidades vitais e a construção do bem-estar do indivíduo e do grupo no qual se insere. Para que ela se efetive, é importante que exista a autodeterminação, ou seja, uma capacidade de realizar as potencialidades dos seres. Neste sentido, autodeterminação não significa “egolatria”, mas sim a afirmação de que o poder de decisão não tenha sofrido coerção por conta de algum centro de poder distante e/ou centralizado. Quanto maior a descentralização, mais fácil a autodeterminação.

A autorrealização, influencia na autodeterminação que, por sua vez, pode

desencadear a autossuficiência, principalmente em nível local. A autossuficiência local gera menos danos ao meio ambiente, fortalece a produção e o consumo através das tecnologias *betas* e gera vínculos profundos entre os diferentes membros de uma comunidade. Quando a autossuficiência não for plenamente viável, é importante que se tente uma comunicação intercultural e entre comunidades na busca de superação dos desafios comunitários. Alcançar a autossuficiência exige trabalho duro, sendo possível somente em uma comunidade coerente, local, lógica e natural (NAESS, 2018). Observa-se que a ecosofia e a Ecologia Profunda interligam o individual e o local, dando atenção especial à comunidade e seu pleno desenvolvimento ecosófico.

Naess (2018) elenca algumas necessidades a serem sanadas para que a comunidade alcance níveis de autossuficiência, autorrealização (individual e comum) e autodeterminação. São eles: a) Os membros conseguem se conhecer e a população mantém-se em um nível relativamente constante; b) As decisões em áreas que afetam todos os membros são tomadas através da comunicação direta (democracia direta); c) A cordialidade é utilizada para contrapor comportamentos antissociais; d) As formas e os meios de produção se relacionam de maneira mais firme com a produção primária e então aproxima-se da autossuficiência; e) A tecnologia é essencialmente “leve” e advém de materiais próximos; f) A cultura e o entretenimento possuem “cores locais” e se aplicam ao trabalho; g) A escolarização foca nas necessidades locais e a educação formal e artística estão presentes; h) As diferenças de oportunidades e de riqueza são pequenas; i) A extensão geográfica é pequena, a fim de que possa ser percorrida de bicicleta ou através de algum meio “menos poluente”; j) Hospitais e instituições internacionais, nacionais ou regionais convivem com essas comunidades, para que a sociedade mais ampla esteja amparada.

Naess (2018), em suas concepções, coloca em jogo o local e o global, entendendo que centralização demasiada gera cultura de massa e padronização, o que desencanta a vida, pois esta cobra criatividade e diversidade para existir e se expandir. A cooperação e a ajuda mútua entre governos, organizações, sociedades e comunidades são importantes nos movimentos políticos. A utilização de diferentes táticas, espaços, técnicas e tecnologias pode ampliar espaços, fugindo muitas vezes do panorama político tradicional e reinventando modos de ser e fazer política. Desta forma, evidencia-se que falar de política sob o ponto de vista da Ecologia Profunda e da ecosofia pode ser revolucionário, mas os passos a serem dados são reformistas.

Segundo Naess (2018), nem socialismo, nem comunismo são soluções para a

problemática socioambiental. Burocratização e forte centralização são temas de críticas ásperas feitas pelo autor, que propõe que, em linha geral, os ecósofos e os ecologistas profundos se movam mais em direção a um anarquismo não violento do que a um dos sistemas já citados. Pode-se dizer que as utopias das “sociedades verdes” apontam para uma democracia com controle local dos meios de produção, entendendo-a como melhor método para alcançar os objetivos da Ecologia Profunda e da ecosofia.

A educação é colocada transversalmente no debate ecosófico, sendo uma educação “verde”, inserida dentro do panorama político, podendo ser formal, informal e/ou comunitária. Os ecologistas profundos, ou mesmo naturalistas no sentido romântico, devem se converter em agentes educadores centrais nas comunidades, concebendo práticas educativas em suas ecosofias. Fica evidente que tudo está conectado e o leque de atuação ecopolítica é amplo, porém, ao agir, é importante manter o foco e buscar a eficiência em um “lugar” de cada vez (NAESS, 2018).

Atuar politicamente para alcançar um futuro que possua harmonia nas relações entre humanos e natureza, apropriando-se de saberes técnicos e da política formal para gerar reformas em busca de revoluções, são passos a serem dados, tanto pelos partidos políticos “verdes” quanto por instituições, comunidades e organizações que ainda serão criadas. Um erro a ser evitado é se apegar a velhas estruturas. O ativismo plural, multifacetado, multi-referenciado e multilocalizado é um dos ativos mais valiosos para as mudanças necessárias (NAESS, 2018).

A perspectiva de Naess (2010; 2018) coloca grande importância no desenvolvimento da comunidade, necessitando ela ser perpassada ecosoficamente pelos princípios de reciprocidade, não violência, humildade e gratidão. Assim, criar senso de pertencimento, buscando no lugar e nas relações construídas a partir dele experiências genuínas de vida, fornece um ou vários motivos para viver. Neste sentido, a sensibilidade coloca-se como potência a ser exercitada.

Naess (2010; 2018), em suas reflexões sobre a ecosofia ainda propõe a concepção de um “eu ecológico”, profundamente imbricado nas relações comunitárias. Este eu é um ser perpassado por relações de amor, cuidado, respeito, responsabilidade e conhecimento aplicável para todos os seres em todos os sentidos. Nesta perspectiva, a ecosofia está imbricada em uma lógica, numa metodologia fetal, epistemológica, ontológica, ética, descritiva e normativa, como uma filosofia da ciência, uma filosofia sócio-política e estética geral, que compõe cada ser. A seguir, a

“próxima parada da viagem ecosófica naessiana” é a Ecosofia T, criada por ele com base em suas vivências e referências.

4.1.3 A ecosofia T

Naess (2018), em sua Ecosofia T²¹, elenca três metas supremas: prazer, felicidade e perfeição. Conforme os objetivos pessoais se alcançam, mais facilmente a qualidade de vida pessoal se desenvolve. Sendo assim, parte-se de uma abertura para diferentes concepções acerca dos objetivos e do caminho próprio que cada pessoa trilha.

A autorrealização na ecosofia T se usa para indicar um tipo de perfeição. É um processo, mas também uma meta última. O término desta ecosofia é uma autorrealização pessoal e comunitária, também sendo concebida como uma referência de desenvolvimento da realidade como uma totalidade. Assim, a norma autorrealização pressupõe que o outro, a comunidade e qualquer membro do meio, estejam realizados para que o “eu” alcance sua autorrealização. Longe de egoísmo, pressupõe-se aqui uma maturidade que condensa hipóteses sociais, psicológicas e ontológicas como forma de gerar harmonia e equilíbrio entre o ser e o meio. Este modo de pensar e ensinar conduz a mais atos benevolentes do que a leis morais (NAESS, 2010; 2018).

Nos últimos milênios, a humanidade se tornou uma espécie invasora, pioneira, individualista, agressiva e ansiosa. Neste caso, tentou-se suprimir outras espécies, o que precisa ser revisto. Rever os passos dados e buscar outros caminhos implica igualdade, alegria e desenvolvimento em pequenas comunidades, elementos essenciais da Ecosofia T e para a efetivação de autorrealização (NAESS, 2018).

Naess (2010; 2018) pressupõe, em sua ecosofia, que os câmbios se dão do interior para o exterior, mas também trabalham em conjunto. Tais câmbios não são simples, tendo em vista que o indivíduo e a sociedade encontram-se imersos em lógicas racionais modernas e fortemente influenciadas pelo capitalismo e pelo consumismo. Desta forma, a tecnologia, a política, o estilo de vida e a economia precisam de reinvenções, as quais passam por ecosofias multifacetadas e

²¹ A ecosofia T leva o nome da sua cabana na montanha de *Tvergasteis* (através das pedras).

multireferenciadas (NAESS, 2010; 2018).

A ecosofia de Naess apoia-se em duas ideias de autores essenciais, as quais são a não violência, aplicada por Gandhi, e a ideia de que a vida é fundamentalmente uma (*Gestalt*), conforme propõe Spinoza, já citadas anteriormente. A ecosofia T, assim como qualquer ecosofia pessoal, está atenta a como a pessoa reage frente a problemas ambientais contemporâneos sobre a base de uma perspectiva total (unicidade). Ela enlaça toda vida e toda natureza. Quanto mais se convive com a natureza, mais sentimentos bons são construídos, visto que o humano é parte da natureza. A fim de alcançar o equilíbrio, ele propõe que a ecosofia atue como a arte da convivência harmoniosa com o meio (NAESS, 2018).

Naess (2010; 2018) afirma que não é necessário abdicar das necessidades humanas para que outras espécies se “sobreponham”, mas a responsabilidade é grande com aqueles que vivem perto de nós, sejam humanos ou não. Se existe um conflito, é preciso colocar as necessidades periféricas dos seres humanos em tensão com as necessidades vitais de outros animais. Do contrário, há uma grande probabilidade do “*homo sapiens sapiens*” entender que sua singularidade e suas capacidades especiais justificam a dominação e o maltrato de outros seres e do meio ambiente, mas, no caso da ecosofia T, a singularidade humana é utilizada como uma premissa para um cuidado universal com outras espécies.

A autorrealização, ao pressupor a identificação com o outro e o respeito a suas demandas, cria unidade em busca de uma totalidade harmoniosa em uma comunidade. É importante frisar que a identificação com outra vida depende da cultura, do entorno e das condições econômicas. A ecosofia entende o “eu” não como um ego a ser inflado, mas sim como uma parte genuína de toda a vida. Cada ser vivo compreende um “fim em si mesmo”. Com a extensão do eu para a totalidade e a identificação com outros seres vivos e a apreciação do bem-estar, é possível tatear a ecosofia (NAESS, 2018).

A educação e a ampliação de processos de autorrealização são passos essenciais para a ecosofia, o que não significa que crimes ambientais não devam ser punidos, mas se dá preferência para caminhos positivos ao invés de punitivos. Assim, pisa-se na terra “ligeiramente”, respeitando todo tipo de vida, alterando o ambiente o mínimo possível, apreciando a paz e a tranquilidade em meio à natureza, deixando de lado a hegemonia do consumo e se apegando ao que é vital à vida (NAESS, 2018).

A felicidade, o prazer e a perfeição são construções constantes, que dialogam

com a autorrealização intimamente. O rompimento com as hegemonias, o olhar sensível e atento, assim como as relações harmoniosas, não violentas, singulares e totais do humano com o meio, são características essenciais na efetivação da autorrealização. No mapa das possibilidades, observa-se que a ecosofia se espraia, como um arquipélago que interconecta sonhos, necessidades, desejos e princípios na busca da construção de harmonias socioambientais.

Na ecosofia T é necessário tratar interdependentemente quatro campos diferentes dos fenômenos: 1) Identificação com seres vivos individualmente e dentro de situações de vida limitadas; 2) Identificação com a coletividade de seres vivos em sua essência (ecossistemas, espécies, “a vida mesmo”); 3) Juízos éticos dos seres individuais em situações específicas; 4) Juízos éticos da vida coletiva em sua essência. Estes fenômenos compõem a *Gestalt* ecosófica T e problematiza práxis adotadas até então, criando caminhos para novas práticas (NAESS, 2018). A organização sistemática na ecosofia T, encontra-se no Quadro 6²².

Quadro 6: Organização da ecosofia T.

Normas	Hipóteses
N1 ²³ : Autorrealização!	H1: Quanto maior a autorrealização alcançada, mais ampla e profunda é a identificação com os outros. H2: Quanto maior o nível de autorrealização obtida por qualquer outro, mais o seu incremento dependerá da autorealização de outros. H3: A autorrealização completa de qualquer pessoa depende da dos demais.
N2: Autorrealização para todos os seres vivos!	H4: A diversidade da vida incrementa as autorrealizações potenciais.
N3: Diversidade da vida!	H5: A complexidade da vida incrementa as autorrealizações potenciais.
N4: Complexidade.	H6: Os recursos vitais da Terra são limitados; H7: A simbiose maximiza as autorrealizações potenciais em condições de recursos limitados.
N5: Simbiose!	H8: A autossuficiência local e a cooperação aumentam a autorrealização; H9: A autonomia local aumenta as possibilidades de se manter a autossuficiência local; H10: A centralização diminui a autossuficiência e a autonomia local.

Fonte: da pesquisa com base em Naess (2010; 2018).

Todas as formulações anteriores exploram termos-chaves da filosofia social e política. Sugerem normas e hipóteses sistematizadas de forma precisa, e não

²² Optou-se por não colocar toda a ecosofia T pois ficaria demasiado extenso o quadro. A versão completa pode ser consultada no livro *Ecología, Comunidad y estilo de vida*, publicado em 2018.

²³ Cada N diz respeito à uma Norma e cada H à uma hipótese que sustenta tal norma.

pretendem nada além disso. Sendo assim, a Ecosofia T dá conta de uma parcela das relações humano-natureza, sendo ampliada ou alterada sempre que conveniente para o seu criador (NAESS, 2018).

A complexidade na ecosofia T está na interdependência entre organismos e uma série de fatores e/ou elementos. Ela chama atenção para um tipo de “dosagem” da diversidade, da complexidade e da simbiose. Exageros não são necessariamente bons em nenhum dos casos. Existem necessidades biológicas, ambientais e sociais, e elas devem ser alcançadas e saciadas, afirma Naess (2018).

Buscando tatear um apanhado geral, é possível observar que o microcosmo de relações individuais com o meio, colocadas na construção de uma ecosofia, é essencial para a existência do macrocosmo, o qual, por sua vez, influencia o micro. Por isso, as realizações devem ser qualitativamente diferentes, prezando-se pela diversidade, complexidade e simbiose nos pequenos espaços, a fim de alterar o global. A tessitura é íntima e parte de diferentes universos de referência, encontrando confluências no valor intrínseco à vida, na realização de potencialidades (individuais e grupais) e no olhar complexo e sensível para com o meio, sendo possível reinventar a ecosofia de acordo com o contexto e com as relações nele presente.

4.1.4 A complexidade de Naess: inter-relações entre Ecologia Profunda e ecosofia

A política, a economia e a tecnologia são eixos transversais para Naess (2010; 2018), que perpassam a ecosofia e a ecologia profunda. Além disso, em suas concepções, o autor busca valorizar a emoção no pensamento e a experiência espontânea da realidade e como essas searas conduzem as habilidades de uma personalidade humana integrada e madura sobre a perspectiva total. Dessa forma, pode-se dizer que o autor entende a ecosofia como uma perspectiva total, inspirada pela ciência ecológica e pelas atividades do movimento ecológico profundo. A Ecologia Profunda e a ecosofia se entrelaçam com concepções que fogem ao domínio do científico e incluem princípios, normas, valores, crenças e concepções diversas.

Segundo Naess (2018), é preciso anunciar suas prioridades valorativas com firmeza. As normas e valores devem ser contrastados uma e outra vez, mediante sua prática e não sobre uma filosofia explícita que justifique o paradigma dominante. Sendo assim, as normas precisam estar abertas a revisitações.

Ecosofia e Ecologia Profunda retroalimentam-se. Tecem prioridades e caminhos reflexivos plurais para a ação, tanto do indivíduo quanto da comunidade. Os níveis podem ser diferentes, mas as interinfluências são constantes. Enquanto a Ecosofia busca criar uma visão total e sistematizada da ação do “eu”, a Ecologia Profunda trabalha com princípios gerais para o movimento social e político. No jogo entre uma e outra, ambas avançam suas peças em direções confluentes e possuem o mesmo objetivo central: rever as ações para com o meio através de uma visão eco-relacional e sábia sobre nossa casa, Gaia. (NAESS, 2010; 2018).

Como esforço de sistematizar as ideias centrais de Naess no que tange à ecosofia, o esquema 1 busca tornar mais pulsante e pungente o que se encontrou nos caminhos percorridos até aqui.

Esquema 1: Pulsações “Naessianas”.



Fonte: da pesquisa, com base em Naess (2010; 2018).

O esquema 1 sistematiza elementos essenciais do pensamento de Arne Naess, tateando sua complexidade, mas sabendo da sua incompletude. Viajar pelas ideias ecosóficas demonstra que tanto o caminho quanto o caminhante são guiados pelo cuidado com o todo, com o planeta. Observar os percalços e as belezas da paisagem ao caminhar torna o percurso integrado.

A ecosofia “naessiana” coloca-se como uma sabedoria comum, da casa,

integrada aos fluxos da vida, ao mesmo tempo que sistematiza elementos na tentativa de organizar a práxis do “eu ecológico”. Compositora de destinos, esta ecosofia é pessoal, singular, própria e diversa, baseada em diferentes referências para construir seu sistema. O que pulsa é o que cria e faz pulsar e, neste sentido, Naess usa a pulsação própria como forma de ser e constituir a sua ecosofia e o seu eu “ecósofo”.

Após viajar pelos universos constitutivos da ecosofia “naessiana”, é hora de trilhar outro percurso, passando-se para o pensamento de Félix Guattari, compositor da próxima estação. Seguimos, caro leitor!

4.2 Estação 2: Guattari e os registros ecológicos

Este subcapítulo busca sistematizar, sem enquadrar ou normatizar, o pensamento de Félix Guattari sobre a ecosofia. Assim como o autor nos provoca a fazer, o trânsito e as idas e vindas do pensar serão exercitados com lógicas próprias, traços singulares e caminhos únicos de concepção.

Félix Guattari foi um pensador e militante que atuava através de reflexões teóricas, da prática clínica e do ativismo político. Atuou como protagonista do movimento internacional da Reforma Psiquiátrica e “navegou” pela militância trotskista, pela experiência clínica em *La Borde* e pela psicanálise. Produziu obras e conceitos diversos, sozinho e na companhia de Gilles Deleuze. O autor deixou citações e textos variados sobre a ecosofia, contudo, suas contribuições se encerraram em 1992, quando veio a falecer (NAUDAD, 2005).

A ecosofia proposta por Guattari (1990; 2015) leva em conta três registros ecológicos: a subjetividade humana, as relações sociais e o meio ambiente. Segundo o autor, a crise ecológica cobra respostas em escala planetária, com verdadeiras revoluções no campo político, social e cultural, solicitando novas orientações dos objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Sensibilidade, inteligência, transformação e desejo estão “em e no jogo”. Nesse sentido, é na articulação entre “[...] a subjetividade em estado nascente, do *socius* em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das crises maiores de nossa época” (GUATTARI, 1990, p. 55). A partir destas três ecologias, torna-se pertinente observar causas e possibilidades a serem exercitadas nos diferentes registros.

A contemporaneidade evidencia que as oposições dualistas tradicionais estão

chegando ao fim. Conflitos permanecem, mas a diferença é que engajam sistemas multipolares, diversos e descentrados. Ocorrem rupturas, multiplicam-se os antagonismos e os processos de singularização tornam-se cada vez mais latentes. Esse pano de fundo traz em seu bojo a problemática socioambiental, que cobra articulação entre diferentes registros ecológicos, fazendo emergir a ecosofia (GUATTARI, 1990).

Segundo Guattari (1990), a televisão e a era midiática, destilam discursos sedativos, sendo conveniente, daqui para frente, “[...] apreender o mundo através dos três vasos comunicantes que constituem nossos três pontos de vista ecológicos” (p. 24). Tais pontos são importantes pois o Capitalismo Mundial Integrado (CMI), traduzido pelo sistema produtivo-econômico-subjetivo pós-industrial, produzido pelo capital, exacerba a produção de bens materiais e imateriais consumistas, deixando pouco espaço para construção de territórios existenciais individuais e grupais capazes de lidar com o ambiente de forma equilibrada (GUATTARI, 1990).

A ecosofia para Guattari (2015), longe de erigir regras universais a título de “guias práticos”, trata de liberar antinomias entre os três registros ecológicos. Neste sentido, a máquina capitalística deve dar espaço para uma “rehabitação da singularidade” e da complexidade dos objetos de desejo humano. Sendo assim, a ecosofia pode se caracterizar como um “[...] enlace de la ecologia ambiental, de la ecologia científica, de la ecologia económica, de la ecologia urbana y de las ecologias social e mental²⁴ [...]” (GUATTARI, 2015, p. 31).

Guattari (2015) afirma que não há oposição entre suas ecologias. Para ele, toda apreensão de um problema ambiental postula o desenvolvimento de universos de valores, o que acarreta um compromisso ético-político que envolve as diferentes possibilidades de registros ecológicos e de suas inter-relações.

A ecosofia coloca-se, assim, como uma heterogênese metodológica, subjetiva, social, cultural, política, econômica e ambiental. Ela traz em seu bojo a necessidade de se debater as questões do nosso tempo, envolvendo aspectos da ética, da estética, da arte, da razão, da sensibilidade e da cidadania na construção de sabedorias individuais, coletivas e ambientais, capazes de responder às demandas complexas levantadas pela crise ambiental (GUATTARI, 1990; 2015).

²⁴ Tradução livre do autor: “[...] elo de ecologia ambiental, ecologia científica, ecologia econômica, ecologia urbana e ecologias sociais e mentais” (GUATTARI, 2015, p. 31).

Todos os aspectos das crises contemporâneas deveriam levar à mobilização de espíritos, sensibilidades e vontades em direção à ecosofia, diz o autor. Para ele, a crise ecológica remete a uma crise mais geral, do social, do político e do existencial. A criação de novos territórios de expressão e de existência, colocam-se, assim, como demanda presente. Microintervensões que reconfigurem as relações do eu com sua subjetividade, do eu com o social e do eu com o ambiental são potenciais disparadores de processos ecosóficos (GUATTARI, 2015).

Nos traços iniciais da sua proposta ecosófica, Guattari (2015) concebe o objeto ecosófico articulado a partir de quatro dimensões: fluxo, máquina, valor e território existencial. O quadro 7 tece uma síntese destas dimensões.

Quadro 7: Dimensões do objeto ecosófico.

Dimensão	Características essenciais
Fluxo	A dimensão do fluxo é evidente, visto que nos ecossistemas sempre há uma articulação de fluxos heterogêneos construtores da realidade e de devires múltiplos. O fluxo traz em si movimento e intensidades que permeiam o ambiente.
Máquina	A dimensão da máquina precisa superar as ideias tecnocráticas e mecanicistas e promover uma concepção que englobe aspectos biológicos, tecnológicos, informáticos, sociais, teóricos, estéticos e outros que venham a emergir. Sendo assim, a máquina concebe a técnica, mas também o social e o cognitivo. Parte da história e se renova, incorporando novas “peças e funções”, operando no contexto da transformação, do desejo de mudança. Os valores são inerentes às máquinas, que concebem em si a emergência, a finitude e a destruição. Dessa forma, todos os sistemas de valor (religiosos, estéticos, ecosóficos, científicos, etc.) instauram-se na interface maquinica entre o atual necessário e o virtual possibilista. Por ter estas características, a máquina é autopoietica, autoafirmadora ontológica, articuladora dos fluxos materiais dos ecossistemas e dos fluxos semióticos.
Valor(es)	A dimensão do(s) valor(es) passa por repensar sua concepção em muitos casos dogmática, abrindo-se a uma articulação estética, científica, artística, política, econômica, etc., desvinculando-se das ideias mercadológicas para criar sistemas de valores integrados, sem dominações de uns sobre os outros. Universos de valores são constelações valorativas heterogêneas e singularizantes.
Território existencial	A dimensão do território existencial tem a ver com a finitude existência, não como uma entidade eterna, mas sim fundada em coordenadas de determinação extrínseca, independente. É uma abertura ao que está posto, mas também ao que é virtualmente possível, como um lugar e um modo de vida que congrega materialidades e imaterialidades.

Fonte: Do autor, com base em Guattari (1990; 1992; 2015).

As dimensões, para Guattari (2015), devem se interligar e criar um grande “*filum evolutivo*”. Todas elas compõem o objeto ecosófico e, em seu caráter criativo, permitem a aglomeração de componentes heterogêneos e, ao mesmo tempo, de unidades autopoieticas, na criação de novas formas de habitar o planeta. Não se trata

de totalizar ao criar algum modelo, mas sim de modelar para conceber processos de afirmação de valores que respeitam a singularidade e a heterogeneidade, ou seja, “[...] Lo que está en juego es la creatividad imaginaria em todos los registros²⁵” (GUATTARI, 2015, p. 260).

Segundo Guattari (2015), não existe um ser que atravessa sempre os entes, mas sim uma produção ontológica, através de universos de referência, de práticas sociais, analíticas e estéticas. O ser é posto como alguém que habita, concomitantemente, o caos e a complexidade. Guattari não requisita nenhuma ontologia, pois propõe metamodelizações, mas, para ele, as ontologias representam, para cada época e filosofia, uma tentativa de conceitualizar o estado do ser, das coisas em um contexto científico e social dado. Ao propor a ecosofia, o autor percebia o ser das coisas muito mais como um ser evolutivo, em aceleração maquínica e histórica. Por isso a crítica à ontologia, que confere uma existência universal, eterna em si mesma. Ler as ontologias é essencial, mas se prender a elas é abandonar o caráter de *filum* evolutivo que a ecosofia propõe.

Ao escrever sobre a construção de novos territórios existenciais, Guattari (1990; 2015) sugere um trabalho permanente de reencontro com a emergência e com a criação. Ao invés de um academicismo que repete o já posto, a ecosofia pressupõe fazer algo diferente com o que outros já fizeram. Não se trata de desenvolver uma perspectiva pragmática, mas sim uma criatividade social, uma heterogênese dos sistemas de valores, capaz de construir algo novo, uma ecosofia que atue nos conflitos ecológicos antagônicos e também nos devires animais, vegetais, atmosféricos, além das dimensões incorporais da ecologia, das formas culturais e de sensibilidade (GUATTARI, 2015).

A resistência ao Capitalismo Mundial Integrado (CMI) e ao processo de degradação ambiental, não é só um fazer social (de grupos), mas de pessoas que reconstroem a sensibilidade, através da poesia, da música e de diferentes relações intra e interpessoais com o mundo. Está em jogo uma reassunção, uma reapropriação processual da produção do mundo, antes de qualquer valor universal de uma biosfera que sempre estará aqui. É da própria desfalecência cósmica²⁶ do modo de vida

²⁵ Tradução livre do autor: “[...] O que está em jogo é a criatividade imaginária em todos os registros” (GUATTARI, 2015, p. 260).

²⁶ Segundo Guattari (1992), a caosmose consiste no germinar do estado das coisas, que em meio ao caos, faz surgir novos elementos, confluentes ou dissonantes que coabitam os territórios emergentes.

capitalístico que surgirão outros modos de sensibilidade e de intervenção política ecosófica. Assim, a crise é uma possibilidade intensa para a efetivação da ecosofia (GUATTARI, 2015).

A ecografia de Guattari não é nem macroestrutura nem infraestrutura. Ela ultrapassa estas categorias e trabalha com elas e entre elas, na formulação de metamodelizações que engendram o virtual com potencial de efetivação, de vir a ser. Os registros ecológicos em suas inter-relações, nas *autopoiesis* e nas perturbações externas, constituem universos de referência que podem transformar-se em territórios existenciais ecosóficos, reconfigurados para além do capital e da lógica economicista (GUATTARI, 2015).

A ecosofia de Guattari é transversal, pois passa entre diferentes polos. A transversalidade é composta e compositora de instâncias desterritorializadas, sendo também caosmica, sempre ligada a algo fora das estruturas e dos sentidos constituídos. Ao mesmo tempo, ela também possibilita a reterritorialização, ou seja, a ressignificação do território no qual se vive, uma transmutação transversal dos registros em modos de ser e viver ecologicamente responsáveis (GUATTARI, 2015).

Guattari (2015), critica as ideologias que massificam e o autoritarismo, inclusive científico, que fez com que a natureza tenha sido concebida como infinita. A ecologia, em muitos casos, infelizmente se fechou como uma matéria envolta apenas nas relações ecossistêmicas, que envolviam a preservação do espaço e de espécies. Para pausar os ataques ao meio ambiente, é necessário modificar a economia, o espaço urbano, as estruturas sociais, as mentalidades e os hábitos de consumo. Assim, unir os diferentes componentes ecosóficos é “brincar” com a heterogeneidade e extrair suas potências desta brincadeira. Para tal brincar, faz-se necessário incluir as máquinas²⁷, a arte e a estética, o caos, a cidade e o desejo, pois estes são alguns dos elementos que formam o alicerce capaz de elevar a intensidade ecosófica e inter-relacionar os registros ecológicos propostos por Guattari (1990; 2015).

A máquina e seus componentes articulam fluxos e valores nas constituições ecosóficas, as quais desembocam nos territórios existenciais. O movimento e a intensidade dos fluxos engendram componentes maquínicos biológicos, técnicos, tecnológicos, sociais, cognitivos, inorgânicos etc. nas suas composições, criando

²⁷ Embora já se tenha abordado a máquina enquanto elemento do objeto ecosófico, este é um conceito transversal no pensamento do autor, por isso, retoma-se e se demora mais neste tópico.

movimentos que pulsam e evoluem por meio da articulação estética, política, científica e econômica. Assim, o *filum* evolutivo vai constituindo as materialidades e imaterialidades dos territórios existenciais (GUATTARI, 1990; 1992; 2015).

A ideia de máquina é importante no pensamento de Guattari (2015), pois ela é capaz de articular diferentes elementos em sua autoprodução, visto que tem uma consistência, uma relação consigo mesma e com uma alteridade. O objeto técnico da máquina não pode ser reduzido à sua materialidade. Na *techné*, existem elementos ontogenéticos, de relações sociais, capital de conhecimento, relações econômicas e toda uma série de interfaces. Considerar a máquina como uma série de elementos que se conectam entre si é o que a torna potente e inventiva. Pode-se dizer que

“[...] Una máquina es algo que se sitúa al término de una serie de máquinas anteriores, y que relanza el filum evolutivo de las máquinas por venir; es por tanto un agenciamiento material y semiótico que tiene la virtud de atravesar no solamente el tiempo y el espacio, sino también niveles de existencia muy diversos concernientes tanto al cerebro como a la biología, los sentimientos, los investimentos colectivos” (p. 161).²⁸

A essência da máquina está ligada ao que desterritorializa seus elementos, seu funcionamento e suas relações com a alteridade. Ela está aberta ao seu exterior, mantendo relações com os componentes sociais e com as subjetividades. Dessa forma, uma máquina desenvolve universos de referência, ontológicos e heterogêneos, marcados pelas curvas históricas, de irreversibilidade e de singularidade. A máquina é mais do que estrutura, pois não se limita a um jogo de interações, porém, possui um núcleo de consistência, de insistência e de afirmação ontológica. Pode-se dizer que ela é portadora de uma finitude, de algo que nasce e morre (GUATTARI, 1992; 2015).

Segundo Guattari (2015), o núcleo da máquina é autopoietico e interestático, aberto ao exterior e, por isso, implicado na complexidade. Não se evacua o afeto, que é a afirmação autopoietica, visto que o humano é formado por universos de referência incorporais e por texturas antológicas, singulares. A máquina coloca-se então como possibilidade de religação, pois sua posição autopoietica e hipertextual “[...] permite tener una actitud criacionista, de composición maquina frente a esa cortina de hierro ontológica que separa el sujeto, de um lado, y las cosas, del outro²⁹” (GUATTARI,

²⁸ Tradução livre do autor: “[...] Uma máquina é algo que está no final de uma série de máquinas anteriores, e que relança o *filum* evolutivo das máquinas que virão; É, portanto, uma agência material e semiótica que tem a capacidade de atravessar não apenas o tempo e o espaço, mas também níveis muito diferentes de existência concernentes ao cérebro e à biologia, sentimentos, investimentos coletivos” (GUATTARI, 2015, p. 61).

²⁹ Tradução livre do autor: “[...] permite ter uma atitude criacionista, de composição maquina diante

2015, p. 100).

As máquinas, em seus conjuntos, estão inseridas em maquinismos. Tal conceito pressupõe que a máquina começa com um fenômeno de consistência, autopoiese parcial, mas encontra-se ligada a sistemas maquínicos anteriores e sempre em posição de produzir virtualmente outras máquinas. A máquina aqui difere do cartesianismo, visto que possui certa vida. O que há de rico nos sistemas maquínicos é que não somente estão abertos a dimensões heterogêneas, mas também se abrem a uma heterogeneidade potencial na subjetividade por meio da sensibilidade (GUATTARI, 2015).

A máquina está sempre em diálogo com uma alteridade, com algo exterior, tecnológico, humano, etc. A máquina, para além da estrutura do sistema, compreende essas relações exteriores também. Aí surge o campo do possível que, para Guattari, é a criação. Fazer confluír criatividade científica, social, econômica, das artes, etc. territorializados em desterritorializações maquínicas, para posterior reterritorialização (criação de novas miradas existenciais) é a ideia de mecanosfera, a qual faz com que nasçam dispositivos capazes de permitir a experiência da confluência heterogênica da singularidade (GUATTARI, 2015)

O caráter processual compõe a essência da máquina e da mecanosfera, advindo de uma continuidade indefinida, que está em constante mutação. Há vida e morte nas máquinas tecnológicas, teóricas, sociais, de guerra etc. A possibilidade de sua complexificação e sua abolição é possível e o nome dado a isso pelo autor é caosmose. A articulação entre diferentes elementos permite a evolução, a produção criadora maquínica. Com a simbiose entre máquina, ferramenta, campo social e humano e a aparição de máquinas linguísticas, diagramáticas e conceituais em articulação mútua, ocorre um descentramento maquínico, saindo-se assim da lógica dos objetos claros e distintos de um estado dado, para chegar ao abstrato, à máquina enquanto autopoiese, geradora de devir maquínico, criadora do novo (GUATTARI, 2015). Guattari nos convida a maquinar territórios existenciais.

Segundo Guattari (2015), o devir maquínico constitui formas de humanidade e implica também em devires vegetais, musicais, matemáticos, artísticos etc. Tal devir supõe o virtual, uma proliferação existencial que ele chama de territórios existenciais,

daquela cortina de ferro ontológica que separa o sujeito, de um lado, e as coisas, do outro” (GUATTARI, 2015, p. 100).

ou seja, a intuição do conceito de máquina implica num escape da lógica de objeto discursivo e de fluxo manifesto para a integração de entidades não discursivas, incorporais, contingentes, como a própria existência. Maquinar o mundo a partir de sua heterogênesse é dar vazão às possibilidades de reinvenção das relações entre sociedade e natureza, superando-se, assim, as dicotomias fragmentadoras do ser e do saber. A máquina e os sistemas maquínicos podem, por consequência, trabalharem na potencialização dos três registros ecológicos e na construção da ecosofia.

Os devires maquínicos e a constituição de máquinas no pensamento ecosófico abrem um leque de possibilidades. A cidade, por exemplo, é uma máquina produtora de subjetividade individual e coletiva através de equipamentos comuns (educação, saúde, controle social, cultura, etc) e de meios de comunicação de massa (GUATTARI, 2015).

A consciência ecológica a ser construída em relação com as diversas máquinas, não deve se preocupar somente com as questões do meio ambiente, pois sem a transformação das mentalidades e dos hábitos coletivos, só se fará mudanças e reajustes incompletos. Torna-se urgente reinventar todo o tecido social e isso passa pela cidade. Trata-se de construir no real, atento ao que pode emergir, ao virtual concebido. A cidade coloca-se, então, como terreno a ser pavimentado nestas direções e, por isso, a ecosofia adentra “as terras citadinas” e busca, em suas múltiplas latências, inventar novas formas de ser e agir baseadas na ecosofia (GUATTARI, 2015).

As possibilidades maquínicas são diversas e por isso, possuem em si o caos, o qual vai além do caótico, colocando-se como desenvolvedor de extrema complexidade. As entidades que habitam o caos estão animadas de velocidade infinita, podendo assim se complexificar e se descomplexificar rapidamente, criando e recriando possibilidades de emergência. Pode-se dizer que o caos habita o complexo e este habita o caos, de forma que a atitude criadora ecosófica passa pelas travessias caóticas da vida em direção a novos territórios existenciais (GUATTARI, 2015).

Adentrar o caos e dele tirar máquinas através de ritornelos, é uma possibilidade ecosófica forte. Assim, o caos não complica, mas complexifica e, complexificando, gera possibilidades potentes para a arte, para a estética e para o artista, que, quando ecósofo, pode dar vida e movimento à ecosofia (GUATTARI, 1990; 2015).

Guattari (2015), ao interligar a ecosofia ao caos que a arte faz emergir, a

concebe como uma produtora de máquinas de sensação, de composição, de perceptos e percepções, afetos distintos de sentimento, sensações fora do comum. O artista, para além da escola de arte, é quem cria a existência e o ecosófo, nesse sentido, é um artista, que pode usar técnica e tecnologia, junto a valores, fluxos e máquinas na criação de novos territórios de existência.

Em meio às homogenizações e tecnocientificismos, a arte talvez seja o campo que resiste, visto que “El arte funciona en el sentido de la heterogénesis contra la homogénesis capitalística”³⁰ (GUATTARI, 2015, p. 117). O capitalismo busca planificar, empobrecer a subjetividade ao padronizá-la, enquanto a arte desterritorializa para reterritorializar, ao trabalhar o conceito para produzir sensações. Sendo assim, o artista trabalha no ponto do inominável, do não sentido, do porvir. É um “herói” que defende as espécies incorporais, assim como as promove (GUATTARI, 2015).

Para Guattari (2015), as limitações desse mundo tecnocrático e moderno se opõem à filosofia, à arte e à estética, que avançam a velocidades infinitas na inventividade. A arte coloca como epígrafe três tipos de problemas: a criatividade processual, o questionamento permanente da identidade do objeto, a polifonia da enunciação e a autopoieses. Tais elementos fornecem sementeiras possíveis em terrenos férteis do fazer criativo ecosófico, o qual pode trabalhar na superação da crise ambiental.

O paradigma estético, ao contrário do capitalista, vai em direção a uma heterogeneização dos sistemas de valores. Ele coloca-se como um refúgio para as práticas criativas e pode utilizar os dispositivos para construir sentidos novos, fora das ontologias dominantes. A arte, na luta contra o caos, faz surgir o instante, voltando ao caos de forma mais sensível, através de ritornelos que operam como focos autopoieticos criativos, que ao mesmo tempo seguem a instantaneidade geral e pontos de caosmose que se afirmam como puras entidades de criação. O ritornelo é um ponto caósmico de criação, como uma detenção do movimento cronológico do tempo (inclusive incorporal). É como um reaprender com tudo e sempre. Dessa forma, a ordem habita a desordem e a desordem habita a ordem e essa dupla imanência pode fazer nascer a verdadeira criação (GUATTARI, 2015). A arte é, por assim dizer,

³⁰ Tradução livre do autor: “A arte funciona no sentido da heterogênesse contra a homogênesse capitalista” (GUATTARI, 2015, p. 117).

um terreno fértil para a caosmose e seus ritornelos (territorialização, desterritorialização e reterritorialização), os quais potencializam a ecosofia no criar de novos territórios existenciais permeados pelo paradigma estético.

A ecosofia, as máquinas, a estética e a arte possuem em comum o elemento do desejo, o qual é construído de acordo com o tema social em pauta, não como uma onda sem razão e desordenada de sentimentos quaisquer. Ele é um processo de singularização, como um ponto de proliferação e de criação de possibilidades em um senso de um sistema constituído. Erupções de acontecimentos casuais modificam o ambiente e, por consequência, alteram a ordem dos desejos (GUATTARI, 2015). Pode-se dizer que o desejo é sempre assim, “[...] alguien cae enamorado de algo em um universo que parecia cerrado y, de golpe, se abren otros posibles [...]”³¹ (GUATTARI, 2015, p. 165). Compreender os desejos e amplificar as possibilidades de desejar, geram potências para a subjetividade, para o *socius* e para as relações com o meio ambiente.

Máquinas artísticas, cidadinas, estéticas, permeadas pelo caos e pelo desejo marcam uma importante introdução ao cerne do pensamento ecosófico de Guattari, que traz os três registros ecológicos (subjetividade, *socius* e meio ambiente) em suas nuances. A proliferação de ideias e as diversas linhas conceituais que se cruzam, colocam-se como características da obra deste autor e estão presentes em suas concepções de ecosofia. Por isso, a seguir, como um novo esforço de sistematização, os três registros ecológicos são tratados em separado para uma compreensão aprofundada, mesmo que possuam interconexões íntimas.

4.2.1 O registro da subjetividade

O primeiro registro ecológico a ser explorado é a subjetividade, a qual, na concepção ecosófica, pode ser conjugada no plural. Por ser uma proposta especulativa, ético-política e estética, multifacetada, com espaço para diferentes dispositivos analíticos e produtores de subjetividade, a ecosofia trabalha com subjetividades, sejam elas individuais ou coletivas. O objetivo é que elas transbordem, superando egoísmos e abrindo-se em diferentes direções: da tecnociência, da cultura,

³¹ Tradução livre do autor: “[...] alguém se apaixona por algo em um universo que parecia ‘fechado’ e, repentinamente, se abrem outras possibilidades” (GUATTARI, 2015, p. 165).

da estética, de representações artísticas, do corpo, do sexo, do tempo, etc. Dessa forma, pode-se dizer que a subjetividade é resultado da conjunção de componentes heterogêneos e é através deles que pode mudar, transformar-se (GUATTARI, 1990; 2015).

Ao criticar o Capitalismo Mundial Integrado (CMI), Guattari (1990) enfoca a sua perspicácia em descentrar os seus focos de poder das estruturas de produção de bens e serviços, para estruturas que produzem signos, sintaxes e subjetividades, usando para isso o controle exercido sobre a mídia e sobre a publicidade. Tal projeto de controle coloca em questão a introjeção do poder repressivo por parte dos oprimidos, o que exige ressingularizações do entendimento do eu com o outro e com o meio, na construção de existências que se dão em outros territórios físicos e subjetivos, diferentes dos criados e compartilhados pelo CMI.

A ecosofia mental (subjetividade) busca a reinvenção da relação do ser com os "mistérios" da vida e da morte. O diálogo com aquilo que assusta e/ou encanta leva à produção de antídotos para a uniformização midiática e telemática. Seja pelo conceito, pelo afeto ou pelo percepto, os enraizamentos arcaicos ou uniformizantes globalizados precisam dar espaço a engajamentos que projetem um futuro intermediado por temporalidades humanas e não-humanas, ressingularizadas através de reconfigurações do ser com aquilo que o compõe, materialmente e imaterialmente (GUATTARI, 1990).

Quando trata da subjetividade, Guattari (2015) remete ao inconsciente e critica o viés psicanalítico, que já está "programado para um destino final". Ele propõe uma esquizoanálise, ou seja, uma proposta em que a própria pessoa busca formas de acessar seu inconsciente, abrindo-se às interações sociais e econômicas na constituição subjetiva. Para o autor, o inconsciente também é maquínico e não se centra somente na subjetividade humana, mas sim nos fluxos de signos, sociais e materiais dos mais diversos. A esquizoanálise concebe o inconsciente maquínico como uma dimensão capaz de articular constelações funcionais complexas e polivocais, que singularizam a análise subjetiva e da subjetividade. A partir da análise singular e própria, Guattari entende que se pode reinventar a própria essência, criando assim novos territórios de existência.

As principais características do inconsciente maquínico são as seguintes: a) é o lugar de interação entre componentes semióticos e de sistemas de intensidade diversos, não sendo estruturado como uma linguagem; b) os componentes não

dependem de uma sintaxe universal, por serem singulares; c) as relações inconscientes entre indivíduos não dependem de estruturas universais; d) pode se desenrolar para o passado, mas também se abrir sobre o aqui e o agora, tomando a opção do devir; e) ele não é o único em toda a terra; f) a análise pode ser individual ou coletiva.

O inconsciente maquínico faz transitar pelas intensidades que constituem os devires, acendendo a universos transformativos. Mas como acessar o inconsciente maquínico? Através de uma automodelização (metamodelização), que se apropria do todo ou de modelos pré-existentes para construir suas próprias cartografias, seus próprios modos de mapear e inventar. A metamodelização consiste em forjar instrumentos para captar a diversidade, a singularidade e a heterogeneidade (GUATTARI, 2015).

O indivíduo em sua subjetividade é uma intersecção de componentes institucionais e seus sonhos, conectados a filmes, séries, livros, etc. Para compreender esse indivíduo em sua subjetividade, a esquizoanálise proporciona a possibilidade de diálogo transmetodológico, pensando ramificações, rizomas e não padronizações pré-ordenadas. Aqui, o rizoma assume o papel de ramificação, sem hierarquia ou proposições/afirmações mais valiosas do que outras, podendo dirigir-se em diferentes direções (GUATTARI, 2015).

A subjetividade atravessa e é atravessada por delimitações sociais, étnicas, religiosas, etc. O subjetivo não se limita ao contorno das classes sociais. Sendo assim, a proposta ecosófica propõe um viés ético-estético, centrado na criação de si mesmo, de sua relação com o corpo, com o mundo e com o outro. Essa relação com o outro é fundada em uma ética, que concerne à alteridade humana completamente constituída, na relação com indivíduos, com semelhantes, com o dessemelhante, com a diferença (animal, vegetal, humana), com o cosmos e com valores incorporais. Em síntese, a subjetividade ecosófica é uma vontade de construir a vida. Transita pela consciência, pela inconsciência e pelas máquinas de existência, saindo dos desencantamentos mundanos e lançando mão da esquizoanálise, a fim de criar novos territórios existenciais (GUATTARI, 2015).

Escapar da casualidade habitual poderá ser uma chance para o mundo e para as subjetividades. Entender a ontologia presente, mas compreender que os componentes ontológicos são heterogêneos e singularizantes, é uma postura estética, que explora e navega pela pluralidade na construção de territórios existenciais. Tais

territórios são criados e recriados a partir de metamodelizações transversalistas (GUATTARI, 2015). O que interessa para Guattari é que, atrás dos entes, não há um ser homogêneo, mas sim um de dimensões ontológicas heterogêneas e compreender tais heterogeneidades é uma forma de reinventar as relações consigo mesmo e, por consequência, com sua subjetividade.

A subjetividade, para Guattari (1990; 2015), coloca-se então como um fator, não superestrutural e dependente de casualidades materiais, mas sim como algo através do qual se constitui a existência humana, individual e coletiva. Tal existência se reconstitui em um processo permeado por relações de interdependência entre indivíduos: crescimento, educação, bem-estar social e material, relações de valor, etc. As relações com o meio tecnológico também possuem seu espaço, até porque a subjetividade não é só humana, mas igualmente maquínica. Produz-se, através das mídias, dos computadores e da linguagem. Pode-se dizer que “[...] la subjetividad es la materia prima de la espécie humana, lo que hace que haya vida individual, vida colectiva y vida a secas”³² (GUATTARI, 2015, p. 253).

Para Guattari, não há fronteira entre homem, sociedade e *techné*, nem entre a apropriação do entorno e a constituição de novos territórios existenciais. A sociedade é um instrumento social, uma linguagem, e tal linguagem penetra o humano em sua individualidade singular. Dessa forma, não há delimitação clara e “límpida” entre o individual, o social e o inconsciente. Amar a diferença, o dissenso e o que isso representa é força para cada ser apropriar-se de algo essencial para si (GUATTARI, 2015).

Pode-se dizer que a subjetividade é o motor que reanima a singularização da existência, capaz de romper com o consumismo material e mental que dissocia o humano da natureza, seja ela geral ou sua própria. Assim, buscar novas formas de ser e agir, para além de uma “receita de bolo”, passa por ingredientes próprios e singulares, capazes de trabalhar uma ecologia mental atenta à criação do novo, singular e próprio de cada existência. Eis aqui potências ecosólicas a serem encontradas, ressignificadas e construídas.

³² Tradução livre do autor: “[...] a subjetividade é a matéria-prima da espécie humana, o que significa que existe vida individual, vida coletiva e vida simplesmente” (GUATTARI, 2015, p. 253).

4.2.2 Socius

O registro ecológico do *socius*, para Guattari (1990), busca reconstruir relações interpessoais e também com os meios técnico-científicos, entendendo que estes podem, potencialmente, resolver problemáticas ecológicas emergentes, porém, convivem com “[...] a incapacidade das forças sociais organizadas e das formações subjetivas constituídas de se apropriar desses meios para torná-los operativos” (GUATTARI, 1990, p. 12). Dessa forma, organizar-se socialmente, a fim de apropriar-se das diferentes tecnologias a serviço da construção ecosófica passa por reorientações da militância dos diferentes grupos e da sua possibilidade de ressignificar técnicas, tecnologias e saberes para a atuação política ética-estética, sem cair na massificação que o Capitalismo Mundial Integrado (CMI) busca impor (GUATTARI, 1990; 2015).

A ecologia social aborda a reconstrução das relações humanas em todos os níveis, estando atenta ao fato de que o poder capitalista se espalhou, dominando a vida social, econômica e cultural em todo o planeta, entranhando-se inclusive no seio dos estratos inconscientes coletivos. Dessa forma, não é possível se opor a ele somente “de fora”, através das práticas políticas e sindicais tradicionais. É urgente encarar seus efeitos no domínio da ecologia mental, na vida cotidiana, conjugal, doméstica, de vizinhança, de criação e de ética. Assim, apropriações dos meios e criação de ações sociais cada vez mais diversas tornam-se práticas pertinentes no registro ecológico social (GUATTARI, 1990). Se o que o CMI deseja é a uniformização, a ressingularização e a pluralidade de territórios existenciais combate-o através de ações micropolíticas que podem fugir do seu controle, abrindo brechas para o criar coletivo.

Segundo Guattari (1990; 2015), novas práticas microsociais e micropolíticas, envoltas por solidariedades e estéticas na formação do inconsciente são possibilidades a serem exercitadas. A heterogênesse metodológica nas diferentes ecologias oferece possibilidades multifocais e sensíveis capazes de romper com a homogeneização tecnocrática existente em muitos contextos, inclusive no global. Torna-se pertinente, então, que se desenvolvam culturas particulares, “[...] inventando-se, ao mesmo tempo, outros contatos de cidadania. Convém fazer com que a singularidade, a exceção e a raridade funcionem junto com uma ordem estatal o menos pesada possível” (GUATTARI, 1990, p. 35).

A reconstrução das engrenagens sociais é necessária para fazer frente ao CMI e seus destroços. Tal reconstrução passa menos por reformas de leis, decretos, cúpulas e programas burocráticos do que pela produção e promoção de práticas inovadoras, capazes de disseminar experiências alternativas, as quais respeitem a singularidade no trabalho permanente de produção de subjetividade. Sendo assim, as comunidades humanas que, imersas nas tormentas dos problemas latentes, tendem a deixar nas mãos dos políticos profissionais a regência da organização social, podem criar espaços para ações micropolíticas novas, marginais, capazes de transcender o CMI e a padronização material e simbólica. Ou seja, a atuação ganha muito ao direcionar-se para a criação de novos territórios existenciais coletivos para ação na superação da crise ambiental (GUATTARI, 1990; 2015).

Guattari (1990; 2015) abre o leque analítico das questões sociais para a semiótica, a qual influencia as subjetividades e os territórios existenciais. Para ressignificar é preciso entender como o CMI se apropria da semiótica para agir. Segundo o autor, são quatro “tipos semióticos” apropriados pelo Capitalismo Monetário Internacional:

- a) a semiótica econômica: instrumentos monetários, financeiros, contábeis e de previsão;
- b) a semiótica jurídica: títulos de propriedade, legislações e regulamentações diversas;
- c) as semióticas técnico-científicas: planos, diagramas, programas, estudos e investigações;
- d) as semióticas de subjetivação, algumas das quais acabam de ser numeradas e se referem a outras (arquitetura, urbanismo, equipamentos coletivos, etc.).

As semióticas apropriadas pelo CMI colocam em jogo os diferentes registros ecológicos, mas, como máquinas capitalistas, engendram grupos sociais no sistema constituído. Por isso, coloca-se como tarefa importante para os diferentes grupos e organizações, a reapropriação e a ressignificação semiótica do agir coletivo, usando para isso meios técnicos, científicos e tecnológicos na construção da ecosofia (GUATTARI, 1990; 2015).

Guattari (1990), propõe que a supremacia do Estado na construção de ações políticas, sociais e ambientais pode dar espaço para novas instituições, como fundações reconhecidas de utilidade social, por exemplo. Pode-se, então, flexibilizar e ampliar o financiamento do Terceiro Setor, mas para isso ocorrer, é preciso

disponibilizar meios que propiciem o avanço de empreendimentos individuais e coletivos. Entende-se que “[...] a noção de interesse coletivo deveria ser ampliada a empreendimentos que a curto prazo não trazem "proveito" a ninguém, mas a longo prazo são portadores de enriquecimento processual para o conjunto da humanidade [...]” (GUATTARI, 1990, p. 50-51). Além dos territórios, o agir coletivo também precisa de novos horizontes (de longo prazo e alcance).

Um problema central no *socius* é a coletividade entrar em outros paradigmas éticos e estéticos, ainda mais em um contexto no qual as tecnologias e as mídias tendem a tentar uniformizar o mundo através da propaganda. Sendo assim, as produções de subjetividade e socialidade que dependem de sistemas de valores incorporais e semióticos, se situam na raiz de novos processos produtivos, que podem dialogar com a ecosofia, mas caso isso não ocorra, o risco de se seguir no “mais do mesmo” torna-se grande. É preciso valorizar o que transcende o econômico (GUATTARI, 2015).

Guattari (2015) propõe alianças entre diferentes ideologias, sendo essas utilizadas como ferramentas após serem ressignificadas. Tais ferramentas podem ser úteis na micropolítica, a qual tem a ver com o entorno dos grandes grupos, mas também com o que atravessa a vida individual, familiar e comunitária. Nas organizações sociais, é importante e potente pensar as disponibilidades reais, os rituais de acolhida, ou de exclusão e marginalização, a língua que se usa, suas gírias, seus afetos, para então conceber o território existencial coletivo, no qual o virtual torna-se ação potencialmente ecosófica.

Segundo Guattari (2015), o registro ecológico social também está permeado por modos de subjetivação, sendo eles: a) tradicional; b) universalista; c) dual classista; d) mass-mediático; e) alternativo pós-midiático. O quadro 8 traz as principais características desses modos.

Quadro 8: Modos de subjetivação para Guattari.

Modo de subjetivação	Caracterização
Tradicional	Se manifesta pelos fundamentalismos religiosos, políticos e pelas lutas de emancipação dos movimentos nacionais. É problemático, pois esses territórios existenciais se fecham sobre si mesmos, ou seja, ficam nos arcaísmos.
Universalista	Funda o <i>socius</i> sobre a razão e coloca um igualitarismo sobre todos os indivíduos. Unifica, unidimensionaliza e acaba, em muitos casos, mascarando as condições reais de alienação.
Dual classista	Parte da vontade de demarcar o oprimido e o opressor, mediante a promoção de uma identidade comum e das ideias de transformação

	social. Tende a repensar tudo em relação ao universo de valores que lhe é próprio.
Mass-mediático	Está sob o controle de agenciamentos produtivos cujos centros nervosos não coincidem de maneira sistemática com os poderes estatais, políticos e religiosos de antemão, neste caso, “a tecnologia faz a lei”. Ela é incapaz de criar respostas singulares e tende a separar a humanidade em duas categorias: os indivíduos submetidos a ícones infantilizantes e as elites reduzidas que controlam os poderes efetivos, a partir de semióticas escriturais mais assistidas por computador, televisão, etc.
Alternativa pós-midiática	Resulta de práticas sociais e estéticas inovadoras, que representam uma autofundação subjetiva. Ela implica processos de ressingularização individual e coletiva, não operando com modelos reducionistas, mas sim a partir da forma produtiva de situações de dissenso. Esta subjetivação parte da invenção de outros modos de produção de leis e de normas, com costura de alianças com aspectos essenciais de outras subjetivações, a fim de reorientá-los na reconstituição de grandes pulsações históricas.

Fonte: Do autor, com base em Guattari (2015).

As subjetivações, embora distintas e com diferentes focos, não se excluem, ou seja, ao serem apropriadas e “misturadas”, produzem virtualidades novas. Sendo assim, novas “doçuras” e tolerâncias poderão formar organizações com objetivos múltiplos, adquirindo aspectos de movimento-partido-rede, para dar conta das demandas contemporâneas em suas complexidades. Trata-se de aberturas dos movimentos para virtualidades a serem tecidas no social e com o social em sua multivocalidade (GUATTARI, 2015).

Guattari (2015) tece duras críticas para com o sindicalismo, principalmente o dirigista, que tende a ter um centro de poder e navegar pelo viés economicista. Para o autor, a “[...] valorización del trabajo y por tanto su remuneración salarial deben ampliarse a todas las dimensionales existenciales de la actividad humana [...]”³³ (p. 318). Sendo assim, evidencia-se a necessidade de se inventar novas formas de compromisso que levem em conta novos horizontes políticos, as mutações tecnológicas e o questionamento do corpo, do tempo, da relação com o outro, da atividade criadora e da finitude, que para ele é como o cursor ético de toda prática autêntica (GUATTARI, 2015).

Para Guattari (2015), a ecologia social está imbricada com os meios de

³³ Tradução livre do autor: “[...] a valorização do trabalho e, portanto, seu salário deve ser estendido a todas as dimensões existenciais da atividade humana” (GUATTARI, 2015, p. 318).

comunicação, assim como a individual. A proposta ecosófica entende que é preciso que se ultrapasse a era midiática e se adentre a era pós-midiática, que consiste em uma reapropriação individual/coletiva e um uso interativo das máquinas de informação, de comunicação, de inteligência, de arte e de cultura, visto que as novas tecnologias secretam tanto loucura como eficiência em seus movimentos (GUATTARI, 2015, p. 328).

Uma possibilidade importante para a ecologia social é o desenvolvimento de tecnologias e de meios de comunicação que sejam mais interativos e que se aproximem de novas estéticas, da arte criativa individual e coletiva. Além disso, questionamentos e participações coletivas na inovação midiática podem ser levados em conta e aplicados, pois os meios são construtores de subjetividade e sua gestão e aperfeiçoamento é assunto de todos: associações, indivíduos, partidos, Estado. Tomar ou então criar espaços de democracia midiática e maquinica são potências para o *socius* ecosófico (GUATTARI, 2015).

As mudanças tecnológicas, cada vez mais velozes, demonstram que há uma necessidade de uma reinvenção da economia social que leve em conta vontades, espíritos e sensibilidades. Assim, se abrem novas formas de fazer e de ser, erguendo possibilidades inventivas em seus entrecruzamentos e retroalimentações (GUATTARI, 2015). É preciso lembrar aqui que Guattari morreu antes do advento da internet em nível global e da Inteligência Artificial.

Apropriar-se das mídias não é “se vender a elas”, nem tampouco se distanciar totalmente. A fuga para usos heterogêneos, permeados por zonas de resistência contra a robotização social, abre espaço para fruição da subjetividade coletiva em ponto de reinvenção, de singularização própria de cada movimento. Esta prática pode oferecer uma ecosofia para a era pós-midiática, que seja criadora de territórios existenciais significantes e significativos para os mais diferentes grupos (GUATTARI, 2015).

Mais do que caminhos prontos, a ecologia social proposta por Guattari abre possibilidades para ecossistemas novos, capazes de gerar intensidades mutantes e constituições micropolíticas fortes, interligadas às demandas dos diferentes grupos e relacionadas ao globo. Caminhos prontos não são oferecidos por Guattari, mas ferramentas (simbólicas e materiais), traçados e cartografias estão disponíveis para, assim como o próprio pensamento do autor, seja lugar para reinvenções e ressignificações do agir coletivo.

4.2.3 Meio Ambiente

Segundo Guattari (1990), a ecologia ambiental se configura como uma ecologia generalizada, a qual tem por finalidade descentrar, de forma radical, as lutas sociais e as maneiras de assumir a *psique*. A ecologia e suas conotações precisam distanciar-se das ideias de que seus partidários são apenas alguns “amantes da natureza” ou um pequeno número de especialistas diplomados. Propõe-se, então, que ela leve em conta a “rentabilidade” social, os valores do desejo e a estética, afastando-se de economicismos. Desta forma, observa-se que o campo social e o campo mental estão intimamente ligados ao campo ambiental.

A natureza e a cultura não podem ser separadas, mas sim entendidas de forma transversal, através das interações entre ecossistemas e universos de referências sociais e individuais. Os conjuntos discursivos como os midiáticos, exemplifica, tendem a limitar bem seus objetos, enquanto a eco-lógica coloca-se como uma lógica das intensidades, levando em conta o movimento e os fluxos dos processos evolutivos (GUATTARI, 1990).

Segundo Guattari (1990), o princípio particular do registro ambiental é que tanto as piores catástrofes, quanto as “melhores” evoluções flexíveis são possíveis, dependendo-se, cada vez mais, de intervenções humanas. A natureza, entendida muitas vezes como recurso a ser dominado pelo “progresso técnico-científico”, coloca em jogo a elaboração de novas formas de agir individualmente e coletivamente para com o meio, utilizando para isso diferentes engajamentos heterogenéticos. Ou seja, a proposta da ecologia ambiental trata de “[...] reconquistar la mirada de la niñez y de la poesía em lugar de la óptica seca, ciega al sentido de la vida, del experto y del tecnocrata [...]”³⁴ (GUATTARI, 2015, p. 31).

As soluções para as problemáticas socioambientais, do ponto de vista ecosófico, logram ser debatidas pelos diferentes grupos, não apenas por cientistas. Inclusive, estes podem integrar-se cada vez mais a uma democracia internacional a ser construída. Sendo assim, ao pensar sobre uma democracia ecosófica, se investe em acordos consensuais, mas também em dissensos e polivalências das diferentes

³⁴ Tradução livre do autor: “[...] reconquistar o olhar da infância e da poesia em vez da ótica seca, cega ao sentido da vida, do especialista e do tecnocrata” (GUATTARI, 2015, p. 31).

organizações. Uma das possibilidades para democratizar o debate e pluralizar as vozes, para ele, é com a apropriação das tecnologias de comunicação (GUATTARI, 2015, p. 389).

Guattari (2015) afirma que, sem mudanças nas mentalidades e ingressos na era pós-midiática, a consciência sobre o meio ambiente e seus ecossistemas não durarão, ao mesmo tempo, entende que a mudança do entorno social e material precisa mudar para que as mentalidades se alterem. Estaríamos, por assim dizer, na presença de um círculo que conduz à postulação da necessidade de uma ecosofia capaz de articular os diferentes registros ecológicos e apropriar-se do que se tem à disposição para refundar territórios em processos retroalimentativos (GUATTARI, 2015, p. 379).

Um indivíduo é um coletivo em seus componentes heterogêneos. O autor interliga isso a territórios pessoais (o corpo, o eu) e a territórios coletivos (família, grupo, etnia). Antes de formar dicotomias ou oposições, é importante entender que estes territórios estão em um meio, fazem parte de um ambiente em constantes processos de transmutação, sendo assim, essa polifonia de agentes precisa trabalhar em “canções subjetivas”, com toadas ecossistêmicas ainda por serem inventadas, mas que já se sabe, ocuparão espaço na ecologia ambiental (GUATTARI, 2015).

A realidade já não é uma e indivisível, mas sim múltipla, trabalhada por linhas de energia, de informação e de materiais, da vontade de erguer e de assumir novas aventuras maquínicas, sejam elas tecnológicas, sociais, teóricas ou estéticas. Assim, a ecosofia, em seu registro ambiental, se aventura por dimensões do presente e do futuro, levando a preocupação com a Terra e com a vida em diferentes escalas e tempos, entendendo que o porvir precisa considerar o que o atual ignora (GUATTARI, 2015).

Guattari (2015), em seu registro ambiental, busca trabalhar na construção de condutas elementares de ajuda mútua e de convivência, as quais encontram-se muito debilitadas, segundo ele. O sistema-Terra funciona como um sistema vivo/vivente, porém dois fatores estão desestabilizando tal sistema: o enorme impulso demográfico do terceiro mundo e o caráter incontrolado de desenvolvimento das técnicas da indústria e da economia que gera extrema pobreza (GUATTARI, 2015). Ou seja, não há como distanciar os registros ecológicos subjetivos e sociais e o ambiental, pois este termina por perpassar os demais.

Espaços de criatividade nas inter-relações com o meio precisam ser criados,

visto que a política e a economia tradicional (seus partidários também) não conseguem dar conta da problemática socioambiental. Faz-se necessário, então, uma resingularização, uma refinalização dos sistemas de valores que coloque os âmbitos antes separados (da vida privada, da vida pública, da economia doméstica, do trabalho, do tempo livre, da natureza, etc.) em diálogo e em construção contínua (GUATTARI, 2015).

A ecosofia, em sua ecologia ambiental (e no geral), pode ser vista como rizomática, ou seja, um processo diagramático em que uma arborescência se transforma em rizoma. O rizoma desfaz as redundâncias, como um sistema de conexões abertas, intensas e desformalizadas. Espraia-se, entrecruza linhas, transforma-se na relação consigo e com o meio. Sendo assim, os movimentos ecologistas políticos têm muito a ganhar se forem mais abertos, plurais e profundamente implantados na sociedade a partir de coletivos de base e de coletivos sensíveis, capazes de se “rizomatizar” (GUATTARI, 2015).

Ao se abordar problemas com sistemas humanos, depara-se com componentes sociais, políticos, morais, estéticos. A ecosofia não separa jamais as dimensões materiais e axiológicas dos problemas considerados, sendo a temática ambiental considerada um ponto de ligação entre diferentes pautas e ações de diversos grupos sociais. Neste sentido, a múltipla pertinência e as alianças transversais, interinstitucionais e interorganizacionais são fortes para se pensar outras lógicas, multivalentes, com compromissos em diferentes níveis, espaços e sentidos (GUATTARI, 2015).

Preservar o meio ambiente, mas também reinventar as relações com ele tecidas são propostas potentes para a ecosofia. Vivenciar, compreender o fluxo e nele se alinhar, sendo fluxo ao mesmo tempo que o modifica, coloca o registro ambiental como o mais aberto dos três, capaz de congrega virtualidades materiais e imateriais na construção de uma ecosofia plural e fértil na construção da vida.

4.2.4 Traços gerais e finos da ecosofia de Guattari

Para construir a ecosofia, Guattari (1990; 2015) “juntou peças de diferentes autores”, fazendo seu andar “seminômade” por diferentes caminhos. Um viajante. Sendo assim, sua proposta de prática ecosófica relaciona política, arte, ecologia, economia e ciência em uma sorte de sabedoria contemplativa, aberta, polifônica e

polissêmica (GUATTARI, 2015).

A ecosofia é plural e não tem contornos bem delimitados em Guattari, pois trabalha com ecossistemas múltiplos que perpassam as três ecologias e atuam nos ínterins da biosfera. Ela tenta um afastamento do conservadorismo autoritário, buscando assim abrir horizontes mutantes, a partir de práticas baseadas em fluxos, máquinas (de todos os tipos), valores e territórios existenciais, tendo como pano de fundo a ressingularização e a reterritorialização das práticas humanas. Pode-se dizer que a ecosofia é transdisciplinar e transpessoal em sua gênese (GUATTARI, 2015).

Proteger as espécies físicas é importante, tanto quanto é importante proteger as espécies incorporais. A inventividade, a solidariedade e a fraternidade são exemplos de espécies em processo de extinção. Ao invés de pensar um ser-aqui, é mais pertinente pensar um horizonte de ontologias plurais, entendendo a práxis humana engendrada em universos que expõem modos de ser e fazer heterogêneos. Trata-se de ter responsabilidade com o porvir, considerando o ser-aqui, sem esquecer o ser por vir. A ecosofia não está posta apenas como sabedoria das relações inter-humanas, mas também das relações com o entorno, com os *filums* maquínicos, com os universos de sentido e com os territórios existenciais (GUATTARI, 2015).

Como tentativa de sistematização, sem, no entanto, buscar delimitar a ecosofia em Guattari, até por ser ela rizomática, o esquema 2 traz as linhas mais fortes encontradas em seus escritos.

Esquema 2: A ecosofia de Guattari e suas pulsações.



Fonte: Do autor, com base em Guattari (1990; 1992; 2015)

A viagem pela ecosofia de Guattari demonstra que ela pode ser considerada uma “rompedora de barreiras” disciplinares, através da transdisciplinaridade constituída por diferentes fontes, registros e diálogos possíveis. Além disso, a barreira praxica moderna também é rompida, pois o autor engendra o simbólico e o subjetivo na prática individual, coletiva e ambiental, para então formar novos territórios, não mais físicos ou racionais somente, mas sim existenciais. Pode-se dizer que a ecosofia

é uma *sofia* sobre a vida, visto que “fugir do eco” é impossível e todos os universos que compõem o humano são ou fazem parte da natureza. Sua complexidade e sua heterogeneidade justamente é o que faz a vida dançar, pulsar, inventar e se reinventar a cada estação e a cada registro que deixamos nela e que também se imprime em nós.

4.3 Estação 3: Maffesoli e a sensibilidade ecosófica múltipla e latente

Este subcapítulo viajará por Maffesoli (2010; 2021) e alguns de seus escritos. O autor é doutor em Ciências Humanas e em Sociologia e considerado um dos maiores especialistas em pós-modernidade, atuando como professor da Universidade de Sorbonne (atualmente). Em sua ecosofia, Maffesoli busca um alcance profundo da nossa condição habitativa, tateando uma nova episteme capaz de nos orientar nos tempos tempestuosos e complexos da contemporaneidade (DI FELICE, 2021). Dos autores encontrados e lidos para tratar da ecosofia, Michel Maffesoli é o único que está vivo no momento da escrita desse projeto, o que possibilita interlocuções distintas daquelas possíveis com Naess e Guattari.

A viagem aqui iniciada, longe de totalizar qualquer saber do autor, opta por deixar a pluralidade sensível se fazer presente, deixando emergir aquilo que é por si só, sem forçar “nada”, ou seja, deixamos fluir o que se mostrou mais intenso na obra do autor e gostaria de se manifestar por meio da leitura deste autor-leitor. Portanto, assim como a ecosofia de Maffesoli, busca-se aqui uma apreciação de um caminhante que viaja, mas deixa o próprio caminho guiá-lo.

Logo de início, depreendemos da obra do autor que a dominação e a domesticação da natureza levaram o humano a concebê-la como algo inerte, objeto de uso e recurso para sua satisfação. Dessa forma, a vida da natureza se esvai e o mundo torna-se uma representação, desprovida de poesia, de magia e de encantamento. Um desencanto “mundano” advém do racionalismo, que domina a vida e busca desconectá-la do sensível e do seu potencial de transformação. Em contraponto, a mutação da vida é sua própria intensidade e condição de sua existência, colocando-se como possibilidade de reencantos (MAFFESOLI, 2010; 2021).

As revoltas não são mais apenas sociais, a Terra-mãe também se rebela (eis as diferentes formas como se manifestam por meio da crise ambiental). A busca pelo

domínio e pela separação do humano e da natureza cria artificialidades, como quando o culturalismo se sobrepõe ao naturalismo, tentando extirpar toda a animalidade humana (MAFFESOLI, 2021).

A pós-modernidade (contemporaneidade) expõe, como consequência da artificialidade, uma saturação³⁵, a qual pressupõe a desestruturação de um corpo e a sua reestruturação com os mesmos elementos com os quais foi desconstruído, ou seja, naquilo que se destrói está a potência da reconstrução. Vida e morte interligam-se. Sendo assim, é na crise que a sua própria superação está para ser germinada (MAFFESOLI, 2010).

Economia, razão, indivíduo e progresso, enquanto pedras fundamentais do Ocidente, não dão conta da multiplicidade deste mundo mutante, por isso estão saturando-o. Torna-se pertinente pensar novas lógicas, mutantes e transmutantes, como a ecosofia, entendida enquanto lei dos irmãos e do convívio, pois ela é mais profícua do que as “leis dos pais” (como ele se refere ao contrato social e ao domínio estatal). Através do pacto de irmãos, de comum acordo, é que Gaia recuperará a honra, encontrando ali profunda força (MAFFESOLI, 2010).

Segundo Maffesoli (2010; 2021), é preciso descerrar os olhos ideologicamente. Romper com o dogmatismo e abrir-se ao vasto espaço dos pensamentos amplos. A crise ambiental, sendo anunciada como apocalipse, traz à tona o sentido da revelação de algo novo, como algo subterrâneo, oculto, que emerge. Para captar as emergências, é essencial estar atento à estética, à beleza do mundo e das coisas, pois “[...] a estética consiste em se enrodilhar nas pregas desta terra e não mais em violentá-la a qualquer preço [...]” (MAFFESOLI, 2010, p. 25). Ou seja, não faz sentido pensar “desesperadamente” em desenvolvimento, mas sim em envolvimento, convivência e irmandade.

A valorização do onírico, do lúdico e do imaginário emergem, neste cenário pintado por Maffesoli, como possibilidades diante do contexto hegemônico político, colocando em pauta “[...] o jogo das paixões, a importância das emoções, a pregnância dos sonhos como cimento coletivo. É isso a *orgia* dionisíaca [...]” (MAFFESOLI, 2010, p. 28). Trata-se de não domesticar e moralizar o ser, mas sim de se abrir caminho para a intensidade, para o hedonismo e para a contemplação da vida

³⁵ Maffesoli se inspira no sociólogo Sorokin para usar tal termo.

no ambiente, compreendendo que um mundo não é nem o céu e nem o inferno na terra, mas sim a terra na terra (MAFFESOLI, 2010).

Uma ideia latente em Maffesoli (2010) é a de tribos pós-modernas, as quais se caracterizam como grupos que se alinham sem necessariamente vincularem-se às instituições tradicionais. Tais tribos, diferentemente da modernidade, buscam “maquinar” menos os outros e a natureza. A pluralidade que elas trazem acaba por enriquecer o convívio, principalmente a partir da concepção de que a união pode ser realizada na convivência de valores opostos. Sendo assim, “[...] o ideal comunitário das tribos pós-modernas baseia-se no retorno de uma sólida e rizomática solidariedade orgânica” (MAFFESOLI, 2010, p. 39), a qual transita muito bem pela pós-modernidade, capaz de trazer sinergia entre o arcaico e o desenvolvimento tecnológico, executando as transmutações supracitadas (MAFFESOLI, 2010).

Quando o totalitarismo do progresso acaba por devastar o mundo e os espíritos, uma forma de superá-lo é buscando ideias fundadoras, dialogando com o saber popular e propondo uma invaginação do sentido, o que vem a ser um retorno à natureza essencial das coisas, aceitando o mundo por aquilo que é, segundo Maffesoli (2021).

A intensidade que vivemos, seja de crise ou de criação, tem sua fonte no que é anterior. Recordar das raízes é condição para o pensar, para relembrar a comunhão estrutural do humano com a natureza e realizar a invaginação dos sentidos. Buscar no pagão, no instintivo e no selvagem o que constitui o ser, organicamente, como os vivos e os mortos, a flora e a fauna, é tatear o impulso vital, vivendo a plenitude do natural (MAFFESOLI, 2010; 2021).

Para Maffesoli (2021), o discurso vazio e a verborragia enrijecida do cientificismo técnico e tecnicista não permitem apreender a vida em sua transformação. O pensamento autêntico busca o que está sendo gestado pelo mundo, de acordo com o espírito do tempo, visando encontrar origens e também originar algo novo. O reencontro do humano com as origens e com a criação é possibilitador de uma “[...] Sabedoria imemorial que sabe reconhecer e viver concretamente a extraordinária generosidade da mãe natureza [...] que leva a perceber o encantamento, sempre e novamente atual, que é o mundo em sua eterna juventude” (MAFFESOLI, 2021, p. 29). Ou seja, rejuvenescer pode ser a práxis planetária e humana para “sair do labirinto da crise”.

Numa cosmogonia em perpétuo devir, o ser humano é um elemento interno,

não externo, solidário com o que se passa a montante de seus campos, diz o autor. Ele é parte integrante de um todo que o ultrapassa e o integra, porém, o mito do progresso levou à devastação do mundo e o saqueio ecológico é prova disso. Mas como reanimar e rejuvenescer ideias, corpos, ambientes e espíritos? Uma possibilidade que desponta no horizonte é o naturalismo, o qual se coloca como tema central dos debates contemporâneos, tateando assim entendimentos sobre os processos constituintes do humano no planeta, na vida (MAFFESOLI, 2021).

Segundo Maffesoli (2021), o naturalismo é o reconhecimento daquilo tudo que anima o social e o natural. É também o lado sombrio, obscuro, maldito. Tudo o que a vida social se dedicou a ultrapassar, se vê revigorado de modo surpreendente. O naturalismo (que possui selvageria e naturalidade ativa), concebe que a morte compõe a vida e o bem e o mal “andam juntos”, são naturais. Todos possuímos estes elementos. Isso é selvagem, originário e “[...] é esse asselvejamento do mundo que o naturalista evoca. É justamente esse desafio que está lançado para a sabedoria ecosófica: como gerir essa ambivalência? Como pensar, em profundidade, a organicidade do mundo?” (MAFFESOLI, 2021, p. 125).

Ao buscar origens, criticar mitos do progresso da modernidade e vislumbrar possibilidades, Maffesoli trabalha com a ideia de uma sensibilidade ecológica e também com a construção da ecosofia. Explorar em profundidade estas propostas é adentrar caminhos sinuosos e movimentados, capazes de fazer surgir novidades do simples deixar ser e dos inesperados que sempre estiveram ali.

4.3.1 Sensibilidade ecológica

Maffesoli (2010) propõe uma ordem da associação emocional entre humanos e outros seres do planeta. Unir a comunidade e deixar a natureza fazer-se presente são ingredientes essenciais para a sensibilidade ecológica, que se coloca como uma razão sensível e complexa, capaz de se enriquecer com a experiência “[...] de todos os sentidos, dos sentidos de todos [...]” (MAFFESOLI, 2010, p. 85).

A sensibilidade ecológica está vinculada à espontaneidade, ao tribalismo na ecologia do espírito, valorizando o nativo, as origens, o criativo e favorecendo novas formas de solidariedade e de generosidade. Trata-se de observar na estética do dia a dia as explosões de criatividade em pequenos hábitos, nas vestimentas, no corpo, no trabalho, etc. Em cada um desses casos, o que se privilegia é um melhor estar

existencial no qual a Mãe-Natureza desempenha um papel não negligenciável (MAFFESOLI, 2010).

Maffesoli (2010) advoga por um estar-junto, com o outro e com a natureza. Tal estado de espírito se torna possível através do lúdico, do onírico e do festivo. Renasce assim o corpo amoroso, valorizado, epifanizado, muito semelhante ao que era para as sociedades pré-modernas. Assim, retorna-se à matriz natural e a experiência pessoal torna-se imemorial para a espécie, sem forçar a natureza, mas sim se sujeitando a ela, num retorno a uma organicidade cósmica, “[...] em que uma pessoa qualquer só pode compreender-se em função de um conjunto mais vasto, onde tudo e todos se unificam [...]” (MAFFESOLI, 2010, p. 89).

A valorização da natureza é o denominador comum do reaparecimento das múltiplas tribos pós-modernas. Ecologia profunda e religiosidade sincrética são exemplos de naturalidade corporal e espiritual. Esses e outros fenômenos que buscam reconexão do humano com a natureza são causa e efeito do sentimento de fazer parte, o qual se caracteriza por emoções sociais e pela intensificação da camaradagem ou da amizade (MAFFESOLI, 2010). Tal sentimento, em profundidade, significa “[...] que o outro faz parte do grupo porque, juntos, fazemos parte de um território. Território real: o bairro, a cidade, a rua. Território simbólico: fazer parte comum do sexual, musical, esportiva, religiosa” (MAFFESOLI, 2010, 90).

O ritmo da vida, para o autor, é fluxo, fonte e movimento. “Fanfarrear” com a natureza é aceitação dos instintos, dos estratos, das *dobras* que constituem o vivente individual e coletivo, ou seja, é dançar a música, vivenciando-a em todos seus ritmos, acordes e instrumentos. Não se trata mais da história do tempo, do político e do social, mas sim do “destino”, que traz o espaço, a ecologia, o pacto e a socialidade. A natureza é, neste sentido, o espaço vivido, experimentado, que merece respeito a fim de melhor ser, que não é mais sujeição (moderna), mas o deixar-ser o que já é naturalmente (MAFFESOLI, 2010).

Segundo Maffesoli (2010), deixar ser não é passividade, mas sim permitir o emergir da força vital interna, que de forma ainda oculta, está destinada a ser. É assim a emergência autopoietica, que inventa e faz “vir à luz” aquilo que se manifesta e a moralidade moderna nega. Trata-se de permitir a eclosão do que é simples, imediato e constitui a vida todo dia, sendo também profundo, pois põe em marcha todos os sentidos para interligar-se com a terra-mãe de maneira sensível. Fica evidente a necessidade de se ouvir o ruído orgânico no pensar, pois ele “[...] participa da palavra

coletiva, do que é 'dito' na retórica da vida de todo dia [...] a palavra orgânica se dedica a unificar, reunir, sublinhar o que se entrepertence: a vida no que ela tem de holística" (MAFFESOLI, 2010, p. 98).

O orgânico, para o autor, emerge como uma necessidade de se tatear as múltiplas interatividades e ações-reações da realidade glocal, na qual o universal e o particular se enredam, formando um tipo de universo concreto, que em espiral, opera uma arte "barroca", recheada de entrelaçamentos e emoções entre o ser natural e o ser social (MAFFESOLI, 2010). Esta sensibilidade ecológica que opera, por assim dizer, no interstício glocal é ecosófica.

Segundo Maffesoli (2021), é preciso pensar a sensibilidade ecológica enquanto jogo entre passado, presente e futuro, levando em conta a comunhão estrutural com a natureza (organísmica), como uma forma de recordar nossas origens e projetar novas miradas. Para o autor, é urgente o retorno ao essencial, à invaginação do sentido, posta como um retorno à natureza essencial das coisas, ou seja, "[...] o que está em jogo é uma forma de conformidade com o ser do mundo em sua realidade múltipla [...]" (MAFFESOLI, 2021, p. 15).

O que se chama de real (economia, política, mídia etc.) não passa de aparência. Apenas o real merece atenção e isso é a sensibilidade ecológica, a qual é a essência da ecosofia. Nesse sentido, observar a natureza das coisas e o retomar o que é selvagem é um fazer necessário para subverter lógicas, para se trabalhar com o holismo enquanto totalidade do ser, capaz de interligar a vida natural e a vida social. Sendo assim, as sementes do amanhã serão lançadas pelas mentes heterodoxas incapazes de se conformarem com o que é dominante. Estas mentes se encontram sedentas por beber na racionalidade sensível, no orgânico e na invaginação do sentido para fazer surgir o novo, deixando ser e estando junto (MAFFESOLI, 2021).

Quando o futuro predomina, ocorre o desencantamento do mundo, reflete o autor, assim, o gozo do presente é uma forma de reencantamento. Para gozar o presente é preciso explorar o terreno da indução, do que vem de baixo, do concreto, das raízes. Um pensamento que cresce com a vida, sempre em devir, em movimento. Vida que se estende ao sonho, à fantasia e às ilusões, que também fazem parte do real, em constante evolução (MAFFESOLI, 2021).

Segundo Maffesoli (2021), evolução, metamorfose, mutação, regressão e estagnação são faces que determinam a cosmogonia, capaz de reorientar a abordagem do ato de deixar ser, de estar junto, de vivenciar o cosmos orgânico que

anima a vida: orgânica, passada, presente e futura, em devir. Pensar sobre a matéria orgânica trabalhada pela mente faz com que o intelecto volte a ser “orgânico”, ou seja, “[...] parte integrante dessa matéria e dessa mente que ele tem por vocação analisar. O observador, portanto, torna-se visionário” (MAFFESOLI, 2021, p. 34). Dessa forma, coloca-se como possibilidade pertinente o saber questionar, com audácia, o que está ali, “ali no mundo”, e depois oferecer aos demais o que se contemplou.

Os traçados feitos até aqui, demonstram múltiplas possibilidades da sensibilidade ecológica, capaz de reanimar a vida social por meio do reconhecimento da força vital que anima a vida natural. Tal força é a relação que interliga a comunidade e seu ambiente natural. Assim, colocar em relação os elementos do dado mundano, agindo com uma inteligência enraizada nas tradições ancestrais, é uma forma de reanimar o instinto das verdades antigas. Buscar inspirações nas sociedades tradicionais e estar atento ao que acontece no aqui e no agora, aceitando a natureza em sua essência de ser, se coloca como uma possibilidade de trajeto a ser percorrido com sensibilidade ecológica que coloca em prática uma ecosofia glocal, tribalista e inovadora (MAFFESOLI, 2021).

Segundo Maffesoli (2021), a sensibilidade ecológica é em si uma sensibilidade ecosófica, que valoriza o senso comum, sendo esse considerado como experiência coletiva, experiência da comunidade, mistura do tradicional e do natural. O real encontra-se, então, no jogo entre o micro e o macro, os quais compõem o cosmoteísmo, enquanto a comunidade é o meio, o ponto de ligação, o mesocosmo. Macro, micro e mesocosmo trabalham em conjunto na sensibilidade ecosófica, reanimando olhares e alteridades em relacionamentos orgânicos, mundanos, horizontais e comuns.

Ser sensível, para Maffesoli (2010; 2021), é compreender que não existe nada no intelecto que não tenha estado antes nos sentidos. Toda arte de viver é uma eterna lei da adaptação, com conflitos e confluências que constituem a natureza das coisas, como um Atlas grego que leva o fardo de uma criação em perpétuo devir. A sensibilidade ecosófica é a atmosfera de nosso tempo, dialogando assim com a integralidade de todos os elementos que constituem a animalidade humana e os processos criativos do viver.

A sensibilidade ecosófica é uma forma de empatia, paixão intensa e comum pelo espaço habitado, individualmente e comunitariamente. É uma sintonia com o território que rodeia, compartilhamento e aliança instintiva com os produtos deste

território e com os que o vivem em comum. É estar no tom, ou seja, ser um elemento ao lado dos outros, constituinte da complexidade ambivalente da terra-mãe (MAFFESOLI, 2021).

Respeitar a natureza é o cerne da sensibilidade ecosófica. Isso significa viver o aqui e o agora, o fluxo, o orgânico que compõe o humano, mais um entre outros elementos naturais do planeta. Esta forma de pensar torna presentes todas as potencialidades da terra-mãe, pois o humano “está dentro”, junto com a natureza em composições múltiplas. Através do ser sensível ecosófico, o humano se aclimata e se harmoniza com os elementos. Criam-se afinidades com o mundo, na relação entre o mineral, o vegetal, o animal e o humano. Desta forma, a humanidade torna-se “planta”, ecossistemicamente ligada à Terra e às suas naturezas de forma sensível (MAFFESOLI, 2021).

A carne é um componente essencial, vetor principal da sensibilidade ecosófica para o autor. Encarnar é adaptar-se à roupa, ajustar-se e habituar-se a ela. Roupa planetária, com seu tecido orgânico. Tais ajustes levam à criação da comunidade a partir do *habitus*, da lei orgânica baseada na interação entre a mente, a energia e a matéria. Residir em um lugar, significa, portanto, “trocar com” os outros do lugar, sejam eles minerais, vegetais ou animais, pois todos estes fazem desse lugar o que ele é. Ser carne é sentir-se natureza (MAFFESOLI, 2021).

Segundo Maffesoli (2021), a sensibilidade ecosófica dialoga com a razão discursiva, mas atribui grandes espaços aos sentidos e ao sensível. Assim, harmonia natural e harmonia social andam juntas, compondo tessituras complexas, capazes de ressignificar existências e criarem uma nova maneira de habitar o mundo material e espiritual, a qual pode ser chamada de ecosofia. Viajar pela ecosofia em Maffesoli é a próxima parada do percurso aqui empreendido.

4.3.2 A ecosofia arcaica e sensível

A ecosofia vai além do esperar (fé, esperança, utopia, crenças, etc.) e assume um papel de retorno ao natural. Ela consiste na “[...] aceitação das voltas e desvios, dos labirintos e dos corredores mal iluminados de todos os cômodos sombrios e desordenados da casa (*oikos*) individual ou comunitária [...]” (MAFFESOLI, 2010, p. 63).

Para Maffesoli (2010), a ecosofia não sabe ainda nomear-se, teorizar-se,

porém, se coloca na moradia, na alimentação, na vestimenta e na vida cotidiana. Nestes elementos, o corte padrão perde espaço e a subjetividade se capilariza nas práticas cotidianas, na conjunção do corpo e do espírito, intimamente mesclados. Desta forma, o materialismo e o misticismo não são opostos, e o hedonismo caracteriza-se como prática generosa, visto que a lógica da conjunção está na ordem do dia. São nas práticas da vida corrente que encontra-se o âmago da ecosofia, na vida mais vivida que pensada. Ela é sensível e tal sensibilidade prende-se, simplesmente, à presença das “coisas”, à presença das “coisas” da vida.

Para Maffesoli (2010), a ecosofia trabalha com o lugar, interligando espaço, natureza e elementos que tornam visíveis a força invisível que liga e une uns aos outros. Por isso, a ecosofia possui origens no termo “casa”, pois remete a um abrigo comum, onde se tem proteção e segurança. Trata-se então de se adaptar para o que der e vier no lugar que se habita. Vida e morte, tristeza e alegria, criação e destruição, essas e outras dicotomias se unem em universos complexos, que colocam em jogo a vida e o que há de mais natural nela, a ecosofia.

Ecosofia, para Maffesoli (2010), tem a ver com a procura do essencial no inaparente das aparências, na vida cotidiana, nos prazeres “[...] pequenos e pouco importantes que constituem o terreno onde cresce o estar junto [...]” (p. 43). Assim, ao invés de perder a vida tentando ganhá-la, a real potência é colocar em pauta a tônica da qualidade da existência através da criação, da sede do infinito, da aventura, da transmutação do ser. A ecosofia está além e aquém do progresso. É a sabedoria de antiga memória da casa comum, ou seja, da Terra (MAFFESOLI, 2021).

O pensamento holístico compõe a ecosofia e empenha-se no reconhecimento das necessárias e múltiplas inter-ações e ações-retroações da realidade. Para realizar tal exercício, é preciso adentrar o terreno da geossociologia (sociologia das profundezas). A geossociologia é uma possibilidade ecosófica a ser exercitada, a fim de que o humano se transforme em um explorador do segredo da natureza das coisas, que através da visão holística concebe a teia que tece a vida em sua organicidade (MAFFESOLI, 2021).

Segundo Maffesoli (2021), na prática ecosófica a mente precisa “saber cheirar”, aprender a captar e “parir” o que está sendo gestado. A postura radical, para o autor, é ir à raiz das coisas, percebendo sua germinação silenciosa, para entender sua floração, extraindo suas consequências, sejam boas ou ruins. Tal retorno às raízes coloca a ecosofia como “[...] o ângulo de ataque por excelência para compreender a

atmosfera mental da época pós-moderna. Como o foi da pré-modernidade” (MAFFESOLI, 2021, p. 31).

Para Maffesoli (2021), a ecosofia se aproxima da evocação das interações entre pessoas em comunidades, pois assim a vida se desenvolve. Captar, compreender e deixar ser tais interações, colocam-se como elementos ecosóficos potentes. Além disso, tais integrações se dão pelo lugar, que constrói o elo interpessoal, orgânico e comum.

A interdependência da natureza deve ser compreendida, entendendo-se que as palavras e as coisas se articulam de maneira harmoniosa, já que a união dos sentidos e da razão é possibilidade de aprender a complexidade do dado mundano. Desta forma, a heterodoxia é necessária e importante, principalmente para sentir o vibrar da consciência coletiva, numa perspectiva que ultrapassa as tradicionais dicotomias, vivendo-se assim o “ensevelamento do mundo” (MAFFESOLI, 2021).

A economia lida com o mundo que deve ser imaginado, simulado, enquanto a ecosofia se limita à sabedoria da casa, sabedoria de como habitá-la, compreendendo o ser humano como uma parte integrante do mundo, não separado dele. Enquanto integrante, o humano participa do mundo, enredado de forma mágica e mística, o que nas sociedades tradicionais era causa e efeito do respeito pelo ambiente mineral, vegetal e animal (MAFFESOLI, 2021).

A ecosofia de Maffesoli (2010; 2021) se baseia no *envelopementaliste*, se sustentando com o que a matriz natural oferece quando não a violentamos e respeitamos seu crescimento próprio. Em suma, “[...] só o cuidado com a estabilidade da natureza torna ‘sustentável’ o presente e o futuro da espécie humana” (MAFFESOLI, 2021, p. 107). Assim, diferente da ideosofia, a ecosofia vê o corpo, o instintivo, o desejo irreprimível, o instinto em si e para si, vivendo o agora em conjunto, amando cada componente e modo de ser. É o adequar-se o humano ao mundo, ao real, ao orgânico e ao vivido, ao mesmo tempo que imagina horizontes novos e vislumbra o deixar ser no fluxo constante e mutante que compõe a vida. Ecosofar é, então, ser orgânico e viver com, estar junto, compor.

Maffesoli afirma que a ecosofia não é capaz de nomear-se, mas as pistas deixadas pelo autor demonstram que ela pode ser captada, elaborada e construída, mesmo que de forma multireferenciada e plurifocalizada. Como uma sabedoria da casa, a ecosofia pode ser habitada por humanos e não humanos em seus diversos cômodos e pode passar por reformas na busca por estes primordiais modos de estar

com e deixar ser.

4.3.3 Algumas das múltiplas faces ecosófica em Maffesoli

A ecosofia é uma filosofia de múltiplas faces e relações. Segundo Maffesoli (2021), o ciberespaço pode fornecer elementos capazes de contribuir para um reencantamento do mundo, denotando que este está em gestação, um novo está a nascer. A tecnologia por si só não basta para reencantar o mundo, mas o espaço *ciber*, composto por humanos, comunidades e tecnologias é capaz de gerar novas formas de pensar e ser no mundo (MAFFESOLI, 2021).

Outra face ecosófica é a atuação política, através da Ecologia Profunda e de um relacionamento com os diversos elementos da mãe natureza, considerando-a com respeito e garantindo assim a proteção, tanto da espécie como de seu suporte. O corpo, os sentidos e a estética colocam-se em e no jogo, fazendo florescer novos ares, de uma atmosfera que produz ondas de calor e de frio que se entrecruzam, movimentam-se e espalham-se, gestando climas propícios para a inventividade humana orgânica (MAFFESOLI, 2021).

Maffesoli (2021), sugere uma nova atmosfera de pensamento e de ação, a noosfera global, a qual pode ser concebida como “[...] uma circulação geral de ideias que só pode ocorrer porque as emoções e os diferentes afetos participam do ato de conhecimento. O que resulta na antiga paixão interpessoal pela sabedoria” (MAFFESOLI, 2021, p. 75). Sabedoria que é essencialmente coletiva e não individual, a seu ver.

Em suas faces, a ecosofia de Maffesoli dialoga com a progressividade, a qual consiste em aceitar ser quem somos a partir do outro. A progressividade entende que as raízes são importantes para toda e qualquer criação humana, a qual só pode ser “[...] compreendida a partir do respeito, do comedimento e da moderação que devemos ao macrocosmo (natureza) em que o microcosmo individual está inserido” (MAFFESOLI, 2021, p. 140).

Maffesoli (2021) afirma que o que está em jogo na progressividade é a amplitude de seu espectro, pois ela não reduz a realidade à economia, à política ou à sociedade, mas compreende o real mais amplo, dentro da união em que a pluralidade e a diversidade possuem seus lugares. As faces levam a repensar paradigmas, buscando na complexidade vivente alternativas para a vida.

O paradigma alternativo, para Maffesoli (2021), é a “abialidade”, a qual parte da progressividade, entendendo que é a partir da comunidade que a pessoa se realiza como o outro da natureza. Tal paradigma permite um crescimento harmonioso, que aceita o destino, reconhece que existe uma necessidade própria à alteridade e que ela não pode ser restritiva e nem negada. Seja de forma militante ou na multiplicidade de práticas cotidianas, o paradigma ecosófico (perpassado pela “abialidade/alteridade”) está em gestação, expondo-se como aquele que tem um outro relacionamento com a terra-mãe (convivência e cumplicidade). Amar o mundo e o que ele é deixando ele ser, coloca-se como cerne da ecosofia (MAFFESOLI, 2010; 2021).

Maffesoli (2021), em mais uma faceta ecosófica, lança mão do sacral, que consiste em “ir até a fonte”, na direção do ponto originário no qual ocorre a existência humana, talvez, todo o dado natural. Ele é parte dessa participação mágica, que faz com que sejamos outros (pertencimento tribal) e coisas (natureza, enquanto parte integrante). É isso que o sacral ressalta: a divindade integral que repousa no movimento perpétuo da força própria do relacionismo. É isso que a sensibilidade ecosófica está redescobrando e revisitando, influenciando, assim, a emergência da ecosofia.

A vida traz em si “universidade” (outra faceta ecosófica), a qual se origina em culturas enraizadas em sua especificidade e adequadas a *posteriori* às outras. O instinto, as paixões e os diferentes afetos também tem direito à palavra nesse “universo”. Neste contexto, a glocalização (global e local interligados e atuantes), exprime a ação-retroação, que dá um sentido ao ser como infinitivo substantivado com um aspecto abrangente, pois põe em contato os diversos elementos do dado mundano, do selvagem, dos diferentes tempos, do micro, do macro e do mesocosmo (MAFFESOLI, 2021).

A visão “universa” ecosófica, desemboca na qualidade de vida proposta por Maffesoli (2021), que diferentemente de ideias economicistas, consiste em alcançar uma mente e uma alma tranquilas. A preocupação centra-se no qualitativo hedônico. A mudança imposta pelo paradigma ecosófico é profunda e subterrânea, pois envolve os sentidos, o culto ao corpo, o delírio dos afetos e concede importância ao emocional (MAFFESOLI, 2021).

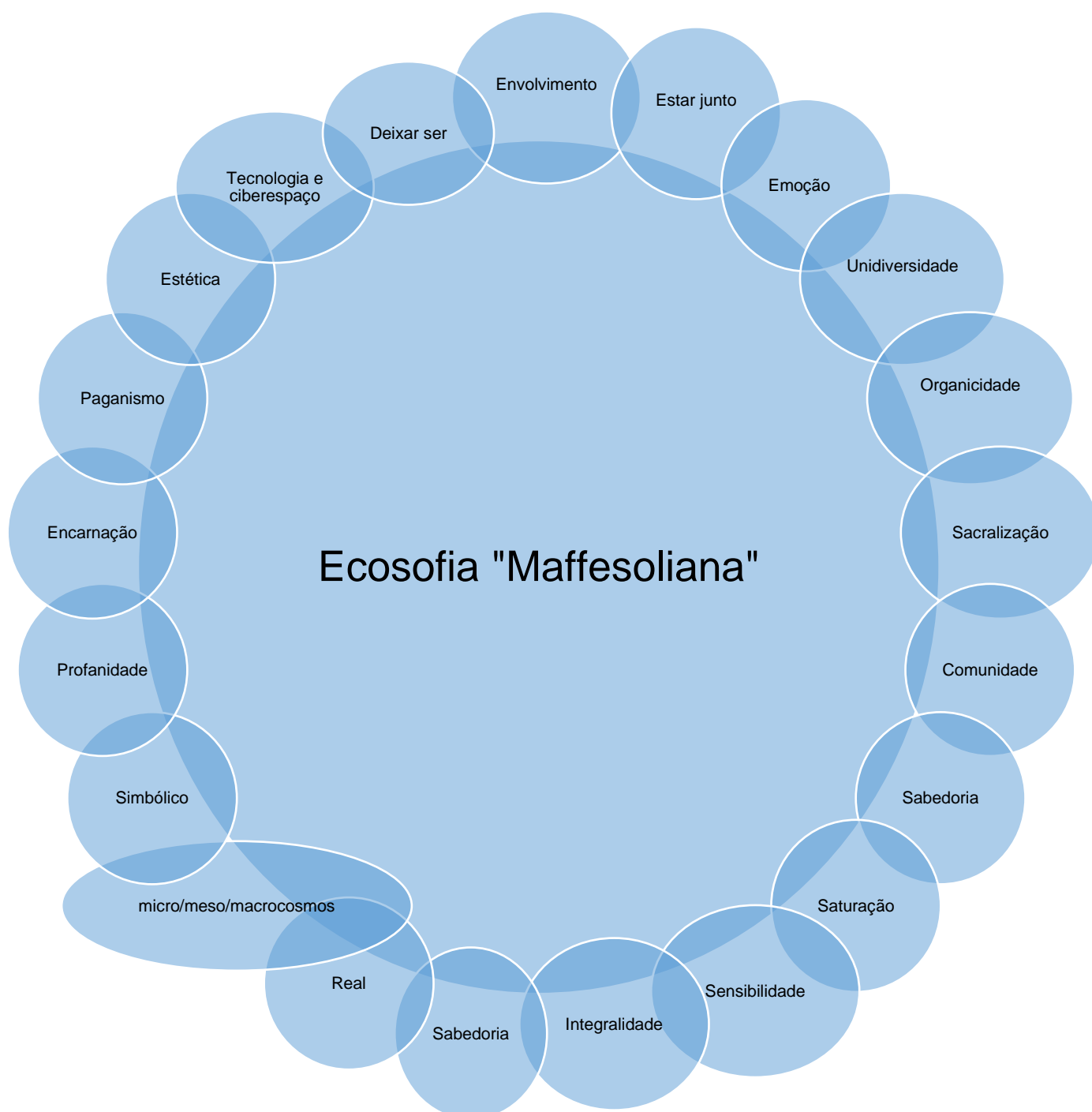
A ecosofia, em sua universidade, ainda busca uma regeneração, com uma visão mais aberta e mais complexa do mundo. O holismo, juntamente com o policausalismo e com o método heterodoxo, neste sentido, são compositores

ecosóficos a serem cada vez mais explorados. O papel do emocional é valorizado, pois constrói uma atmosfera mental na qual os afetos contaminam o espaço público, abraçando o hedonismo e o corporeísmo latente, como uma maneira de viver, diariamente, o *corpo da ressurreição*, corpo comunitário e global, constituição da sabedoria da casa comum (MAFFESOLI, 2021).

Cultuar o considerado profano, dialogar com o heterogêneo, criar campos de saberes diversos e ao mesmo tempo comuns e colocar em jogo a adequação humana ao que lhe é próprio, ou seja, à natureza, colocam-se como traços gerais da ecosofia para Michel Maffesoli. Sua complexidade reside no entrelaçamento entre tempos e espaços, calcados fortemente na arte da convivência, do ser em conjunto e do deixar ser, viver junto, conviver e confluir organicamente com o mundo, com Gaia. Ser e fazer ecosofia pode ser, então, simplesmente aceitar o fluxo e com ele “dançar”.

A tentativa de síntese da ecosofia em Maffesoli se dá no esquema 3, porém, tem-se clareza de que tal esquema é incompleto e atenta apenas para o que de mais pulsante se observou nas ideias do autor nesta pesquisa.

Esquema 3: Pulsações ecosólicas de Maffesoli.



Fonte: Do autor, com base em Maffesoli (2010; 2015).

Observa-se que a ecosofia "maffesoliana" é móvel, mutante, transacional e transitiva. Ela dialoga com a incerteza e com a impermanência, usando a sensibilidade como forma de observar e ser mundo, aceitando a natureza e o real em todas as suas

instâncias. Ao aceitar a natureza “selvagem” humana, não se nega a novidade, pois essa vem da busca das raízes, do que constitui e do que alimenta, seja de forma bruta ou elaborada, o humano, o micro, o meso e o macrocosmos. Tal ecosofia concebe diferentes miradas em seu constituir e na sua unidiversidade, projetando outras formas de habitar o planeta a partir do que já é. Pode-se dizer que a estação de Maffesoli demonstrou uma gama forte de possibilidades e até mesmo da própria construção conceitual da ecosofia, interligada à prática.

Cada estação desta viagem trouxe elementos potentes, diversidade e confluências, reforçando a possibilidade inventiva e ressignificadora que está presente na ecosofia. A seguir, busca-se navegar entre as ecosofias dos autores centrais.

4.4 Navegações interecosóficas

A heterodoxia, teórica e prática, dá o “tom” da ecosofia, pois cada autor a seu modo pensa-a em sua singularidade. Este subcapítulo busca, então, observar os pontos diversos, mas não ambíguos da ecosofia em cada um dos autores já explorados e, também, as confluências encontradas, focando especialmente nestas, principalmente devido à pertinência do atuar em conjunto que elas trazem, tanto no pensar quanto no fazer científico.

Naess (2010; 2018), busca estruturação, organização e sistematização da ecosofia, colocando-a como uma prática do ser que reage às condições que encontra, aos acontecimentos da vida. O autor a entende como uma retroalimentadora da Ecologia Profunda, atuando a partir do indivíduo inserido na comunidade. Sua ecosofia é possuidora de tons pessoais, sistematizações únicas e modos de ser para agir de acordo com a realidade vivenciada, buscando, sempre, o equilíbrio e a harmonia com o ambiente, respeitando profundamente a natureza, seus ritmos e seus fluxos.

Para Guattari (1990; 2015) a ecosofia é multifacetada, preocupada com a ética, com a política e com a estética, envolta em registros ecológicos na busca de novos territórios existenciais. Não há uma tentativa de sistematização, tampouco de hierarquização ou mesmo normatização. A ecosofia em Guattari é trânsito, transpessoal, vinculada à singularidade e ao uso das máquinas, do caos e de diferentes universos de referência para criar virtualidades capazes de serem

materializadas. Desta forma, a ecosofia se enreda com múltiplas ecologias em busca da recriação singular da existência equilibrada com o meio ambiente.

Maffesoli (2010; 2021) tem uma proposta ecosófica que busca uma relação com o orgânico, o arcaico e o autóctone. O selvagem hedônico é valorizado e dá espaço à invaginação dos sentidos, à dança das emoções e às potências do devir humano natural. A ecosofia em Maffesoli aceita a vida e a morte, transitando em tribos e operando em comunidades como uma forma de reinventar relações entre indivíduos, grupos e meios. Sensibilidade e organicidade dão o tom de uma ecosofia em gestação, capaz de germinar novos habitats mundanos.

Os autores tomados aqui como base confluem em diversos pontos e demonstram que a história da ecosofia é diversa, ampla, profunda e interconectada, até mesmo quando não se tem esta intenção. Notam-se confluências diversas e o mapeamento realizado até aqui não deve causar maresias, mas sim ondas de agitação, de mudança e de transformação das marés, pois a crise ambiental força a humanidade a se tornar boa marinheira, do contrário, o naufrágio torna-se apenas questão de tempo.

O mapeamento conceitual da ecosofia demonstra que ela é transversal e transdisciplinar, capaz de romper “verdades”, cientificismos e tecnocracismos em busca de novas realidades. Ela envolve o indivíduo, a comunidade e o globo, colocando-se como prática singular, calcada na complexidade, no ecocentrismo, na cooperação, na diversidade e na conexão profunda do humano com a natureza. Longe de dogmatismos, a ecosofia propõe posturas abertas ao ser inventivo, à imaginação criadora e à tecelagem de novos tecidos individuais, coletivos e ambientais.

A ecosofia propõe uma prática especulativa, ética, estética, política, econômica e ambiental, que conjuga técnicas e tecnologias na ressignificação da existência humana no planeta. Os fluxos e as intensidades vitais ganham vazão e o envolvimento dos diferentes agentes potencializa uma sabedoria que, ao ser compartilhada, descentralizada e diversa, reconstrói relações perdidas e tece novas. Pode-se dizer que refundações constantes são propostas e as possibilidades para tais são muitas.

A partir dos traçados feitos até aqui e da contribuição de diferentes autores e escolas de pensamento, propõe-se a construção de uma ecosofia artesanal para o campo das Ciências Ambientais. O ponto de partida são autores e diversos conceitos que desembocam em linhas epistemológicas ecosóficas. O que vem a seguir consiste em artesanato, não sendo receita pronta, tampouco replicação, mas criação.

5. UMA ECOSOFIA ARTESANAL PARA AS CIÊNCIAS AMBIENTAIS

A proposição deste capítulo da tese é ampliar horizontes ecosófico por meio de releituras, reflexões e sistematizações que partem de teóricos e pesquisadores que abordam temas relacionados à ecosofia. O termo artesanal é empregado aqui como uma forma de fazer ciência que atenta para quem faz e como se faz, entendendo que cada processo é único e tecido pelo artesão-cientista. Com base neste preceito e mesmo que muitos autores não tratem diretamente da temática ecosófica nos tópicos explorados a seguir, realiza-se aqui uma bricolagem, a qual traz para o diálogo os genes, plugins e manufaturas já explorados, assim como outras possibilidades que enriqueçam e façam acontecer o debate sobre o tema, sua aplicação e a inovação nas Ciências Ambientais.

O trajeto foi composto por um olhar para o panorama atual, que traz temas emergentes dos quais as Ciências Ambientais não podem se colocar à margem. Observamos onde estamos e os indicativos e para onde vamos, propondo, por fim, linhas transversais para uma epistemologia ecosófica nas Ciências Ambientais. Imagine que nossa caminhada inicia por Gaia, perpassa tempo, espaço, lugar, território, técnica e tecnologia, adentrando a eletrificação dessas relações entre humano e meio a partir do ciberespaço e do ciborgue, chegando até o Antropoceno. Eis alguns caracteres do lugar onde estamos, porém, a proposta desta tese é repensar futuros, sendo assim, ao se abordar sobre para onde se deseja ir, abordam-se possíveis decrescimentos, decolonialidades, visões ecossistêmicas e o bem viver, para propor, como síntese do pensamento desenvolvido, linhas transversais para uma epistemologia ecosófica nas Ciências Ambientais.

Antes de iniciar nossa caminhada pelas perspectivas ecosófica exploradas, é essencial compreender que todo trajeto realizado a partir de agora parte de uma antropofagia conceitual e de saberes, conforme propõe Barcelos (2013). Ou seja, trata-se de uma interação devorativa daquilo que outros sabem para constituir um saber próprio e compartilhado. O convite a partir de agora é para se deixar levar pela viagem por autores, paisagens e espaços que fornecem elementos pertinentes para a movimentação ecosófica inventiva nas Ciências Ambientais.

5.1 Afinal, onde estamos?

*Terra para o pé, firmeza
Terra para a mão, carícia
Terra...
Caetano Veloso*

O início da nossa caminhada pede ao caminhante a abertura epistêmica na compreensão de que habitamos um planeta vivo, que pulsa e transforma-se constantemente em interação com os seres que o compõem. Tal pressuposição vem dos gregos e com Lovelock e Margulis (2022), ganha espaço com a chamada “teoria de Gaia”, segundo a qual, desde o seu surgimento, a vida age para modificar seu ambiente. Gaia é, então, o planeta enquanto um sistema dinâmico, que parte do intuitivo em sua autorregulação e autoprodução (LOVELOCK, 2006; 2022).

Conforme Lovelock (2006), em um sentido físico-químico, pode-se entender Gaia como um invólucro esférico fino de matéria, que cerca o interior incandescente do planeta. Inicia com o encontro das rochas, cristais e o magma, passando pelos oceanos e continentes, adentrando a atmosfera e terminando na fronteira com o espaço. Inclui-se também a biosfera, que é um sistema fisiológico dinâmico, o qual mantém o planeta apto à vida há mais de 3 bilhões de anos. Pode-se compreender que há nesta proposta um objetivo inconsciente de regular o clima e a química em um estado confortável para a vida, sem objetivos como pontos fixos, mas ajustáveis a qualquer “[...] meio ambiente atual e adaptáveis às formas de vida que mantenha. Temos de pensar em Gaia como o sistema de partes animadas e inanimadas [...]” (LOVELOCK, 2006, p. 27).

Gaia é entendida como um planeta vivo, capaz de unir as diferentes propostas

evolutivas. Sua história pode ser vista como a interdependência da evolução da vida e dos ambientes físicos, ou seja, ela ocorre em nichos e os organismos participam da modificação mútua com o mundo, criando essa dança ecossistêmica que caracteriza nosso planeta (LOVELOCK, 2006; MARGULIS, 2006; LUTZENBERGER, 1990).

Segundo Lutzenberger (1990), os seres vivos formam a orquestra que toca a sinfonia da vida envolta em um ambiente complexo. A vida não regula somente a si em um nível molecular, de tecido, de órgão ou de população, “[...] ela se autorregula em nível de ecossfera, de Gaia, mantendo regulado seu próprio clima, seus sistemas hídricos e os grandes ciclos materiais” (LUTZENBERGER, 1990, p. 85).

O Planeta Terra é um ser vivo, com identidade própria e o único da sua espécie que conhecemos atualmente. Sua ecossfera pode ser entendida como o conjunto e a interação de todos os ecossistemas, entre si e com o mundo mineral, por isso, apenas uma visão sistêmica e sinfônica poderá nos aproximar de uma compreensão do quão único e belo é este planeta vivo, concebido como Gaia (LUTZENBERGER, 1990).

Para compreender plenamente o conceito de Gaia, é necessário utilizar a intuição, visto que “[...] a vida, o universo, a consciência, e mesmo coisas mais simples, como andar de bicicleta, são inexplicáveis em palavras [...]” (LOVELOCK, 2022, p. 20). Pode-se então compreender que “[...] A teoria de Gaia é um *inventor* falando da *invenção* que é difícil de descrever” (LATOUR, 2020, p. 214). Para Latour (2020), ao buscar uma compreensão de Gaia é pertinente falar mais em ondas de ação do que em cadeias de fatos adaptativos de um dos envolvidos, ou seja, quando algo muda ou altera sua forma, seu “vizinho” (animal, mineral ou vegetal) também se altera, criando assim fluxos retroalimentativos intensos e caóticos na criação da vida.

Com e em Gaia, obtém-se oportunidades, acasos, ruídos e espirais de retroalimentação, que tricotam a história. Neste sentido, a vida e o clima são formados em um histórico de conexões recíprocas que interferem umas nas outras, evoluindo juntas, interferindo-se mutuamente, criando ordens e não hierarquias, as quais são refeitas através dos fluxos que pulsam e constroem nosso planeta (LATOUR, 2020).

Os fluxos de vida constitutivos do planeta não são sempre coerentes ou lógicos. Gaia, para os gregos, era uma deusa que poderia devorar seus filhos, colocando vida e morte como processos de um mesmo ser. A complexidade que envolve o ciclo de vida e a constituição do planeta, possibilita entendimentos que extrapolam o imaginável e a racionalidade, adentrando assim no terreno da intuição e da dedução,

o qual também é um dos territórios nos quais Gaia transita em seu movimento de constituir-se (BATESON, 1990; LOVELOCK, 1990).

Não é viável e tampouco interessante compreender Gaia como um superorganismo, pois ela não é uma máquina cibernética controlada por ciclos de retroalimentação, mas sim por uma série de acontecimentos históricos com suas interinfluências (LOVELOCK, 2006; LATOUR, 2020). Ela consagra-se como “[...] as consequências entrelaçadas e imprevisíveis das potências de agir, cada uma das quais persegue o próprio interesse modificando o próprio ambiente” (LATOUR, 2020, p. 228).

As potências de ação, o agir intuitivo e a singularidade são características de Gaia que fortalecem a ecosofia, ao passo que pensar e agir ecosoficamente, é compreender os fluxos interconectivos disponíveis e dispostos no planeta para construir territórios existenciais conectados com o meio. Se a ideia ecosófica é construir uma sabedoria comum da casa (NAESS, 2018; MAFFESOLI, 2010, 2021), é com Gaia que precisamos conviver, “cavar”, molhar, semear, colher e construir saberes complexos e conectados com a essência da morada e dos moradores.

Para Lovelock (2006), poderíamos fazer de Gaia uma crença instintiva, expondo nossas crianças ao mundo natural, contando porque ele é assim caracterizado e demonstrando que elas pertencem a esse mundo. Tal atitude pode fortalecer a criação de “[...] uma sensação intuitiva, um instinto, que diga quando é que Gaia corre perigo” (LOVELOCK, 2006, p. 130). O perigo em Gaia e para a humanidade encontra-se no meio de vida por nós adotado, voltado ao consumo do mundo e não a sua apreciação.

Mas afinal, por que Gaia como a conhecemos corre perigo? É possível afirmar que isso ocorre pelo uso excessivo de técnicas puramente mercadológicas e racionais modernas para fazer ciência e produzir o mundo capitalista no qual habitamos, visto que isso acaba por consumir o mundo ao invés de vivê-lo. Neste sentido, é preciso compreender que “[...] Os ecossistemas naturais da Terra não existem para serem transformados em terra cultivável, mas para conservar o clima e a química do planeta” (LOVELOCK, 2006, p. 24)

Segundo Lovelock (2006), ao abraçar o modo capitalista e mercadológico de vida, colocamos em risco a civilização humana e declaramos guerra à Gaia. Sabemos que ela se regula e que provavelmente se autoorganizará caso a gente não cuide. O entendimento conceitual do planeta Terra enquanto Gaia precisa adentrar o terreno

prático da vida, pois torna-se necessário compreender que, das bactérias às baleias ou aos mamíferos, nós fazemos parte da entidade maior e mais diversa, a Terra viva. A sensibilidade ecológica proposta por Maffesoli (2021) como ecosofia, logra espaço neste sentido e converge com o pensamento que “[...] precisamos acima de tudo renovar aquele amor e empatia pela natureza que perdemos quando começamos nosso namoro com a vida urbana [...]” (LOVELOCK, 2006, p. 21).

A compreensão de Gaia e dos nossos papéis nela é um problema epistemológico, até porque ela é composta pelas “[...] consequências entrelaçadas e imprevisíveis das potências de agir, cada uma das quais persegue o próprio interesse manipulando o próprio ambiente” (LATOUR, 2020, p. 228). Segundo Varela (1990), a dicotomia entre sociedade e natureza é problemática, pois recorta a realidade e dificulta o entendimento complexo das estruturas e dos fluxos que se interligam, os quais, para serem conhecidos, respeitados e compreendidos, pressupõem compreender que o conhecimento e o seu universo são tão inseparáveis quanto a percepção e a ação.

A ecosofia pode adentrar nesse interím, pois ao perceber o planeta como um ser vivente e o humano como um outro componente que age neste planeta com base na eco-relacionalidade e no biocentrismo, aproxima dicotomias, cria fluxos e redescobre interconexões suprimidas, criando avanços epistemológicos na busca por compreensão do processo humano do viver. O movimento ecosófico epistemológico conflui com Maturana (1990), o qual entende que todos nós somos resultados de processos históricos com o meio e adequar-se a ele é, então, passar pelo crivo da vida.

A tomada de consciência das ações humanas no planeta é pertinente, mas para além disso, emerge a necessidade de se contar com um futuro desconhecido, capaz de trazer inovações, o que caminha pelo terreno das incertezas. Esta abertura não esvazia de sentido a racionalidade, mas a multiplica, pois o humano torna-se então responsável pela experiência de coisas novas, de uma realidade criativa capaz de produzir novidades. Pode-se conceber que é na junção entre o consciente e racional e o inconsciente e irracional que o tempo faz sua dança criativa, explorando o acaso, a autonomia e os fluxos autorganizacionais mundanos (MATURANA, 1990).

A ecosofia é uma das possibilidades sinfônicas da dança inovadora do tempo, pois concebe que nossas obrigações como seres humanos não são apenas com nós mesmos, mas com toda Gaia. Assim, ela torna-se muito relevante neste aspecto, pois

conforme sugere Todd (1990), é importante alterar a ordem de nossos valores e pensar no solo e nas árvores como companheiros, pois assim se ressignifica a economia e o modo como concebemos a vida e o processo do viver.

Gaia possui uma composição múltipla, perpassada por tempos, espaços, lugares, territórios e fronteiras diversas. Enquanto compositor de destinos³⁶, o tempo e sua transitoriedade conferem caracteres importantes para Gaia e para a ecosofia, os quais são tratados na sequência.

Tempo e transitoriedade

O tempo é uma categoria opaca e ao mesmo tempo visível, pois passa por todos os seres. Estas características tornam árdua a tarefa de conceitualizá-lo com exatidão. Quando se fala em tempo, geralmente se entende ele como aquele que é histórico ou cronológico, marcado pela divisão de tarefas e funções. Mas existem outros tempos que perpassam a história humana e o universo.

Tuan (2011) observa diferentes tipos de tempo: o astronômico, que é experimentado como ciclo e ligado à repetição; o cosmogônico, integrado às origens e às forças da natureza e suas residências; o cíclico, utilizado principalmente pelos gregos e seus mitos; o hebraico, com sua linearidade, o qual basicamente constitui a modernidade ocidental e a ideia de progresso, ou seja, há uma pluralidade em tal categoria.

Um tipo de tempo que merece atenção especial é o biológico, que se caracteriza como rítmico e que extrapola o conhecimento consciente. Neste caso, tem-se no viver comum de cada instante, eventos que são concomitantes e que criam eixos de coexistência. Este tempo traz a interdependência de objetos, espaços, lugares e seres vivos que o compõem (TUAN, 2011). Diferentemente do tempo mercantilizado, o biológico fornece uma visão sistêmica e complexa do habitar individual e social do planeta, aproximando-se da perspectiva ecosófica e eco-relacional.

O tempo biológico intensifica a ecosofia, pois concebe que os eventos podem

³⁶ Inspiração retirada da canção de Caetano Veloso, chamada de "Oração ao tempo". A música está disponível no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=HQap2igIhxA&pp=ygUWdGVtcG8gLSBjYWV0YWV5vIHZlbG9zbw%3D%3D>.

ser observados como teia que os compõem, coexistências de objetos, valores, indivíduos e grupos. Fluxos em diferentes velocidades ocorrem e, no que tange ao humano, é dentro deles e das associações possíveis com o mundo que os cerca que o tempo flui e perpassa a existência (TUAN, 2011).

O tempo pode então ser separado, repartido, “controlado” ou dimensionado, porém, apenas em sua visão cronológica. Assim como o mito grego, talvez seja hora de repensar este domínio de *Cronos* sobre as lógicas e os processos do viver, dando espaço para outros guias do trajeto temporal do habitar humano.

O combate à supremacia de Cronos, o qual elimina seus filhos (a criatividade, o ócio, o novo e o inventivo) pode partir da ecosofia, afinal, ela se coloca como uma possibilidade de interligar os diferentes tempos, entendendo sua coexistência e transitando entre eles, seja a partir da “hora/relogio”, dos mitos cotidianos, dos olhares cósmicos ou da repetição cíclica da vida. Neste sentido, a transitoriedade ganha relevância, pois ao fluir e ser multifocal, o tempo abre possibilidades práxicas intra e interrelacionais com o meio e com o mundo.

A transição aqui proposta entende que há momentos de organizar o tempo, gerando pontos de fixação a partir dos quais pode-se olhar astros, relógios, ciclos e elementos, mas também que é possível lançar o ser em um movimento multitemporal. Tal movimento aproxima-se e expande a proposta de Rüsen (2001) da consciência histórica, que interliga passado, presente e futuro, pois bebe de tal fonte, mas compreende que o passado enquanto constituição e o futuro enquanto projeção são constituintes de um presente que vibra na coexistência temporal constante. Este entendimento amplia o leque para abordar diferentes registros ecológicos, diversas sensibilidades e a sabedoria da casa onde vivemos, conforme sugerem Naess, Guattari e Maffesoli para a ecosofia.

A perspectiva da multitemporalidade coexistente no habitar é uma forma de experimentação de si e do/com o outro, perpassando corpo e casa, não mais reduzindo as vivências à proximidade ou ao relógio/calendário, mas a expandindo, pelos fluxos de vida e de tempo nos quais a habitação acontece. Pode-se conceber trilhas de entendimento diversas, capazes de fazer ver que há mais do que apenas paisagens já conhecidas ou estradas seguras por onde se transitar, demonstrando que a vida é composta por fugas e fluxos, assim como pontos de fixação e segurança (GODOY, 2008).

Ser transitório é deixar-se caminhar livremente, sentindo o sabor do vento, das

folhas e da terra em nossos pés, compreendendo que assim como o caminhante que se vai, tudo passa, o que caracteriza-se como uma possibilidade ecosófica de construção significativa de existências temporais e transitórias, como a própria vida o é.

Torna-se evidente que a transitoriedade temporal gera processos de significação do habitar humano, o qual no decorrer de sua história é perpassado pelos espaços e pelas transformações sociais por ele empreendidas. Segundo Santos (2004), é no tempo e no espaço, os quais se metamorfoseiam um no outro, em todas as circunstâncias, que ocorre grande parte da construção da vida. Como tal construção possui um caráter espacial de ação, é a partir dele e suas possibilidades ecosóficas que seguimos nossa caminhada.

Espaços de ação

A leitura do espaço exige concebê-lo com diferentes texturas, textualidades e linguagens, pois como Santos (2004) propõe, o espaço pode ser definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações. Tal conjunto também é solidário e contraditório, pois cada vez mais artificial (constituído e moldado por humanos) e, por isso, mais tendente a uma hibridização. “[...] Cada pessoa, cada objeto, cada relação é um produto histórico [...] Há uma interdependência entre objetos e as relações” (SANTOS, 1997, p. 58). É nesta interdependência que a ecosofia pode atuar potencializando um agir crítico e sensível.

O espaço determina os objetos e esse é visto como um conjunto organizado e utilizado segundo uma lógica, a qual se confunde com a da história, à qual o espaço assegura a continuidade. Assim, o tempo, o espaço e o mundo tornam-se realidades históricas, as quais alimentam a realização da humanidade constantemente (SANTOS, 2004). Neste sentido, sistemas de objetos e de ações interagem, o que faz com que a realização humana se dê “[...] sobre uma base material: o espaço e seu uso; o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas diversas feições.” (SANTOS, 2004, p. 54).

Segundo Milton Santos (2004), o valor do espaço está em sua materialidade e também nas ações que ocorrem nele, um misto, um híbrido, que leva em conta o que participa e aquele que se vê por ele influenciado. O espaço habitado é cada vez mais heterogêneo. Pessoas migram para trabalho ou mudanças nas condições de vida, e

esses fluxos ajudam a construir o espaço habitado, que se metamorfoseia cotidianamente (SANTOS, 1997).

O espaço, para além dos objetos, também é resultado de sistemas de ação, as quais resultam de necessidades, criadas ou materiais. As ações podem ser materiais, econômicas, imateriais, sociais, culturais, afetivas, dentre outras. Assim, compreende-se que o espaço possui, em sua natureza, as ações humanas acumuladas no decorrer do tempo, sendo que as ações atuais dão dinamismo e funcionalidade ao seu próprio sistema e ao dos objetos (SANTOS, 1997; 2004).

De um lado o sistema de objetos molda/condiciona a forma como se atua e, de outro, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou ocorre sobre objetos preexistentes. Nesse entendimento de espaço, podemos compreender que as formas, os objetos, os comportamentos e as ações mudam, propondo novas geografias, que entendam o espaço como algo que participa da condição social e do meio físico (um híbrido) (CABRAL, 2007).

Ressignificar a materialidade (ações e objetos) é compreender que “[...] toda criação de objetos responde a condições sociais e técnicas num dado momento histórico. Sua reprodução também obedece a condições sociais [...]” (SANTOS, 2004, p. 68). Dessa forma, o espaço coloca-se como algo além da memória pois é “[...] ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente ao mesmo tempo concluído e inconcluso, num processo sempre renovado” (SANTOS, 2004, p. 330).

Segundo Santos (1997), o presente é o atual que se esvai. Sobre ele e o passado, não temos qualquer força, sendo o futuro o que constitui um domínio da vontade e é sobre ele que os esforços transformativos devem ocorrer. Tais esforços precisam se afastar da concepção do humano como padrão da natureza, capaz de utilizar o saber científico e as invenções tecnológicas sem um senso de medida, pois o “[...] resultado, estamos vendo, é dramático” (SANTOS, 1997, p. 44).

No jogo entre passado, presente e futuro, a ecosofia pode servir como uma sensibilidade que perpassa o ancestral e ao mesmo tempo valoriza o insurgente, sensível à perturbação. O entendimento do espaço enquanto textualidade, pode passar a ter a marca “d’água” ecosófica, capaz de lembrar a necessidade de coexistir, coabitar e coevoluir com sistemas de objetos e ações que levem em conta o outro humano e não humano em relações de respeito e reciprocidade.

Na constituição do espaço e da própria vida, o trabalho é um dos eixos centrais da humanidade, talvez a forma mais dramática da ação humana “[...] sobre a natureza,

da energia do homem, diretamente ou como prolongamento do seu corpo através de dispositivos mecânicos, no propósito de reproduzir a sua vida e a do grupo” (SANTOS, 1997, p. 87). Ele é um processo de troca recíproca entre homem e natureza, criador do espaço, no entanto, sendo cada vez mais permeado pela racionalidade moderna e tecnicizado, padroniza, agride os objetos e capitaliza as ações (SANTOS, 1997; 2004).

Algumas parcelas do espaço resistem e escapam às normas rígidas impostos pelo sistema atual, construindo um tecido paralelo de vida, baseado mais em relações pessoais e menos pragmáticas, com emoção e intercâmbio entre humanos como criador de cultura e de recursos econômicos (SANTOS, 1997). Sendo assim, olhar as singularidades e as possibilidades disruptivas da produção do espaço por meio do trabalho ecosófico pode ser um exercício interessante.

Em sua espacialidade, a ecosofia ganha muito ao fazer uso dos sistemas de objetos disponíveis e dos sistemas de ação para recriar entendimentos, levando em conta a materialidade e o simbólico humano na constituição de um novo habitar. Recriar o espaço e o tempo, gerando outra história humana em sua continuidade inaugura novos territórios existenciais pessoais e coletivos que transformam o Planeta: “[...] o fenômeno humano é dinâmico e uma das formas de revelação desse dinamismo está, exatamente, na transformação quantitativa e qualitativa do espaço habitado” (SANTOS, 1997, p. 37).

O espaço geográfico possui suas próprias aberturas disruptivas, pois a inovação e os múltiplos olhares podem potencializar sua construção, reescrevendo textos pragmáticos, racionalizados e mercadológicos, em textualidades poéticas, sensíveis e pulsantes. Mesmo o espaço sendo este “todo” mais abrangente no qual se desenvolve a ação humana em relação com os sistemas de objetos, a significação dele constitui um outro conceito interessante para pensar e repensar a ecosofia, pois a sabedoria comum da casa cobra a criação de outras textualidades e interpretações espaciais.

O que pode dar significado a este espaço? Para alguns autores, o lugar possui esta possibilidade e, de antemão, já deixa algumas perguntas pairando no ar: qual nosso lugar (humano) em Gaia? Qual o meu lugar? Como ressignificar os lugares “ecosoficamente”? Não existem respostas óbvias e tampouco definitivas para tais indagações, mas é possível explorar o lugar e suas múltiplas possibilidades a fim de avançar na criação de novos territórios existenciais e movimentos inventivos nas

Ciências Ambientais.

Lugar

O lugar mistura aspectos simbólicos e materiais, tangenciados por singularidades e significados compartilhados (TUAN, 2011; CABRAL, 2007). Esta pluralidade pode romper com movimentos hegemônicos do capital ao abrir brechas para a reapropriação dos sentidos das ações, o que repercute na ressignificação temporal: do passado, do presente e do futuro (ZHOURI; OLIVEIRA, 2010). A constituição do lugar ocorre por meio do jogo de “tempos” (passado, presente e futuro), mediados por ações práticas. Para Santos (2004) “[...] em cada lugar, pois, o tempo atual se defronta com o tempo passado, cristalizado em formas [...]” (SANTOS, 2004, p. 140). As formas revelam combinações possíveis e únicas em um tempo e lugar dados, por isso, é possível observá-las e delas se apropriar para reconstruir significados a partir da ecosofia.

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, o que requer readaptações constantes, sem perda da sua historicidade, mesmo quando irrompem manifestações de espontaneidade e criatividade (SANTOS, 2004). Estas podem emergir do agir no eu, da subjetividade, dos princípios e das normas do viver; das relações sociais enquanto complexo tecido entre entes, elementos, grupos e agentes e, também, do meio, dos espaços e da natureza.

As ações transformadoras no/do lugar podem se dar em diferentes níveis e intensidades. Os lugares podem ser vistos como um intermédio entre o mundo (Gaia) e o indivíduo. O interno e o externo, assim como as variáveis constituintes do espaço e da ação humana se misturam e confluem na construção do sentido do lugar (SANTOS, 1997; 2004). Neste jogo de significação e ressignificação, a ecosofia pode orientar para que as ações valorizem a diversidade da vida do ambiente, o que é capaz de transformar quem pensa, o que pensa, quem age, o que age e por que age.

A trilha realizada até aqui perpassou espaços e lugares em suas multiplicidades, porém, não esvazia suas complexidades. Dentre as possibilidades emergentes, um debate importante sobre o território e as fronteiras se torna latente, pois a cada passo trilhado, novas paisagens e ambientes se fazem presentes.

Território e Fronteira

As categorias abordadas até aqui são perpassadas por relações de poder, as quais se aprofundam no território e nas suas fronteiras. O território é uma categoria abrangente, possui caracteres simbólicos e materiais, com múltiplos poderes em jogo e por isso carrega uma multiplicidade, formada ela própria pela historicidade. Ele hibridiza relações de poder que caracterizam âmbitos diversos: sociedade, natureza, política, economia e cultura, formando uma complexidade de tempos e espaços. Posse, disputa, controle, emoções e materiais se misturam nesta categoria (HAESBAET, 2007).

Para Haesbaert (2007), o território precisa de sua materialidade concreta, mas caracteriza-se também como um *continuum* que possui a dominação política e econômica, assim como revela a apropriação subjetiva e cultural. Por ser aberto e estar envolvido em fluxos materiais e simbólicos, o território abre oportunidades para a multiterritorialidade, a qual consiste em mesclas, fragmentos, ligações e relações tecidas entre diferentes territórios.

A multiplicidade de concepções sobre o território, possibilita pensá-lo, entendê-lo e nele intervir enquanto materialidade e como potência existencial, desse modo, a multiterritorialidade é uma condição para a própria existência do território. Os territórios existenciais são singulares, construídos por devires, acontecimentos, espaços tempos e conteúdos que formam o ser e o seu agir no mundo (DELEUZE, 1995; GUATTARI, 2015; 1990).

A ação em múltiplos territórios marca a existência humana e possibilita interações com materialidades, sensações e sentidos que mesclam categorias antes separadas, o que é parte da proposta ecosófica, quando pressupõe interligar saberes e seres na reconstituição da singularidade, do comum e da vida como Gaia.

Das territorializações emergem processos de desterritorialização, as quais podem reabrir horizontes existenciais corpóreos e incorporais, que ganham consistência no *filum* evolutivo da vida. A desterritorialização desconstrói as certezas e nos leva para uma outra possibilidade, a de reterritorialização, que ressignifica a existência e abre brechas para a reinvenção do ser em seu processo de vida, de viver (GUATTARI, 2015; DELEUZE, 1995).

Os processos de des-re-territorialização material e existencial são acontecimentos de fronteira, que para Mesquita (1994) é uma zona de contato, com intercâmbios e permeabilidades, calcada na possibilidade de nos colocar “de frente”

ao outro, avançando ao seu encontro (ou de encontro). As fronteiras podem ser vistas como rupturas do espaço material, oportunidade de olhar para dentro (singularidade e identidade do ser) e para fora (sobre o outro).

A fronteira, pela perspectiva de Mesquita (1994), não ignora os atritos possíveis e/ou existentes entre uns e outros, entre os de “dentro” e os de “fora”, mas sim, coloca a possibilidade de intercambiar e trocar como potência. Neste sentido, o ser e os grupos sociais em seus tempos, constituem um processo de trânsitos fronteiriços, marcado pelo movimento e que possibilitam im/permeabilidades.

Os contatos possibilitados pelo mundo globalizado criam e recriam fronteiras, as quais operam como possibilidades de avanços, de paradas e de trocas. Tais possibilidades fazem emergir a diversidade fronteira, que nem homogeniza e tampouco heterogeneiza de todo. A fronteira possui um caráter temporal, o qual caracteriza-se pelo encontro de forças do passado (que querem conservar o já posto), forças do presente (aquilo já constituído) e forças do futuro (possibilidades disruptivas), por isso, ela pode gerar atritos e conflitos, mas também confluências e coexistências pacíficas (HAESBAERT, 2007; ARENDT, 1979). A ecosofia pode se apropriar da ideia de fronteira para transitar, constituir-se e trabalhar com diferentes tempos, espaços e grupos sem invadir ou se apropriar, buscando antes disso, respeitar tempos e sociedades na constituição de um saber comum e plural.

A proposição de fronteira desta tese é colocá-la como possibilidade de encontro com o outro, englobando materialidades e imaterialidades. No encontro, as trocas podem expandir olhares e recriar territórios existenciais, questionando certezas e saberes já cimentados em busca de uma reconstrução de entendimentos e de práticas. A fronteira é vista como um elemento do território e da própria constituição da ecosofia, tendo em vista que ela vai buscar fazer contato e trocar saberes científicos, experienciais e sensíveis com os outros (humanos e não humanos) na constituição de novos territórios existenciais.

Gaia em sua trajetória de vida até aqui, traçou diversas trilhas e como caminhantes exploradores, nós humanos necessitamos adentrar espaços, tempos, lugares, territórios e fronteiras, porém, como fazer isso com sabedoria? A proposta é que nossa trilha siga sendo desvendada e até mesmo constituída a partir dos entendimentos e das produções técnicas e tecnológicas, as quais compuseram o habitar humano em Gaia e, além disso, podem potencializar a ecosofia em seus saberes. Vamos à elas então.

Técnica

A técnica é tradicionalmente entendida como o modo como algo é realizado. Ela revela uma produção histórica da realidade, que possui método próprio. A principal relação entre o homem e o meio é a técnica, e as técnicas são conjuntos de meios sociais e instrumentais com os quais o humano realiza a sua vida e cria tempo, espaço e lugar. Pode-se dizer que as técnicas são produtoras de vida e possuem características materiais e imateriais, conectando saberes e práticas humanas (SANTOS, 2004).

Milton Santos (2004), afirma que a técnica possui um tríplice aspecto: a) é reveladora de uma produção histórica da realidade; b) inspiradora de um método unitário; c) garantia de conquista do futuro. Ela própria é um meio de se entender as mudanças sociais através de sua inserção na realidade no decorrer do tempo, assim como um método para realização da ação humana no tempo e no espaço, pois é através da técnica que se une espaço e tempo. É por meio da técnica que a tessitura da vida vai sendo feita.

As técnicas criam, em cada lugar geográfico, formas-conteúdo, pois possuem um conjunto de instrumentos de trabalho, os quais carregam a intencionalidade da ação e dos objetos. A forma-conteúdo une o processo e o resultado, a função e a forma, o passado e o futuro, o sujeito e o objeto, o social e o natural. Nesse sentido, ação e objeto convivem e não podem ser separados (SANTOS, 2004).

A técnica media a relação entre ideologia e realidade, visto que a primeira produz símbolos, criados para fazer parte da vida real e que se realizam em objetos e ações. A racionalidade e a ação instrumental possuem um primado e geram a objetificação do mundo. Tal hegemonia é ideológica, baseada nos preceitos mercadológicos e utilitários do mundo (SANTOS, 2004), geradora das problemáticas socioambientais.

As formas combinadas de utilização dos recursos locais podem ser vistas como técnicas, colocando objetos criados com intencionalidades pré-definidas a terem significados diferentes dos atuais, pois o processo de evolução técnica é constante. Todos os dias somos convidados a realizar inovações e aprender tudo de novo, a fim de reinterpretar os objetos que nos cercam, as ações e sua historicidade e a própria produção de futuro, ou seja, a técnica é mediadora da vida (SANTOS, 2004).

A ecosofia pode inspirar novos conjuntos técnicos e novas formas-conteúdo produtivas e experienciativas capazes de conceber fluxos temporais e espaciais ecologicamente equilibrados. Técnicas ecosóficas, que levam em conta o outro humano e não humano nas relações habitativas, potencializam a profundidade na reflexão e na ação da produção da vida e do viver. Podemos propor ecosofiar a técnica.

Contemporaneamente, a informação possui um papel importante na constituição das técnicas e de seus sistemas, visto que vivemos numa sociedade da informação e é ela que guia grande parte das decisões e da produção. Além disso, o sistema técnico atual possui uma universalidade e uma autoexpansão, assim como uma concretude e uma sistemicidade, a qual baseia-se na manutenção do capitalismo e em seu prosperar (SANTOS, 2004).

A técnica acaba construindo objetos, os quais caracterizam-se atualmente como técnicos-científicos. O objeto também é informacional, pois é chamado a produzir um trabalho preciso, informação, a partir da qual funciona. Graças à cibernética, um objeto técnico pode trocar informações com outro objeto. Os objetos, são eles próprios, informação, criados com objetivos mercantis, concebidos cientificamente, alteram também os sistemas de ação e formam assim espaços que se ordenam e operam através de lógicas mercantilizantes. Hoje a predeterminação dos objetos é uma constância, pois de antemão já está “tudo” cientificamente arranjado. Eles não mais nos obedecem, mas sim o papel ao qual devem desempenhar, sua funcionalidade é extrema, mas seus fins últimos escapam do nosso controle (SANTOS, 2004).

A proposição de técnicas produtivas que gerem baixo impacto ambiental, assim como a concepção de outros modos de realizar a produção da vida, dialogam com a ecosofia em sua proposição de reavivar a diversidade e ressignificar práticas através de sensibilidades ecológicas. Na trajetória temporal e técnica constituída pelo humano, torna-se pertinente utilizar técnicas que levam em conta o eu, o outro (humano e não humano) e o meio, conforme sugerem os autores que abordam a ecosofia.

Retomar a sapiência na produção de objetos, reverter a ideologia dominante e inovar nas técnicas e em seus sistemas são ações que a ecosofia pode contribuir na construção, principalmente através de seu olhar biocêntrico e diverso. Segundo Santos (2004), vivemos em um meio técnico-científico-informacional, ou seja, a

técnica, a ciência e a informação permeiam as visões de mundo e as ações sobre ele. Repensar e colocar-se na busca de equilíbrio entre humano, não humano e meio, assim como refletir e remontar as Ciências Ambientais e outras áreas em busca de uma sabedoria comum, além de tratar a informação com cuidado, criticidade e sensibilidade, são potentes possibilidades ecosófica a serem exercitadas, visto que o período técnico atual vê a emergência do espaço mecanizado e mercantilizado.

Através da técnica, podemos falar, segundo Santos (2004), de uma tecnosfera (baseada na ciência e na tecnologia) e em uma psicosfera, que se caracteriza como um reino das ideias, das paixões e das crenças, constituidora de um lugar de produção de sentidos, fornecendo diretrizes à racionalidade e estimulando o imaginário. Ambas (tecnosfera e psicosfera) são locais, mas extrapolam o seu lugar e interferem no mundo, sendo retroalimentadas por ele. Dessa forma, em um contexto científico e informacional mediado em grande medida por formas capitalistas e de mercado, tanto a tecno, quanto a psicosfera produzem e projetam tais lógicas adiante.

A ecosofia e seus pressupostos de relações mais horizontais, calcadas no respeito ao outro, à diversidade da vida e ao meio e seus agentes, requer ressignificar tecnicamente o habitar humano na busca de um estar e um ser mais sustentável no planeta. Sendo assim, é preciso ecosofiar a técnica com fluidez, inovação, ruptura e sabedoria, a fim de fazer com que a esfera técnica além de sustentável, seja viva, pulsante e construtora de um habitar responsável e duradouro do humano no planeta.

Após transitar por possibilidades técnicas, é hora de adentrarmos no terreno da tecnologia, mediadora das nossas relações com o outro (humano e não humano).

Tecnologia

A técnica pode ser concebida como o modo de fazer, prática de interação entre humano e mundo. Já a tecnologia é compreendida como o aparato utilizado pelos humanos, os objetos produzidos e que são utilizados, eles mesmos, para produzirem outros objetos. Juntas, técnica e tecnologia são compositoras da história humana, criadoras de grande parte do mundo como o conhecemos (SANTOS, 2004; CASTELLS, 2008).

As diferentes tecnologias utilizadas atualmente acabam por gerar graves danos ao meio ambiente, mas então, como repensar esta forma de produção da vida? Naess (2010) sugere que elas precisam ser leves e causar o menor dano possível, enquanto

Guattari (1990; 2015) propõe uma era pós-mídia, na qual as tecnologias são importantes ferramentas para a construção de outras lógicas e para a ressingularização do ser e dos grupos sociais em suas relações com a natureza. Maffesoli (2021), sugere que a tecnologia possibilita a emergência do subterrâneo e do sensível ao pluralizar espaços de fala e compartilhamento de plataformas.

Pensar a tecnologia na ecosofia é dialogar com o mercado, com a globalização, com o tecnocrático, mas sem se render a eles. Trata-se de apropriar-se dos meios para transformar os modos de produção e os próprios meios de apropriação tecnológica, ou seja, adentrar o já existente para transformar as práticas por meio de relações mais horizontais e justas.

A tecnologia ecosófica é aquela que busca, no intermédio das relações individuais, sociais e com o meio, um equilíbrio, uma redução dos danos que o humano é capaz de causar. Ao propor tal delicadeza e leveza na forma de utilizar a tecnologia, objetiva-se fazer dela um meio de transformação, capaz de recriar os territórios existenciais analógicos e virtuais, ou seja, criar “brisas e ventanias” para recolocar à vista demandas, grupos e visões soterradas nas montanhas de entulhos da racionalidade moderna, que delimitam, em muitos casos, paisagens inventivas.

Técnica e tecnologia se retroalimentam, sendo permeadas por construções socioculturais mutantes. Neste processo, ideias, movimentos, ações e interligações múltiplas ocorrem, gerando redes, as quais merecem atenção, pois conectar diferentes agentes, técnicas e tecnologias na formação de fluxos é potente para ecosofiar novos territórios existenciais e movimentar inventivamente as Ciências Ambientais. É chegada a hora de emaranhar-se nas redes.

Redes

As redes são constituídas por objetos, fluxos e seres que se interconectam e são capazes de realizar trocas. Ao avançarmos na realização material e na transformação física do mundo, a constituição de redes torna-se cada vez mais comum e coloca em circulação e movimento, produtos e informações, tanto locais quanto globais. Desta forma, as redes são múltiplas, capazes de se estabilizar e também de serem dinâmicas, constituindo-se pelas permeabilidades presentes em diferentes sistemas lógicos e racionais, envolvidas em jogos de poder diversos e cheios de movimentos em múltiplas direções (SANTOS, 2004).

A própria rede, por ser formada de diferentes formas-conteúdo, técnicas, tecnologias, objetos e agentes, traz “correntes de ar” que possibilitam o sobrevoo por diferentes espaços e tempos, principalmente por seu caráter reticular, o qual pode potencializar tomadas de decisões de maneira mais plural e abrangente, levando em consideração os diferentes seres e ecossistemas. Sendo assim, graças às configurações das redes, é possível deslocar-se entre diversos tipos de estruturas físicas/materiais e cognitivas, adentrando terrenos singulares, subjetivos, sociais, políticos, econômicos e naturais, o que abre espaço para reinvenções democráticas para o ser e estar no mundo (DI FELICE; LEMOS, 2014).

As redes podem se apropriar de caracteres ecosófico, acoplando a si o respeito pela diversidade, o que intensifica e pluraliza as possibilidades de reflexão e ação dentro delas. Tal proposta retroalimenta a ecosofia, pois ela sintetiza redes criando sabedorias outras. Esta interligação gera redemoinhos, capazes de transformar contextos e realocar agentes em espaços de transformação intra e interpessoal.

As redes possuem em seu “DNA” a lógica transgressora, quando abrem brechas para o incomum e o inovador em diferentes terrenos. Por serem múltiplas e conectarem pluralidades, elas possibilitam um repensar ações por meio de diferentes polos intercomunicantes (DI FELICE; LEMOS, 2014). Podemos, através das tecnologias que permeiam cada vez mais as redes, pensar uma democracia e uma gestão ecológica baseadas em elementos humanos e não humanos, afinal “[...] Temos hoje formas de controle que a tecnologia nos proporciona: olhos e ouvidos mecânicos que dão vozes a outros atores” (DI FELICE; LEMOS, 2014 p. 59-60).

As diferentes tecnologias, principalmente as TICs, influenciam de maneira determinante as redes, criando circuitos comunicativos reticulares e determinados por seus atores e pelas conexões. Seus nós, suas arestas e seus fluxos geram uma *autopoiesis* de reticularidades que se reinventam durante os processos comunicativos. Ou seja, é possível falar cada vez mais em interatividade entre os atores, visto que estes precisam estar na rede, imersos, sendo parte constituinte e constitutiva da mesma (DI FELICE; TORRES; YANAZE, 2012).

Castells (2008), afirma que a rede pode potencializar o contrapoder. Mesmo que as tecnologias na rede não mobilizem automaticamente, as apropriações e os usos feitos por pessoas podem ajudar na mobilização/ação voltadas para questões que envolvem a sustentabilidade. Neste sentido, Di Felice, Torres e Yanaze (2012, p.

207), propõem a concepção de redes de redes, as quais nos revelam a impossibilidade de se separar “[...] o natural, o social, o global, o local, as comunidades, os territórios, as tecnologias – eles estão irremediavelmente conectados, interferentes, construindo fluxos informativos que não somente circulam na rede, mas são a própria rede”. Ou seja, nada existe isoladamente e todos estão em relações constantes e constitutivas.

Pensar, agir e construir em redes horizontais e diversas em e de saberes, é uma forma ecosófica de compreensão e ação, a qual leva em conta a complexidade ecossistêmica da subjetividade, dos grupos sociais, do meio ambiente, do porvir, da pluralidade da vida e da diversidade que constitui o ser no mundo. As redes podem então conectar, fornecer mapas e trajetos, apropriar-se de técnicas e tecnologias diversas nas suas constituições. A potência aqui observada é a de influenciar as redes ecosoficamente para, assim, evitar graves acidentes epistemológicos e práticos nas nossas relações com Gaia.

As redes são múltiplas e misturam tempos, espaços, técnicas e tecnologias, tanto analógicas quanto digitais. O contexto contemporâneo traz em si diversas possibilidades constitutivas, o que nos leva a um espaço que em si já é rede e ao mesmo tempo é ciber, sendo por ele que seguiremos nosso trajeto.

Ciberespaço

O ciberespaço coloca-se como um lugar de contornos indefinidos, com laços sociais sólidos e pontilhados, o qual se fortalece, com possibilidades de ligação e de influências outsiders grandes. Ou seja, o espaço “impuro” da transformação social (Internet e as redes sociais digitais) influenciam muitos dos modos como interagimos (DI FELICE; TORRES; YANAZE, 2012), podendo servir à ecosofia.

As possibilidades de empoderamento dos atores nas redes sociais se vê potencializado, pois o compartilhamento e a articulação de ação não esbarram em barreiras dos territórios físicos, o que possibilita interações multiterritoriais, multipessoais e multitecnológicas. A arquitetura das redes nos leva a interações mais imersivas e tipos singulares de fruição (DI FELICE; TORRES; YANAZE, 2012). O ciberespaço coloca-se então como território a ser explorado e ressignificado.

Um dos desafios postos para o ciberespaço nesta tese é como inteirar-se dele de maneira ecosófica. O pensamento reticular vincula-se ao sentir ecosófico através

de uma inteligência ecossistêmica e relacional, sem centro, com a ação e o conhecimento do sujeito relacionando-se intimamente, o que conecta o conceito já trabalhado de redes para ligar o material, o simbólico e o virtual. A qualidade conectiva, o reconhecimento de agentes não humanos e a possibilidade de transgredir o já posto para avançar na ação mais consciente, crítica e sensível com o mundo, traz a possibilidade de passarmos de uma comunicação no ambiente virtual à uma comunicação com tal ambiente, enquanto alguém que participa, limita, fortalece e constrói a possibilidade habitativa ecosófica.

Com a mídia, o território sofre alterações e as relações do sujeito com ele também são modificadas. Podemos pensar em um território *ciber* digitalizado, eletrificado, com formas de sociabilidade e práticas interativas, as quais resultam de sinergias entre dispositivos comunicativos, interfaces e sujeitos. Ao pensarmos nesse espaço ciber e nos territórios digitais, profundas mudanças conceituais, arquitetônicas e sensoriais podem emergir (DI FELICE, 2009; DI FELICE; TORRES; YANAZE, 2012). Tais espaços e territórios abrem possibilidades potentes para o ser e fazer ecosófico, assim como complexificam a teia da vida e afetam existências e os diferentes ambientes da experiência.

Graças à digitalização e ao ciberespaço, podemos falar de redes de redes, com circuitos informativos e topografias maleáveis, possibilitando interações criativas e formas inéditas de habitar. Tal rede que se compõe e recompõe-se através de outras redes, revela a impossibilidade de se separar o social, o global, o local, as tecnologias, as comunidades, os territórios e o natural, visto que eles estão conectados, são interferentes e constroem fluxos que circulam na rede, sendo a própria rede (DI FELICE; TORRES; YANAZE, 2012).

A eletricidade e as mídias audiovisuais permeiam cada vez mais a forma como o mundo é sentido e traduzido. A natureza do habitar passa então a se basear em um movimento através da informação e de navegações informativas. A mídia é, então, parte da natureza, criadora de redes autopoiéticas, digitais e dinâmicas, que entrelaçam o material e o imaterial digital. Tal contexto faz emergir a necessidade de se pensar a natureza e o mundo como conjunto de relações comunicativas (DI FELICE, 2009).

O ciberespaço proporciona áreas de exploração e de conhecimento ainda pouco exploradas ecosoficamente. As experiências existenciais relacionadas às identidades, ao gênero, à moda e outras searas da vida, mostram que as opções

rígidas e “únicas” de outrora parecem ser substituídas por estéticas fluidas e híbridas. A mutação e o contínuo devir constroem-se nesse espaço mecânico, orgânico e eletrônico ao mesmo tempo no espaço *ciber*. Dessa forma, vamos nos constituindo e nos formamos continuamente em trânsito (DI FELICE, 2009). Assim como o que é queimado, transforma-se, flutua e dilui-se, o ciberespaço assim se constitui, continuamente.

Di Felice (2009) propõe uma habitação cada vez mais atópica, a qual se caracteriza pelo transorgânico, como um habitar nem interno e nem externo. O atopos, não nega necessariamente o “topos” (espaço), mas busca colocar ele como algo indizível, justamente por ser “trans”. Esse habitar não se deixa narrar. Pode-se pensar em novos ecossistemas, nem orgânicos nem inorgânicos, nem estáticos e nem delimitáveis, mas informativos e imateriais. A atopia é, então, como uma habitação “*on demand*”, plural e tecno-subjetiva.

A informação ganha espaço e torna-se uma característica importante, influenciando o habitar contemporâneo por meio do diálogo de redes, interfaces e circuitos informativos. A heterogênese coloca-se como característica fundante da habitação, a qual possibilita circuitos linguísticas transhumanos e realidades existenciais e comunicativas compostas por humanos e máquinas, com uma transorganicidade latente e pulsante, criadora de novidades e de devires múltiplos (DI FELICE, 2009).

A proposição de um habitar atópico fornece à ecosofia a possibilidade de pensar a hibridação habitativa, sua transitoriedade e fluidez, além de seu envolvimento com tecnologias, ecossistemas e relações orgânicas e inorgânicas. Ao partir de onde se está, com o que se tem e com o que se sabe, a ecosofia aqui proposta constrói-se como uma sabedoria interconectada do passado, do presente e do futuro para agir conscientemente e sensivelmente nas práticas do habitar.

A compreensão dos desafios atuais e a busca por possíveis resoluções passam por espaços ciber e pelas redes. Como afirma Castells (2009), a maior força deles está em uma apropriação que coloca-se como contrapoder. O debate sobre questões ecológicas vem ganhando cada vez mais espaço graças ao ciberespaço e às redes, por possibilitarem ações sociais que são “[...] constitutivas dos novos modos de construir opinião pública e das novas formas de cidadania, isto é, das novas condições em que se diz e se faz política” (MARTÍN-BARBERO, 2011, p.70). Inserir plugins

ecosóficos nas redes pode potencializar e diversificar os debates envolvidos na e pela ecologia.

A ecosofia pode atuar como ponto de ligação entre o ciber, o eletrificado, o digitalizado e o orgânico, possibilitando utopias novas, mas mantendo a conexão orgânica do humano com o mundo. Musso (2006) afirma que o ciberespaço liga sem fim e possui, ao mesmo tempo, técnica, simbolismo, natureza e sociedade, existindo graças à interligação, com interconexões praticamente ilimitadas. Dessa maneira, a rede e o ciberespaço tornaram-se “[...] o fim e os meios para pensar e realizar a transformação social, e mesmo as revoluções de nosso tempo” (MUSSO, 2006, p. 218). Sendo assim, conectar o mundo ciber à ecosofia torna-se pertinente e interessante.

O humano modificou o ambiente desde a Pré-História, encontrando e criando ferramentas tecnológicas que auxiliaram na sobrevivência e também na acumulação de capital, na obtenção de prazer ou mesmo na realização de seu lazer. O que ocorre contemporaneamente, segundo Tadeu (2009), é uma ambiguidade na relação entre humanos e máquinas. Os primeiros, cada vez mais se parecem máquinas, e os segundos, cada vez mais possuem ares humanos. Ou seja, de um lado a eletrificação do humano e de outro, a humanização e a subjetivação da máquina: “[...] é da combinação desses processos que nasce essa criatura pós-humana que chamamos de ‘ciborgue’” (TADEU, 2009, p. 12). Esse ser, chamado ciborgue, pode ser pensado através de fluxos e intensidades, carne e eletricidade, materialidade, sensibilidade e “digitalidade”. O caminho desta tese segue por essa compreensão e agora mistura transorganicidades constitutivas do ser presente e futuro.

O ciborgue

O ciborgue é uma criatura animal-máquina, que habita um mundo natural e fabricado. Quando se fazem ciborgues, criam-se quimeras, híbridos (teóricos e fabricados) de máquina e organismo; e nós, cada vez mais, somos ciborgues. O ciborgue faz parte da nossa ontologia, pois acopla seres vivos, além de colocar animal-humano e máquina em ligações intrínsecas e constitutivas do ser, por isso é ainda mais fluído do que um “simples ser humano”. Ele é um tipo de eu (pessoal e coletivo) pós-moderno, desmontado e remontado através das biotecnologias e das tecnologias de comunicação (HARAWAY, 2009).

Para Haraway (2009), não está claro quem faz e quem é feito na relação entre humano e máquina. O que é mente e o que é corpo se confundem (principalmente no ciberespaço) e pode-se entender que os organismos biológicos tornaram-se sistemas bióticos (dispositivos de comunicação como quaisquer outros). Sendo assim, “[...] não existe, em nosso conhecimento formal, nenhuma separação fundamental, ontológica, entre máquina e organismo, entre técnico e orgânico [...]” (HARAWAY, 2009, p. 91).

O ciborgue pode explorar as diferentes possibilidades, redes e espaços, tendo em vista que seu corpo não busca uma unidade identitária totalizadora. Ele assume a ironia como natural. A máquina não é alguma “coisa” a ser dominada e tampouco inanimada, mas sim, parte integrante da corporificação. Neste jogo, nós somos responsáveis pelas fronteiras e somos também fronteiras, com possibilidades de avançar, operar como zona de trocas e regeneração entre diferentes lados (HARAWAY, 2009). Neste sentido, ultrapassamos em nosso caminhar concepções racionais através desse ser “ciborguiano”, que abre possibilidades para repensar a ecosofia nas relações humano-máquinas e vice e versa.

Segundo Haraway (2009), criar alianças que atravessem o gênero e a raça e que sejam capazes de respeitar o humano-máquina pós-moderno e sua multiplicidade é desejável e necessário. Tais alianças devem ser formadas em torno do pressuposto de sustentação básica da vida. Aqui, a ecosofia possui uma entrada interessante, que dialoga intimamente como um modo ciborguiano de ser e buscar “[...] uma sutil compreensão dos prazeres, das experiências e dos poderes emergentes, os quais apresentam um forte potencial para mudar as regras do jogo” (HARAWAY, 2009, p. 82).

Diálogos entre ecosofia e ciborgues, ou até mesmo um viés ecosófico ciborguiano tornam-se latentes e inspiradores, pois compreendem que o humano cada vez mais se faz máquina e vice-versa. Tal concepção é capaz de tratar de questões socioambientais diversas e dialogar com o *filum* evolutivo de Guattari, com a sensibilidade de Maffesoli e com a diversidade de Naess. Ou seja, a ecosofia com nuances de ciborgue parte da coexistência e da mistura dos elementos constitutivos do humano e do não humano, coabitando o espaço na construção de sua sabedoria da casa comum.

Na possibilidade do ciborgue mudar as regras do jogo usando a potência das tecnologias, das redes, do ciberespaço e dos diferentes territórios e fronteiras ambientais se reconhece uma saída do labirinto dos dualismos que buscam explicar

a vida. Isto porque este novo ser carrega em si características orgânicas e inorgânicas, assim como o passado, o presente e diferentes possibilidades futuras em desenvolvimento, sem se prender a um aspecto específico. Dessa forma, rompem-se as ideias de ser um ou outro e se abrem possibilidades para a coevolução que mistura e complexifica o ser em diferentes direções e formas. Não se trata mais de ser uma ou outra “coisa”, mas sim de ter em si uma e outra “coisa”. É, por assim dizer, a coexistência que guia as possibilidades disruptivas ciborguianas.

Para Lovelock (2022), os ciborgues serão autoconcebidos no futuro, através da Inteligência Artificial. Segundo o autor, “[...] nós seremos pais dos ciborgues e já estamos a gerá-los. É importante não esquecermos disso. Os ciborgues são fruto dos mesmos processos evolutivos que nos criaram” (LOVELOCK, 2022, p. 115). Dessa forma, as configurações do ciborgue adentram os territórios do ciberespaço e possibilitam o traçar de novas rotas criativas e existenciais.

O ciborgue, enquanto fruto de esforços em transformar a nós e ao mundo, traz riscos, pois a sua autoprodução pode desembocar em caminhos diferentes dos planejados ou dos imaginados. Tal risco existe e não parece frear as inovações tecnológicas do tempo presente, as quais também trazem a possibilidade ecosófica de transmutar ideologias, corporeidades, tecnologias e técnicas em novos jeitos de ser e de viver complexamente a existência, balizando os avanços no respeito à vida e à diversidade.

A vida orgânica precede a vida inorgânica e eletrônica, mas elas coexistem e assim formatam as novas relações do humano com o meio. Tais relações cada vez mais são mediadas por informação, ciência e técnica. Um dos problemas dessas mediações está posto na lógica mercadológica e utilitarista da vida, centrada no acúmulo de capital e na colonização de corações, mentes e ações. Estas características fazem emergir um período no qual o humano coloca-se como centro das atenções e busca ser o “dono do mundo”, criando o que alguns chamam de Antropoceno. Nosso caminho segue e adentra neste movediço e arriscado terreno, mas que no decorrer da nossa caminhada, vamos desbravar e buscar fertilizá-lo com organicidades ecosóficas.

Antropoceno

Gaia possui em sua história diversas eras geológicas e segundo alguns

autores, podemos falar em uma outra, que coloca a humanidade no jogo das grandes transformações planetárias, sendo chamada de Antropoceno. A ação humana está adentrando a geohistória do planeta, colocando o humano como agente transformador de Gaia, ao mesmo tempo que está “preso” a ela. Não estamos fora, somos ela e, como componentes determinantes, temos responsabilidades sobre todos os coabitantes planetários (LATOURE, 2020).

O poder de transformação planetária que a humanidade parece possuir, coloca um desafio latente ao Antropoceno e à visão de poder da espécie “*sapiens sapiens*” sobre as transformações planetárias (epistemologia existencial). O Antropoceno insere o humano dentro dos circuitos que operam como ciclos geológicos e colocam a ele a necessidade de “ser desta Terra”. Ou seja, se somos capazes de transformar profundamente as estruturas geológicas e climáticas de Gaia, é preciso pensar formas de não o fazer, colocando-se como ser que convive e necessita preservar equilíbrios, ao invés de causar danos a si e aos outros humanos e não humanos que coabitam o planeta. O envolvimento de coabitar Gaia passa, então, por uma fusão lenta e progressiva de virtudes emocionais, estéticas e cognitivas, portanto, requerem cada vez mais sensibilidade (LATOURE, 2020).

A sensibilidade é essencial no relacionamento humano com Gaia se não pretendemos que o Antropoceno seja extremamente nocivo a nós e aos outros com quem coabitamos o planeta. Ser sensível, neste caso, é ser capaz de sentir e reagir rapidamente ao que nos é sinalizado como práticas insustentáveis e, a partir daí, recriar formas de relacionamento entre nós e com o meio que nos circunda. Dessa forma, viver no Antropoceno significa questionar-se de que forma, com qual cosmologia e em que território iremos agir a fim de conviver na Terra sem nos aniquilarmos e afetarmos a existência de outros seres (LATOURE, 2022).

A ecosofia coloca-se então como uma forma sensível do agir humano no planeta, pois propõe uma política que adentra nos diferentes terrenos individuais e coletivos, engendrando humanos e não humanos em sua epistemologia, reconhecendo que a casa é comum e a coabitação é essencial em sua práxis (MAFFESOLI, 2021; GUATTARI, 2015; NAESS, 2018).

Latour (2022, p. 31) afirma que “[...] Não existe cura para o pertencimento ao mundo. Mas, pelo cuidado, é possível se curar da crença de que não se pertence ao mundo [...] Será preciso lidar com isso. É definitivo”. Pertencer e reconhecer tal pertencimento ao mundo e como todos os seres se afetam mutuamente é um

pressuposto da ecosofia que a coloca como uma nova proposta estética, sensível, rompedora do antropocentrismo.

Latour (2020) afirma que o Antropoceno e seu antropocentrismo parecem acometer os humanos de certas loucuras. Uma delas é a de negar os dados e as pesquisas que demonstram nossa relação insustentável com Gaia, enquanto outra é lutar contra o sistema terrestre, a fim de dominá-lo. Por fim, alguns creem que as instituições atuais, através da ação racional, irão solucionar a crise ambiental. O reconhecimento dessa ilusão faz emergir uma pergunta: “[...] Se a terra é animada por mil formas de agentes, por que se quer pensá-la como essencialmente inerte e inanimada?” (LATOURE, 2020, p. 109).

A Terra retroage às nossas ações por meio de fluxos que constroem o mundo, junto com nosso agir. O mundo sempre transborda da natureza. Além disso, ambos são marcos temporais, influenciando-se constantemente, pois podemos entender a natureza como o que já está estabelecido e o mundo como aquilo que vem, ou seja, potência criativa a partir do que lhe é natural. Neste jogo complexo do que está e do que virá, não se trata de desanimar de todo o mundo ou superanimá-lo, mas sim, de concebê-lo como esta interação constante entre todos os elementos que o constituem, ou seja, concebê-lo ecosoficamente nas relações já postas e naquelas que podem ressignificar existências.

Criar um novo *modus vivendi* constitui-se, então, em um desafio que pressupõe uma forma de nos apoiarmos uns aos outros (LATOURE, 2020). A ecosofia, como sabedoria da casa, une diferentes registros e comunidades, fazendo com que o ser humano, com seus princípios e ações, possa ser agente de reconstrução com e no mundo, sustentando a vida com sensibilidade (NAESS, 2018; GUATTARI, 2015; MAFFESOLI, 2021).

A compreensão de Gaia nos coloca diante de uma injunção para rematerializarmos o pertencimento ao mundo, abandonando o parasitismo e retornando à Terra, ao terrestre e ao ser terreno. Neste sentido, os terrestres devem redesenhar territórios dos quais dependem para existir, afastando-se do emaranhado demasiado humano que expulsa a natureza (e ela de nós). Trata-se de encarnar-se, como ser que tem seu elã vital na natureza, finita e provisória. Eis a profanação que a ideia de Gaia traz: ser natural no mundo (LATOURE, 2020).

Algumas ideias e percepções podem nos aproximar da rematerialização sensível do mundo, entendendo que somos partes dele como seres biopsiocossociais.

Neste sentido, podemos transformá-lo ao mesmo tempo em que nos transformamos nas relações que tecemos com ele. As possibilidades que se abrem através destes entendimentos possibilitam ressignificarmos ideologias e práticas, buscando assim novas formas políticas, econômicas, individuais e sociais de ser e agir com Gaia (THOMPSON, 1990).

A rematerialização sensível do mundo pressupõe que o processo do viver precisa se aproximar mais do artista, sem, contudo ignorar o cientista racional moderno, pois o primeiro possui maior liberdade para profanar e inovar no Antropoceno, podendo influenciar o cientista no seu fazer, transformando-o em mais ecosófico do que pragmático. O artista traz em si a imaginação, que segundo Thompson (1990), é algo potente, pois “[...] nos apresenta o mundo como um ser vivo, cujos órgãos internos são limitados por membranas permeáveis [...]” (p. 162). Sendo assim, a ecosofia enquanto forma de ver, sentir e aprender ou apreender o mundo, traz em si permeabilidades que trocam com o meio diversas possibilidades inovadoras, buscando constituir-se por meio do que há de mais vivo e pulsante nas reciprocidades experienciadas.

Ao pensar onde estamos, observamos diversas problemáticas socioambientais, as quais carregam consigo dificuldades epistemológicas e práxicas. Mas as interrelações ecosóficas apresentadas como possíveis e latentes, demonstram que o trabalho, mesmo que árduo para as ressignificações dos nossos modos de coabitarmos o planeta, possibilitam imaginarmos um futuro sensível.

A concepção de Gaia enquanto planeta vivo, em seus diferentes tempos, lugares, espaços, territórios e fronteiras, possibilita algumas coordenadas e paisagens interessantes para pensar a ecosofia acoplando-se às Ciências Ambientais. A técnica e a tecnologia, cocriadoras de nossa trajetória no planeta, perpassadas contemporaneamente pelo ciberespaço, pelas redes e pelo ser ciborgue fazem emergir diversas possibilidades habitativas, mesmo que o Antropoceno trace um cenário pouco fértil para a sustentabilidade da vida humana e não humana no planeta.

Dessa forma, o mapa geral de onde estamos traz inseguranças, ao mesmo tempo que faz emergir novas possibilidades, as quais passam por retomar os saberes ambientais, pela ideia de decrescimento, de decolonialidade e de bem viver, sendo nessa direção que iremos a partir daqui.

5.2 E agora, para onde vamos?

*Eu vejo a vida melhor no futuro
Eu vejo isso por cima de um muro
Eu vejo a vida mais clara e farta
Repleta de toda satisfação
Que se tem direito do firmamento ao chão
Eu quero crer no amor numa boa [...]
Eu vejo um novo começo de era
De gente fina, elegante e sincera*

Lulu Santos

Os caminhos possíveis para nossa caminhada são amplos e diversos e a proposta é traçar algumas possibilidades para trabalhar com a ecosofia. O contexto de crise ambiental fez com que as questões que envolvem relações entre seres vivos e destes com o meio ganhasse espaço na ciência, trazendo a ecologia como projeto científico. A ecologia pode ser entendida como o estudo do “lar-terra” e das relações que interligam todos os seus membros. O pensamento ecológico é alimentado pela concepção do ecossistema como uma comunidade de organismos em suas interações físicas e ambientais, formando, ao mesmo tempo, uma unidade ecológica, não linear e de seres interdependentes (CAPRA, 2006). Para alterar percepções antropocêntricas e inférteis para a vida, os próximos passos vão em direção ao pensamento ecossistêmico e sua proposição de vida enquanto teia.

O pensamento ecossistêmico e a teia da vida

A vontade de controle, de domesticar e de dominar o outro geram o que Capra (2006) chama de “crise de percepção”, uma visão fragmentada da realidade. Nossos problemas são sistêmicos “[...] o que significa que estão interligados e são interdependentes [...]” (CAPRA, 2006, p. 23). Neste sentido, uma epistemologia das Ciências Ambientais precisa partir da elaboração de um pensamento sistêmico, o qual compreende que um sistema vivo surge das interações e das relações entre as partes, ou seja, ele coloca a análise em um contexto, onde todo e partes se influenciam, sendo que o todo é mais que a soma de suas partes (MORIN, 2006). Valorizador das interconexões, o pensamento ecossistêmico concebe a vida como formadora de uma teia, redes dentro de redes, sem dominação: “[...] na natureza, não há ‘acima’ ou

‘abaixo’, e não há hierarquias. Há somente redes aninhadas dentro de outras redes” (CAPRA, 2006, p. 45).

O pensamento ecossistêmico assume uma visão holística da realidade, entendendo o planeta como um todo integrado (Gaia). Pensar a existência humana a partir de tal concepção nos faz compreender que o sistema nervoso interage com o meio ambiente e assim tem modulada continuamente sua estrutura. Nosso pensamento é acompanhado por processos e sensações que temos a partir da interação com o meio, realimentada de forma contínua, o que é essencial para o viver. Somos compostos e compositores de um sistema vivo (CAPRA, 2006; LOVELOCK, 2006).

Num sistema vivo, os componentes mudam continuamente, partindo de três critérios: padrão, estrutura e processo. O padrão caracteriza-se como a configuração de relações que determina as características essenciais do sistema. A estrutura é a incorporação física do padrão de organização do sistema, enquanto o processo vital coloca-se como a atividade envolvida na incorporação contínua do padrão de organização do próprio sistema (CAPRA, 2006). Segundo Capra (2006), os sistemas vivos são autônomos, mas interagem com o meio ambiente através de intercâmbios de energia e matéria.

Pensar e agir ecossistematicamente é compreender que o padrão produz essências, a estrutura dá firmeza, mas não engessa e o processo é a autoprodução, que, geradora de novidades, faz avançar o processo da vida e do viver de quem participa do sistema. Em suma, a práxis ecossistêmica é a ecosofia enquanto composto e compositora de histórias e destinos, agindo para isso no tempo, no espaço, no território e nas fronteiras que constituem seres e saberes.

O pensamento ecossistêmico e sua ancoragem na proposta da vida em redes pressupõe uma autopoiese ou autocriação dos organismos vivos. Autopoiese pode ser entendida como um padrão de rede no qual cada um dos componentes participa da produção ou da transformação dos demais componentes da rede, desta forma, ela cria a si mesma constantemente. Ou seja, ela se autoproduz e elabora seus componentes por meio deles mesmos (CAPRA, 2006).

As redes autopoieticas devem regenerar a si mesmas continuamente para manter sua organização. A matéria que flui continuamente através do organismo, mantém o sistema estável, mas também o modifica, concomitantemente. Pode

parecer uma simples mudança de visão sobre os organismos e suas interrelações, porém, isto influencia determinantemente no processo de conhecer (cognição), que entende a auto-organização do sistema vivo, em todos os níveis, através da atividade mental, dos processos e de suas estruturas.

A percepção proposta por Capra (2006) dialoga com a ecosofia, pois abraça os fluxos e seus componentes e a impermanência própria da vida. A natureza transforma-se em algo além do mercadológico e maquínico, apresentando-se como o humano: imprevisível, sensível ao mundo que a circunda e influenciada por pequenas flutuações. A ecosofia assume a irremediável condição do humano como natureza.

Ao se compreender a teia da vida como uma estrutura em muitas camadas de sistemas vivos aninhados dentro de outros sistemas vivos (redes dentro de redes), entende-se que toda e qualquer ação pode alterar de forma determinante a organização ecossistêmica. Em todos os lugares os componentes interagem entre si em diferentes magnitudes, gerando a co-criação contínua da vida (CAPRA, 2006).

A visão ecossistêmica é ecosófica em sua essência, pois pensa formas de coabitar que integram, interinfluenciam-se e recriam possibilidades coexistenciais. Desta forma, podemos falar em uma coevolução, que segundo Capra (2006), pode ser entendida como “[...] uma dança em andamento que procede por intermédio de uma sutil interação entre competição e cooperação, entre criação e mútua adaptação” (p. 182). Ou seja, conflitos e colaborações fazem parte deste habitar comum da casa, que sabiamente faz coevoluir a todos que aqui residem.

Reconhecer a simbiose evolutiva como uma força possui implicações filosóficas profundas, pois todos os organismos são testemunhas vivas de que práticas destrutivas não se sustentam no longo prazo. É “natural” os agressores destruírem a si mesmos, abrindo caminho para aqueles que sabem cooperar. A vida pode ser muito menos uma luta competitiva pela sobrevivência do que um triunfo da cooperação e da criatividade (CAPRA, 2006).

Criatividade e cooperação são essenciais para inserir o humano na teia da vida, o que por sua vez, é requisito para recuperar a plena humanidade. Reconectar o ser humano à teia é essencial, pois ela oferece a segurança de viver a vida em seus fluxos, linguagens, culturas, desafios e possibilidades (CAPRA, 2006; MATURANA, 1990).

A ecosofia pode ser entendida como uma tecedora, que através de sensibilidades, normas, princípios e vasos comunicantes ou registros ecológicos compõe cenários para os atores que coabitam a teia. Através de seus genes e seus plugins, práticas ressignificativas podem ser tecidas, levando à construção de novas existências, cada vez mais interconectadas com o outro (humano e não humano). Entre tempos, espaços, ciências, saberes, autores e atores, é na ecosofia que reside um potencial constitutivo que pode fortalecer a teia e quem por ela navega, sendo ao invés de uma armadilha para captura e aniquilação, um mosaico interrelacional pulsante e forte. Ao ser concebida em Teia e dialogar com a ecosofia, a vida requer investir no saber ambiental, o qual merece uma atenção especial.

Saber Ambiental

Segundo Leff (2006), o saber ambiental agrega o científico, o econômico e o tecnológico, os quais são próprios da modernidade, mas também conjuga saberes marginalizados e subjugados pela centralidade do cientificismo. Parte-se, então, da concepção de que o ambiente não é somente ecologia “[...] mas a complexidade do mundo; é um saber sobre as formas de apropriação do mundo e da natureza através das relações de poder que se inscreveram nas formas dominantes de conhecimento [...]” (LEFF, 2006, p. 17).

O saber ambiental coloca em confronto racionalidades e tradições com possibilidades novas e criações de outridades, dando espaço à alteridade do conhecimento. Esta atitude possibilita inserir a complexidade ambiental através de diferentes áreas, integrando o emergente com o já cimentado pela ciência. Ou seja, tal saber conjuga possibilidades que envolvem o ser e seu ambiente (LEFF, 2006; 2012).

O saber ambiental não está pronto e sim em constante produção conforme o contexto ecológico e sociocultural, o que o caracteriza como necessariamente inter ou transdisciplinaridade. Por sua racionalidade aberta, converte-se em um espaço de diálogo com a incerteza e com a desordem, com o inédito e o virtual (futuros possíveis), incorporando assim, a pluralidade axiológica e a diversidade como formas de conhecer e transformar a realidade (LEFF, 2006).

O saber ambiental problematiza a própria ciência e sua fragmentação, sem ignorar as relações de poder que o atravessam. A direção proposta é a de inserir

saberes “não-científicos” na ciência, abrir espaço para novas matrizes de sentido e construir novas racionalidades teóricas, sociais e produtivas. Para que isso seja possível, é necessário novas significações sociais, permeadas por novos modos de subjetividade e de posicionamento ante o mundo, seja pelo indivíduo, pela sociedade ou pela ciência (LEFF, 2006). A proposta ecosófica possibilita estes diálogos entre saberes, indivíduos, grupos, meio ambiente e demais componentes da vida, a fim de criar territorialidades para ser e fazer nos diferentes espaços.

Entre as forças do saber ambiental, a valorização do singular, do subjetivo e do pessoal contribui especialmente com a ecosofia, assim como a proposta de encontro (enfrentamento, entrecruzamento, hibridação, complementação e antagonismo) de saberes diferentes e diversos (LEFF, 2006).

Por meio do saber ambiental “[...] flui a seiva epistêmica que reconstitui as formas do ser e do pensar para apreender a complexidade ambiental” (LEFF, 2006, p. 192). Seja através da seiva bruta ou da seiva elaborada, o saber ambiental possibilita pensar uma ecosofia plural e singular, racional e sensível, complexa e interrelacional no que se refere às formas de vida individual, coletiva e planetária.

Trabalhar com o saber ambiental é atentar para as possibilidades ecotecnológicas de produção, que através da interdisciplinaridade podem gerar usos mais sustentáveis de recursos. Tais processos inserem-se na construção de uma racionalidade que não mais econômica ou mercadológica, é ambiental, caracterizando-se como um processo social e político que passa pela reordenação de tendências consumistas, pela ruptura de barreiras institucionais e epistemológicas e pela criação de outras formas novas de organização produtiva e científica, compreendendo o ambiente em suas transversalidades constitutivas e pulsantes (LEFF, 2006; 2000).

As constelações de saberes e de instrumentos de diversas disciplinas direcionam o saber ambiental para uma atuação de fim prático na resolução de problemas concretos e do “desenvolvimento” alternativo. A racionalidade ambiental que emerge daí pode orientar as pesquisas e a aplicação dos conhecimentos científicos e técnicos através das políticas científico-tecnológicas inter/transdisciplinares (LEFF, 2001; 2006; 2012).

A racionalidade ambiental contempla uma práxis diferenciada, pois nela “[...] são gerados novos princípios, valores e conceitos para uma nova racionalidade produtiva e social, e projetos alternativos de civilização, de vida, de desenvolvimento”

(LEFF, 2001, p. 151). A racionalidade enquanto forma de reorientação produtiva e o saber ambiental enquanto epistemologia reconstrutiva das relações do humano com o meio se complementam, pois articulam-se assim os campos culturais, ecológicos, econômicos e tecnológicos, envolvendo diferentes atores com suas visões de mundo.

Segundo Leff (2000), “[...] o saber ambiental é gerado num processo de conscientização, de produção teórica e de pesquisa científica [...]” (p. 152). Neste sentido, a ecosofia pode retroalimentar(se) do saber ambiental, pois este transita e dialoga com os mais altos níveis de abstração conceitual, mas também com o saber mais prático do cotidiano. Pode-se dizer que ele leva a marca das suas diferenças, sem uma fusão perfeita, mas repleta de permeabilidades e fios mestiços que se entrelaçam, tecendo linhas de sentido, forças sociais e ambientais capazes de originar uma nova ordem, entre o sensível e o inteligível. Dessa trama emerge a possibilidade de uma episteme ambiental (LEFF, 2000).

O saber ambiental é uma racionalidade também pedagógica, que baila com diferentes lógicas, o que induz à criatividade e à ação solidária para a construção de um novo saber, de novas mentalidades e sabedorias, por isso, ecosofias. Por meio da ecosofia, é possível pensar novos territórios existenciais, construtores de sentidos coletivos e de identidades compartilhadas. O saber ambiental de Leff não se intitulava ecosofia, mas indicava a mesma direção: a construção de uma sabedoria do viver, que leva em conta as partes e o todo, transpõe dicotomias e atua em comunhão.

Ao tratar da teia, do pensamento ecossistêmico e do saber ambiental, observa-se que outras lógicas emergem e criam novas possibilidades para o viver. Dentre as mapeadas pelo caminhar do pesquisador, emerge o decrescimento, que para além da lógica, adentra o campo da ação prática, limpando e cultivando terrenos que visam a sustentabilidade futura. Seguimos pela proposta de decrescer para sustentar.

Decrescimento

Avanços teóricos e ações práticas se complementam na proposta do decrescimento, o qual tem como meta enfatizar o abandono do crescimento econômico ilimitado. O sistema precisa começar a mudar sua lógica, decolonizando imaginários, pois do contrário, nosso crescimento econômico excessivo se chocará ainda mais com a finitude da biosfera e com a capacidade de regeneração da Terra (LATOUCHE, 2009).

O problema está posto e passa, inevitavelmente, pela política, a qual o decrescimento depende atenção. Ele propõe um projeto político baseado numa análise realista da situação, que busca coerência teórica e prática, partindo dos muitos “Rs”: reavaliar, reconceituar, reestruturar, redistribuir, realocar, reduzir, reutilizar, reciclar etc. Desta forma, foge-se da lógica politiqueria e partidária, renovando a “velha” forma dos ecologistas, ao pensar globalmente e agir localmente, intencionando com a inovação política e a autonomia econômica, principalmente em nível local, encontrando possibilidades de se consumir menos e se aproveitar mais o que a Terra oferece (LATOUCHE, 2009).

As formas supracitadas de decrescimento são algumas das possibilidades, pois este conceito prático é revolucionário, não enquanto guerra civil ou derramamento de sangue, e sim como mudança radical da cultura, das estruturas jurídicas e de relações de produção. Ele se posiciona como conceito prático pois avança na elaboração de proposições concretas, tendo pilares essenciais como: o resgate de uma pegada ecológica igual ou inferior ao que o planeta suporta, agricultura que busque ser local e o mais natural possível, criação de ecotaxas dos custos ambientais existentes na produção, impulsionamento da “produção” de bens relacionais, como a amizade e o conhecimento, redução dos desperdícios de energia, dentre outras possibilidades (LATOUCHE, 2009).

As propostas decrescentes versam sobre materialidades, mas não somente, pois segundo Latouche (2009), é preciso reencantar, redescobrir o tempo livre e ocioso, criando assim novas formas de pensar e agir para e com o meio. Dessa forma, decrescer é uma tarefa ecosófica, tanto pela limitação de recursos disponíveis, quanto pela força de ampliação do escopo de objetivos de vida, que para além do crescimento e do consumismo, pode ser o ato de viver sabiamente com o tempo, com o espaço, consigo, com o outro e com o meio, sempre buscando equilíbrios e fluxos que potencializam a vida e não a sua exaustão. Iluminar e aquecer a vida.

Decrescer e transmutar-se em diferentes níveis são possibilidades para reinventar existências, as quais quando permeadas pela ecosofia, pressupõem equilíbrio, dinamicidade e fluxo intenso de vida. O humano não precisa dominar o território pelo qual passa e no qual vive, mas sim compreender-se como um ser que faz parte dele, junto com outros na constituição da vida em Gaia. Para isso, é preciso decolonizar-se. É nesta direção que seguimos.

Decolonialidade

O modo moderno de habitar a terra, é um modo colonial, visto que compreende que certos seres humanos e seus vieses ocidentais, mercadológicos e capitalistas se expandiram e construíram racionalidades e subjetividades que perduram até hoje. Neste sentido, o colonialismo impõe uma lógica de domínio, dicotomização e apropriação do outro (humano não “ocidentalizado” e o não humano) como recursos para obtenção e acumulação de capital (FERDINAND, 2022).

Este habitar colonial possui princípios, fundamentos e formas. Os primeiros compreendem uma exploração dos não humanos e o altericídio dos humanos não ocidentais ou não ocidentalizados. Em seus fundamentos, encontram-se a usurpação da terra, o desmatamento e desbravamento dos não humanos, enquanto a morte ou a escravidão dos humanos (domínio sobre corpos e mentes) justifica-se em prol desta vida “correta”. Por fim, em suas formas, a propriedade privada, a monocultura e a subjugação escravista do outro das mais diferentes maneiras, estruturam o modo de vida colonizado e colonizador (FERDINAND, 2022).

Para Krenak (2021), o pensamento e a lógica colonial são compostos por essa razão ocidental que imprime sentido em outros mundos diferentes dos seus e criam sujeitos que vão ser a imagem e semelhança do que o colonizador propõe. Este pensamento objetiva negar aos latino-americanos a pluralidade e a criatividade inventiva dos diversos povos que compuseram e ainda compõem o continente, pois preza pela “europeização” cultural. O colonialismo em sua materialidade constitui-se na violência contra os diferentes ambientes e eliminação do outro (FERDINAND, 2022).

Para falar em ser decolonial, é preciso iniciar pelo pensamento de ruptura com o modo moderno e ocidental de governar corações, mentes e corpos. Pode-se partir do respeito ao outro e da memória do que vem antes da colonialidade, como forma de emancipação do puro materialismo e entendimento do humano enquanto ser natural, componente e compositor da natureza. Pensar por si próprio, abrindo-se para experiências e saberes novos, assim como para cosmovisões memoriais de povos que viviam e ainda vivem de forma diferente, pode ser um início promissor para o decolonialismo (KRENAK, 2021; 2020).

A ecosofia potencializa a decolonização, pois abrange em seu escopo práticas

disruptivas e diferentes das dominantes. Ela proporciona, ao pensar os humanos e seus meios (registros, sensibilidades, normas e princípios) a proposta de reciprocidade, colocando-nos “[...] entre aqueles que propõem que nos juntemos para pensar mundos” (KRENAK, 2021, p. 78). Pensar mundos ecosófico não é tarefa “replicativa”, mas sim inventiva, criadora e calcada na biodiversidade, coisas que o colonizador não respeita e nem sequer compreende, como afirma Ferdinand (2022).

Decolonizar é colocar em pauta os saberes ambientais e a partir deles trabalhar. Pode ser também utilizar o ciberespaço e outras ferramentas disponíveis a fim de criar, a seu próprio modo, outras lógicas mais equilibradas ecossistematicamente. São muitas possibilidades, mas o cerne é compreender e criar visões próprias e singulares do mundo, distantes das pré-fabricações ocidentais e dominantes.

Os processos de decolonização de saberes e práticas pressupõem outras lógicas produtivas, as quais, embora diversas, complementam a proposta de descrescimento. Esse diálogo ganha força e se alimenta da ecosofia podendo avivar as Ciências Ambientais. Neste sentido, o Bem Viver emerge como uma possibilidade potente para apreciar e degustar sabiamente e ecosoficamente o trajeto que compõe o habitar em Gaia. Essa é nossa próxima parada!

Bem Viver

O Bem Viver é uma construção coletiva do sentido da vida que se afirma no equilíbrio e na convivência entre os seres. Neste sentido, indivíduo, sociedade, planeta e tudo o que o compõe se relacionam de maneira íntima, inter e transpessoal (ACOSTA, 2016).

O Bem Viver supera o desenvolvimento tradicional. Trata-se de um bem conviver com a natureza, construindo outras sociedades, sustentadas na harmonia das relações entre humanos consigo e com a natureza. A recuperação de cosmovisões indígenas e suas solidariedades são incentivadas, principalmente no que tange a vida comunitária e a busca pela autossuficiência e autogestão com base na comunidade, buscando assim uma integração entre direitos humanos básicos e direitos da natureza (ACOSTA, 2016).

Enquanto filosofia de vida, o Bem Viver abre as portas para a construção de um projeto emancipador, que parte da reconstrução utópica do futuro a partir da visão

andina e amazônica. Ele não produz visões dogmáticas ou excludentes, tampouco elabora propostas fechadas e indiscutíveis, antes disso, busca complementações e inclusões de propostas provenientes de diversas latitudes e longitudes. Pode-se dizer que o Bem Viver se posiciona como um ponto de partida no estabelecimento democrático de sociedades sustentáveis (ACOSTA, 2016).

O Bem Viver forja-se na interculturalidade, na relacionalidade e na complementaridade de todos os seres vivos (humanos e não humanos). Não é um simples conceito, mas uma vivência, que busca “[...] impulsionar uma vida em harmonia dos indivíduos em comunidade como parte da Natureza” (ACOSTA, 2016, p. 83). Ele é uma ética da suficiência para toda a comunidade, uma transição do antropocentrismo para o sociobiocentrismo, sendo plural em sua essência e em sua nomenclatura, pois é possível pensar e enxergar bens viveres e bons conviveres, de comunidades entre si e com a natureza (ACOSTA, 2016).

Uma outra economia é exigida pelo Bem Viver, baseada na sustentabilidade e na solidariedade. Os objetivos econômicos devem estar subordinados às leis dos sistemas naturais. A execução de tal tarefa será o motor da realização das necessidades humanas, levando em conta os direitos da natureza (de existir, ser respeitada, preservada e de prosperar), visto que no final das contas, somos natureza (ACOSTA, 2016).

Segundo Acosta (2016), como forma “palpável” de organização e efetivação, o Bem Viver possui as seguintes diretrizes básicas: a) Frear a aceleração do despojo às comunidades; b) Reduzir a dependência do petróleo e da mineração; c) Reduzir o desperdício e desacelerar o aumento da entropia; d) Impulsionar a redistribuição de renda e da riqueza; e) Mudar os padrões tecnológicos e incentivar alternativas locais. Tais diretrizes podem ser ampliadas ou novas acrescentadas, desta forma, podemos dizer que “O Bem Viver será para todos e todas. Ou não será.” (ACOSTA, 2016, p. 240).

As propostas colocadas em discussão por Acosta (2016) sobre o Bem Viver, demonstram possibilidades múltiplas, que dialogam em sua multiplicidade com a ecosofia. Mudanças de padrões, diálogo de saberes, reflexão e práticas conectadas ao meio e respeito à diversidade na constituição de sociedades sustentáveis interligam ambos conceitos. Ou seja, a cooperação entre ambos pode ser vista como uma simbiose de interesses e desejos, capazes de transformar os modos como vivemos.

A cooperação é essencial para o Bem Viver e sua efetivação, principalmente no que tange recuperar e fortalecer instituições ancestrais, as quais podem retroalimentar as modernas, buscando estabelecer condutas baseadas na reciprocidade, na redistribuição e na solidariedade. Neste sentido, buscar formas de emprego pleno e digno, uso eficiente de energia, espaços democráticos para vozes e vieses discordantes e integrar de forma solidária os mais diferentes povos, faz parte do horizonte utópico que pode vir a se tornar realidade (ACOSTA, 2016).

A comunidade interliga o indivíduo a um grupo, à sociedade e a si mesmo, pois valores e práticas compartilhadas significam a existência. A comunidade, por sua vez, precisa interligar-se à natureza, buscando com ela tecer relações igualitárias e equitativas, pois do contrário, as lógicas produtivas e sociais seguirão com laços frágeis e não transformantes. Pode parecer simples utopia, porém, enquanto um rascunho a ser elaborado coletivamente e continuamente, o Bem Viver acolhe a perspectiva da construção coletiva e contínua, pois por ser um projeto de vida “[...] solidário e sustentável, deve ser uma alternativa imaginada coletivamente, conquistada e construída politicamente, e executada democraticamente a todo momento e circunstância [...]” (ACOSTA, 2016, p. 198).

O Bem Viver possibilita a construção de conhecimentos vinculantes do ancestral e do moderno, supera distâncias entre teorias e práticas e fornece novas possibilidades de vida, com constância, humildade e vontade de transformar e transformar-se. A ecosofia se inspira no Bem Viver e pode ser inspiradora dele, repensando sabedorias e certezas já cimentadas na busca de reconstruções possíveis, que passam pela ética, pela estética, pelas subjetividades, individuais e coletivas, partindo de emergências subterrâneas na construção de novas formas habitativas.

Falamos em sobreviver, mas a ecosofia vai além disso, pois reflete sobre como viver. Dessa forma, propõe-se que nos transformemos em fluidez e fluxo, que “[...] sejamos água, em matéria e espírito, em nossa movência e na capacidade de mudar de rumo, ou estaremos perdidos” (KRENAK, 2022, p. 27). A proposta ecosófica faz com que as lógicas de vida sejam transformadas, e também as científicas, fluindo em estado de rio, com suas interconexões e possibilidades múltiplas de existência. Sendo assim, conforme nos sugere Krenak (2022), é preciso gerar alianças afetivas entre mundos não iguais, permeados por alteridades e empatias que deslizam em diferentes dimensões, para assim tatearmos e adentrarmos no terreno do Bem Viver. À ciência

cabe ser protagonista neste chão.

É preciso repensar a própria ciência e seus rumos contemporâneos, afinal, como afirma Santos (2004), ela é um eixo central das lógicas aplicadas pela humanidade nas últimas décadas. Sendo assim, inferir desafios e possibilidades científicas na formação da ecosofia e de suas práticas coloca-se como um fluxo prático a ser explorado.

Ciência

Leff (2006) afirma que a ciência não vive e não é feita em um vazio ideológico. As lógicas científicas modernas serviram e ainda servem, em larga escala, aos princípios mercadológicos e utilitários, se autodenominando neutras em diversas oportunidades, mas servindo ao sistema posto e imposto pelo capital. Como afirma Morin (2014), “[...] a ciência tornou-se poderosa e maciça instituição no centro da sociedade, subvencionada, alimentada, controlada pelos poderes econômicos e estatais [...]” (p. 19). Neste sentido, pode-se observar que o modelo moderno e disciplinar que a ciência produziu já foi largamente criticado e precisa ser superado, pois articular diferentes saberes, habilidades e competências é um desafio posto para diferentes searas da vida, envolvendo a ecosofia em seu cerne.

O fazer científico precisa se interrogar sobre suas estruturas ideológicas e se aventurar pelo autoquestionamento de sua personalidade, visto que ela é resultado de e retroalimenta técnicas, sociedades, mercados e estados. A neutralidade e objetividade outrora defendidas, podem dar espaço ao intuitivo e à imaginação científica, que eliminada por não ser claramente definida, está na origem de todas as construções científicas. A ciência está sempre em movimento, em ebulição e essa é sua maior potência, mesmo que ignorada pelo viés utilitarista e mercadológico (LOVELOCK, 2022; MORIN, 2014).

A ecosofia é potencializada e potencializa a ciência, visto que parte de uma ecoprodução que admite a possibilidade de erro, a biodegradação conceitual, do movimento e do fluxo que compõem os conceitos, os métodos, seus resultados e as conclusões, sempre impermanentes e parciais do mundo conhecido e concebido. Conforme sugere Morin (2014), “[...] a fecundidade da atividade científica está ligada ao fato de ela ser motivada por fenômenos antagonistas ou contraditórios, por mitos, por ideias e por sonhos [...]” (p. 54). Eis aqui a possibilidade de fazer uma ciência

ecosófica criativa e fecunda do porvir.

Morin (2014) sugere a complexidade como uma característica da ciência e mesmo como um paradigma para a contemporaneidade. Para o autor, complexidade comporta incerteza, não linearidade, motivação para pensar e repensar o fazer científico, mas não é uma simples receita. O pensamento complexo tenta dar conta da incompletude e luta contra a mutilação. Tende para o conhecimento que reconhece e respeita a multidimensionalidade do conhecer. A complexidade possui uma organização recursiva, autoprodutiva e autorganizativa. O complexo é o que está junto e é tecido por diferentes fios e saberes que se entrecruzam, sendo assim, “[...] tudo se entrelaça para formar a unidade da complexidade; porém, a unidade do *complexus* não destrói a variedade e a diversidade das complexidades que o teceram” (MORIN, 2014, p. 188).

A complexidade científica confunde as fronteiras nítidas dos conceitos dualistas e se fundamenta na dialogia entre imaginação e verificação, empirismo e realidade. Primeiro a complexidade é confusão e desafiante. Ao avançarmos pelas suas avenidas percebemos ligações, esquinas, rodovias e redes de transporte que levam o conhecimento a abrir possíveis diálogos, sem necessariamente concluir ou finalizar algo. Sendo assim, em sua genética, a complexidade é multidimensional, temporal e transitória, atuando por meio da junção de conceitos e de seu reordenamento constante (MORIN, 2014).

A complexidade aplicada à ciência ajuda-nos a conceber desvios, errâncias, aniquilamentos e enriquecimentos nos diferentes conhecimentos produzidos. O objetivo do conhecimento é abrir(se) para o diálogo, o que é complexo em sua essência e pressupõe uma rearticulação entre o que foi separado. Ele não é um objeto puro, mas sim percebido e coproduzido por nós, tecido junto e por isso, complexo (MORIN, 2014).

A ecosofia é um convite à errância na complexidade. Mesmo que feita individualmente e como série de normas e princípios pessoais conforme sugere Naess (2008), ela pressupõe uma abertura e respeito para com o outro e uma articulação entre disciplinas, que parte de negociações entre o desconhecido e o vivido. É uma responsabilidade que ao ser criativa e singular, precisa dialogar com o tecer junto mundano, conforme a proposta de Morin (2014).

A ciência e sua racionalidade podem beber na fonte da complexidade para compreensão e aprofundamento das dimensões bioantropológicas e

biossocioculturais. Ao reconhecer a ordem-desordem, a oposição e a complementaridade nas trocas comunicativas entre agentes e saberes, o trânsito inteligente e afetivo pelo real (que transcende o racional) complexifica-se e incorpora múltiplas óticas, seres, ambientes e processos envolvidos entre todos os entes presentes (MORIN, 2014)

A ecosofia parte de uma interrogação sobre como convivemos em nossa casa, refletindo e agindo sobre diferentes categorias constitutivas do ser. Neste sentido, ela tem muito a ganhar com a complexidade científica proposta por Morin (2014), principalmente a partir de novos modos de interrogar e dialogar com o mistério do mundo, sua instabilidade e suas mutações. Conceber a impureza dos objetos do conhecimento e da própria história/trajetória humana no planeta é algo pertinente, visto que o universo cria, desenvolve e destrói o ambiente no qual vivemos, sendo o meio e um lugar de surgimento de acontecimentos complexos, nos quais nos inserimos e participamos ativamente. A ecosofia pode, então, suavizar nossa inserção e coparticipação nos eventos, equilibrando relações e tecendo uma sabedoria complexa por entender sua incompletude, sua multifocalidade e sua força intensa e reconstrutora da vida e do viver.

A ciência, e mais especificamente aquela que dialoga com a ecosofia ou se posiciona como ecosófica, atenta para a auto-organização. Seus sistemas são abertos às mudanças internas e externas, possuindo autonomia para se autotransformar, visto que indivíduo, sociedade e meio se retroalimentam constantemente. Por isso, mesmo que o objeto de estudo seja o humano e seus territórios existenciais junto com os meios pelos quais constituem a vida, é preciso atentar para estes eventos extra e intra humanos, afinal, “[...] podemos conceber que o homem seja um ser físico, biológico, cultural e psíquico [...]” (MORIN, 2014, p. 288).

A ciência, ao preocupar-se com a vida complexa, busca compreender e gerir processos de ordem, desordem e organização; de emergência, retroação e recorrência; de autonomia e dependência. Os humanos, dotados de consciência e linguagem, tomam decisões, constroem seus próprios caminhos e afetam direta e indiretamente o mundo (MORIN, 2014), por isso a perspectiva ecosófica torna-se importante no tempo contemporâneo, pois além da responsabilidade, auxilia-nos no entendimento, na aceitação e na transformação da realidade a fim de fazer-nos mais sábios no processo de habitar nossa casa, o planeta Terra.

A complexidade científica cobra articulação entre diferentes ciências e saberes.

Tal articulação está pautada e prima pela troca (importação e exportação) de conceitos e paradigmas, assim como aplicação de objetos teóricos de um campo do conhecimento a outro. Dessa forma, é possível reelaborar conceitual, metodologicamente e epistemologicamente saberes científicos, partindo do trânsito de intercências para novas constituições científicas (LEFF, 2006). O exercício ecosófico dialoga claramente e intimamente com tais ideias, como essa tese expõe.

Uma proposta inicial na busca de uma articulação das ciências é a interdisciplinaridade, a qual se propõe uma metodologia, tanto para o avanço do conhecimento quanto para a resolução de problemas práticos envolvendo diferentes campos e disciplinas científicas. Colocar diversas ciências e cientistas a dialogarem em torno de uma problemática comum, criando a partir daí um saber conjunto que interliga (não apenas soma) saberes disciplinares distintos, é uma prática científica já aplicada, mas que pode e precisa ser dinamizada e aprofundada, atravessando os diferentes eixos formativos institucionais e não institucionais (LEFF, 2006).

O projeto interdisciplinar gera um campo de integração de sujeitos, práticas, subjetividades, técnicas, políticas e métodos em interações múltiplas, tanto de confluência quanto de atrito. Ser e produzir ciência de forma interdisciplinar não é eliminar o papel de cada disciplina, mas buscar integrá-las, a fim de tecer um saber complexo sobre o que se estuda (LEFF, 2000; 2006).

A ecosofia parte da interdisciplinaridade na busca de criar formas mais sustentáveis de habitar o planeta, o que pressupõe uma cooperação entre cientistas e suas ciências. Porém, ela abre brechas para desafios ainda mais audaciosos e propõe-se transdisciplinar, que para além de assimilar os saberes disciplinares e interligá-los, busca a descentralização e o deslocamento de objetos teóricos práticos em busca de novos conhecimentos, que transpõem os limites disciplinares (LEFF, 2006).

Um passo além da interdisciplinaridade está a transdisciplinaridade, a qual não possui contornos claros, sendo um conceito opaco, muito por conta dos problemas de percepção criados pelo cientificismo dominante. Ela pode ser definida como um processo de intercâmbios entre diversos ramos e campos do conhecimento científico, nos quais se transferem conceitos, métodos, termos e corpos teóricos inteiros para outros, os quais são assimilados e incorporados pela disciplina importadora. Ao se fazer esse movimento, a disciplina que importa conhecimentos transforma-se em um processo contraditório de avanço/retrocesso do conhecimento induzido, o que faz o

desenvolvimento das ciências avançar e transmutar-se constantemente em novos saberes não enclausurados em uma ou duas disciplinas (LEFF, 2006).

Para exercitar a ecosofia científica, é preciso criar objetos e objetivos de pesquisa que além de desafios técnicos, sociais, ambientais ou subjetivos, pense e experimente problemas existenciais multifocais. Fazer ecosofia é transpor limites, subverter lógicas e adentrar campos de experiência que ultrapassam disciplinas científicas e desafiam saberes já constituídos, multiplicando problemas, propostas e ações para se trabalhar na superação da crise ambiental e de outras crises que a acompanham e formam-na (sociais, ecológicas, subjetivas etc.). Não se trata de imaginar soluções simples, mas atividades que atuem na busca de superar os desafios impostos.

Fazer ciência é, em suma, o que se deseja com uma tese. Pensar um modo próprio de articulação de saberes para produzir conhecimento científico entrelaçado com as experiências do pesquisador foi um exercício realizado até aqui e que será aprofundado. Neste sentido e usando como inspiração Guattari, Naess e Maffesoli, assim como todos os outros autores “plugados” à ecosofia, parte-se na jornada que mistura diferentes elementos e complexifica o pensar, preparando o terreno para adentrar nas reflexões mais profundas sobre a ecosofia e os movimentos inventivos na área das Ciências Ambientais. Esta tarefa inicia pela análise da última versão publicada do documento de área para, a partir dela, elaborar quatro linhas epistemológicas, a fim de enriquecer o campo.

5.3 Documento de área: as Ciências Ambientais em suas transversalidades

Segundo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a área das Ciências Ambientais parte da necessidade de se abordar desafios ambientais, considerando a interação entre sistemas antrópicos e naturais que emergem no mundo contemporâneo. Tal ponto de partida demonstra-se profícuo e levou a um aumento de programas de pós-graduação, de 56 existentes em 2011, para 137 em 2019. Este contexto evidencia o ganho de importância das temáticas que compõem as Ciências Ambientais (CAPES, 2019).

Por trabalhar com contextos sociais e ambientais diversos, a área emerge como multidisciplinar e ganha, no decorrer de sua história, um caráter interdisciplinar. No entendimento da Capes (2019), a interdisciplinaridade nas Ciências Ambientais é uma

emergência “[...] oriunda de grandes problemas contemporâneos, dentre os quais as questões ambientais, que requerem nova epistemologia baseada na complexidade que demanda colaboração e coprodução entre diversos campos de conhecimento” (p. 5). Dessa forma, segundo o órgão, é preciso compreender que a interdisciplinaridade agrega diferentes áreas do conhecimento em busca de entendimento comum e envolvimento direto de seus interlocutores. Ou seja, ela cobra interações entre saberes, instituições, pesquisadores, programas e territórios (CAPES, 2019).

A interdisciplinaridade nas Ciências Ambientais não é meramente a contribuição de conhecimentos técnicos ou instrumentais para práticas de pesquisa ou de intervenção na natureza, mas uma geradora de novidades, capaz de construir novos saberes na busca por soluções para os problemas advindos da relação entre sociedade e natureza. Tal concepção parte dos próprios problemas de pesquisa da área, os quais tangenciam atividades sociais, econômicas, tecnológicas, entre outras. Desta forma, compreende-se que competências acadêmicas específicas são insuficientes e acabam gerando conhecimentos fragmentados, ou seja, é preciso lançar mão da interdisciplinaridade, construindo saberes que resultem em produtos técnicos e tecnológicos, assim como publicações que estejam conectados às demandas sociais e territoriais diversas (CAPES, 2019).

Segundo a Capes (2019), diferentes perspectivas e convergências entre conhecimentos distintos são possibilidades importantes para as Ciências Ambientais. Sendo assim, a práxis científica do campo enquanto interdisciplinaridade, identifica-se como método e atitude na produção de conhecimento. A intenção é que sobreposições sejam eliminadas e complementaridades sejam construídas, visto que para a área, a interdisciplinaridade é entendida “[...] como uma proposta que busca aproximação entre as ciências da natureza e as sociais, dando flexibilidade para análise das questões relevantes na interface ambiente e sociedade” (CAPES, 2019, p. 10).

Sob a perspectiva das Ciências Ambientais, a interdisciplinaridade não é um simples somatório ou combinação entre ciências, mas um método de construção do conhecimento que parte de uma problemática complexa e trata da fragmentação de saberes. Por isso, pesquisas, pesquisadores e programas de pós-graduação precisam integrar tal proposta e metodologia aos seus fazeres (CAPES, 2019). Neste sentido, as inferências interdisciplinares da área estão próximas do que propõem Morin (2006) e Leff (2006).

Para a Capes (2019), as atuações dos programas devem enveredar cada vez mais em direção à proposição de soluções. Neste sentido, para consolidação da área, é preciso perpassar problemas atuais, formar recursos humanos altamente qualificados, ampliar o escopo de publicações e a cooperação técnico-científica e de parcerias entre universidade, empresas, setor público e sociedade civil, valorizando a inovação e os impactos acadêmicos advindos de programas de pós-graduação e suas respectivas pesquisas.

As propostas do documento de área das Ciências Ambientais interconectam-se a esta tese, tendo em vista que diferentes saberes são tangenciados e ampliados em conexões múltiplas, dialógicas e férteis na busca de movimentos inventivos. Este contexto e a visão de que a área pode ampliar ainda mais seu escopo e suas miradas, fazem emergir linhas transversais e ecosófica que propomos a seguir para as Ciências Ambientais, as quais formam um tecido amplo, colorido e diverso, buscando cobrir espaços deixados em aberto, proporcionando a respiração de múltiplos saberes, geradores de linhas, redes, teias e alguns emaranhados na constituição de inovações teóricas e metodológicas para o fazer científico ambiental.

5.4 Alguns passos adiante: linhas transversais para uma epistemologia ecosófica nas Ciências Ambientais

A proposição é fazer artesanato científico. Muitas são as possibilidades para “artesanar” e a escolha feita aqui é de trabalhar com linhas, as quais costuram, interligam, amarram e embelezam as Ciências Ambientais, com movimentos delicados, precisos e até mesmo despretensiosos. Tais movimentos podem inclusive formar um pano de fundo para tal campo científico. Nesta tarefa, me coloco como artesão, tecedor de interconexões próprias e singulares, que visam aproximar a ecosofia das Ciências Ambientais e criar transversalidades, capazes de enriquecer o “bordado e o bordar científicos”.

No ato de artesanato, vibra-se com a capacidade autônoma de criar e recriar entendimentos, abrindo espaços para a criatividade e a inventividade do artesão (INGOLD, 2011; MELUCCI, 2004). Tal tarefa requer coragem, perspicácia e autenticidade, a fim de fugir do utilitarismo mercadológico ou da cegueira dogmática racional.

Com base nas propostas de Ingold (2011), entende-se que o artesanato é um

moldar-se a partir das interações com o meio e com o que ele possui, buscando colocar, como matéria-prima para a criação artesanal, a relação com os seres que habitam o mundo e com os processos dinâmicos criados ou vivenciados. Para fazer artesanato, é preciso colocar em ação a visão, a audição e o tato das coisas, juntamente com a experiência e com as sensações tecidas a partir de diversos elementos e sentidos. Aqui a imersão no fazer com materialidades e subjetividades é uma forma de se criar artesanato e fornecer transversalidades ecosófica para as Ciências Ambientais.

O artesanato é composto pelas materialidades, virtualidades, sensibilidades e pelo fazer do artesão, o qual coloca-os em movimento e cria narrativas. Ao artesanato, o poder imaginativo e o impulso criativo ganham vida, articulando o que está posto e enredando no movimento corporal e na razão abstrata, no pequeno texto e no arquitetônico, no tátil e no ótico, nas improvisações e na abdução, no devir e no ser, na construção da própria vida e do viver (INGOLD, 2011).

Este artesanato ecosófico para a Ciências Ambientais é uma produção singular, mas que visa inspirar o campo, os programas de pesquisa, suas linhas e os próprios pesquisadores da área. Por ter essas características, não se coloca como um manual ou como uma vontade de ser absoluto, apenas propõe que assim como o desafio aqui realizado, outros desafiem-se a artesanato suas práticas, recriando territórios existenciais e científicos. Sendo assim, vozes verbais, alguns autores e pensamentos próprios misturam-se neste artesanato. Como artesão e falando em primeira pessoa, referencio todos os autores que compuseram esta pesquisa até aqui, pois é com eles e com as experiências vividas que delineamos a proposta que sustenta a tese.

São quatro linhas transversais que se cruzam para um fazer transdisciplinar nas Ciências Ambientais: a) Inventividade; b) Organicidade; c) Afetividade; d) Ativismo. As linhas tratam do campo das Ciências Ambientais como um todo, inserindo o cientista, os programas, as universidades e os demais envolvidos nas suas reflexões. Mas podem atravessar qualquer campo científico atento aos desafios contemporâneos. Tendo as linhas em mãos, é hora de tecer, costurar, remendar e bordar transversalidades ecosófica.

5.4.1 A Inventividade

A ciência em sua genética carrega a inventividade, ou ao menos deveria

carregar e dela fazer uso. Inventar algo pressupõe questionar, criar perguntas e problemas a serem resolvidos. A solução virá, mas é a arte de gerar problematizações que faz avançar o pensamento e suas possibilidades criativas (KASTRUP, 2001; GUATTARI, 1992). Esta linha transversal ecosófica alimenta as Ciências Ambientais com a proposta de elaborar problemas e objetivos que se abrem a diversos objetos, tempos e espaços, os quais possibilitam a realização de colagens múltiplas e tessituras com materiais diversos, permeados por questões relativas ao humano e suas relações com a natureza.

A ecosofia em si já se propõe como inventividade, pois assim como a vida, vai sendo feita no próprio trajeto do viver. Ela parte de questionamentos referentes ao como se vive para então criar sabedorias sobre a casa e quem nela habita (NAESS, 2010). Neste sentido, sensibilidade e ação encontram-se intrincadas em lances circulares, nem sempre espontâneos, mas permeados pela proposta de ser e fazer diferente. Trata-se de uma proposta de artista aprendiz, que através do encontro heterogêneo e polifônico consigo, com o meio e com o outro, é capaz de inventar novas possibilidades de existência (GUATTARI, 1992).

A inventividade coloca o cientista como um ser que questiona e faz disso uma arte. No trajeto científico-artístico-ecosófico, ganha força a ideia de ritornelo, o qual consiste em territorialização, desreterritorialização e reterritorialização de saberes. Ao alimentar-se dessa reconstrução constante, artística e “caótica”, o universo ecosófico abre-se para uma complexificação infinita, com virtualidades criativas várias. O ritornelo coloca-se como forma de gerar virtualidades possíveis e insere o caos criativo como mediador do processo (GUATTARI, 1992).

A inventividade pode ser aplicada em diferentes instâncias, desde um objetivo de pesquisa até a reelaboração de um campo científico, tendo nos ritornelos possibilidades para executar reinvenções múltiplas. Neste sentido, inventar perguntas, objetos, projetos, conceitos e práticas através de reflexões teórico-metodológicas é tarefa ecosófica transversal necessária às Ciências Ambientais.

O cientista, através da inventividade, pode trabalhar com a criação de projetos de pesquisa que agreguem saberes distintos, por meio da complexificação de olhares e do entendimento múltiplo das relações humanas e ambientais, Tateando assim os fluxos constitutivos do próprio campo e do saber ambiental. Neste processo, algumas vezes mais exato e em outras mais caótico, a abertura ao novo, à reconstrução epistemológica e ao encontro com o distinto, faz da inventividade uma linha

transversal que potencializa o fazer científico.

A proposta de inventar ecosoficamente dentro das Ciências Ambientais passa por uma abertura flexível do pesquisador e do campo, articulando estéticas e éticas diversas nas suas pesquisas. Neste sentido, observamos que possibilidades pertinentes para esta linha transversal atuar decorrem do trânsito por aquilo que é antropocêntrico, mas também poético, assim como o trabalho com diferentes plug-ins advindos da análise integrativa, perpassando pontilhados políticos, educativos, tecnológicos, econômicos e culturais, que dão uma forma singular ao fazer científico (TINNELL, 2012; MARÍN, 2018; HAMPSON, 2010). Trata-se de criar existências múltiplas nos trajetos científicos de pesquisadores e pesquisas, inventando novas formas de pertencer, encantar e sentir o campo e a produção do conhecimento científico.

Quando inventiva, as Ciências Ambientais podem se apropriar da curiosidade e da criatividade, movimentando o intelecto, o que emancipa a ciência, ao fazê-la transitar por estéticas diversas, aliando racionalidade e emoção na ressignificação de saberes. Ser criativo passa pela disposição de experimentar afetos e emocionar-se no fazer, entrelaçando o que já se sabe na construção do novo, seja ele intelectual ou prático (JÚNIOR, 2015; MATURANA, 1998). Inventar é próprio do humano, de sua trajetória e até mesmo de Gaia. Assim, esta linha transversal trata de humanizar a ciência para compor formas do humano habitar.

A separação cartesiana do conhecimento em disciplinas boicota diversas possibilidades inventivas. As Ciências Ambientais já pressupõem o diálogo entre campos, disciplinas, componentes curriculares e saberes, compreendendo que a interligação entre eles é essencial. A linha da inventividade busca dinamizar esta possibilidade através da transdisciplinaridade, vista como potência criadora, pois por meio dela é possível prestar atenção ao todo, buscando sentidos, encontrando interconectividades, relações, necessidades de transformação e dinâmicas de pertencimento entre campos e saberes separados ou desvalorizados, a fim de tecer um saber novo e multifacetado. Tal prática científica atenta para o fluxo que une o interno e o externo, aventurando-se nele para transmutar os saberes, principalmente pela visão múltipla sobre agentes e práticas (MELLUCI, 2004; KAPLAN; DAVIDOFF, 2014).

A transdisciplinaridade é uma forma de unicidade, que busca uma autenticidade para além do disciplinar, sendo construída a partir do diálogo consigo, com o meio

social e com o meio ambiente, sem anular nenhum, mas realizando-se através das interconexões entre eles (RODRÍGUEZ, 2019). Pode-se entendê-la como o trajeto do ritornelo que busca, na arte de reencantar a existência, sua forma de ser (GUATTARI, 1990; 1992). Neste sentido, a ecosofia assume-se valorizadora da transdisciplinaridade, podendo ser entendida como o mesocosmo, aquele lugar entre as partículas e o todo holístico, mas que através do entendimento das multiplicidades, faz a ligação entre saberes outrora separados e media a ressignificação existencial macro e micro, características estas que abrem as Ciências Ambientais ao inventar-se.

Através da transdisciplinaridade se reconhece o diálogo de saberes, o qual pode trabalhar com o decrescimento e com o bem viver na construção de conhecimentos próprios e inventivos. Podemos pensar em “bens viveres”, conforme sugere Acosta (2006), o que abre possibilidades criativas, solidárias, comuns e dialógicas para o campo, não limitando-se ao aglomerar, mas sim criando trânsitos e fluxos entre saberes na invenção do ser e do fazer ciência.

No campo do fazer científico e até mesmo pessoal, ser transdisciplinar é uma prática ecosófica a ser exercitada cotidianamente e incorporada ao escopo de possibilidades futuras para aulas, encontros, amizades, trabalho e pesquisas acadêmicas. Tais práticas podem fortalecer os grupos nos quais os cientistas se inserem, o que por sua vez é capaz de gerar a cooperação na produção científica (BUCKINGHAM, 2017). O que se propõe aqui, é transdisciplinarizar para criar.

Uma possibilidade pujante da linha inventiva é ser artesanal, o que não significa deixar de seguir alguns modelos ou padrões, mas sim afastar-se das ações mercadológicas e puramente utilitaristas, que afetam nossas singularidades e buscam criar padrões de comportamento e de consumo. Tal tarefa é importante na recriação de territórios existenciais ecosóficos pessoais, coletivos e científicos (NAESS, 2010; GUATTARI, 2015), pois cada vez que cientistas trabalham como artesãos alguma originalidade surge.

Ingold (2018), sugere que devires humanos, animais e vegetais se interinfluenciam-se e se movem juntos. Desse encontro processual entre eles, o artesão forma uma imensa e contínua tapeçaria. O cientista pode ser o artesão artista, buscando no mundo o que lhe perturba para criar sua pesquisa. Dessa forma, ser artesanal é incentivar o encontro com o outro humano e não humano na criação de sua própria peça.

Na busca do ser inventivo, a experiência é essencial, pois ela sugere algo que acontece, atravessa e transforma quem passa por ela, estando vinculada à ressignificação das ações planejadas ou improvisadas, levando em conta os sentidos, os sentimentos e os aspectos racionais sobressalentes do que acontece (LARROSA, 2002). Sendo assim, a linha inventiva se desenrola na proposição de um cientista que experiencia, no seu fazer, a incerteza, a busca pelo original no campo das Ciências Ambientais. Trata-se, por fim, de conceber e valorizar a sua própria mutação, o próprio desconhecimento/reconhecimento de seus territórios e fronteiras, a fim de expandi-los.

A proposição experiencial afirma que é preciso buscar atravessamentos constantes, imersões e ações que transformem o ser cientista em alguém que busca o equilíbrio com o meio, enquanto a Ciência Ambiental oferece suporte, aberturas e possibilidades para que tal busca se efetive. Atuar transversalmente através da ecosofia inventiva é uma forma de experienciar a transformação pessoal e interpessoal que compõe o habitar Gaia e o realizar pesquisa nela.

A análise integrativa demonstrou que experienciar a ecosofia é uma possibilidade fértil. O campo aberto por experiências já realizadas demonstrou-se potente em diferentes vivências grupais, artísticas, individuais e tecnológicas que ao receberem doses ecosóficas, potencializaram seus fazeres. A poesia, a formação com professores, o yoga e o trabalho com diferentes grupos em diferentes espaços e permeados pelos genes ecosóficos, mostram que o leque é amplo e pode ser explorado através de diversas formas e formatações (XIANGZHAN, 2013; BUCKINGHAM, 2017; COMINS MINGOL, 2016; MARÍN, 2018; AYRES; ALBERNAZ, 2018; RODRÍGUEZ; RODRÍGUEZ, 2020). Sendo assim, entende-se que a inventividade pode adentrar os mais diferentes objetos de pesquisa das Ciências Ambientais, partindo do inventar criativo para recriar o fazer científico.

Os objetos mais específicos das Ciências Ambientais também podem realizar maiores aberturas a outros campos por meio do viés ecosófico. Abrir parcerias com o campo político (Ecofeminismo, Ecologia Profunda, Justiça ambiental, etc.) e com o campo cultural (memórias, poesia, permacultura, ecolinguística, etc.) são possibilidades ecosóficas pertinentes (HAMPSON, 2010; MARÍN, 2018), que podem tensionar e fazer vibrar esta linha transversal inventiva. Todas as possibilidades supracitadas demonstram a necessidade de se experienciar ecosoficamente as Ciências Ambientais e de se trabalhar com um olhar curioso, atento às possibilidades

emergentes a serem construídas.

No trançar inventivo, a curiosidade demonstra-se essencial. Ser curioso parte de uma atitude para consigo e com o outro (humano e não humano), pois só assim aquilo que já está posto ou em vias de se colocar na realidade pode emergir. Entende-se que a curiosidade convoca a imaginação, a intuição, a racionalidade e a sensibilidade a participarem do ato inventivo. Dessa forma, é através do acesso à curiosidade que a esperança de algo novo (uma cosmovisão, um relacionamento, um *hobbie* ou mesmo um paradigma) pode emergir. Ser curioso é um traço da linha ecosófica inventiva.

As mesclas e disruptividades propostas pela inventividade requisitam um viés de esperar, o que não significa esperar algo e sim ir em busca do que se almeja e ao mesmo tempo ter paciência para que a mudança ocorra, conforme sugere Freire (2015). Ter esperança na transformação pessoal, social e ambiental é uma forma que movimenta um agir direcionado e otimista, quase animador para quem acredita que é possível interligar e agregar, ao invés de recortar e dominar. Tais características são ecosóficas em essência e fortalecem as Ciências Ambientais na sua atuação no mundo.

Esperançar possibilita um agir em múltiplos espaços e como vivemos, cada vez mais, em uma sociedade em rede e da informação, desafios *ciber* emergem, mas também potências a serem exercitadas. Neste contexto, reinventar o jogo e criar possibilidades participativas por meio do ciberespaço e suas redes são ações importantes e possíveis (CASTELLS, 2006; 2009). Integrados à rede, já um pouco ciborgues e conectados aos *big datas*, cabe a nós, cientistas, ressingularizarmos as práticas e pluralizar as vozes, tendo a ação consciente, sensível e solidária como pilares fundamentais das relações entre humano e tecnologia.

A tecnologia da ecosofia inventiva é compreendida em sentido amplo, como a gama de ferramentas analógicas e digitais das quais podemos fazer uso para produzir, integrar e interagir com informações, pessoas, animais e demais seres de Gaia. Além de compor a história humana e auxiliar em nossa evolução até aqui, a tecnologia possui um caráter disruptivo, dependendo dos seus usos e das significações postas sobre ela, tendo nas redes um expoente a ser dinamizado.

Tornar os usos tecnológicos mais ecosóficos, passa pela apropriação leve e sensível do aparato disponível, buscando através da estética e da ética, ressignificar os usos feitos da tecnologia. Trata-se, então, de usar o que há a nosso dispor para

fazer emergir a sensibilidade ecológica gestada em nosso tempo, explorando ritornelos, fluxos, autodeterminação, espontaneidade, mobilidade, desejo, arte, emoção, instinto e outros elementos disruptores ecosófico para fazer ciência e ser cientista ambiental (NAESS, 2010; 2021; GUATTARI, 1990; 2015; MAFFESOLI, 2010; 2021).

A inventividade é uma forma de fazer das Ciências Ambientais onde quer que pouse com suas pesquisas. Quando as Ciências Ambientais compõem com a formação de professores, por exemplo, no intuito de recriar formas de interagir, o uso das TICs em processos de educomunicação (vinculação entre os campos da educação e da comunicação) emerge como força a ser intensificada. O agir educutivo busca utilizar as tecnologias de comunicação em processos significativos e significantes para quem deles participa. A partir deste agir, abrem-se espaços para a dialogia e para a troca de saberes, utilizando para isso os mais diferentes dispositivos e linguagens. A educomunicação caracteriza-se pelo relacionamento dialógico e participativo, buscando a mudança de concepções e atitudes, sendo um campo de intervenção social que faz uso de TICs (SOARES; 2014; APARICI, 2014).

A educomunicação já fora utilizada pelo artesão desta tese em diferentes atividades teóricas e práticas, demonstrando-se pertinente e importante para experienciar o fazer educativo através das TICs³⁷. Experienciar o uso de TICs por meio da ecosofia, coloca-se como uma forma de encontrar-se com o outro, aprender e criar com ele formas de ser e agir. A partir das diferentes tecnologias e técnicas, a inventividade ganha força e possibilita pesquisas e intervenções conscientes, críticas e sensíveis, nas quais o cientista e a ciência, ao invés de explorar o que os contextos socioculturais trazem, constrói junto com ele e daqueles que fazem parte dele.

A tecnologia inventiva do fazer científico, interconecta saberes e seres na busca de formas mais equilibradas de vida, pluralizando e democratizando acessos, o que acontece quando utilizada para criar e partilhar. Seja no analógico ou no virtual, a

³⁷ Na realização do Trabalho de Conclusão de curso, por meio da produção de um vídeo, noemado como "Agricultura: do manual ao automático", o qual está disponível no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=WAhBgiqZZhk&pp=ygUIYWdyaWN1bHR1cmE6IGRvIG1hbnVhbCBhbyBhdXRvbcOhdGlibw%3D%3D> e na elaboração da dissertação de mestrado, a qual resultou em dois vídeos diferentes: a) É tempo de experimentar-se - [https://www.youtube.com/watch?v=HDIOjwn5ICQ](https://www.youtube.com/watch?v=HDIOjwn5ICQ;); b) Diferentes olhares voltados à natureza - <https://www.youtube.com/watch?v=EioiUpld0Zg&t=482s&pp=ygUnZGlmZXJlbnRlcyBvbGhhcmVzIHZvbHRhZG9zIMOglG5hdHVyZXph>.

inventividade pressupõe a partilha, o fazer com e não para o outro, sendo assim, possui em si um caráter de invenção pedagógica. Vislumbramos que novos espaços, tempos e modos de se fazer ciência ambiental podem ocorrer por meio do aparato tecnológico disponível e ainda a ser construído.

O elemento pedagógico da linha inventiva se constitui na ação de envolver o outro, acompanhando-o na busca pelo saber, pelo conhecimento construído a partir do compartilhamento de espaços, tempos e saberes. No encontro com o outro humano e não humano, podemos aprender e ensinar e essa riqueza pedagógica traz em si o caráter inventivo. São nos encontros com viéses pedagógicos (qualquer encontro pode ter esse viés, seja no meio acadêmico ou não) e que sejam capazes de ressignificar, construir e reconstruir saberes e práticas.

O fazer e o saber científicos ambientais podem ganhar muito ao dialogar com a pedagogia e fazer uso dos diferentes dispositivos na composição de múltiplos cenários de pesquisa e de atuação. A aproximação gera contato e trocas, que vão desde a forma de escrita de trabalhos acadêmicos, até as salas de aula e divulgação de pesquisas já realizadas. Ser pedagógico no fazer científico é tratar a complexidade como essência, sem restringir entendimentos ou profundidades, abrindo espaço para que o entendimento conjunto ocorra de forma ampla e dinâmica.

O desenrolar da linha transversal ecosófica inventiva propõe ações pedagógicas que valorizem tanto conhecimentos científicos quanto saberes experienciais, tradicionais e populares, colocando em contato a cultura local e a global, gerando entre lugares recheados de pluralidades. Estas ações carregam o germinar da rebeldia, do desafio e da (re)criação, tratando o que nos chega para então devolver algo mais fértil. Realizado pelos corpos, mentes e corações de muitos, é no encontro que se efetiva a inventividade.

Uma linha, dependendo de como tocamos, faz soar notas mais graves ou mais agudas, por isso é importante que o cientista-artista que trabalha nas Ciências Ambientais experimente diferentes tons no seu campo de atuação, deixando-se levar pela música que se cria na reinvenção. Transversalmente, a inventividade se cruza com as outras três linhas, uma delas é a organicidade.

5.4.2 Organicidade

O ser humano é orgânico, composto e compositor de Gaia, nas mais diversas

interrelações ambientais possíveis. Fazer ciência ambiental por meio da organicidade é valorizar os eco saberes. Tal sabedoria já é existente entre diferentes povos tradicionais indígenas, os quais afirmam que na natureza “[...] a ecologia somos nós, os humanos. Mas são também, tanto quanto nós, os *xapiri*³⁸, os animais, as árvores, os rios, os peixes, o céu, a chuva, o vento e o sol [...]” (KOPENAWA; BRUCE, 2015, p. 480). Sendo assim, o cientista e a pesquisa científica ganham muito ao conceber tal eco-lógica como orgânica e essencial ao habitar planetário em diferentes tempos e espaços.

Rüsen (2001) diz que é necessário criarmos uma consciência histórica, ou seja, interligar diferentes tempos (passado, presente e futuro) em um *continuum*. Esta noção está presente na ancestralidade, ecosófica por natureza, que ao interligar temporalidades distintas, busca reconstruir entendimentos do habitar humano na terra. Nesta tarefa, inspira-se em saberes indígenas do Sul, o que não significa não valorizar outros saberes, mas exercitar as possibilidades encontradas da geografia de onde se fala. Tal atitude tampouco visa idealizar saberes de povos tradicionais, mas beber das suas fontes para inventar possibilidades no campo científico ambiental.

Um dos elementos importantes da ancestralidade e que alimenta a linha orgânica é o da resistência, em sua manifestação fluida e “malemolente”, como as águas dos rios que refazem caminhos constantes e transformam-se em outras águas no seu transcorrer. Trata-se de ser resiliente em alguns pontos e em outros se reinventar, buscando palavras e ações que impulsionam formas de viver ecosóficas, valorizando-as ao valorizar o outro, humano e não humano, como pressuposto para a vida poder ser vivida mais plenamente (KRENAK, 2022; KOPENAWA; BRUCE, 2015).

A ancestralidade da ecosofia compõe o entendimento de que humanos são natureza e tal composição é polifônica, intercultural e mestiça. São diversos “microfios” que se misturam, reconhecendo a importância do passado para o presente e para a constituição do futuro. Não se trata de viver nostalgicamente o que éramos, mas recriar o que somos para sermos, quem sabe novamente, natureza, conforme nos sugere Krenak, Kopenawa, Jacupé, dentre outros tantos. O viés ancestral pode atravessar o indivíduo em seu íntimo pessoal, mas abre-se para o cientista e para a ciência, que ansiosa pela novidade, pode beber desta fonte para recriar entendimentos e práticas.

³⁸ Espírito que visita o líder espiritual (Xamã).

Um das concepções férteis da ancestralidade é de que a relação do humano com a natureza é profunda e é a partir dela que elaboramos tecnologias, teologias, cosmologias e sociedades. Desta forma, é preciso deixar a memória fluir pelo espírito, não como uma mecânica pré-concebida, mas como um tempo que organizou “[...] o espaço dos ancestrais, do homem, das paisagens, das tribos” (JACUPÉ, 2020, p. 33). Por isso, a linha orgânica traz a ancestralidade como potência memorial e disruptiva, que religa saberes e seres desligados por lógicas recortantes. O envolvimento ocorre por meio de diferentes pólos eco-relacionais, fato que potencializa uma ciência ambiental que além de desenvolver-se, envolve-se com o que circula o pesquisador, a pesquisa e o campo enquanto componentes orgânicos multitemporais do ser e estar no mundo.

As linhas transversais dialogam. Na organicidade há também um caráter inventivo que busca referências no ancestral como uma forma de envolver-se com o mundo passado, para respirar o presente e sonhar o futuro. Dentre as possibilidades ancestrais, sonhar, dançar, ritualizar e criar formas de ser e agir enquanto natureza são forças da linha orgânica. Desta forma, entende-se a partir dos ancestrais, que a vida não tem utilidade. Ela é fruição, uma dança cósmica (JACUPÉ, 2020; KRENAK, 2020; KOPENAWA; BRUCE, 2015). Sendo assim, o cientista e a ciência ambiental podem ouvir a melodia, dar seus passos e montar suas coreografias, sem, contudo, perder o caráter científico. Ao deixar-se levar pelo que é orgânico, que pulsa, projeta, destrói e cria possibilidades existenciais, ao invés de competir com o outro (humano e não humano), passa-se a cooperar com ele.

O aspecto criativo do sonhar ancestral merece atenção, pois coloca-se como a possibilidade de criar através da arte, da cerimônia e da celebração, que se desdobram em beleza, ordem e alegria, outros modos de viver. Esta criação toda, é invenção pedagógica, que pode fortalecer e intensificar o fluir do espírito científico no tempo e no espaço. Assim, as Ciências Ambientais podem embarcar nos fluxos ecosóficos que dialogam com a ancestralidade pedagógica, a fim de aprimorar reflexões e práticas próprias do seu campo.

Um elemento ancestral que dialoga com a contemporaneidade é o aspecto de estar em risco, mas ainda sim perseverar, fluir e se reinventar. Este contexto de crise está presente em indivíduos, instituições, movimentos sociais e em relações com o meio ambiente, as quais encontram-se profundamente atravessadas pela liquidez e fluidez da mudança constante (BAUMANN, 2001). Neste cenário, compartilhar

anseios e espaços, cooperando e colaborando na criação de práticas de respeito ao outro (humano e não humano), são potências para ressignificar teorias e ações que atravessam e compõem os três registros ecológicos de Guattari, o movimento da Ecologia Profunda de Naess e a sensibilidade ecológica de Maffesoli, mas para além disso, é uma forma pulsante de cada um constituir-se enquanto pesquisador das Ciências Ambientais.

Os diferentes elementos temporais e espaciais envolvidos na linha orgânica podem buscar nos genes ecosófico suportes importantes. A pluralidade epistemológica que coloca diferentes saberes em diálogo na construção de visões multi/inter/transdisciplinares, a constituição de relações entre povos e saberes de forma mais horizontalizada e heterogênea e a valorização da polifonia em articulações ético-estéticas que sejam biocêntricas são algumas possibilidades já experimentadas e que se demonstraram pertinentes para o fazer ecosófico (SALAZAR; JALABERT, 2015; GRAGE, 2017; VALERA, 2018; STIBBE, 2014; CHRISTENSEN-SHEEL, 2012; XIANZHANG, 2013; HAMPSON, 2010). A organicidade acaba por distanciar-se das limitações latitudinais e longitudinais, aproximando autores, paisagens e organismos dos diversos pontos de Gaia num diálogo fértil e cooperativo para as Ciências Ambientais.

Para cooperar é preciso ser solidário e tal solidariedade perpassa a relação entre indivíduos, grupos sociais e instituições em seus diversos cenários retroalimentativos. A linha da organicidade preza por esse encontro entre entes, compreendendo que gerar trocas legítimas e processos significantes e significativos produz possibilidades ricas em inovação e criatividade, buscando assim na inventividade (linha que se entrelaça à orgânica), formas de se relacionar harmonicamente com o meio.

As eco-relações altruístas propostas por Naess (2010; 2018) elaboram possibilidades para harmonias entre humano e meio. A valorização dos diferentes saberes, através de experiências livres e autodeterminadas, prezando pela arte da convivência e das coexistências geram pertencimentos transformadores, os quais podem ser sistematizados singularmente, mas também podem adentrar no terreno social, seja do movimento político ou do fazer científico. Este processo faz avançar a valorização de diferentes saberes (tradicionais ou não) e a noção simbiótica que compõe a vida.

Ao interligar a inventividade e a organicidade através de eco-relações, é

possível observar que o envolvimento e o uso dos sentidos propõem uma autenticidade de envolvimento, deixando para trás o que está saturado em busca de uma interligação complexa e sensível ecologicamente. Só assim a vida pode ser reencantada e o comum acordo de respeito e companheirismo com a natureza tecido, gerando, a partir do comum orgânico em quem habita Gaia, a possibilidade de uma ecosofia para os novos tempos (MAFFESOLI, 2010; 2021), ou ao menos uma ecosofia para as Ciências Ambientais.

No decorrer da história humana, diversos conflitos ocorreram, mas em muitos momentos a solidariedade prevaleceu, caracterizando-se como o respeito aos sentimentos das pessoas para criação de redes entre aqueles que são diferentes, mas compartilham os mesmos objetivos e sonhos. Ser solidário não é puramente utopia, mas sim colocar-se diante do outro como alguém que pode auxiliar no seu desenvolvimento, envolvendo-se também no processo de abertura e auxílio. Sendo assim, no que tange o ser cientista ou campo científico, a organicidade é solidária enquanto linha transversal, pois pressupõe a coexistência.

É importante compreender e valorizar o fato de que coexistimos com outros seres. A coexistência pressupõe existir com os múltiplos que nos compõem, com a diversidade interna e singular, que precisa ser levada em conta nas construções científicas ambientais. No coexistir, estamos com o outro e consigo, sendo este fato algo a ser apreciado, potencializado e utilizado com sabedoria e delicadeza. Não somos um ou outro, somos com o outro, por isso, o respeito à diversidade insere-se na organicidade, sendo atitude necessária para o cientista ambiental e seu campo de pesquisa.

Ao se compreender a unidiversidade existente em nós e no planeta, os fluxos da vida geram emergências que nos aproximam do orgânico que nos compõe (MAFFESOLI, 2010; 2021). Assim, podemos enunciar em pesquisas e atuações enquanto pesquisadores, princípios outros, que reinventam epistememas a partir da relação íntima, diversa e profunda com o meio que nos compõe, conforme sugere Naess (2010; 2018).

Quanto mais diversos somos, mais inovadores e criativos podemos ser. Ao acolhermos pesquisas de diferentes vertentes e abirmos nossas fronteiras para permeabilidades advindas dos diversos saberes produzidos até então, enriquecemos nossas práticas, sem precisar abrir mão de nossas singularidades. Desta forma, respeitar a diversidade passa por deixar ser (MAFFESOLI, 2021) e, quando sentir-se

convidado, interagir com o outro e com seus universos constitutivos, criando zonas de contato, troca, atrito e cooperação, reinventando-se a partir do que se é e do que o outro é. Nestes caminhos, o respeito à vida e à diversidade que ela traz, precisam confluir como sinalizadores importantes para o fazer ciência ambiental.

Por ser um campo científico aberto em sua gênese, as Ciências Ambientais podem ganhar muita potência e espaço ao realizar duas práticas: a de ligar e a de acompanhar, um neologismo. Ligar é posto aqui com um duplo entendimento: o de energizar-se para agir e de criar uma ligação de si com o outro. Além disso, é preciso ligar-se ao que acontece, como uma forma de sentir o mundo e suas vibrações. As energias que coexistem e entrecruzam-se nos espaços por onde passamos, ajudam a compor quem somos e, por isso, ligar-se ao animal, ao vegetal e ao mineral é interligar-se ao que nos fez chegar até aqui, afinal, somos parte de um cosmo, que mais ou menos caótico, possibilitou nossas vidas. Estas só existem graças a tudo que nos rodeia e coexiste em Gaia.

Muitas vezes vinculado a alguns espectros políticos, o acompanhar aqui é propositivo e desvinculado de siglas partidárias. Não é um verbo isento, mas sim um que preza pelo ser companheiro do outro. Tal verbalização pressupõe o compartilhamento daquilo que se sabe e o aprendizado do que se desconhece, a fim de construir em conjunto, com o outro. É um andar junto pelas trilhas da vida e, neste caso, seja o cientista ou o campo científico, acompanhar fornece subsídios para fortalecer ligações sem sobrepor, mas sim para compor saberes plurais, diversos e potentes, por isso ecosófico e ambientais em sua gênese.

Ao acompanhar existências adentramos nos terrenos eco e biocêntricos, os quais são transversais em suas essências e constituições. A heterogênese científica destas visões amplifica as possíveis relações entre seres e saberes, “ecosofiando” práticas e concepções epistemológicas nas questões que envolvem humano e natureza (SALAZAR; JALABERT, 2015; GRAGE, 2017; STIBBE, 2014). A simples, porém, complexa construção heterogenética de saberes, cobra uma organicidade genuína, que reconhece suas limitações e seu potencial criativo existente na diversidade, os quais podem potencializar o fazer ciência ambiental no presente e no futuro.

O caminho traçado até aqui desemboca na possibilidade de ser mais orgânico por ser mais selvagem, conforme sugere Maffesoli (2021). Reavivar o natural em nós, o instintivo e o inato, mediando relações com a natureza outrora adormecidas,

entendendo-se como ser que vive em Gaia e ao mesmo tempo é Gaia, faz parte do ser selvagem. Esta percepção é capaz de dar vazão à emoção e à intuição que mobilizam a ciência em direção à ruptura de paradigmas paralisantes ou pouco profícuos. Trata-se de agir o mais próximo do natural, entendendo os ciclos que compõem o cientista, o fazer científico e a própria vida, na qual tudo se insere.

Ser selvagem é diferente da selvageria. A última é destrutiva, enquanto a primeira atenta para o que escapa, aquilo que é minorizado, ao mesmo tempo que é profundamente humano. O corpo (humano, vegetal, animal e científico) se move, cresce e deteriora-se recompondo-se transversal. Deixar o novo brotar através do que irrompe de decomposições e recomposições é inventivo e é o selvagem aplicado ao fazer científico em seu estado puro e pulsante. A escrita deste texto é selvagem, pois busca no íntimo, permeado pelos diferentes universos referenciais, sintetizar o que emergiu, se deteriorou e brotou em forma de texto.

Os componentes da linha orgânica geram o que pode ser chamado de cosmologia, a qual mistura companheirismo, ser selvagem, ligar-se, sonhar, ancestralidade e esperança (MAFFESOLI, 2021; KRENAK; 2022; JACUPÉ, 2020). A cosmologia orgânica parte de crenças em visões mais abertas, que compreendem o planeta como Gaia e que respeitam os diferentes saberes, buscando reavivar o selvagem e o intuitivo, sem, contudo, ignorar o tradicional científico.

O cosmos proposto, compreende possibilidades de embelezar e reencantar o fazer científico, sonhando com outras formas de ser e fazer ciência. Este sonho é partilhado pelas propostas decoloniais e do bem viver, compreendendo que todos convivemos juntos, estando ligados pelas redes, pelos tempos e pelos espaços mais diversos que compuseram nossa trajetória, a qual chamamos de vida. Ou seja, tocar na linha transversal orgânica é ouvir que as Ciências Ambientais possuem em si múltiplas potências, porém precisamos colocá-las em prática e reinventá-las quando possível e necessário.

A linha transversal ecosófica orgânica traz elementos gerais da vida para o diálogo com o fazer científico, porém, uma característica essencial do viver emerge ao fim do seu tecer, que é a afetividade. Por sua força disruptiva e diversa, o afeto forma outra linha, que conectada ao inventivo e ao orgânico, costura outras possibilidades para as Ciências Ambientais, talvez jamais assumidas.

5.4.3 Afetividade

A linha transversal da afetividade tensiona possibilidades de reconhecer, colorir, sentir e demonstrar carinho ou ternura pelo que e com o que se pesquisa. Neste caso, trata-se de afetar-se pela pesquisa científica e pelos saberes existentes e emergentes, respeitando o já feito e abrindo-se às possibilidades sensíveis que o campo, as trocas e os seres envolvidos no fazer científico oferecem. Estas transversalidades atuam com o corpo e a carne, atravessando emoções, sentidos e sentimentos que provocamos para que façam parte das Ciências Ambientais.

A crise ambiental pode ser entendida como uma crise de percepção. Perceber é um verbo vigoroso. Perceber o outro humano e não humano e a si mesmo enquanto singularidade, é um passo essencial na mudança de entendimento e de postura para com o mundo. Olhar atentamente, buscar nuances e ressignificar dogmas são passos para construir elos diversos, reconhecendo falhas e lacunas existentes, o que faz vislumbrar novos horizontes da pesquisa. Adentrar elos para constituir novas percepções é o que se propõe, formando assim um processo retroalimentativo que afeta e é afetado pelo que se reconhece como legítimo no trajeto científico ambiental.

A linha afetiva aberta à percepção gera reconhecimento dos terrenos nos quais passamos, das ações que realizamos e das reações que causamos com nossas potências de agir. Reconhecer que alguns saberes destoam das propostas ou problemáticas contemporâneas, enquanto outros fornecem subsídios e interlocuções interessantes, é usar do afeto, deixar-se afetar pelo que pesquisamos, para abrir mão de cargas desnecessárias e levar consigo novidades interessantes e férteis. Não temos mais objetos de pesquisa, mas afetos de pesquisa.

A concepção dos afetos de pesquisa gera subversões micros que podem impactar contextos maiores, por isso a importância de valorizar a afetuosidade envolvida no fazer científico. Assim, a solidariedade de entender o que afeta a si e ao outro na potência antropológica e solidária de afetos mútuos (CARLIN, 2017; BUCKINGHAM, 2017; MARÍN, 2018), pode alterar formas de ser e fazer ciência ambiental nos diferentes contextos.

Segundo Marin (2018), a ecosofia possibilita uma prática antropológica interessante e pertinente. Neste caminho de tornar o antropo mais poético, o perceber e o reconhecer entram em cena e requisitam acessar o sentimento, o afetar-se pelo que lhe acontece. Desta forma, sentir é ação ecosófica transversal, pois colocar-se

diante de si e de qualquer outro ser aberto ao que lhe toca e atravessa, é abrir canais sensíveis múltiplos, os quais nos premiam com sensações que podem ir desde o estranhamento até o mais puro amor. Tal caminho geralmente não é linear e, por isso, torna-se único e raro. Eis a beleza de perceber e reconhecer, pois através deles e do sentir genuíno, o cientista torna-se mais consciente das relações, sendo essa sua singularidade uma possibilidade ecosófica no fazer científico ambiental.

Buscar a sensibilidade no ato de fazer ciência é construir a empatia regenerativa das relações. Sentindo o que se é verdadeiramente nos torna sensíveis aos outros, abrindo espaços de escuta e de fala. A sensibilidade é uma transversalidade para ser e agir com o mundo.

Conforme sugere Maffesoli (2010; 2021), a sensibilidade, o pertencimento e o reconhecimento nos aproximam da noção de irmandade, a qual visa construir autenticamente uma sensibilidade ecológica. Paixão, arte e o onírico se misturam, gerando envolvimento plurais entre nós e o meio, intensificando sensibilidades ecológicas que, para além de gerar respeito e engajamento com as questões ambientais, podem reencantar a natureza e a própria subjetividade, necessidades emergentes e pulsantes contemporaneamente.

Os sentimentos experimentados pelo cientista e pelo fazer científico ambiental são diversos, mas todos cobram algo importante, que é a delicadeza. Ser delicado pode ser entendido como a ação de ser sensível consigo, com o outro e com o meio (conforme sugere Guattari), observando a sensibilidade ecológica que pulsa ou pode vir a pulsar no ser (MAFFESOLI, 2021). Ser delicado é ser tomado pela proposta de sentir as demandas interiores e exteriores, agindo com cautela e cuidado, buscando sempre reduzir danos possíveis em si e no outro humano e não humano, conforme Naess (2010) sugere. Pode-se dizer, então, que é na delicadeza sutil, conforme sugere o “Teatro Mágico” que reside a exuberância e nela que se busca a ressonância das ideias do amor.

O amor dialoga com a sensibilidade delicada, emergindo como o ato de compreender e aceitar o que não pode ser mudado, ao mesmo tempo que se luta por aquilo que se acredita, respeitando as diversidades e, principalmente, tratando com carinho as dores e amores que emergem no caminho do pesquisar nas Ciências Ambientais. O amor trata das incompletudes, é sensível, respeita o outro e sente carinho por si, pelo meio e por quem coexiste em Gaia. Ou seja, a visão científica e seus métodos podem ser influenciados pelo amor, não tratando somente de objetos

de pesquisa, mas sim de agentes de pesquisa, que junto do cientista ambiental, produzem o fazer científico cotidiano.

A compreensão de que o campo científico ambiental necessita de poesia, arte, fluxo e singularidade são apropriações feitas de Guattari (1990; 2015), que dialogam com seus registros ecosófico, mas principalmente, valorizam a subjetividade fértil que brota da autopoiesis comum aos organismos vivos. Atuar no seu território existencial singular, reinventando-o através de pluralidades maquínicas, do caos complexo e das virtualidades que a arte de tecer a vida oferece em seus ritornelos, tece afetividades para construção empírica inventiva, orgânica e afetuosa no campo científico.

As Ciências Ambientais pressupõem uma abertura à diversidade e, neste sentido, perceber, sentir, amar e reconhecer se complementam, formando um *patchwork* de pequenas linhas e “retalhos” que pode ser entendido como práticas de amorosidade, pois ao misturar-se tais elementos, criam-se atitudes e compreensões que perfazem a criação de territórios de pesquisa amplos e singulares, calcados no respeito pelo outro. Desta forma, a linha afetiva ecosófica fornece um corpo prático robusto e sensível, aberto ao que escapa da racionalidade sem perder a maleabilidade criativa necessária para o cientista e seu campo. Fazer jus à razão e à emoção na ciência é algo ainda a ser vivido mais plenamente.

A linha afetiva compreende, aceita, reconhece e mesmo ama a incompletude, pois crê na importância de lacunas existirem para que o fazer científico continue se aprimorando e aumentando seu escopo. Entende-se tal incompletude por meio da visão ecosófica, própria das mutações da vida, que sugere contínuos refazerem ao fazer científico.

A incompletude pode ser vista como inquietação crítica, sensível e delicada do ser, a qual abre brechas importantes para a recriação constante das relações entre humano, meio e Gaia. Ou seja, ao saber que a completude além de não ser tangível, gera imobilidade, bloqueia os fluxos e as potências de agir científico, é preferível perceber-se, reconhecer-se e fazer-se incompleto na busca pelo novo, pelo inventivo.

A incompletude ecosófica para as Ciências Ambientais opera como uma criatividade rizomática, que se espraia para diversas direções e gera diferentes alternativas, perpassadas pelo desejo, pelo inconsciente e pelo que é singular. Assim, ela reinventa territórios existenciais a partir do que afeta e toca o ser em seu íntimo, compreendendo que este é em si um registro ecosófico, interligado e retroalimentado

pelos outros dois: o socius e o meio ambiente (GUATTARI, 1990; 2015).

O mundo como o conhecemos, encontra-se acidentado, morno (ficando mais quente por conta das mudanças climáticas) e desencantado. A proposta afetiva é colorir o fazer científico, o qual merece cores, gestos e pinceladas diversas e vivas. Este colorir ocorre através dos diferentes espaços de ação, das teorias filosóficas, sociológicas, econômicas ou políticas e, até mesmo, das cosmovisões individuais e coletivas, que podem projetar saberes mais pulsantes e vivos no campo científico. Não se trata de ignorar a tradição ou as ciências mais “exatas”, mas mesmo delas também abrirem-se à relatividade, ao afeto do que se afeta, que transforma desde o mineral, até o vegetal e o animal. Este olhar atento à sabedoria constitutiva da casa comum é a ecosofia que pode atuar transversalmente nas Ciências Ambientais.

Naess (2010; 2018) propõe que a ecosofia possa ser uma filosofia do ser, mas aberta aos diferentes campos filosóficos e religiosos. Tal abertura aproxima-se das possibilidades criativas existenciais, solidárias e múltiplas que Guattari (1990) propõe por meio de seus registros, o que por sua vez, valoriza a emergência do fluxo e da emoção que compõem o selvagem humano a partir do profano, do inventivo e do heterodoxo sensível, proposições que são tecidas por Maffesoli (2021). Sendo assim, a afetividade construída pelo autor da tese com os autores ecosóficos já consagrados, demonstra que os afetos criados, sejam eles próximos e materiais ou distantes e imateriais, possibilitam a constituição do conhecimento ambiental e o potencializam, trazendo consigo a rigorosidade científica em sua transversalidade, tecida a partir dos diálogos transingulares entre pesquisadores e pesquisas.

Tornar as pesquisas mais coloridas, fazendo emergir inclusive cores novas, é fazer ciência ambiental através do olhar complexo, ecossistêmico e eco-relacional (MORIN, 2006; LEFF, 2006). É preciso, então, imaginar e ir além do literal, compreendendo que o preto e branco do cartesianismo pode ser útil, mas não dá conta das realidades mutantes que vivenciamos. Animações múltiplas podem recriar territórios existenciais singulares e científicos.

A proposição de animar o ser e seu fazer científico cobram uma ressingularização do meio através do cuidado de si e de uma abertura flexível na construção da subjetividade. Novos territórios existenciais com mais cores, linhas e costuras precisam ser tecidos, interligando-se pensamentos e ações que conectam vieses ecossistêmicos e organísmicos com as Ciências Ambientais (AYRES; ALBERNAZ, 2018; MARÍN, 2018; BUCKINGHAM, 2017; ANDERSON, 2016).

A linha tecida até aqui toca em questões que envolvem a singularidade, o ato de ser único, de entender seu lugar micro, meso e macro no cosmos. Saber suas limitações, seus tempos e seus poderes, compreendendo necessidades e agindo a fim de melhorar a vida, não buscando individualizar-se, mas singularizar-se por meio dos encontros vividos.

Uma singularidade das Ciências Ambientais é seu escopo amplo e interrelacional diverso. No trajeto de tornar-se um ator do campo ambiental, o cientista desta área pode fazer emergir o que lhe é próprio, assim como outras singularidades da área, ampliando suas epistemes. Este movimento acopla-se ao que é identitário, dinamizando a produção científica através deste trânsito aberto ao diferente. Desse modo, produz-se a transingularidade.

Transingularizar o fazer científico é adentrar as outridades compondo teias interrelacionais, por meio de diálogos plurais. Para Melucci (2004), o ser está integrado ao ambiente e, por isso, seu constituir-se não é separado dos outros com quem interage. Seu “planeta interno” é vivenciado junto com o que é exterior, enquanto uma invenção transingular.

A transingularidade pode ser trabalhada através da inventividade orgânica que compõe os processos criativos e artísticos. Por isso, a compreensão que somos deste planeta e ao mesmo tempo somos ele, possibilita uma transpessoalidade entendida através da coevolução, que exige uma cocriação existencial, caótica, ecossistêmica e biológica propriamente poética de Gaia (ANTONIOLI, 2018; SCHROLL; POLANSKY, 2017). Dar vazão à transingularidade e viver o fluxo interpessoal e, por que não, interanimal/vegetal/mineral que nos constitui, é fertilidade ecosófica para o fazer científico que transforma o meio, mas também o pesquisador que com ele atua.

A inspiração para a transingularidade também bebe na fonte de Ingold (2015), o qual afirma que o movimento da vida valoriza o sentimento e acopla-o à percepção sobre nós e sobre o outro. Somos nossas relações, como organismos e pessoas, somos fios que se entrelaçam continuamente em sempre novos movimentos. O transingular “[...] *não é limitado pela pele*. Ele, também, vaza” (INGOLD, 2011, p. 141).

Entre vazamentos e trânsitos entre saberes e seres, a linha ecosófica afetiva oferece à ciência ambiental uma possibilidade de fazer sensível, consciente e crítica. Esta linha caracteriza-se pela poética, pela estética, mas também é política e práxica. Seu rigor metodológico inclui o observador no que observa, o cientista no que investiga. Assumir esta condição é um fazer político em si, que repensa o lugar da

objetividade e da subjetividade na ciência. Este lugar na pesquisa inspira a próxima linha a ser fiada: a do ativismo.

5.4.4 Ativismo

A linha transversal ativista possui um caráter prático em sua essência, pois pressupõe como característica para a atividade científica, que é a de contribuir para transformar o mundo. Isto porque sua prática está contextualizada em um cenário de crise ambiental em que considera-se que o campo científico tem que envolver-se afetivamente: deixar-se afetar com afeto pela vida.

O ativismo proposto pressupõe que atuamos, individualmente e em conjunto, a partir da ecosofia. Cada um de nós pode assumir o compromisso de sermos atores de nossa própria existência, mas com a peça sendo escrita por nós em parceria com o mundo que nos rodeia, pois se seguirmos apenas *scripts* pré-fabricados, poderemos fingir que estamos atuando, quando na verdade seremos apenas ventríloquos.

As primeiras tonalidades da linha ativista referem-se ao sentido transformativo do que se faz. A politização no campo científico está em poder expor, debater e agir no enfrentamento dos problemas de investigação das Ciências Ambientais. Sendo assim, politizar pode ser verbo constante, presente no dia a dia, aderindo ao terreno das negociações que levem em conta o respeito à diversidade de saberes.

O ativismo ecosófico busca não ser ingênuo ou apenas criador de utopias (utopista), visto que compreende as necessidades urgentes, assim como projeta futuros. Dessa forma, através da “politização” pode-se agir a fim de compensar o que já fizemos. A compensação carrega consigo os caracteres da ação pragmática e científica, podendo ser entendido como ações que visem despoluir e tratar das problemáticas socioambientais através de tecnologias, técnicas, indicadores e agentes tradicionais (o Estado, por exemplo). A proposição feita aqui é realocar verbo compensar, entendendo-o como o pensar com, compartilhando saberes e práticas, a fim de abrir horizontes intervencionistas para as Ciências Ambientais.

Naess (2010; 2018) sugere a Ecologia Profunda como uma forma de ativismo, na qual quem com ela compactua, precisa agir na transformação do mundo. Para isso, podemos nos apropriarmos de diferentes espaços e saberes, fazendo nossa parte enquanto pesquisadores ambientais, assim como buscando angariar simpatizantes para as causas ambientais, compensando os danos já causados aos diferentes

ecossistemas e reinventando práticas políticas. Trata-se de fazer uma ecologia que entende-se política por ser ativista e não se esconder de sua responsabilidade com Gaia.

A proposta de envolver-se afetivamente e efetivamente no ativismo ecosófico, pressupõe a criação de ecósofos amadores, que tecem sua própria ecosofia, o que se coloca como uma possibilidade micropolítica importante para a linha ativista. Compreender os diferentes elementos que constituem a vida, adentrando territórios existenciais, a fim de ressignificá-los por meio das diferentes técnicas e tecnologias disponíveis, geram possibilidades heterogenéticas potentes, permeadas pelo artista onírico que sonha, ao mesmo tempo que gesta e faz emergir, no seu atuar, aquilo que a imaginação proporciona. Este entrecruzamento entre ideias de Naess (2010; 2018), Guattari (1990; 2015) e Maffesoli (2010; 2021) demonstra que em sua gênese, a ecosofia é ativista, perpassando o racional e o sensível em suas diferentes instâncias na construção de uma sabedoria praxica.

A transformação da realidade intra e interpessoal é construída pelo encontro com diferentes saberes e pela construção de novos, o que além de ser transdisciplinar, é subversivo, produtor de novidades e possibilidade cocriativa para ação individual e coletiva. Tais pressupostos precisam de empatia nas suas construções éticas e estéticas, pois assim é possível agir positivamente no mundo. O tom revolucionário do ativismo ecosófico é inovador, pois é perpassado pela reconstrução de territórios existenciais individuais e coletivos através de um agir consciente e sensível consigo e com o outro, no que incluímos o não humano (RODRÍGUEZ, 2019; MARÍN, 2018; CARLIN, 2017; SCHROLL; POLANSKY, 2017; BUCKINGHAM, 2017; AIKEN, 2017; BUCKINGHAM, 2017; TINNELL, 2012; GRANGE, 2017).

O ativismo ecosófico nas Ciências Ambientais se tece por meio do questionamento sobre o que fazemos e por que fazemos para então usar dos afetos, da apropriação midiática, das máquinas, dos fluxos, dos territórios, dos sistemas e dos diferentes registros ecológicos para revolucionar (mudar radicalmente) o modo como interagimos com o outro (humano ou não humano) (RODRÍGUEZ, 2019; MARÍN, 2018; CARLIN, 2017; SCHROLL; POLANSKY, 2017; BUCKINGHAM, 2017; AIKEN, 2017; BUCKINGHAM, 2017; TINNELL, 2012; GRANGE, 2017). Tais proposições são complexas, mas demonstram uma potência disruptiva que amplia o leque de possibilidades para as Ciências Ambientais, compreendendo que o campo não é um lugar/espço a ser apropriado, mas algo a ser vivido e transformado por meio de

relações interdependentes harmônicas e respeitosas a partir da ecosofia.

As manufaturas ecosófica identificadas na análise integrativa tornam visíveis algumas possibilidades para as Ciências Ambientais e demonstram que as demais linhas transversais podem ser amplificadas pelo ativismo. Formações de professores através da arte e de saberes comunitários (transdisciplinares), a educação ambiental que faz uso de vivências e afetos com o meio ambiente, a apropriação midiática por meio de práticas formativas permeadas pelo bem viver, as diferentes intervenções sensíveis com grupos diversos através da exploração de espaços naturais, as práticas individuais e coletivas permeadas pela ecosofia, assim como a criação de ecovilas, designs sustentáveis e uso da permacultura, fazem do ativismo uma forma de arte ecosófica capaz de ressignificar o habitar humano em Gaia. Além disso, vale citar que em alguns casos, tais práticas podem influenciar até mesmo instituições, seja por meio de ações legais/tradicionais (constituições cidadãs e permeadas pela *pachamama*) ou de atuações diversas dos agentes políticos (AYRES; ALBERNAZ, 2018; RODRÍGUEZ; RODRÍGUEZ, 2020; COMINS MINGOL, 2016; MARÍN, 2018; ANDERSON, 2016; AIKEN, 2017; XIANGZHAN, 2013).

As ações ativistas dialogam com as outras linhas supracitadas, mas cobram a autonomia própria, tanto do agente cientista, quanto do campo científico ambiental. Trata-se de não se acomodar com o já posto e buscar transformar a realidade. Exercitar o pensamento autônomo e traçar suas próprias ações, mediado por tudo que cerca o contexto da pesquisa são proposições latentes neste sentido.

Ser autônomo não significa agir inconscientemente ou de forma inconsequente, pois requer uma autocrítica do pesquisador e do próprio campo. Autocriticar-se, no viés ecosófico, é buscar uma práxis condizente com aquilo que se prega. Buscar a coerência e a sinceridade consigo mesmo potencializa o ativismo nas Ciências Ambientais. Tais pressupostos dialogam com Naess (2010; 2018) e sua proposta de sistematização ecosófica, pois a partir dela é possível criar balizadores que guiem a ação, deixando espaços criativos e inventivos sem, contudo, deixar-se levar por qualquer proposto ou proposta.

A autocrítica no viés ecosófico não possui uma lógica de controle excessivo e tampouco de punição. Ela traz para o diálogo os objetivos de realização pessoal, mas atenta também a como isso afeta as relações. Autocriticar-se é apreciar o que se fez e refletir sobre o que pode ser diferente.

Ao autocriticar-se e ter clareza nas ações ecopolíticas e sistêmicas a serem

realizadas, pode-se alcançar a autorrealização proposta de Naess (2010) para uma filosofia do viver, pois assim o ecósofo sente-se realizado ao saber que o outro também se sente assim. Estas relações são altruístas e abrem-se para possibilidades descentralizadas (no sentido político e egoísta) do fazer científico ambiental, possibilitando ao campo uma expansão por diferentes áreas, saberes e espaços.

Criticar sistemas, hipóteses, teorias e práticas é importante, mas também criticar como tudo isso é incorporado à singularidade do indivíduo e suas ações para com o mundo é agir ecosoficamente centrado no objetivo da construção de uma sabedoria própria, delicada e crítica. Guattari (1990; 2015) critica o Capitalismo Mundial Integrado, mas também propõe uma ação micropolítica e sensível do ser consigo mesmo e com o meio, o que pode ressignificar a prática individual e coletiva. Desta forma, apropriar-se da mídia na criação de outras éticas e estéticas, usando a inteligência e a sensibilidade para criticar e autocriticar-se, valorizando os *feedbacks* emergentes para repensar a ação, é uma forma ativista ecosófica que oferece caracteres múltiplos para as Ciências Ambientais e para o pesquisador deste campo.

Se o desejo é uma ciência inventiva, afetiva, orgânica e ativista, é preciso agir para que assim o seja. Talvez tenhamos assim a possibilidade de criar saberes científicos que não limitam e nem limitam-se a simplesmente dados ou verdades irrefutáveis. Aguçar o olhar, fazer análises enquanto ser constituinte e constituído no e pelo meio, reconhecendo o fato de que a ciência não sabe tudo e, às vezes, não consegue contribuir tanto quanto necessário para o enfrentamento dos problemas crescentes e cada vez mais complexos do mundo.

Por isso, o ativismo nas Ciências Ambientais prepara para a transformação consciente e sensível do mundo, buscando com-viver com Gaia. Crer na mudança, preparar-se para ela e ancorar-se no conhecimento científico para que ela ocorra são genes ecosóficos aqui valorizados e cultivados. Esta linha se estica e costura possibilidades interessantes para a pesquisa-intervenção a partir da ecosofia.

A linha tecida até aqui, sugere que o ativismo precisa ser delicado. Tal ideia foi tecida por Kaplan e Davidoff (2014), os quais afirmam que agir onde outros não agem, examinar as maneiras como pensamos e atuamos são passos essenciais para o ativista. Ser um ativista delicado é envolver-se em diálogos, enxergar, reconhecer, honrar e respeitar a natureza, acolhendo as mudanças que isso gera no ser, afinal “[...] o mundo muda através de nossas mudanças e nós mudamos através das mudanças do mundo. Essa é uma fenomenologia da mudança (KAPLAN; DAVIDOFF,

2014, p. 23).

O ativismo delicado compreende que nossa luta por um futuro melhor é a essência da nossa humanidade, pois reconhece que vivemos dentro do mundo que estamos tentando mudar e, dessa forma, mudaremos a nós mesmos nos processos que desenvolvermos para transformar o mundo. Somos um só com o mundo e tal percepção é radical e delicada, pois abre e reconhece a mudança mútua, prestando atenção ao todo em busca de significados e sentidos para a existência. Estes traços interconectam, relacionam e pertencem a nós e ao mundo (KAPLAN; DAVIDOFF, 2014). Dessa forma, ser um ativista delicado e fazer tal ativismo é lançar-se em processos autoreflexivos permeados pelo inventivo, pelo orgânico e pelo afetivo, como um trançar transversal das linhas ecosófica aqui tecidas.

Ser e fazer ciência por meio do ativismo é evitar ciladas epistemológicas recortantes e espriar as possibilidades, partindo da legitimação, da atuação, da autonomia, da autocrítica e da práxis delicada para uma ciência ambiental ecosófica, capaz de refletir e atuar com o mundo na sua própria transformação.

5.4.5 As linhas que formam o tecido ambiental

As diferentes linhas emendam-se, enrolam-se e criam um tecido maleável, capaz de dar cobertura, aquecer, proteger e ao mesmo tempo deixar respirar o corpo científico que abriga. Como um tecido, misturam algodão e poliéster em seu fazer, transitando pelo orgânico e também pelo sintético, tangenciando assim as diversas possibilidades, subáreas, programas, projetos e linhas de pesquisa nas Ciências Ambientais.

O objetivo com a exploração das linhas é costurar as interrelações sem, contudo, perder originalidade. O artesanato feito visa fornecer traçados e costuras, mas não determinar o produto final. Cada pesquisa possui e possuirá seus próprios trançados ou bordados, os quais serão feitos a partir da apropriação de elementos que emergirem como importantes, necessários ou interessantes no seu desenvolvimento.

A partir das linhas e do tecido produzido, é possível dizer que as Ciências Ambientais, quando permeadas pelas transversalidades ecosófica, transformam-se em ciências da vida. Em alguns momentos, emerge opaca e até dissimulada, em outros, clara e diretiva e, por isso, configura-se como prática do viver. Sendo assim, a

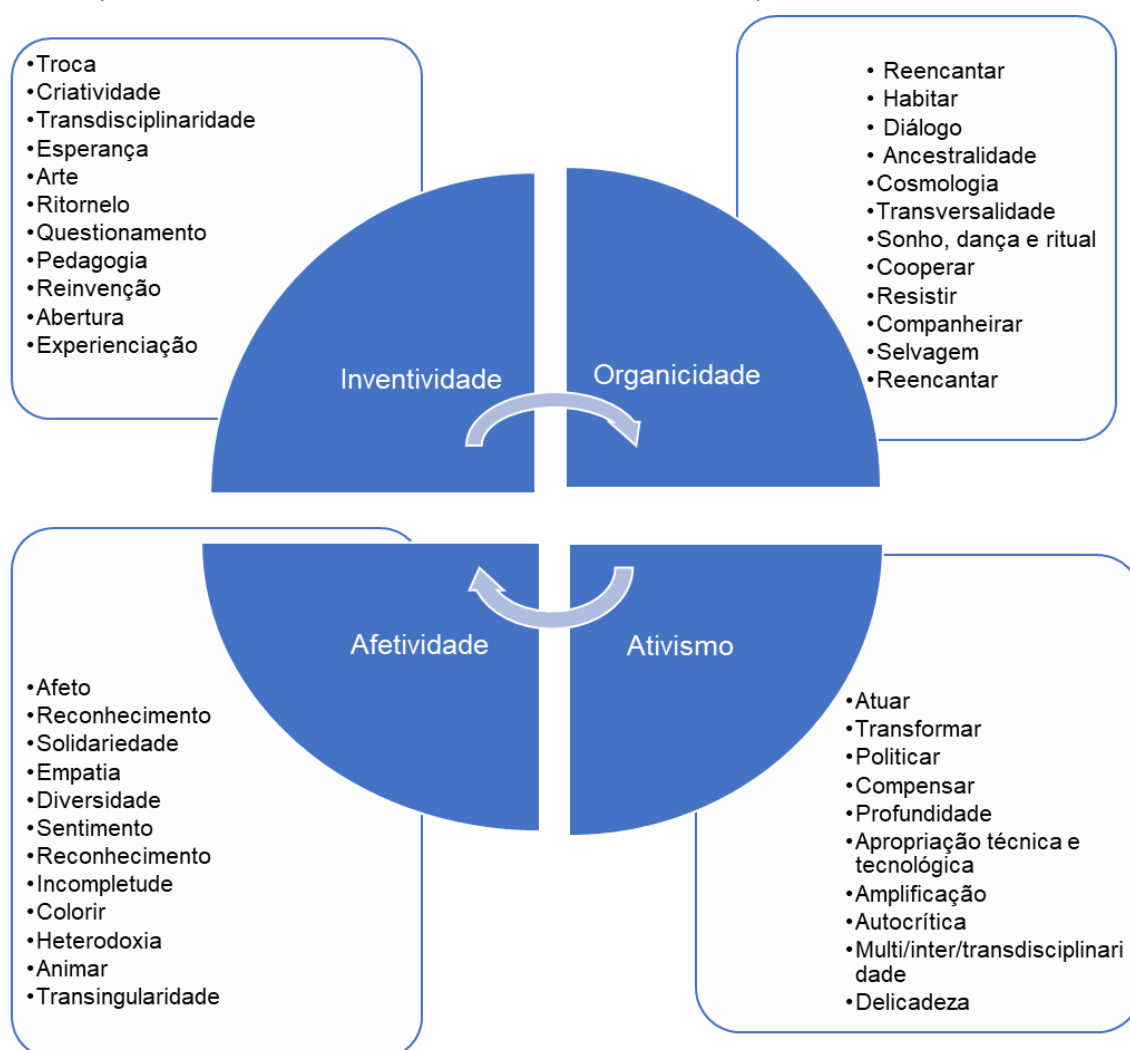
ecosofia como sabedoria comum da casa que compartilhamos, partilha ensinamentos com as Ciências Ambientais na transformação de seres e realidades. Mas ainda falta ecosofia às Ciências Ambientais.

Ao propor que as Ciências Ambientais sejam ciências da vida, caminhamos por bifurcações, encruzilhadas, highways e trilhas diversas. Elementos que misturam diferentes vasos comunicantes, princípios, normas, sensibilidades e ecologias entrecruzam-se neste tecido ambiental, que ao conceber o humano enquanto ambiente, trata da vida em sua essência.

As linhas formam o tecido, mas as estampas ou bordados abrem-se para a criatividade, assim como a vida o faz. Todo cientista ambiental que se faz artesão, pode misturar suas cores, fazer seus desenhos, engrossar ou afinar o bordado, mas é nesta concepção artesanal, inventiva, orgânica, afetiva e ativista que transversalmente buscamos incorporar a ecosofia às Ciências Ambientais.

Como forma de organizar o pensamento e sistematizar as relações entre as diferentes linhas, o esquema a seguir traz interrelações entre a tessitura artesanal realizada:

Esquema 4: Tessitura entre linhas ecosófica transversais para as Ciências Ambientais.



Fonte: dados da pesquisa e elaboração do autor.

O esforço de síntese não traz a totalidade das linhas, mas transita por verbos e características no tecer ambiental permeado pela complexidade que compõe esta pesquisa. Muitas linhas foram “desenroladas”, mas o novelo ainda tem muito a oferecer, por isso, a partir do esquema, é possível observar que as linhas dialogam, retroalimentam-se e constituem um pano de fundo para uma Ciência Ambiental Ecosófica, pertinente e potente para os desafios contemporâneos ambientais.

6. CONSIDERAÇÕES ECOSÓFICAS AMADORAS E NÃO FINAIS

Talvez seja estranho, no meio científico, falar de artesanato, afeto, amor ou amorosidade. Esta estranheza deve gerar incômodos no cientificismo e no tecnicismo, que, é preciso lembrar, contribuíram para a crise ambiental vivenciada. Tal crise, não é apenas técnica ou material, é espiritual, diz respeito à teia da vida e à incompletude e complexidade humana. A prática do viver chegou, por assim dizer, no ponto que necessita ser reinventada. Uma necessidade que cobra agilidade, perspicácia e sensibilidade.

A reinvenção de práticas científicas e sua legitimação nesta tese é perpassada pelo objetivo de investigar reflexões teórico-metodológicas sobre a perspectiva ecosófica a fim de gerar movimentos inventivos nas Ciências Ambientais, o que se demonstrou possível, pulsante e potente, tanto na área ambiental quanto no próprio processo de vida de quem faz parte dela. Para reinventar, é preciso mapear, conhecer o terreno e explorá-lo, a fim de evitar armadilhas e traçar caminhos, mesmo que incertos. Podemos dizer que as perspectivas teórico-metodológicas mapeadas foram um guia valioso, pois em muitos casos, direcionaram como seguir, mas em outros deixaram a livre exploração emergir.

Mapear a ecosofia e seus significados é navegar, dançar, desenhar ou mesmo escrever pluralidades. Nenhum enquadramento dá conta da totalidade do conceito, e eis uma de suas forças, pois ao se estender indefinidamente, ela adentra searas das vidas individuais, comunitárias, societais, institucionais e ecológicas. O mapa não possui monstros e nem os imagina como na Idade Média, porém, deixa em branco partes ainda a serem descobertas, descritas e exploradas.

Ao aprofundar reflexões teórico-metodológicas ecosófica que contribuem para o campo interdisciplinar das Ciências Ambientais, a pesquisa demonstrou-se uma tarefa árdua e ao mesmo tempo bela, pois relações tecidas entre diferentes autores, latitudes e longitudes possibilitaram interconexões múltiplas, que desembocaram na construção de linhas ecosófica transversais nas Ciências Ambientais. Desta forma, entende-se que a reinvenção de epistemologias e práticas no campo científico parte de reorientações, ressignificações e reconstruções de filosofias de vida de quem faz ciência.

Os traçados realizados evidenciam que a ecosofia emerge como uma possibilidade pertinente na geração de movimentos inventivos na área das Ciências Ambientais porque extrapola suas fronteiras e adentra os territórios existenciais. O rompimento de barreiras/fronteiras é próprio da ecosofia, que supera a fragmentação do saber e coloca-se como um conceito amplo, em algumas apropriações até opaco e, em outras, bem definido.

Sua polissemia traz elementos reflexivos e práticos em abundância, abrindo campos de ação para materialidades e imaterialidades. Enquanto teoria, escuta, absorve e articula diferentes saberes, já quando práxis, impulsiona a agir com sabedoria. Nesse jogo entre saber, aplicar, refletir e ressignificar, a ecosofia se reinventa constantemente, tornando-se, por assim dizer, um conceito mutante e uma prática móvel.

Naess, Guattari e Maffesoli, assim como outros autores, deixaram pistas essenciais para qualquer “marinheiro de primeira viagem”. Estes autores fornecem pontos cardeais para a bússola de qualquer ecósofo que faz ciência ambiental, mostrando diferentes direções, assim como os pontos cardeais. Pensar o cientista ambiental como um ecósofo é propor um ecoso-fiar-se artesanalmente no próprio fazer científico.

Esta pesquisa partiu do mapeamento, mas como faz parte do humano a curiosidade e a experimentação, extrapolou-se a prática geográfica do cartografar e se buscou também tecer através de diferentes linhas, um pano de fundo para as Ciências Ambientais. Tal tessitura, parte de um certo amadorismo e transita pelo artesanato, demonstrando possibilidades inventivas, afetivas, orgânicas e ativistas, que foram também vivenciadas pelo pesquisador-ecósofo.

As aventuras epistemológicas aqui empreendidas sugerem que fazer ciência pode ser divertido, sem com isso se perder a cientificidade. Refletir sobre

conhecimentos já produzidos, aprofundar-se em alguns autores, tatear diferentes cosmovisões e brincar de interligar conceitos e criar palavras foi um fazer lúdico que fez aderência à proposta.

A “linha de chegada” desta tese, parece a utopia de Fernando Birri. Toda vez que dois passos foram dados, ela se afastou dois passos, porém, isso serviu para que se seguisse caminhando, navegando ou costurando, afinal, os trajetos foram múltiplos e as analogias brotaram no decorrer do caminho. Esta tese, é, por assim dizer, ela mesma um artesanato feito por várias mãos e mentes, desde aqueles que publicaram artigos ou livros sobre a ecosofia, até aqueles que vivenciaram junto do autor seus anseios, ideias, desesperos e alegrias na construção de movimentos inventivos.

Foram quatro anos utilizados no doutorado, mas uma vida toda preparada para escrever esta tese. Diferentes vozes verbais foram utilizadas, mas é inevitável dizer que a primeira pessoa emergiu, porém, longe de ser a preponderante, pois coabitou estes espaços de escrita em suas textualidades com outras tantas. Desta forma, recriar territórios existenciais pode partir de princípios e normas, de sensibilidades ecológicas ou mesmo de vasos comunicantes, mas vai além, integrando micro, meso, macro, inter e intra em significações múltiplas. Em meio a tanta complexidade, a ecosofia sugere simplicidade.

As crises envolvem e desenvolvem necessidades próprias. A ecosofia não é a resposta para tudo, mas pode ser um ponto de partida para o reencontro singular de nossa existência enquanto cientistas ambientais. Como bússola, astrolábio ou mesmo caravela, ela pode auxiliar, assim como fez com o autor desta tese, o descobrimento de novos lugares, que muitas vezes já habitados ou eram conhecidos por outros, ainda assim inexplorados por muitos. A diferença essencial é que não é preciso expulsar, subjugar ou eliminar o outro que já conhece o território “descoberto”, mas sim conviver, acompanhar, construir e vivenciar a diversidade e os fluxos que apenas em conjunto podem ser criados.

Neste artesanato, artesão e obra se confundiram, mesclaram-se e se influenciaram. Não sou mais o mesmo após esta tese, pois reencantei em grande escala minhas conquistas, meus saberes e minha incompletude, abraçando-a e com ela vivendo, sabendo que pode ser uma companheira importante e até imprescindível para minha existência e, quem sabe, influencie o campo das Ciências Ambientais.

As linhas transversais da ecosofia para as Ciências Ambientais sintetizam muitas experiências e as reflexões teóricas, sendo uma proposta colaborativa de se

fazer pesquisa. Pode-se dizer que a tese é, ao fim e ao cabo, uma proposta epistemológica e praxica de se construir teses, aberta ao emergente, mas também calcada no já realizado.

Vale ressaltar que esta tese deixa muitos silêncios e diversas lacunas. Algumas serão preenchidas em breve, outras levarão algum tempo e algumas poderão nunca ser notadas ou tratadas. A entrega da pesquisa marca o final do doutorado no seu sentido formal, mas não no seu sentido carnal. O corpo foi atravessado, os sentidos e sentimentos provocados.

Das ideias que emergem, a primeira já foi iniciada: criar uma ecosofia própria, inspirada no que fez Naess, para tecer um tratado ecosófico amador, o qual poderá ser alimentado através de um site ou aplicativo, no qual quem sentir-se empolgado em ser um ecósofo artesão, poderá colaborar com ideias, princípios, verbos etc. para a partir daí, o tratado ser enriquecido por meio das da colaboração de muitos, que assim como eu, sentiram-se chamados e resolveram adentrar os terrenos da ecosofia. Tal ideia necessita de tempo e maturação, mas incorpora as linhas transversais ecosóficas nas Ciências Ambientais.

Dentre as possíveis ações práticas ecosóficas que podem emergir após a tese, junto com o uso de TICs na construção mais colaborativa e conjunta do tratado ecosófico, também sugere-se que assembleias possam ser elaboradas, assim como o diálogo com órgãos públicos e estatais possam ser “costurados”, a fim de institucionalizar (também, mas não só) as práticas ecosóficas. A proposta que fica “picante” (nos diversos sentidos) é a de entrecruzar as diferentes searas, os diversos grupos e as mais plurais visões na construção de uma ecosofia que reflita e atue no tratamento das mudanças climáticas, mas também aproxime nós do meio e de nós mesmos.

A ecosofia nas Ciências Ambientais podem contribuir com os diferentes ODSs, assim como em diversos campos acadêmicos na busca pelo tratamento das mudanças climáticas e da crise socioambiental. Aliás, os ODSs, analisados em uma perspectiva ecosófica, estariam sintetizados em um: cuidado incondicional com a vida em todas as suas formas.

Os movimentos que constituíram esta pesquisa seguem latejando no meu ser, por isso, certamente a ecosofia e outras ideias interligadas a ela que venham a emergir, serão agregadas ao já feito. Não se trata de um simples jogo de soma, mas de agregação e reconstruções constantes, as quais ao invés de cansar, potencializam

as ações.

Enfim, novos territórios existenciais e movimentos inventivos no campo das Ciências Ambientais foram construídos. A ecosofia possibilitou tudo isso e deixou um campo aberto para avanços. Fica o convite para, a partir de agora, sermos ecósofos artesanais. É tempo de ecoso-fiar-se.

7. REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O Bem Viver – Uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Editora Autonomia Literária Editora Elefante, 2016.

AIKEN, Taylor G. Permaculture and the social design of nature. In: **Geografiska annaler. Series B, Human geography**. n. 03, v. 99(2), p.172-191, abril 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/320941534_Permaculture_and_the_social_design_of_nature>. Acesso em 30 out. 2021.

ANDERSON, Joshua. The self in deep ecology: A response to Watson. In: **Asian philosophy**, n. 02, v. 30 (1), p. 30-39, jan. 2020. Disponível em: <<https://philpapers.org/rec/ANDTSI-4>>. Acesso em 30 out. 2021.

ANDRADE, Mariana B. S. de; CALDEIRA, Ana M. de A.. O modelo de DNA e a Biologia Molecular: inserção histórica para o Ensino de Biologia. In: **Filosofia e História da Biologia**, v. 4, p. 139-165, 2009. Disponível em: <<https://www.abfhib.org/FHB/FHB-04/FHB-v04-05-Mariana-Andrade-Ana-Maria-Caldeira.pdf>>. Acesso em 21 out. 2021.

ANTONIOLI, Manola. What is Ecosophy?. In: **European Journal of Creative Practices in Cities and Landscapes**. n. 01, v. 01, out. 2018. Disponível em: <<https://cpcl.unibo.it/article/view/8587>>. Acesso em 30 out. 2021.

ANTHONY, Raumont. Animistic pragmatism and native ways of knowing: adaptive strategies for overcoming the struggle for food in the sub-Arctic. In: **International journal of circumpolar health**, n. 01, v.72(1), jan. 2013. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.3402/ijch.v72i0.21224>>. Acesso em 30 out. 2021.

APARICI, Roberto. Introdução: a educomunicação para além do 2.0. In: _____ (Org.). **Educomunicação: para além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014.

ARENDR, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1979
 ATLAN, Henri. As finalidades inconscientes. In: Org. THOMPSON, Willian Irwin. **GAIA: uma teoria do conhecimento**. São Paulo: Gaia, 1990.

AYRES, O. G.; ALBERNAZ, R. M. Articulações entre cuidado de si e Ecosofia: problematizando a formação de professores. In: **INTERthesis**, v. 15 n. 1, Jan. – abril, p. 17 – 35, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2018v15n1p17/35809>>. Acesso em 30 out. 2021.

BARCELOS, Valdo. **Uma educação nos trópicos: contribuições da Antropofagia Cultural Brasileira**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BATESON, Gregory. Os homens são como a planta: a metáfora e o universo do processo mental. In: Org. THOMPSON, Willian Irwin. **GAIA: uma teoria do conhecimento**. São Paulo: Gaia, 1990.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BUCKINGHAM, Susan. Materializing ecosophy - yoga as an ethical academic practice. **Geografiska annaler. Series B, Human geography**, n. 03, v. 99(2), p.143-155, 2017. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/04353684.2017.1332273?journalCode=rgab20>>. Acesso em 30 out. 2017.

BUGALLO, Alícia. Prólogo. In: NAESS, Arne. **Ecología, comunidade y estilo de vida**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018. 320 p

CABRAL, Luís Otávio. Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, v. 41, n. 1 e 2. abr./out. 2007. p. 141-155.

CAPES. **Documento de área 49 - 2019**. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/C_amb.pdf>. Acesso em: 21 out. 2021.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARLIN, Charles. Cultivating ecosophy: a dialog with the contemporary vision fast company. In: **Geografiska annaler. Series B, Human geography**. n. 03, v. 99 (2), p. 114-127. abr. 2017. Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/Cultivating-ecosophy%3A-a-dialog-with-the-vision-fast-Carlin/f4026c9d2af847f99b67250c23a91c8fda497308>>. Acesso em 30 out. 2021.

CAVIDAD. C. I. B.; GIRALDO, L. F. G.; SALDARRIAGA, L. E. Antecedentes de la

ecosofía. In: **Produccion + Limpia**, jan.- jul., v. 13(1), pp.120-125, 2018. Disponível em: < http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1909-0452018000100120&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 30 out. 2021.

CHRISTENSEN-SCHEEL, Boel. The ethic-aesthetic way of Wonders. In: **InFormation**. n. 01, v. 1(1), fev. 2012. Disponível em: < <https://journals.oslomet.no/index.php/information/article/view/215>>. Acesso em 30 out. 2021.

CASTELLS, Manuel. Inovação, Liberdade e poder na Era da Informação. In: MORAES, Dênis (Org.). **A Sociedade Midiatizada**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

CASTELLS, Manuel. **Comunicación y poder**. Alianza Editorial: Madrid, 2009.

CASCINO, Fabio. **Educação ambiental: princípios, história, formação de professores**. 3. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

COMINGS MINGOL, I. La filosofía del Cuidado de la Tierra como Ecosofía. In: **Daimon. Revista Internacional de Filosofía**, n. 67, p. 133-148, 2016. Disponível em: <<https://revistas.um.es/daimon/article/download/201501/191021/879651>>. Acesso em 30 out. 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. São Paulo, Ed. 34. 1995.

DIAMOND, Jared M. **Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

DI FELICE, Massimo. [Orelha de livro]. In: MAFFESOLI, Michel. **Ecosofia: uma ecologia para nosso tempo**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2021. 168 p.

DI FELICE, Massimo; LEMOS, Renato. **A vida em rede**. Campinas, SP: Papirus 7 Mares, 2014.

DI FELICE, Massimo. **Paisagens pós-urbanas: O fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar**. São Paulo: Annablume, 2009.

DI FELICE, Massimo; TORRES, Julliana C.; YANAZE, Leandro K. H. **Redes Digitais e sustentabilidade: as interações com o meio ambiente na era da informação**. / Massimo Di Felice, Julliana Cutolo Torres e Leandro Key Higuchi Yanaze. São Paulo: Annablume, 2012.

DRENGSON, A.; DEVALL, B.; SCHROOLL, M. A. The deep ecology movement: Origins, development, and future prospects (toward a transpersonal ecosophy). In: **International Journal of Transpersonal Studies**, n. 20, v. 30 (1-2), p. 101 – 117, nov. 2011. Disponível em: < <https://digitalcommons.ciis.edu/ijts-transpersonalstudies/vol30/iss1/11/>>. Acesso em 30 out. 2021.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo**

caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FIGUEIREDO, João B. A. Das práticas escolares à pedagogia das marchas: uma perspectiva (des)colonial, dialógica e eco-relacional. In: BARCELOS, Valdo; MADERS, Sandra. **Educação e intercultura: a descolonização do saber**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015. p. 21-45

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 51° ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GODOY, Ana. **A menor das ecologias**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

GOOGLE, 2021. **Ajuda do google**. Disponível em: <https://support.google.com/>.

GONZAGA, Álvaro de Azevedo. **Decolonialismo indígena**. 2ª ed. São Paulo: Matrioska Editora, 2022.

GONZAGA, Amarildo M. A pesquisa em educação: um desenho metodológico centrado na abordagem qualitativa. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. (Orgs.). **Pesquisa em educação**. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

GRANGE, Lesly L. Ubuntu, ukama, environment and moral education. In: **Journal of moral education**. n. 01, v. 41 (3), p. 329 – 340, set. 2012. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03057240.2012.691631>>. Acesso em 30 out. 2021.

GRÜN, Mauro. **Ética e educação ambiental: A conexão necessária**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

GUATARRI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papyrus, 1990. P. 7 – 55.

GUATARRI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo, Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix. **Qué es la ecosofia?** Textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud. 1ªed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2015.

HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: entre redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: conceitos e tema**. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p.165-205.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. In: **GEOgraphia**. ano. IX, n. 17, 2007. p. 19-44.

HAMPSON, Gary P. Facilitating eco-logical futures through postformal poetic

ecosophy. In: **Futures : the journal of policy, planning and futures studies**. v. 42 (10), p.1064-1072, 2010. Disponível em: < <https://ur.booksc.eu/book/16818730/f6c195>>. Acesso em 30 out. 2021.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: Uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM, 2018.

HARAWAY, Donna J. Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Organização e tradução Tomaz Tadeu. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

HOPIA Hanna; LATVALA Eila; LIIMATAINEN Leena. Reviewing the methodology of an integrative review. **Scand J Caring Sci. [internet]**. 2016. [cited 2019 Jan 10]. 30: 662–9. Available from: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/scs.12327>

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

INGOLD, Tim. **Evolução e vida social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

JACUPÉ, Kaká Werá. **A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio**. 2 ed. São Paulo: Peirópolis, 2020.

JONES, Derek. Embodied cognitive ecosophy: the relationship of mind, body, meaning and ecology. **Geografiska Annaler: Series B, Human Geography**. p. 156-171, 2017. Disponível em: < <http://oro.open.ac.uk/50020/>>. Acesso em 21 out. 2021.

JÚNIOR, Valmôr Scoot. Olhar a afetividade para a formação de professores: de princípio jurídico à princípio educativo. In: BARCELOS, Valdo; MADERS, Sandra. **Educação e intercultura: a descolonização do saber**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015. p. 167 - 182.

KAPLAN, Allan; DAVIDOFF, Sue. **O Ativismo Delicado**. Proteus Initiative, 2014.

KOPENAWA, Davi; BRUCE, Albert. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KASTRUP, V.. **Aprendizagem, arte e invenção**. Psicologia em Estudo, v. 6, n. Psicol. Estud., 2001 6(1), p. 17–27, jan. 2001.

KRENAK, Aílton. **A vida não é útil**. 1ª Ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **O futuro é Ancestral**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Aílton. **O sistema e o antissistema: três ensaios, três mundos no mesmo mundo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade e complexidade**.

Petrópolis, RJ : Vozes, 2010.

LEFF, Enrique. **Aventuras da epistemologia ambiental**: da articulação das ciências ao diálogo de saberes. São Paulo: Cortez, 2012.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr, v. n. 19, 2002. p. 20 – 29.
LATOUCHE, Serge. **Pequeno tratado do decrescimento sereno**. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2009.

LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia**: Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. São Paulo/Rio de Janeiro: Ubu Editora/Ateliê de Humanidades Editorial, 2020.

LEFF, Enrique. **Discursos sustentáveis**. São Paulo: Cortez, 2010.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LEFF, Enrique. Interdisciplinaridade e formação ambiental: antecedentes e contribuições da América Latina. In: A. Philippi Jr., C.E.M. Tucci, D.J. Hogan, R. Navegantes (Orgs.). **Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais**. São Paulo: Signus Editora, 2000.

LEVESQUE, Simon. Two versions of ecosophy: Arne Næss, Félix Guattari, and their connection with semiotics. **Sign Systems Studies**, 44(4), 511-541, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.12697/SSS.2016.44.4.03>>. Acesso 21 out. 2021.

LOVELOCK, James. **A vingança de Gaia**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

LOVELOCK, James. Gaia – Um modelo para a dinâmica planetária e celular. In: Org. THOMPSON, Willian Irwin. **GAIA**: uma teoria do conhecimento. São Paulo: Gaia, 1990.

LOVELOCK, James. **Novaceno**: o advento da era da hiperinteligência. Universo da Ciência: Lisboa, Portugal, 2022.

LUTZENBERGER, JOSÉ. **Gaia**: O planeta vivo (por um caminho suave). Porto Alegre: L&PM, 1990.

MAFFESOLI, Michel. **Ecosofia: uma ecologia para nosso tempo**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2021. 168 p.

MAFFESOLI, Michel. **Saturação**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2010.

MARÍN, M. E. G. A ecosofia: Uma contribuição para a memória de Pueblo Bello In: **Revista Lasallista de Investigacion**, v. 15(1), n.1, p.143-151, , 2018. Disponível em: < http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1794-44492018000100143&lng=es&nrm=iso&tlng=pt >. Acesso em 30 out. 2021.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios Culturais: Da Comunicação à

Educomunicação. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 121-134.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **De máquinas e seres vivos - autopoiese: a organização do vivo**. 3ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MATURANA, Humberto. O que se observa depende do observador. In: Org. THOMPSON, Willian Irwin. **GAIA: uma teoria do conhecimento**. São Paulo: Gaia, 1990.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu: A mudança de si em uma sociedade global**. Editora Unisinos: São Leopoldo, 2004.

MESQUITA, Zilá. Procura-se o coração dos limites. In: LEHNE, Carlos; CASTELO, Iara Regina; SCHÄFFER, Neiva Otero (org.). **Fronteiras no Mercosul**. Porto Alegre: UFRGS, Edições Prefeitura Municipal de Uruguaiana, 1994, p.69-73.

MORAES, Roque. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In: FREITAS, José Vicente de; GALIAZZI, Maria do Carmo (Orgs.). **Metodologias Emergentes de Pesquisa em Educação Ambiental**. Ijuí: Unijuí, 2007.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 16ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

MUSSO, Pierre. Ciberespaço, figura reticular da utopia tecnológica. In: **Sociedade Midiatizada**. MORAES, Dênis (.org) ; [tradções de Carlos Frederico Moura da Silva, Maria Inês Cimbra Guedes, Lucio Pimentel]. – Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

NAESS, Arne. **Ecología, comunidade y estilo de vida**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018. 320 p.

NAESS, Arne. **Ecology of wisdom: writings by Arne Naess / edited by Arne Alan Dregson and Bill Devall**. Counterpoint: Berkeley, CA. 2010.

NAUDAD, Stéphane. Félix Guattari, el ecósofo. GUATTARI, Félix. **Qué es la ecosofia?** Textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud. 1ªed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2015.

PASINI, Carlos G. D.; LEMES, João L. Navegar é preciso, descolonizar-se não é preciso – A Educação Intercultural e as Epistemologias do Sul. In: BARCELOS, Valdo; MADERS, Sandra; PASINI, Giovani. **Cenas e cenários interculturais: pensando epistemologias a partir do sul**. Santa Maria: Editora e Gráfica Caxias,

2016. p. 33 – 50.

PASSETI, Edson. Ecologia e controle por elites. In: PREVE, Ana M.; CORRÊA, Guilherme (Orgs.). **Ambientes da ecologia: perspectivas em política e educação**. Santa Maria: Editora UFSM, 2007. p. 09 – 30.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 15 ed. São Paulo, 2012.

POZZER, Adecir; CECHETTI, Elcio. Educação, Decolonialidade do Saber e Episte(me)todologias interculturais. In: BARCELOS, Valdo; MADERS, Sandra; PASINI, Giovanni. **Cenas e cenários interculturais: pensando epistemologias a partir do sul**. Santa Maria: Editora e Gráfica Caxias, 2016. p. 13 – 32.

RODRIGUEZ, E. R. Los investigadores educativos, transdisciplinares, ecosóficos y antropeéticos: retos venezolanos. In: **Revista ratio Juris**, n. 01 v.14(28), p. 161-184, out., 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/341558765_Los_investigadores_educativos_transdisciplinares_ecosoficos_y_antropoeticos_retos_venezolanos>. Acesso em 30 out. 2021.

RODRÍGUEZ; M.; RODRÍGUEZ, M. M. Ecosofía-antropoética: una recivilización de la humanidad. In: **Telos: revista de Estudios Interdisciplinarios en Ciencias Sociales**, v. 22 (2), p.310-324, 2020. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/993/99364322004/html/>>. Acesso em 30 out. 2021.

ROSA, Cleni I. da. Saberes populares e educação ambiental: dialogando numa perspectiva intercultural. In: BARCELOS, Valdo; MADERS, Sandra. **Educação e intercultura: a descolonização do saber**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015. p. 221-238.

ROTHENBERG, David. Introduction. In: NAESS, Arne. **Ecology of wisdom: writings by Arne Naess** / edited by Arne Alan Dregson and Bill Devall. Counterpoint: Berkeley, CA. 2010.

RÜSEN, Jörn. Pragmática – A constituição do pensamento histórico na vida prática. In: _____. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SALAZAR, Gonzalo; JALABERT, Daniela. Towards a landscape ecosophy. Interpreting how the Villarrica-Pucón urban system inhabitants in the Araucanía region of Chile perceive and relate with the dynamics of Landscape. In: **Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana**, n. 01, v.8(1), dez. 2015, p.28-41. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/urbe/a/fj5dZr3g9K8W5LXsSx7kT4x/abstract/?lang=en>>. Acesso em 30 out. 2021

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e**

metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1997.

SCHROLL, M. A. Editor's Introduction: From Primordial Anthropology to a Transpersonal Ecosophy. In: **Anthropology of Consciousness**, v. 22 (1), p. 4 – 8, mar. 2011. Disponível em: <
https://www.researchgate.net/publication/229637919_Editor's_Introduction_From_Primordial_Anthropology_to_a_Transpersonal_Ecosophy>. Acesso em 30 out. 2021.

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SOARES, Ismar de Oliveira. Caminhos da educomunicação: utopias, confrontações, reconhecimentos. In: APARICI, Roberto (Org.). **Educomunicação: para além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014

SOFIATTI, Arthur. Fundamentos filosóficos e históricos para o exercício da ecocidadania e da ecoeducação. In: LOUREIRO, Carlos F. B.; LAYRARGUES, Philippe P.; CASTRO, Ronaldo S. de, (orgs). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002.

STIBBE, Arran. An ecolinguistic approach to critical discourse studies. In: **Critical discourse studies**, n. 02, v. 11, p. 117 – 128, jan. 2014. Disponível em: <
https://www.researchgate.net/publication/263678461_AN_ECOLINGUISTIC_APPROACH_TO_CRITICAL_DISCOURSE_STUDIES>. Acesso em 30 out. 2021.

TADEU, Tomaz. *Nós, ciborgues: O corpo elétrico e a dissolução do humano*. In: **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Organização e tradução Tomaz Tadeu. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TALUKDER, M. H. On "self-realization" - the ultimate norm of Arne Naess's ecosophy T. In: **Symposion**, v. 32 (2), p. 219-235, 2016. Disponível em:<
https://www.researchgate.net/publication/303600978_On_Self-Realization_-_The_Ultimate_Norm_of_Arne_Naess's_Ecosophy_T>. Acesso em 30 out. 2021.

TINNELL, John. FCJ-121 Transversalising the Ecological Turn: Four Components of Felix Guattari's Ecosophical Perspective. **Fibreculture journal**, n. 01, v. 18, p. 35-64, out. 2012. Disponível em: <FCJ-121 Transversalising the Ecological Turn: Four Components of Felix Guattari's Ecosophical Perspective >. Acesso em 30 out. 2021.

THOMPSON, William Irwin. Gaia e a Política da vida: um programa para os anos noventa? **GAIA: uma teoria do conhecimento**. São Paulo: Gaia, 1990.

TODD, John. Uma categoria econômica baseada na ecologia. In: Org. THOMPSON, Willian Irwin. **GAIA: uma teoria do conhecimento**. São Paulo: Gaia, 1990

TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. In: **Geograficidade**. v. 1, n. 1. Inverno. 2011. p. 4-15.

VALERA, Luca. From Spontaneous Experience to the Cosmos: Arne Næss' Phenomenology. In: **Problemos**, n. 01, v. 93, out. 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/324706298_From_Spontaneous_Experience_to_the_Cosmos_Arne_Naess'_Phenomenology>. Acesso em out. 2021.

VARELA, Francisco. O caminho faz a trilha. In: Org. THOMPSON, Willian Irwin. **GAIA: uma teoria do conhecimento**. São Paulo: Gaia, 1990.

XIANGZHAN, Cheng. Aesthetic Engagement, Ecosophy C, and Ecological Appreciation. In: **Contemporary aesthetics**, n. 01, v. 11, jan. 2013. Disponível em: <<https://quod.lib.umich.edu/c/ca/7523862.0011.009/--aesthetic-engagement-ecosophy-c-and-ecological-appreciation?rgn=main;view=fulltext>>. Acesso em 30 out. 2021.

WHITTEMORE Robin, KNAFL Kathleen. The integrative review: updated methodology. **J Adv Nurs**. 2005 Dec;52(5):546-53. doi: 10.1111/j.1365-2648.2005.03621.x. PMID: 16268861.

ZHOURI, Andréa; OLIVEIRA, Raquel. Quando o lugar resiste ao espaço: colonialidade, modernidade e processo de territorialização. In: ZHOURI, Andréa; LASCHEFSKI, Klemens (org.). **Desenvolvimento e Conflitos Ambientais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 439-462.